



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2017**



Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Clovis Campos de Oliveira

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-171 julho 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira(Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctâo do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Taja, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iraildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberta Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira , Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaca, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niccio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agneze (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); Cézar Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Ateam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- **8**



2. Introdução ----- **10**



3. Estimativa de área plantada ----- **12**



4. Estimativa de produtividade ----- **17**



5. Estimativa de produção ----- **22**



6. Crédito rural ----- **28**



7. Análise climática - Inmet ----- **36**



8. Monitoramento agrícola ----- **40**



9. Análise das culturas	53
9.1. Culturas de verão -----	53
9.1.1. Algodão -----	53
9.1.2. Amendoim -----	61
9.1.2.1 Amendoim primeira safra-----	61
9.1.2.2. Amendoim segunda safra-----	62
9.1.2.2. Amendoim total-----	65
9.1.3. Arroz -----	66
9.1.4. Feijão -----	72
9.1.4.1 Feijão primeira safra-----	72
9.1.4.2 Feijão segunda safra-----	78
9.1.4.3 Feijão terceira safra-----	86
9.1.4.4 Feijão total -----	92
9.1.5. Girassol -----	96
9.1.6. Mamona -----	98
9.1.7. Milho -----	100
9.1.7.1 Milho primeira safra-----	100
9.1.7.2 Milho segunda safra-----	106
9.1.7.3 Milho total -----	115
9.1.8. Soja -----	118
9.1.9. Sorgo -----	131
9.2. Culturas de inverno -----	134
9.2.1. Aveia-----	134
9.2.2. Canola -----	136
9.2.3. Centeio -----	137
9.2.4. Cevada -----	138
9.2.5. Trigo -----	139
9.2.6. Triticale -----	142



11. Receita bruta -----	144
--------------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda -----	151
--	------------



12. Calendários de plantio e colheita -----	153
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17 a estimativa é de 237,22 milhões de toneladas. Crescimento de 27,1% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 50,6 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,49 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 3,7% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: as boas condições climáticas proporcionam uma boa safra para este ano. Em Mato Grosso, maior estado produtor, a colheita se encontra em fase inicial e em Goiás e Bahia, segundo maior produtor, em fase final de colheita.

Amendoim primeira safra: colheita concluída, com produção de 439,3 mil toneladas e crescimento de 13% em relação à safra anterior.

Arroz: colheita concluída e as condições climáticas foram favoráveis ao longo de todo o ciclo, resultando em 12,3 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: colheita concluída e a produção é de 1,39 milhão de toneladas, sendo 858,9 mil toneladas de feijão-comum cores, 318,7 mil toneladas de feijão-comum preto e 211 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão segunda safra: o acréscimo de área nessa safra e as boas expectativas de produtividades resultam numa safra de 1,24 milhão de toneladas. A produção

deverá ser de 613,8 mil toneladas de feijão-comum cores, 187 mil toneladas de feijão-comum preto e 439,6 mil toneladas de feijão-caupi.

Feijão terceira safra: plantio finalizando, com expectativa de plantio de 607,7 mil hectares e produção de 735,1 mil toneladas.

Milho primeira safra: colheita em conclusão, com produção estimada de 30,4 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: colheita em andamento, com estimativa de produção total de 65,63 milhões de toneladas cultivadas em 11,9 milhões de hectares.

Soja: com a colheita finalizada nos principais estados produtores e a produção atingiu 113,93 milhões de toneladas.

Trigo: permanece a estimativa de redução na área plantada, estimada em 1,93 milhão de hectares em razão do preço do produto e aos estoques de ótima qualidade da safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) tem, dentre os primordiais objetivos, o acompanhamento da safra brasileira de grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos

nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados quando divulgados devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Conab, registra, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem, nosso especial agradecimento a todos.



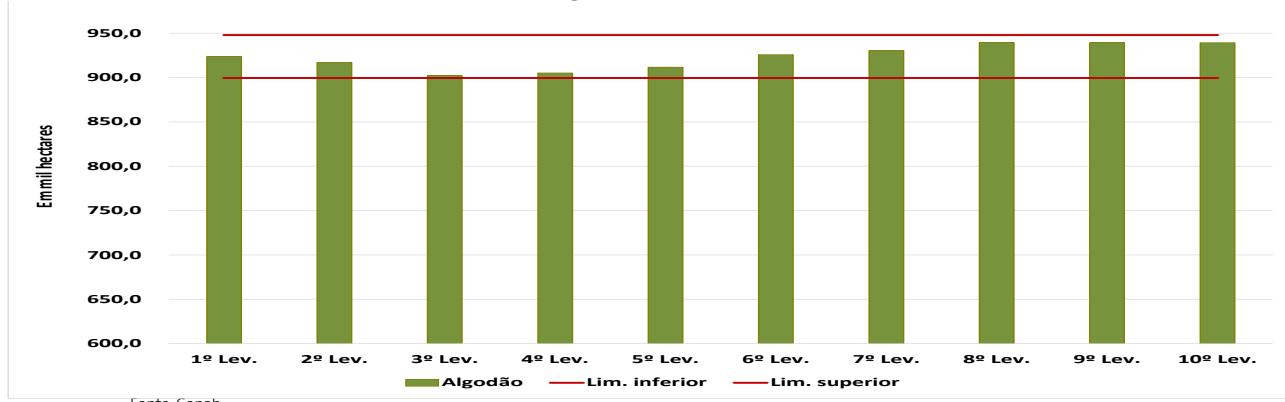


3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

Nesse décimo levantamento se estima que 60,6 milhões de hectares sejam cultivados com grãos. A variação de 0,2% em relação ao levantamento passado traz a consolidação da área plantada das culturas de primeira e segunda safras, sobretudo o milho segunda safra, além do avanço do plantio de feijão terceira safra e das culturas de inverno, que estão em processo de semeadura, mas permanece o quadro de redução de área, sobretudo o trigo, maior área cultivada entre essas culturas. O aumento de área plantada em relação à última safra é de aproximadamente 2,1 milhões de hectares.

Nessa safra o algodão tem sido cultivado em quatro das cinco regiões do país, porém, em face das condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação, permanece concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás e Maranhão e Minas Gerais. Esses estados correspondem a 98% da área total. Assim, o Brasil tem uma área de algodão estimada em 939,4 mil hectares e em parte das áreas produtoras já se iniciou a colheita.

Gráfico 1 – Estimativa de área semeada de algodão

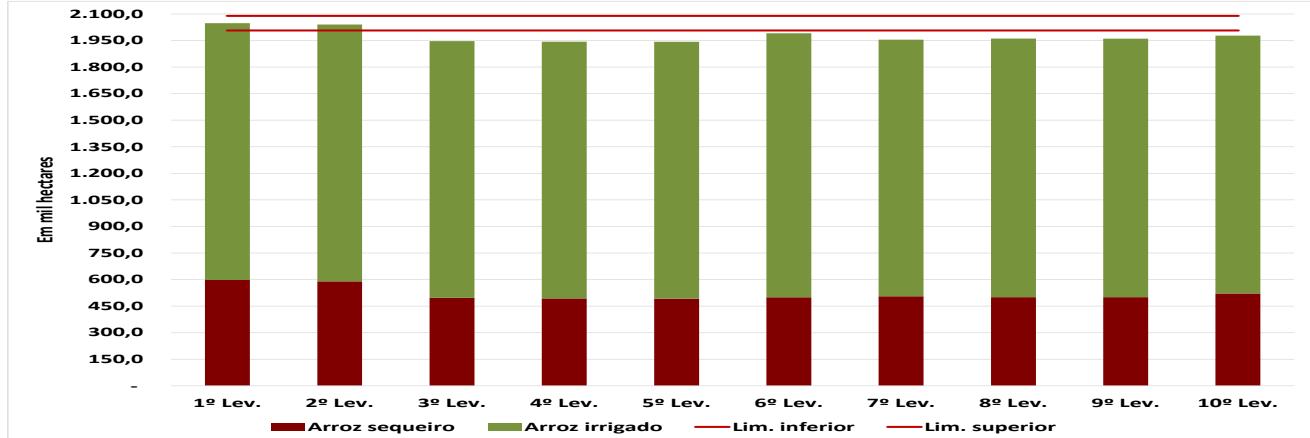


Fonte: Conab.

Para a cultura do arroz, a safra se consolidou em 1,97 milhão de hectares. Como mencionado nos outros levantamentos, esta safra seguiu a tendência das últimas,

mas, com redução da área semeada de sequeiro em quase todos os estados produtores e manutenção e/ou incremento das áreas irrigadas.

Gráfico 2 – Estimativa de área semeada de arroz

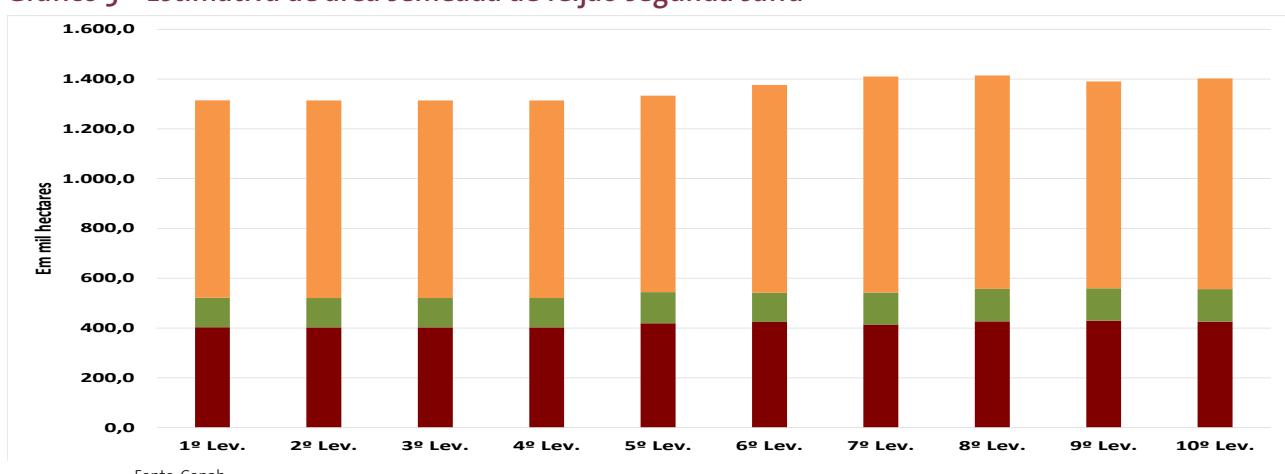


Fonte: Conab.

Em relação ao feijão, o produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não correr com a soja e também porque a colheita é realizada em época com menor intensidade de chuvas. Este levantamento confirma os prognósticos das últi-

mas três estimativas, permanecendo a área semeada em 1,4 milhão de hectares. O aumento ocorreu para os três tipos de feijão, o comum cores, caupi e comum preto.

Gráfico 3 – Estimativa de área semeada de feijão segunda safra



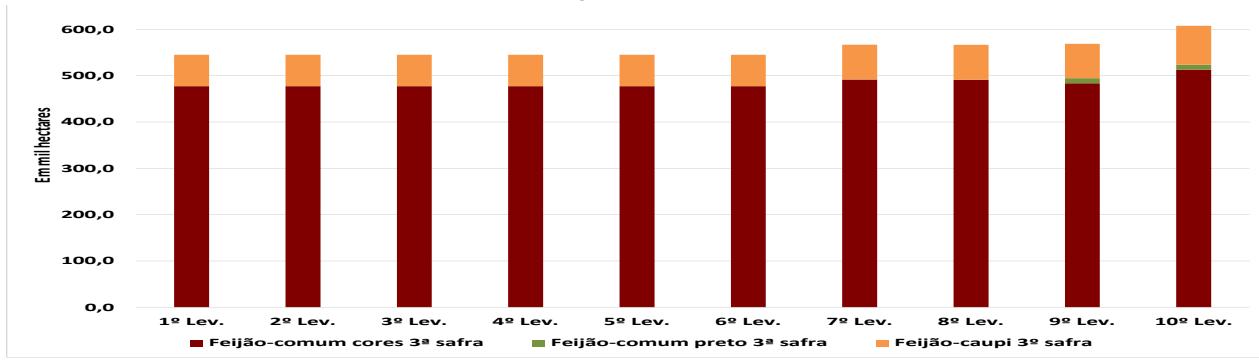
Fonte: Conab.



O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação no Centro-Sul e coincide com o período chuvoso na Região Norte/Nordeste. Essa cultura tem grande variação de área cultiva entre as diferentes safras porque depende muito do comportamento da primeira e segunda safras. Com problemas na colheita da segunda safra, a estimativa para a terceira safra tem au-

mentado em face da oportunidade dos produtores de alcançar boa rentabilidade com a cultura. A estimativa é de cultivo de 607,7 mil hectares, 6,8% superior ao levantamento anterior e 11,5% à safra passada. Desse total, 512,7 mil hectares com feijão-comum cores, 83,8 mil hectares com feijão-caupi e 11,2 mil hectares com feijão-comum preto.

Gráfico 4 – Estimativa de área semeada de feijão terceira safra

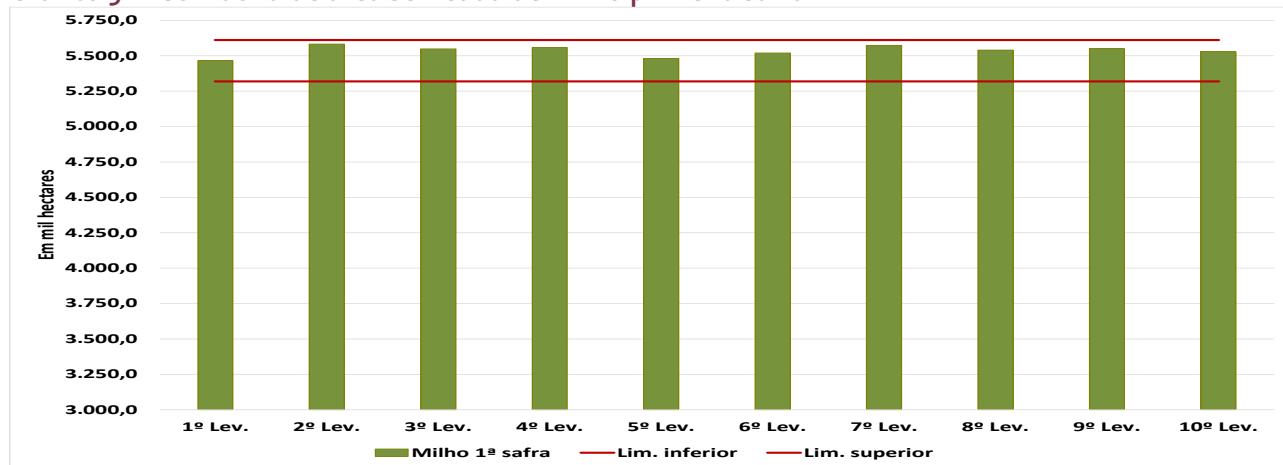


Fonte: Conab.

O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas nas diferentes regiões do país. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tarde. Porém, a

área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos e semelhante ao divulgado nos últimos nove levantamentos, 5,5 milhões de hectares.

Gráfico 5 – Estimativa de área semeada de milho primeira safra



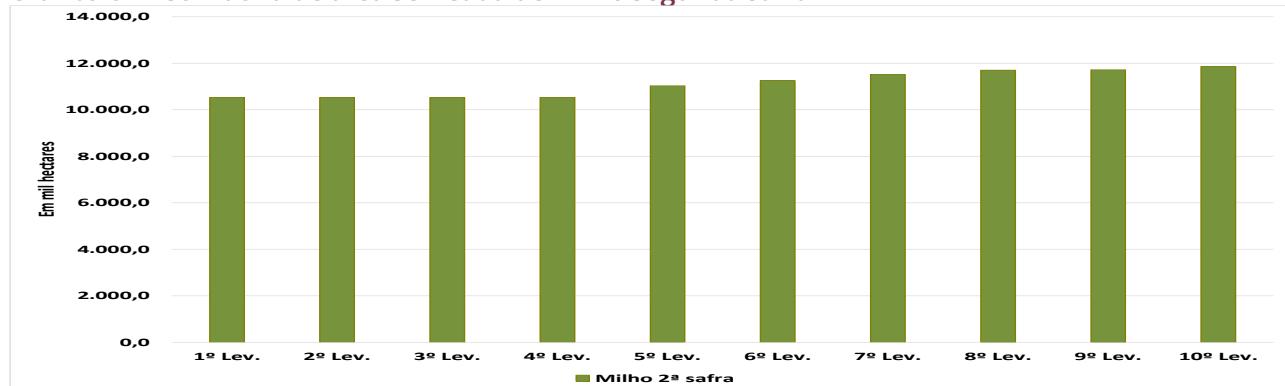
Fonte: Conab.

A segunda safra de milho confirma, nesse levantamento, a estimativa de aumento na área semeada, alcançando 11,86 milhões de hectares, aumento de 12,6%, sendo apenas 0,3% superior ao levantamento

anterior. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de janeiro, após a colheita da soja. A colheita já iniciou em grande parte das áreas cultivadas.



Gráfico 6 – Estimativa de área semeada de milho segunda safra

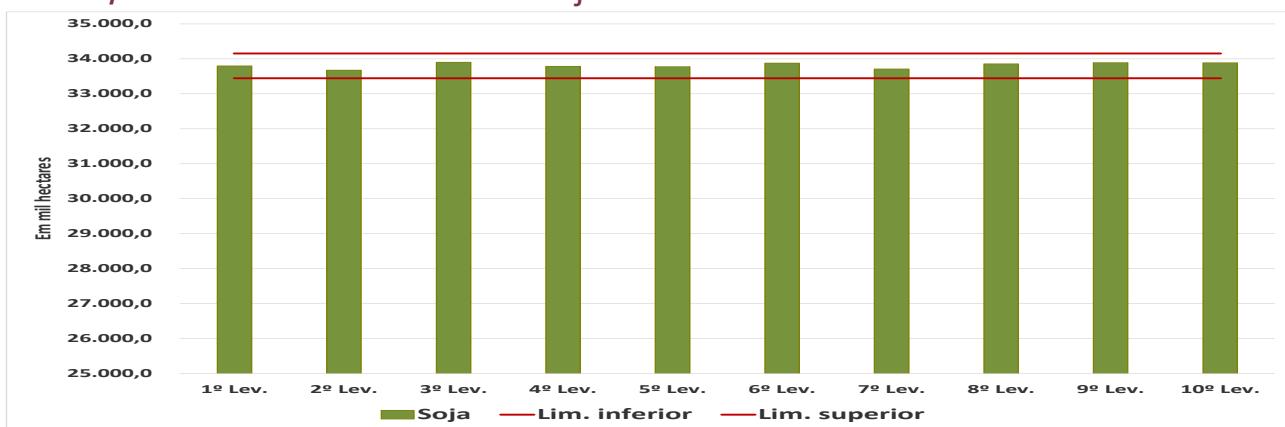


Fonte: Conab.

A área de soja se consolidou em 33,89 milhões de hectares, o mesmo valor do levantamento passado. Houve pequenas alterações na Região Norte em razão do

calendário diferenciado. A soja praticamente já teve a sua colheita totalizada, com exceção da Região Norte.

Gráfico 7 – Estimativa de área semeada de soja



Fonte: Conab.

O trigo, devido à boa safra no ano passado, teve a sua área reduzida. Em algumas regiões a expectativa era que a redução pudesse ser ainda maior em razão das condições climáticas no início da época de semeadura. Com a melhora dessas condições e a adequada evolução da semeadura, alguns produtores que inicialmen-

te não cultivavam o cereal, ou o fariam em área menor, sentiram-se mais motivados. A semeadura ainda está ocorrendo, atingindo cerca de 57% da área do cereal estimada no Rio Grande do Sul e 90% no Paraná, os dois maiores estados produtores.

Gráfico 8 – Estimativa de área semeada de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	955,2	938,8	939,4	(1,7)	(15,8)
AMENDOIM TOTAL	119,6	127,2	129,7	8,4	10,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	118,7	118,7	7,6	8,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	8,5	11,0	18,3	1,7
ARROZ	2.008,0	1.975,3	1.977,3	(1,5)	(30,7)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	515,4	521,3	(14,2)	(86,4)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.459,9	1.456,0	4,0	55,7
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.069,0	3.120,0	10,0	282,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.110,0	1.110,0	13,4	131,4
CARIOSCA	409,9	477,5	477,5	16,5	67,6
PRETO	180,5	174,2	174,2	(3,5)	(6,3)
CAUPI	388,2	458,3	458,3	18,1	70,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.390,2	1.402,3	6,9	91,1
CARIOSCA	404,6	429,7	426,1	5,3	21,5
PRETO	118,0	130,1	130,1	10,3	12,1
CAUPI	788,6	830,4	846,1	7,3	57,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	568,8	607,7	11,0	60,0
CARIOSCA	467,8	483,6	512,7	9,6	44,9
PRETO	9,6	11,0	11,2	16,7	1,6
CAUPI	70,3	74,2	83,8	19,2	13,5
GIRASSOL	51,5	62,3	62,3	21,0	10,8
MAMONA	31,8	29,3	29,3	(7,9)	(2,5)
MILHO TOTAL	15.922,5	17.346,5	17.391,3	9,2	1.468,8
MILHO 1ª SAFRA	5.356,6	5.521,8	5.529,3	3,2	172,7
MILHO 2ª SAFRA	10.565,9	11.824,7	11.862,0	12,3	1.296,1
SOJA	33.251,9	33.889,9	33.888,7	1,9	636,8
SORGO	579,0	632,1	641,8	10,8	62,8
SUBTOTAL	55.757,0	58.070,4	58.179,8	4,3	2.422,8
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Jun/2017 (b)	Jul/2017 (c)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	291,5	299,4	336,0	15,3	44,5
CANOLA	47,5	48,0	47,3	(0,4)	(0,2)
CENTEIO	2,5	3,0	3,0	20,0	0,5
CEVADA	95,6	112,2	109,1	14,1	13,5
TRIGO	2.118,4	1.931,1	1.925,7	(9,1)	(192,7)
TRITICALE	23,5	21,4	21,6	(8,1)	(1,9)
SUBTOTAL	2.579,0	2.417,2	2.442,7	(5,3)	(136,3)
BRASIL	58.336,0	60.487,6	60.622,5	3,9	2.286,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

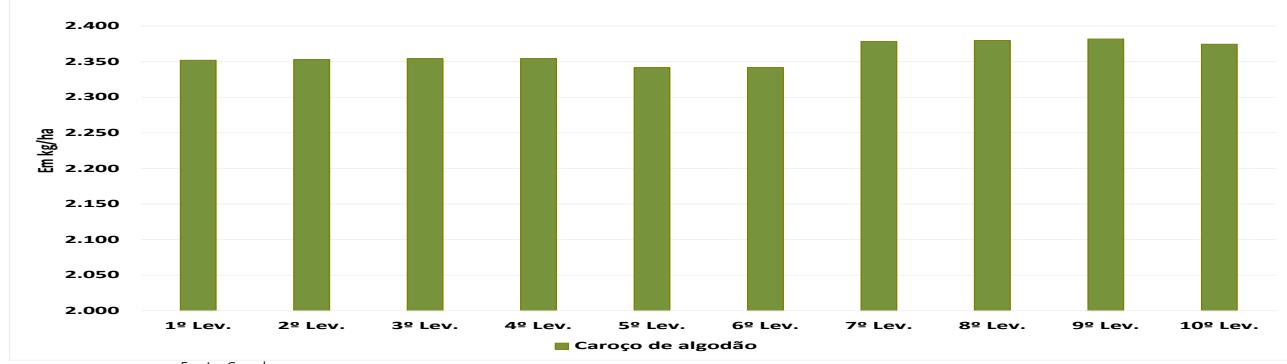




4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

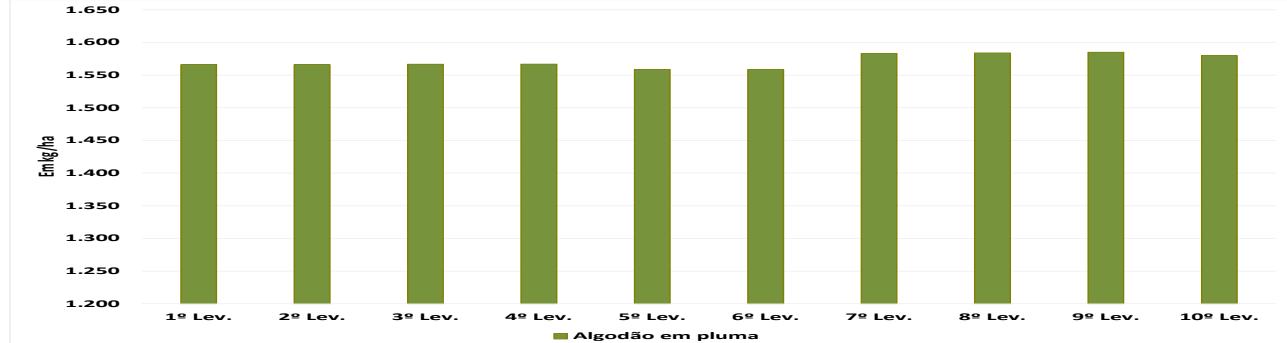
Nessa safra, o algodão tem sido favorecido por boas condições climáticas em todas as regiões produtoras. Em razão da utilização de elevado pacote tecnológico, a cultura tem respondido bem à precipitação e temperatura e, com o início da colheita, as boas produtividades têm se confirmado. A estimativa de produtividade atual é de 2.375 kg/ha de caroço de algodão e 1.580 kg/ha de pluma, sendo a segunda melhor produtividade média alcançada pelo país.

Gráfico 9 – Estimativa de produtividade de caroço de algodão



Fonte: Conab.

Gráfico 10 – Estimativa de produtividade de algodão em pluma

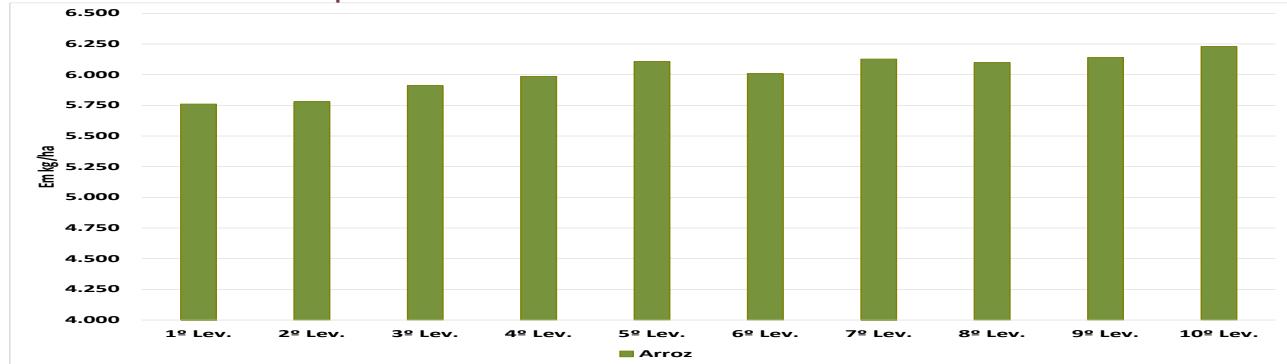


Fonte: Conab.

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, nessa safra, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade muito superior ao de sequeiro. Além disso, as boas condições climáticas em todo o desen-

volvimento da cultura influenciaram o aumento das estimativas de produtividade do arroz. Com a colheita próxima do término, a previsão é que a média se situe em 6.230 kg/ha, a maior da série histórica e 13% superior à melhor produtividade já alcançada, ocorrida na safra 2014/15, de 5.422 kg/ha.

Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de arroz



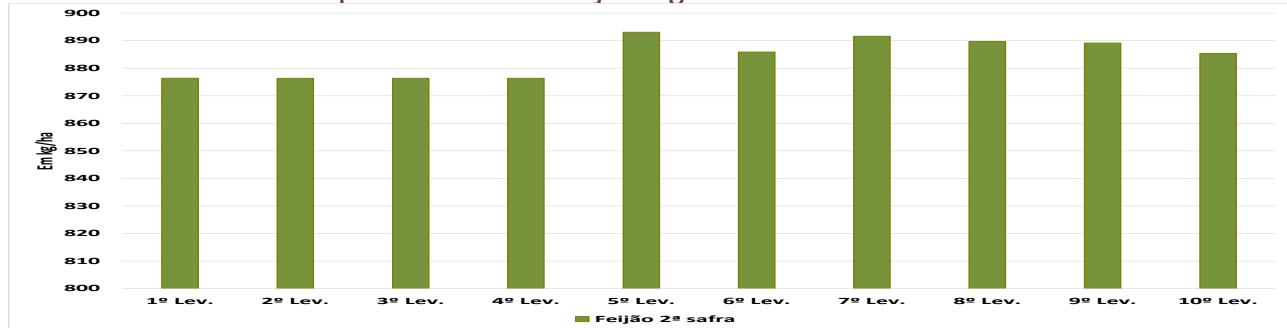
Fonte: Conab.

O feijão segunda safra mantém a expectativa de ter uma boa safra em termos de produtividade. A colheita na fase final confirmou boas produtividades em todas

as regiões, com exceção da Região Sul, onde o excesso de chuva no momento da colheita reduziu a produtividade média da cultura.



Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra

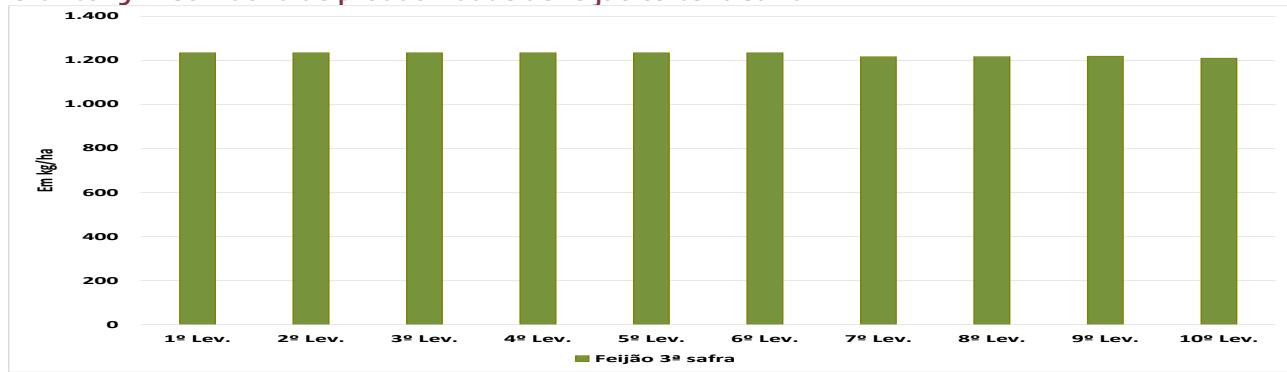


Fonte: Conab.

O feijão terceira normalmente possui pouca variação de produtividade entre os levantamentos porque a cultura é cultivada sob irrigação na Região Centro-Sul

e no período chuvoso na Região Norte/Nordeste, o que, de certa forma, garante uma boa produtividade. Permanece as boas expectativa de produtividade.

Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de feijão terceira safra

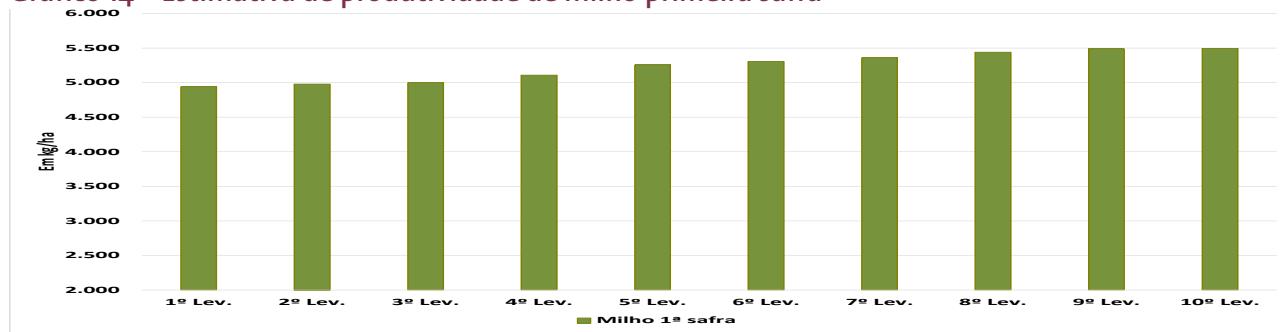


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aquelas que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nesta cultura na primeira safra, tanto com aumento de área, como com

melhores tratos culturais. Aliada às boas condições climáticas, nessa safra, a cultura tem apresentado bons resultados, sendo a melhor produtividade média registrada no país (5.497 kg/ha).

Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra



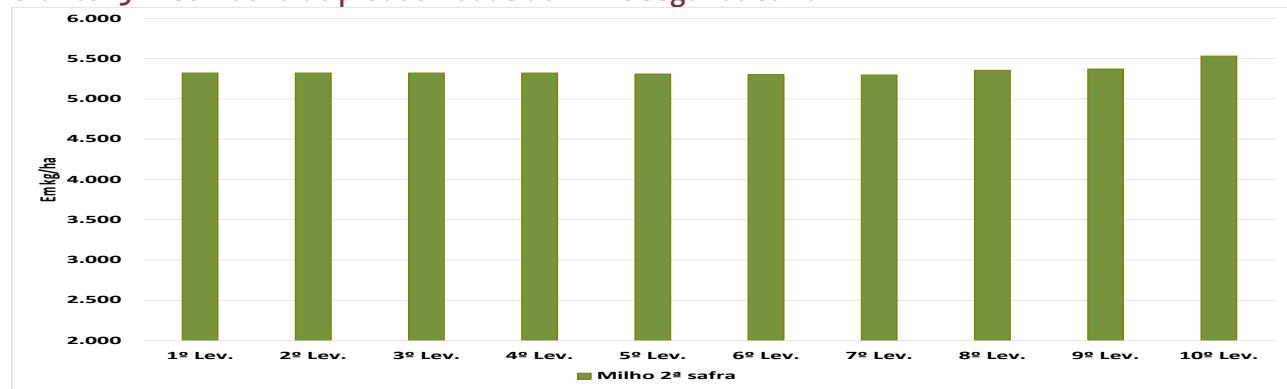
Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra não é mais somente de recuperação da sua produtividade, após o baixo rendimento na última safra. As condições climáticas favorecendo a cultura e, com o início da

colheita, a estimativa de produtividade (5.533 kg/ha) permanece como a segunda melhor da série histórica, confirmando o bom efeito das condições climáticas sobre a safra corrente.



Gráfico 15 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra

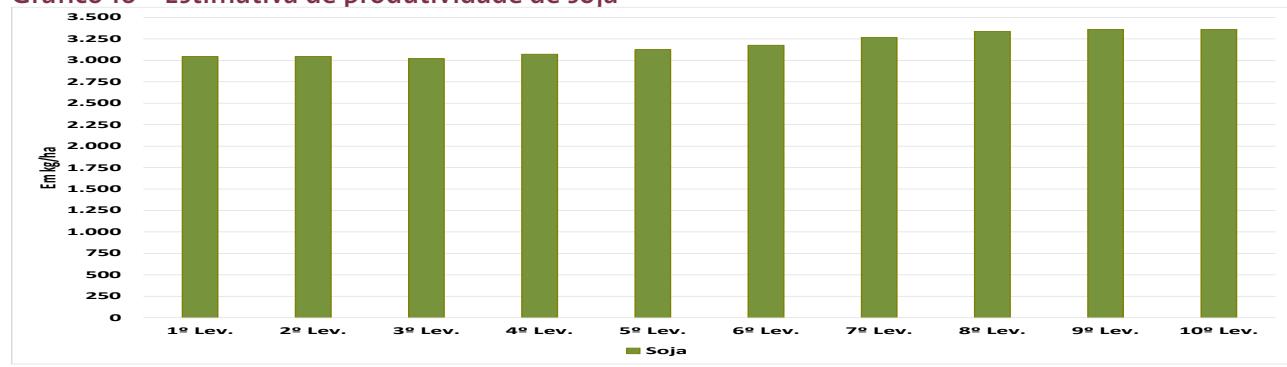


Fonte: Conab.

Com a colheita quase que finalizada, faltando apenas a Região Norte, tendo em vista o calendário diferenciado, o bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo o ciclo resultou em produtividade média bem superior à observada na última safra e 8% superior à

safra 2010/11. Essa safra e a atual são as únicas onde a produtividade média foi superior a 3.000 kg/ha. A estimativa permanece em 3.362 kg/ha na presente safra.

Gráfico 16 – Estimativa de produtividade de soja

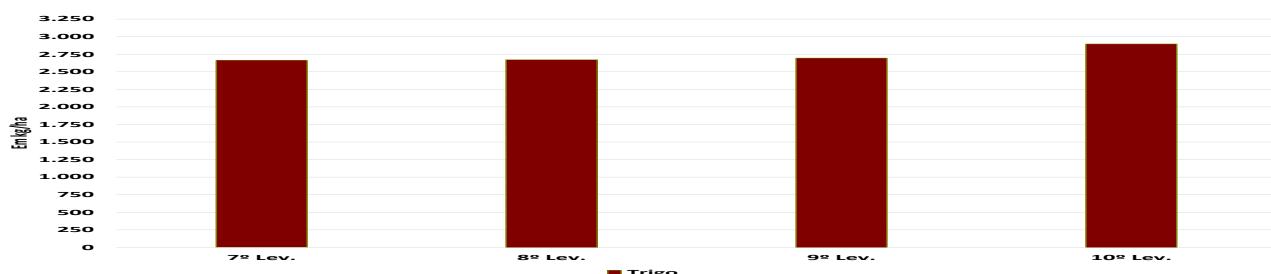


Fonte: Conab.

A semeadura de trigo está sendo finalizada na Região Sul e as produtividades permanecem estimadas abaixo da safra anterior porque a safra 2016 foi recorde para a cultura, onde as condições climáticas foram favoráveis ao longo de todo o ciclo. Porém, a produtividade estimativa para a atual safra leva em consideração o pacote tecnológico utilizado pelos produtores e a influência das condições climáticas sobre o desenvolvimento da cultura.

vidade estimativa para a atual safra leva em consideração o pacote tecnológico utilizado pelos produtores e a influência das condições climáticas sobre o desenvolvimento da cultura.

Gráfico 17 – Estimativa de produtividade de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Jun/2017 (b)	Jul/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.382	2.375	17,1	346,6
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.585	1.580	17,1	230,3
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.590	3.602	6,1	205,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.701	3.701	5,0	176,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.045	2.534	35,3	661,0
ARROZ	5.280	6.141	6.230	18,0	949,4
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.283	2.351	15,9	322,7
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.503	7.618	13,9	926,8
FEIJÃO TOTAL	886	1.105	1.078	21,7	192,4
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.249	1.249	18,2	192,5
CORES	1.619	1.796	1.796	11,0	177,3
PRETO	1.601	1.826	1.826	14,1	225,3
CAUPI	210	460	461	118,8	250,1
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	941	885	27,2	189,5
CORES	1.226	1.488	1.443	17,7	217,5
PRETO	1.494	1.603	1.438	(3,8)	(56,4)
CAUPI	305	554	520	70,6	214,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.225	1.210	17,0	175,5
CORES	1.018	1.336	1.276	25,4	258,3
PRETO	420	502	575	37,1	155,5
CAUPI	578	605	889	53,8	311,2
GIRASSOL	1.224	1.486	1.486	21,5	262,6
MAMONA	465	512	518	11,4	53,1
MILHO TOTAL	4.178	5.409	5.522	32,1	1.343,1
MILHO 1ª SAFRA	4.809	5.490	5.497	14,3	688,8
MILHO 2ª SAFRA	3.859	5.372	5.533	43,4	1.673,8
SOJA	2.870	3.362	3.362	17,1	491,8
SORGO	1.782	2.937	2.914	63,5	1.132,0
SUBTOTAL	3.202	3.925	3.959	23,6	757,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Jun/2017 (b)	Jul/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	2.840	2.341	2.486	(12,5)	(354,0)
CANOLA	1.514	1.569	1.569	3,6	55,0
CENTEIO	2.600	1.700	1.767	(32,0)	(833,0)
CEVADA	3.921	3.040	3.229	(17,6)	(692,0)
TRIGO	3.175	2.696	2.897	(8,8)	(278,0)
TRITICALE	2.898	2.659	2.671	(7,8)	(227,0)
SUBTOTAL	3.131	2.643	2.826	(9,7)	(305,0)
BRASIL (2)	3.199	3.874	3.913	22,3	714,0

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/ 2017.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (237 MILHÕES DE TONELADAS)

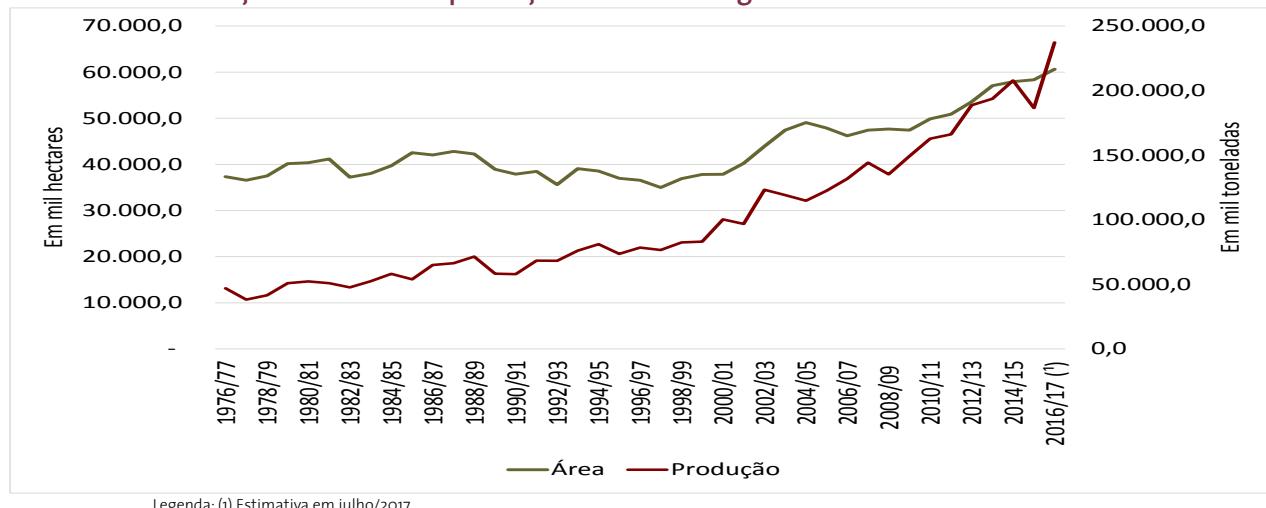
Com o avanço da colheita da segunda safra e definição da área a ser cultivada com feijão terceira safra e culturas de inverno, a safra brasileira de grãos estima mais um recorde na produção nacional de grãos. O Brasil espera colher 237,2 milhões de toneladas de grãos, aumento de 27,1%. Serão 50,6 milhões de toneladas a mais sendo colhidas em cerca de 60,6 milhões de hectares do país.

Para a soja, permanece a estimativa de produção de 113,9 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 96 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (30,4 milhões de toneladas) e segunda safra (65,6 milhões de toneladas).

Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 12,3 milhões de toneladas e 3,4 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuídas por safra, a produção de feijão está estimada em 1,39 milhão de toneladas na primeira safra (colheita finalizada), 1,24 milhão de toneladas na segunda safra (colheita sendo finalizada) e 735,1 mil toneladas na terceira safra (semeadura sendo finalizada). A produção de feijão-comum cores deve alcançar 2,1 milhões de toneladas, a de feijão-comum preto está estimada em 512,1 mil toneladas e a de feijão-caupi em 725,3 mil toneladas.

Nessa safra, a Conab completa 40 anos de acompanhamento da safra brasileira de grãos. A série histórica mostra a evolução da produção, influenciado principalmente pelo aumento de produtividade, sem que houvesse expressivo aumento da área cultivada (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Evolução da área e da produção brasileira de grãos



Legenda: (1) Estimativa em julho/2017.

Fonte: Conab.

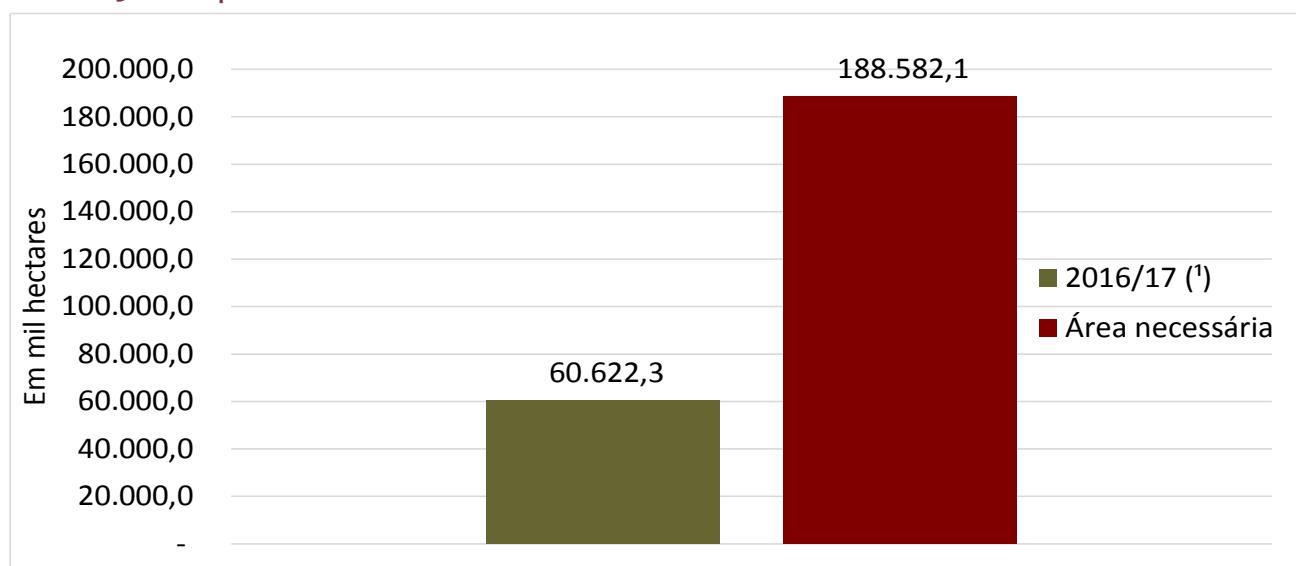
A safra 1976/77 produziu 46.943,1 mil toneladas de grãos em uma área de 37.313,9 mil hectares. Após 40 anos a estimativa é de que sejam cultivados 60.622,3 mil hectares, com produção estimada de 237.215,6 mil toneladas. Nesse período a área cresceu 62,5% e a produção cresceu 405,3%.

A maior utilização de tecnologia no campo, presente não só em máquinas e implementos, mas também em novas variedades, sementes de qualidade, técnicas de cultivo e irrigação, explicam a alta produção brasileira de grãos em uma área que cresceu pouco nesses 40 anos. Vale lembrar que a área divulgada é o somatório de toda área

plantada durante o ano safra, tendo muitas áreas com sobreposição de cultivo.

Se a produtividade média da safra 1976/77 fosse mantida, seria necessário cultivar 188.582,1 mil hectares para produzirmos 237,2 milhões de toneladas, estimados para a safra 2016/17 aumento de 211,1% em relação à área cultivada atualmente. Isso mostra a importância que o pacote tecnológico utilizado, a assistência técnica, o investimento em pesquisa e a persistência do produtor têm para a agricultura e para o meio ambiente (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Comparativo entre áreas cultivadas

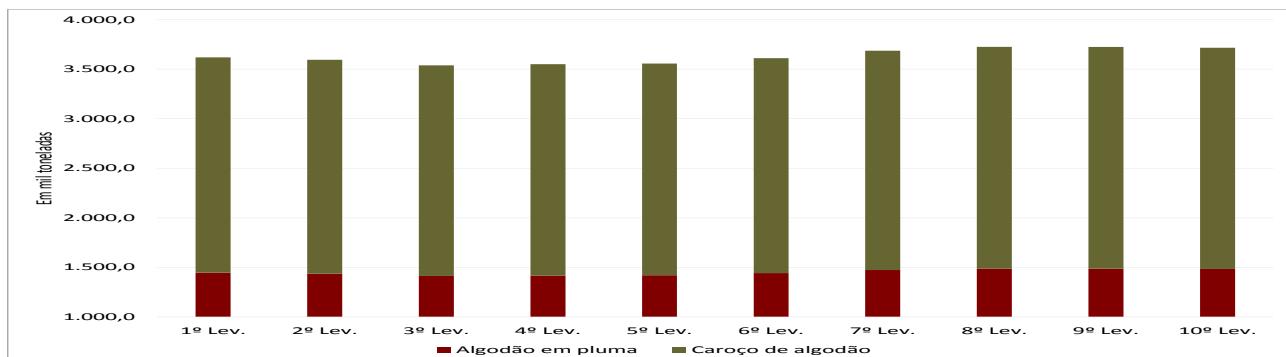


Legenda: (1) Estimativa em julho/2017.

Fonte: Conab.

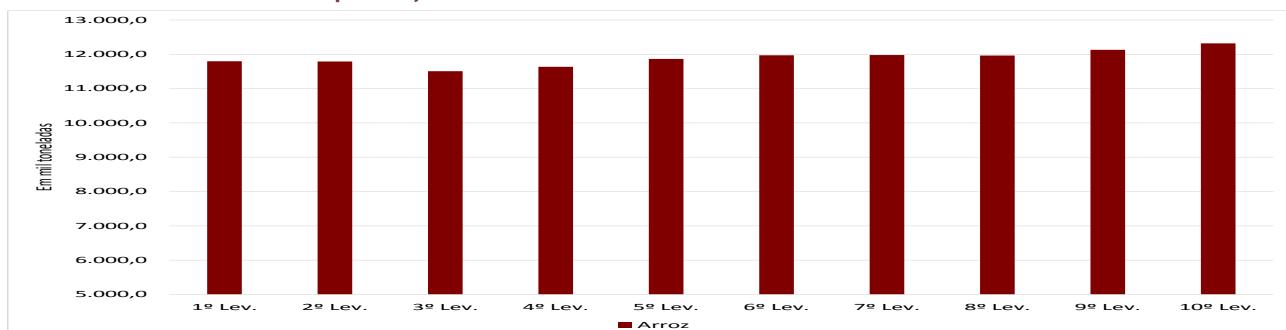


Gráfico 20 – Estimativa de produção de algodão (caroço e pluma)



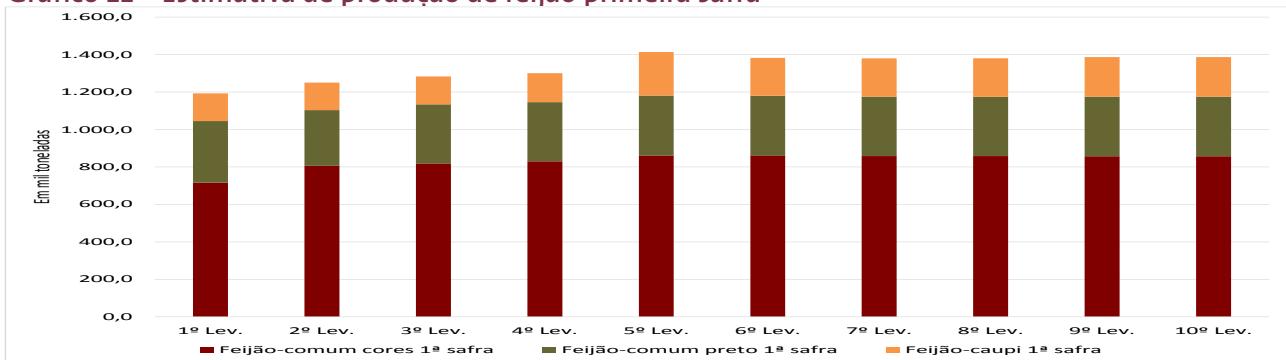
Fonte: Conab.

Gráfico 21 – Estimativa de produção de arroz



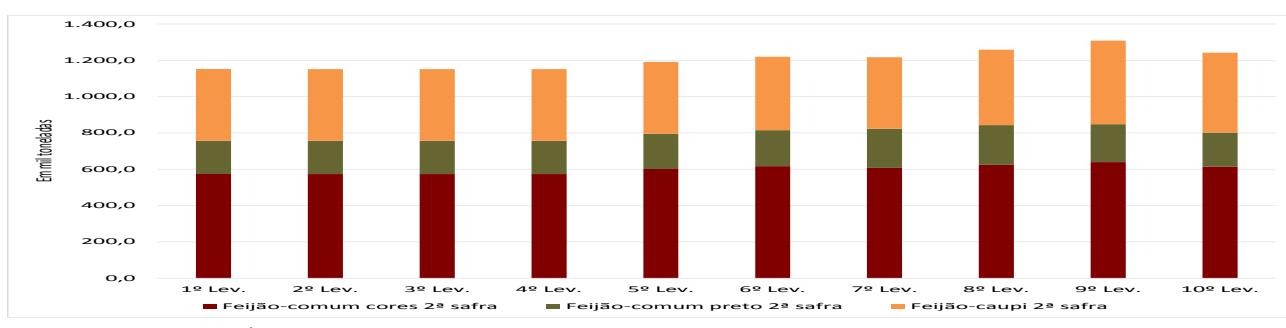
Fonte: Conab.

Gráfico 22 – Estimativa de produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

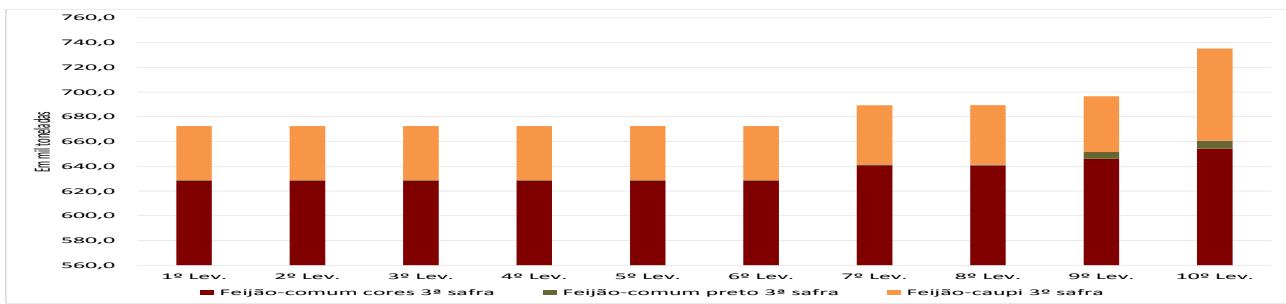
Gráfico 23 – Estimativa de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

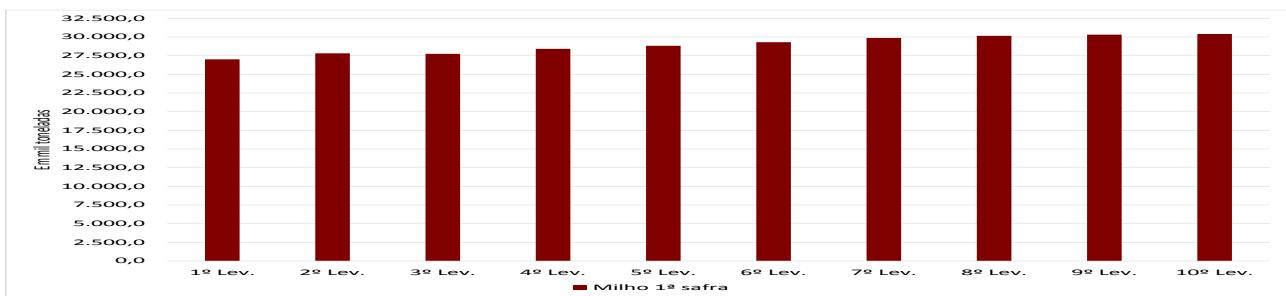


Gráfico 24 – Estimativa de produção de feijão terceira safra



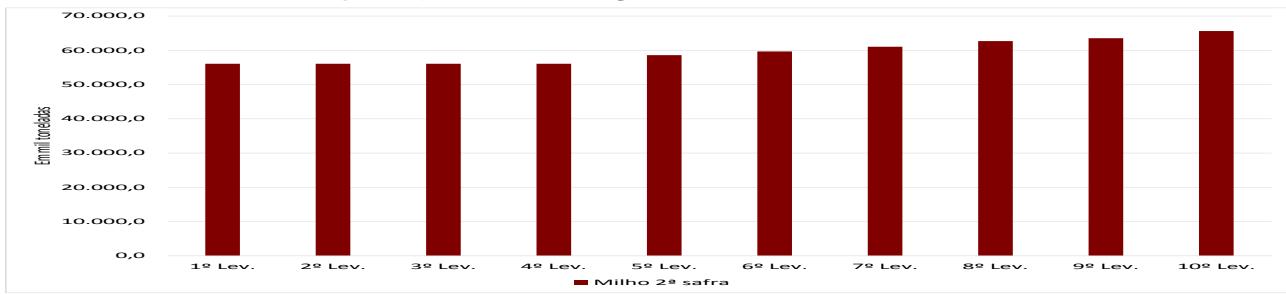
Fonte: Conab.

Gráfico 25 – Estimativa de produção de milho primeira safra



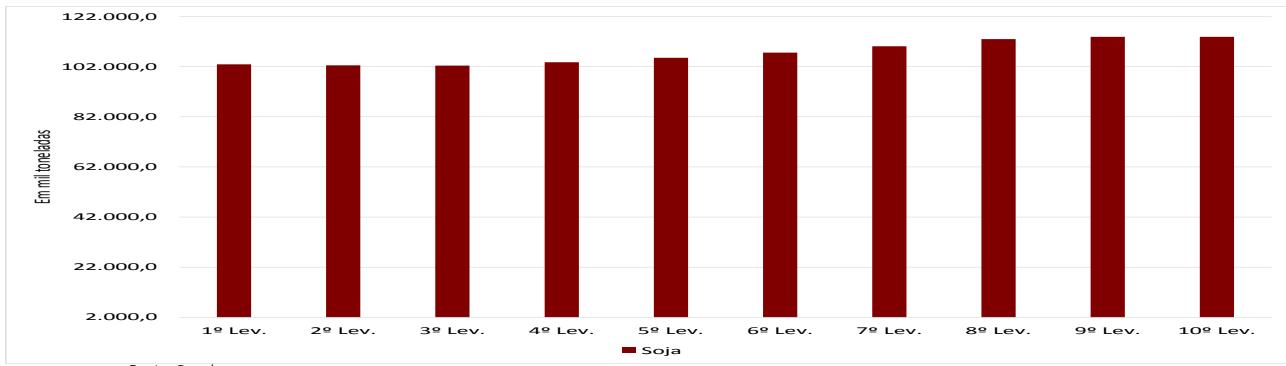
Fonte: Conab.

Gráfico 26 – Estimativa de produção de milho segunda safra



Fonte: Conab.

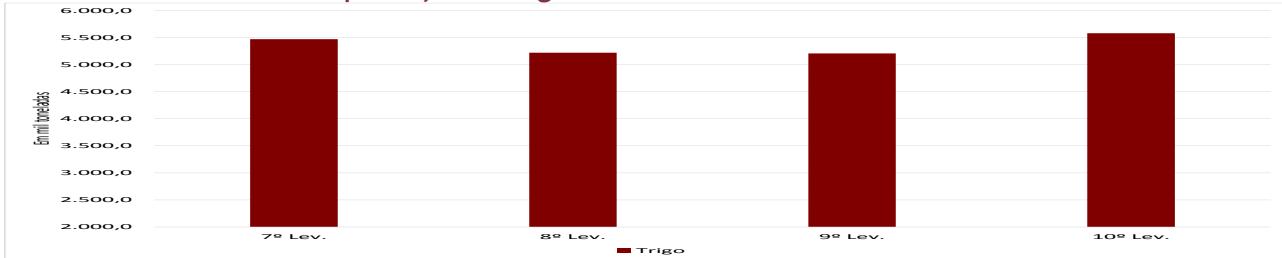
Gráfico 27 – Estimativa de produção de soja



Fonte: Conab.



Gráfico 28 – Estimativa de produção de trigo



Fonte: Conab.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Jun/2017 (b)	Jul/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.937,1	2.235,8	2.230,5	15,1	293,4
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.488,0	1.484,7	15,2	195,5
AMENDOIM TOTAL	406,1	456,7	467,2	15,0	61,1
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	439,3	439,3	13,0	50,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	17,4	27,9	61,3	10,6
ARROZ	10.603,0	12.129,9	12.317,7	16,2	1.714,7
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.176,6	1.225,2	(0,6)	(7,4)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	10.953,3	11.092,5	18,4	1.722,1
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.390,8	3.364,0	33,9	851,1
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.386,6	1.388,6	34,3	354,3
CARIOCA	663,5	857,4	858,9	29,4	195,4
PRETO	289,1	318,2	318,7	10,2	29,6
CAUPI	81,7	210,9	211,0	158,3	129,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.307,8	1.240,3	35,9	327,7
CARIOCA	496,1	639,4	613,8	23,7	117,7
PRETO	176,3	208,6	187,0	6,1	10,7
CAUPI	240,2	460,1	439,6	83,0	199,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	696,6	735,1	29,7	168,5
CARIOCA	521,8	646,1	654,2	25,4	132,4
PRETO	4,0	5,5	6,5	62,5	2,5
CAUPI	40,7	45,0	74,5	83,0	33,8
GIRASSOL	63,1	92,7	92,7	46,9	29,6
MAMONA	14,8	15,0	15,2	2,7	0,4
MILHO TOTAL	66.530,6	93.835,6	96.025,2	44,3	29.494,6
MILHO 1ª SAFRA	25.758,1	30.313,3	30.396,3	18,0	4.638,2
MILHO 2ª SAFRA	40.772,7	63.522,3	65.628,9	61,0	24.856,2
SOJA	95.434,6	113.923,1	113.930,2	19,4	18.495,6
SORGO	1.031,5	1.856,3	1.870,0	81,3	838,5
SUBTOTAL	178.534,5	227.936,1	230.312,7	29,0	51.778,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Mai/2017 (b)	Jun/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	705,7	835,3	0,9	7,5
CANOLA	71,9	75,3	74,2	3,2	2,3
CENTEIO	6,5	5,1	5,3	(18,5)	(1,2)
CEVADA	374,8	341,1	352,3	(6,0)	(22,5)
TRIGO	6.726,8	5.205,6	5.578,1	(17,1)	(1.148,7)
TRITICALE	68,1	56,9	57,7	(15,3)	(10,4)
SUBTOTAL	8.075,9	6.389,7	6.902,9	(14,5)	(1.173,0)
BRASIL (2)	186.610,4	234.325,8	237.215,6	27,1	50.605,2

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.910,2	14,6	2.731	3.230	18,3	6.937,1	9.400,2	35,5
RR	39,9	54,8	37,3	3.900	4.380	12,3	155,6	240,0	54,2
RO	474,1	553,0	16,6	3.338	3.380	1,3	1.582,5	1.869,2	18,1
AC	52,4	46,8	(10,7)	2.065	1.968	(4,7)	108,2	92,1	(14,9)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.157	12,8	21,8	30,2	38,5
AP	4,6	4,6	-	891	957	7,4	4,1	4,4	7,3
PA	730,8	861,9	17,9	2.931	3.057	4,3	2.142,3	2.634,8	23,0
TO	1.226,9	1.375,1	12,1	2.382	3.294	38,3	2.922,6	4.529,5	55,0
NORDESTE	7.396,9	7.844,7	6,1	1.329	2.317	74,4	9.827,4	18.178,3	85,0
MA	1.420,1	1.565,3	10,2	1.748	3.073	75,8	2.481,7	4.809,7	93,8
PI	1.360,0	1.475,4	8,5	1.089	2.486	128,3	1.480,5	3.668,5	147,8
CE	850,3	921,7	8,4	267	696	160,6	227,3	641,3	182,1
RN	56,6	67,6	19,4	323	552	70,8	18,3	37,3	103,8
PB	173,1	192,7	11,3	191	474	148,3	33,1	91,4	176,1
PE	388,1	333,8	(14,0)	176	293	66,6	68,3	97,9	43,3
AL	61,6	80,1	30,0	722	935	29,5	44,5	74,9	68,3
SE	195,9	198,4	1,3	923	3.803	312,0	180,9	754,5	317,1
BA	2.891,2	3.009,7	4,1	1.831	2.659	45,2	5.292,8	8.002,8	51,2
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.744,4	4,9	3.192	4.086	28,0	75.290,5	101.102,1	34,3
MT	14.001,5	14.940,8	6,7	3.101	4.006	29,2	43.425,3	59.850,5	37,8
MS	4.213,1	4.417,6	4,9	3.267	4.170	27,6	13.765,7	18.421,3	33,8
GO	5.213,9	5.226,5	0,2	3.366	4.205	24,9	17.549,7	21.975,1	25,2
DF	155,7	159,5	2,4	3.531	5.362	51,8	549,8	855,2	55,5
SUDESTE	5.315,5	5.483,0	3,2	3.658	4.216	15,3	19.444,4	23.117,9	18,9
MG	3.304,5	3.403,5	3,0	3.574	4.206	17,7	11.809,3	14.314,5	21,2
ES	24,4	24,0	(1,6)	2.098	2.050	(2,3)	51,2	49,2	(3,9)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.050,7	3,5	3.822	4.264	11,6	7.575,7	8.744,9	15,4
SUL	19.499,3	19.640,0	0,7	3.852	4.349	12,9	75.111,0	85.417,0	13,7
PR	9.686,4	9.719,2	0,3	3.700	4.326	16,9	35.842,0	42.044,5	17,3
SC	1.279,9	1.313,9	2,7	4.880	5.316	8,9	6.245,9	6.984,7	11,8
RS	8.533,0	8.606,9	0,9	3.870	4.228	9,2	33.023,1	36.387,8	10,2
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.754,9	8,2	1.687	2.564	52,0	16.764,5	27.578,5	64,5
CENTRO-SUL	48.399,0	49.867,4	3,0	3.509	4.204	19,8	169.845,9	209.637,0	23,4
BRASIL	58.336,0	60.622,3	3,9	3.199	3.913	22,3	186.610,4	237.215,5	27,1

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.





6. CRÉDITO RURAL

Pela extensão territorial e pelas condições do calendário agrícola, a situação das culturas pode apresentar momentos distintos de plantio – principalmente de culturas de inverno e feijão terceira safra e de colheita (algodão, arroz, feijão e milho, por exemplo). Deve-se comentar que em determinadas regiões os produtores já iniciaram a compra de insu- mos para a safra 2017/18.

As informações ora disponibilizadas podem contribuir para a compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. Deve-se levar em conta que as análises são realizadas tomando por base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco de janeiro a maio dos anos 2013 a 2017.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 23 de junho de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

O Gráfico demonstra que a utilização do crédito de custeio no período tem desempenho superior ao ano de 2016, apresentando tendência de crescimento, com aumento de aproximadamente 8,29%.

Comparando apenas o período entre janeiro a maio de 2016 e 2017, no financiamento sem vínculo a programa específico o crescimento é de 14,65%, destacando-se o incremento no custeio de algodão (62,75%), arroz (7,67%), feijão (33,39%), milho (4,90%), soja (12,11%) e para a aveia/canola/cevada (23,04%).

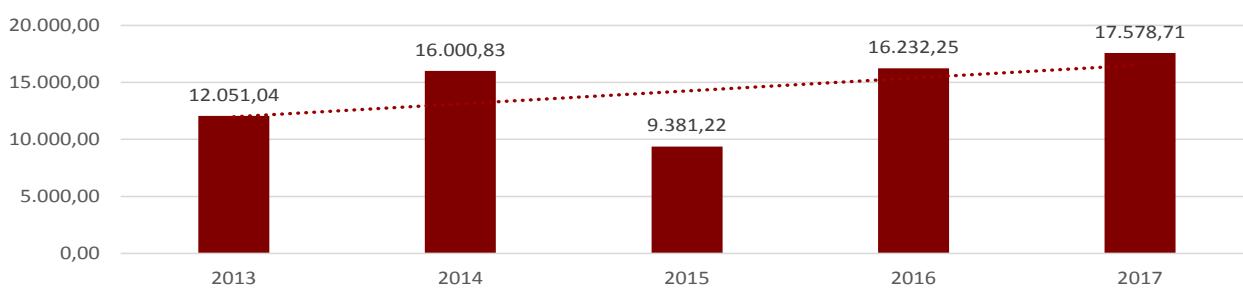
No Pronamp, o aumento é observado no financiamento de arroz (13,33%), algodão (18,01%), feijão (24,39%) e

para a aveia/canola/cevada (4,40%). No Pronaf, destaca-se o crescimento na utilização de crédito para o feijão (64,77%), milho (7,29%) e aveia/canola/cevada (66,33%).

O financiamento do trigo é inferior à safra passada em todas as fontes de financiamento, o que tem relação com a previsão de redução de área para esta safra.

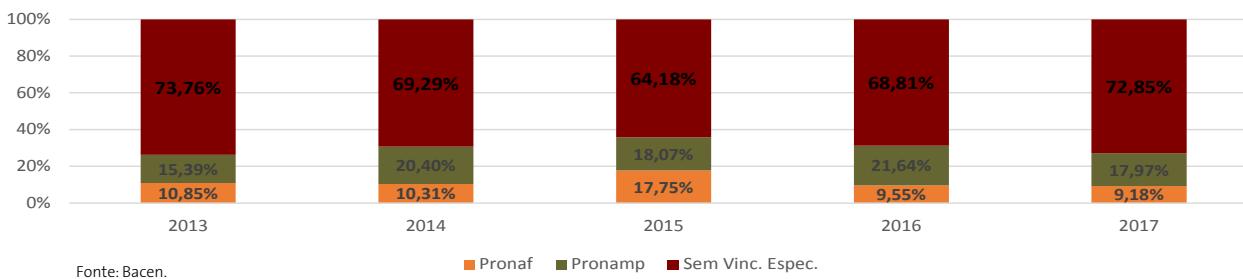
A situação relatada acima explica a participação percentual dos programas observados no Gráfico 27 abaixo.

Gráfico 29 – Financiamento – Todos os Programas– Janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

Gráfico 30 – Tipo de Financiamento – Participação programas– janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

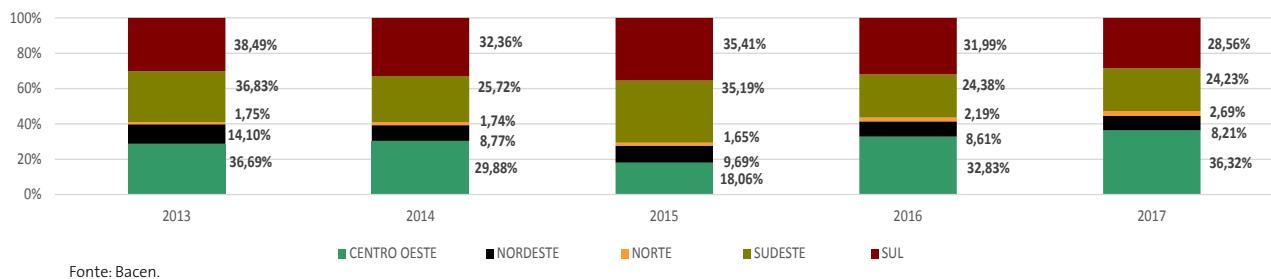
■ Pronaf ■ Pronamp ■ Sem Vinc. Espec.

O Gráfico 31 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica, o que é compatível com o processo produtivo. O comportamento dos aportes em cada região apresenta manutenção na Região

Nordeste; decréscimo na Região Sul e incremento nas Regiões Norte (32,32%), Centro-Oeste (18,93%) e Sudeste, na casa de 6,85%.



Gráfico 31 – Participação por região – janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, algodão, feijão, milho, soja, trigo e para o grupo agregado de aveia, canola e cevada; tendo

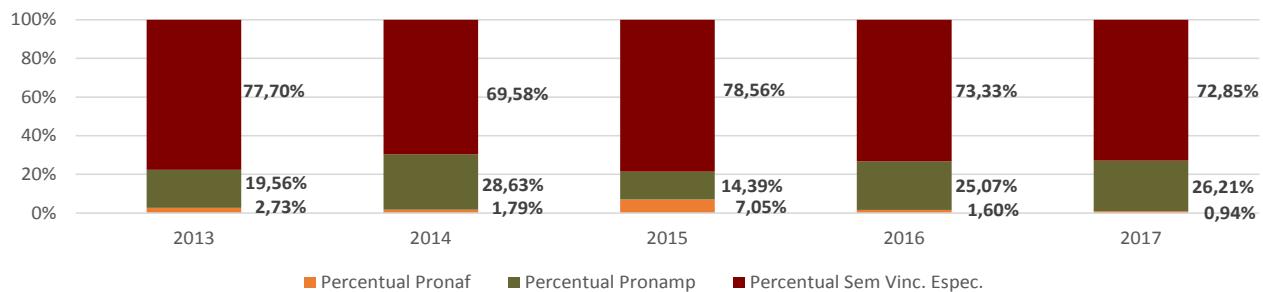
como fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

6.2. A CULTURA DO ARROZ

Pode-se observar, nas informações da safra divulgada pela Conab, que a área do arroz de sequeiro tem sofrido redução relevante em relação à safra anterior (15,2%), seja pela baixa utilização do arroz para abertura de área de produção, seja pela migração para outras

culturas mais rentáveis. Essa situação pode explicar o comportamento na utilização do crédito pelo Pronaf e do Pronamp (Gráfico 29). Por outro lado, o momento é de término da colheita na principal região produtora.

Gráfico 32 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a maio de 2013 a 2017

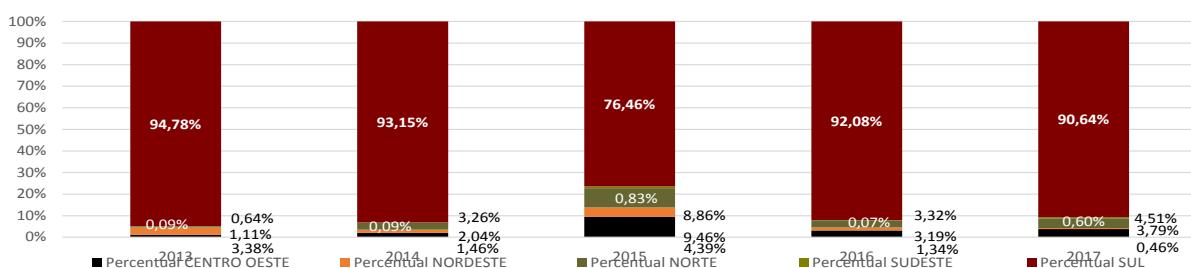


Fonte: Bacen.

A Região Sul (90,64%) concentra os recursos do crédito. Tal situação espelha a importância dessa região na produção de arroz no Brasil (Gráfico 5), com 62,23% da área relacionada a esse produto e 81,40% da produção brasileira. Apesar de apresentar percentual pequeno

em relação às regiões citadas, observa-se aumento de 18,6%, comparado-se com a safra 2015/16, na Região Centro-Oeste, que se explica pelo aumento de área no Mato Grosso do Sul (10,7%).

Gráfico 33 – Arroz - Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

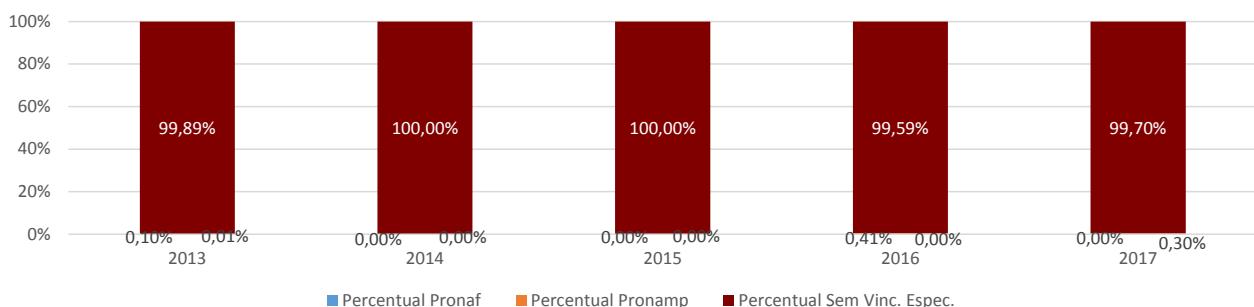


6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

A concentração do crédito no financiamento sem vínculo específico (Gráfico 6) se explica pela característica do sistema de plantio que exige altos investimentos. Em relação a 2016, houve aumento de 62,57%

do crédito utilizado principalmente pelo aumento de área no Mato Grosso (maior estado produtor) e no Maranhão.

Gráfico 34 – Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a maio de 2013 a 2017

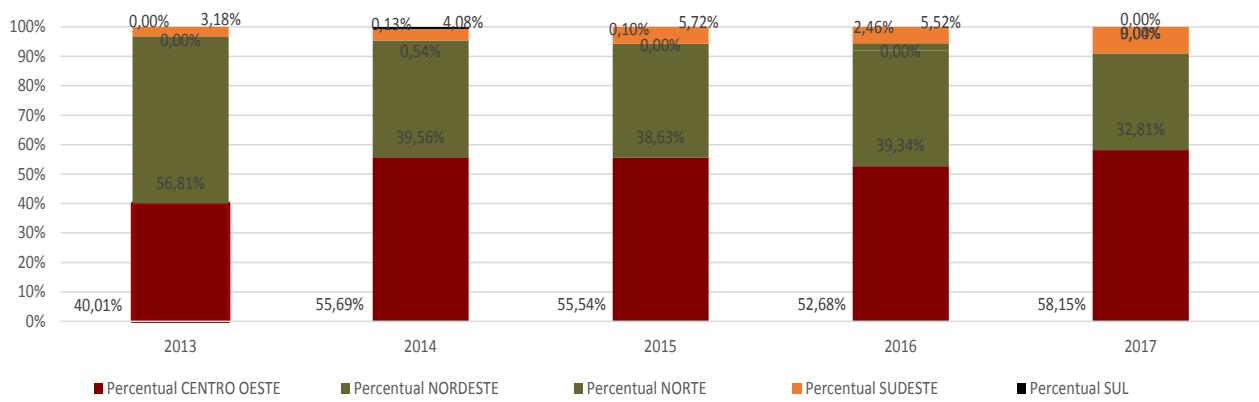


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras, o que explica as informações do

Gráfico 32. Os preços do algodão incentivam os investimentos na cultura.

Gráfico 35 – Algodão - Participação por região – Janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

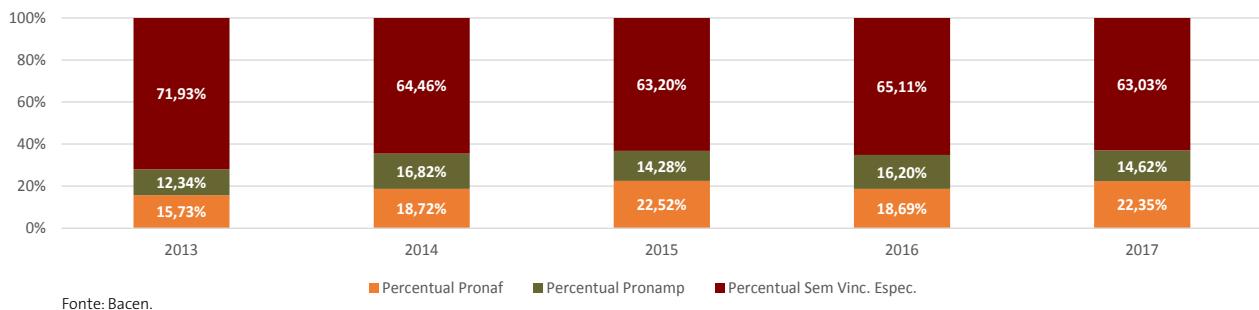
6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Pelo que consta no Gráfico 36, percebe-se que a participação do Pronaf retoma o mesmo nível de 2015. No momento há colheita e plantio de feijão, dependendo da região. A expectativa é de aumento de área para

o plantio do feijão, o que explica o crescimento de 37,80% na utilização do crédito se comparado com a safra passada.



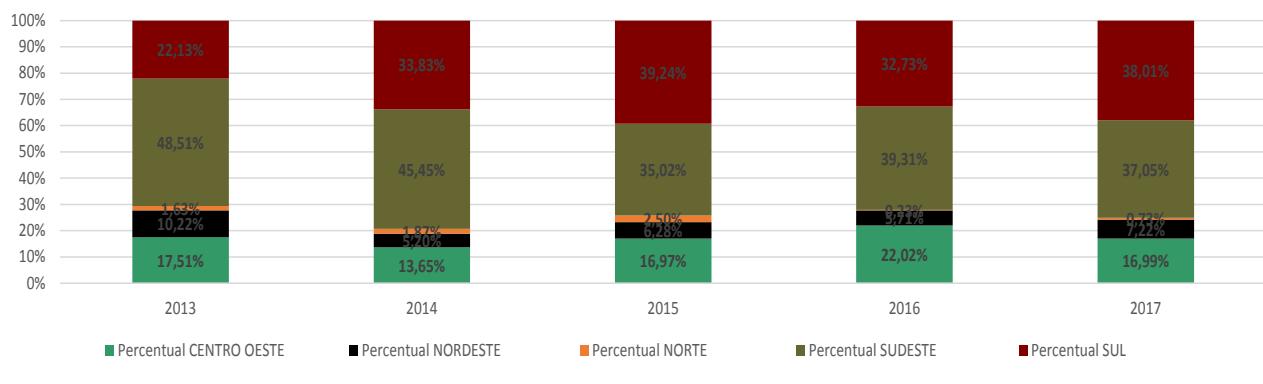
Gráfico 36 – Feijão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a maio de 2013 a 2017



As informações constantes do Gráfico 34 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na safra de

feijão, que pelas informações da Conab (10º levantamento), indicam aumento expressivo na produção em todas as regiões geográficas.

Gráfico 37 – Feijão - Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2017



6.5. A CULTURA DO MILHO

Observa-se que a utilização do crédito de milho teve aumento nos seguintes tipos de financiamento: Pronaf (7,29%) e no Financiamento sem Vínculo Específico (4,90%). O montante utilizado em 2017 é o

segundo maior da série constante do Gráfico 35. Esse movimento se explica pelo aumento da produção na primeira safra (17,7%) e, principalmente, na segunda safra de milho (55,8%).

Gráfico 38 – Milho – Financiamento todos programas - Janeiro a maio de 2013 a 2017



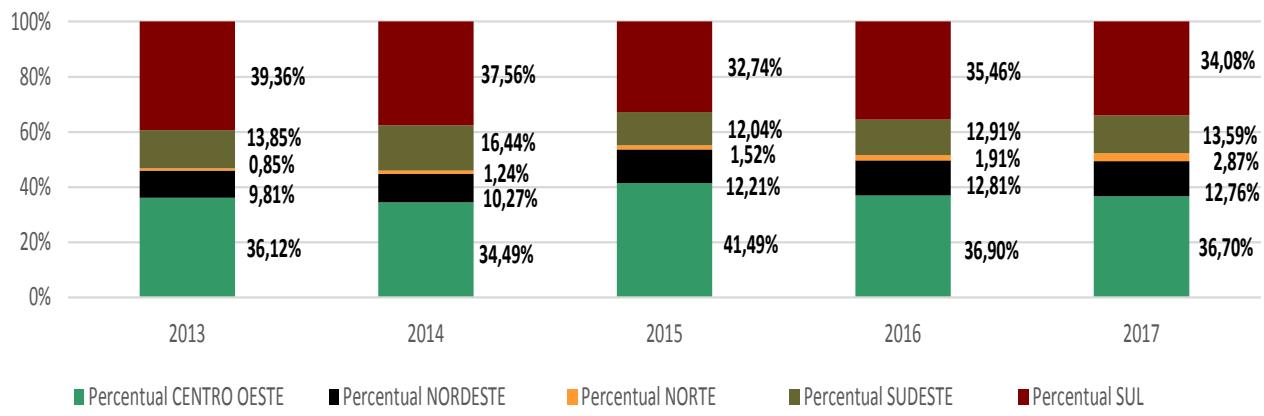
Fonte: Bacen.

A previsão de produção é de crescimento de 41% em relação à safra 2015/16. As maiores regiões produtoras são, pela ordem, o Centro-Oeste, o Sul e o Sudeste, o que é compatível com as informações constantes

do Gráfico 36. Na Região Nordeste e Norte existem perspectivas de considerável aumento de produção em relação à safra passada.



Gráfico 39 – Milho - Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2017



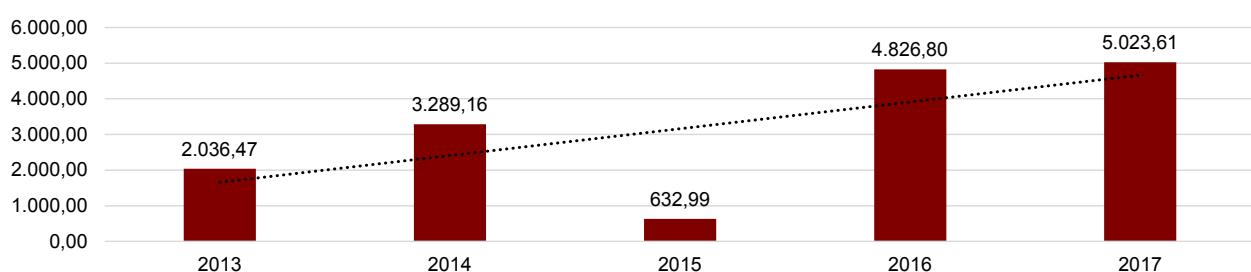
Fonte: Bacen.

6.6. A CULTURA DA SOJA

Observa-se, no período de análise, um crescimento em relação ao período imediatamente anterior do financiamento para o plantio da soja. Esse incremento tem

relação direta com previsão de aumento da produção, que pode atingir 114 milhões de toneladas (Gráfico 37).

Gráfico 40 – Soja - Financiamento todos programas – Janeiro a maio de 2013 a 2017

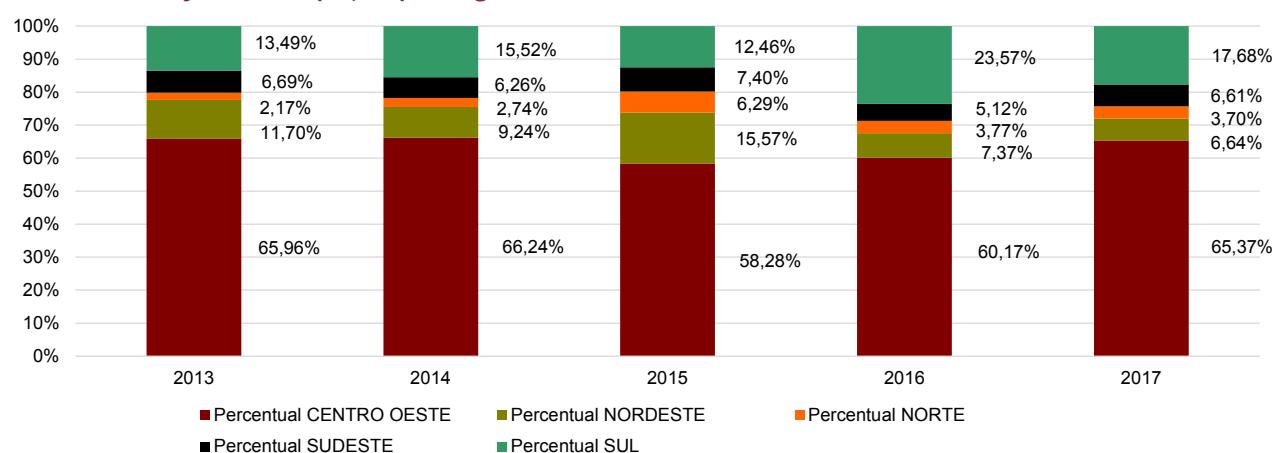


Fonte: Bacen.

A partir das informações disponibilizadas pela Conab no décimo levantamento de safra de grãos, a produção brasileira de soja se concentra na Região Centro-Oeste e na região Sul as quais, juntas, correspondem

a 80% da produção brasileira. Logo, as informações do Gráfico 38 espelham a magnitude da produção das regiões produtoras.

Gráfico 41 – Soja – Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2017



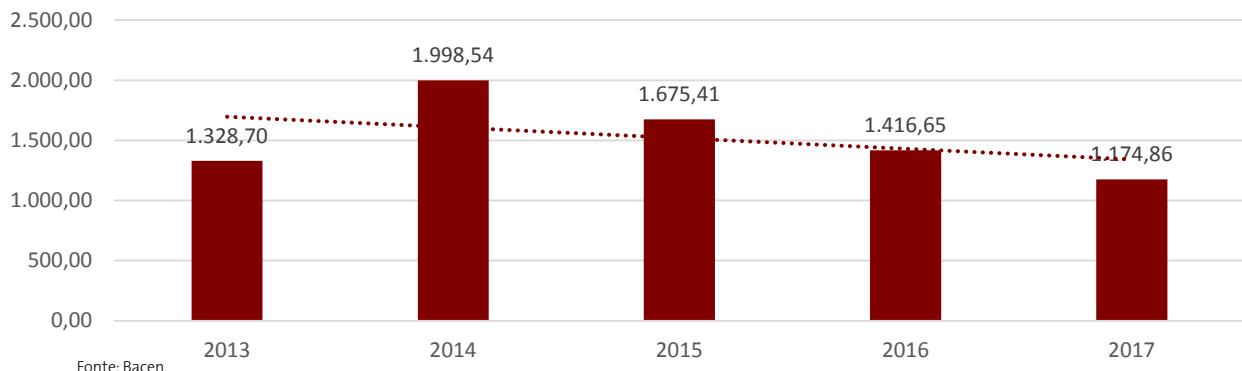
Fonte: Bacen.

6.7. A CULTURA DO TRIGO

A estimativa de safra da Conab indica redução de 8,8% na área de plantio de trigo. O montante de crédito utilizado para o custeio em 2017 (Gráfico 14) demonstra a tendência de menor produção. O próximo levanta-

mento poderá indicar melhor a escolha do produtor, uma vez que junho é mês importante para o processo produtivo.

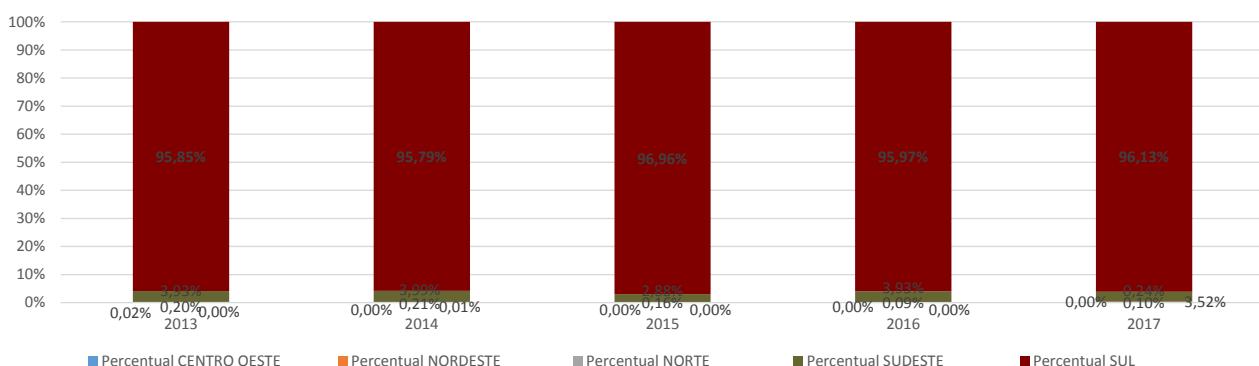
Gráfico 42 – Trigo - Financiamento todos programas – Janeiro a maio de 2013 a 2017



As informações constantes do Gráfico 15 espelham a concentração do plantio na Região Sul, responsável por quase 90% da produção. A análise do crédito nos

indica queda no financiamento de trigo em todas as regiões produtoras.

Gráfico 43 – Trigo – Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

O décimo levantamento realizado pela Conab aponta, para a safra 2016/17, 88,93% da produção de trigo brasileira presente na Região Sul. Isso posto, Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul apresentam, respectivamente, 61,18%; 3,53% e 35,30% da produção de trigo na Região Sul.

A partir dessa informação se pode averiguar qual o comportamento do aporte de crédito na Região Sul, de acordo com os programas disponíveis e a participação de cada Unidade da Federação no valor total.

O Gráfico 17 apresenta a participação de cada tipo de financiamento, exclusivamente, na Região Sul, na qual, pode-se constatar uma distribuição parecida entre cada tipo de financiamento, demonstrando a

presença de distintos tipos de produtores na realização da cultura do trigo, principalmente o agricultor familiar. Os resultados para o produtor na comercialização da safra passada, além das condições climáticas adversas ao tempo de plantio, têm impactado o processo produtivo, que podem explicar a perspectiva na diminuição da busca pelo crédito.

O Gráfico 18 apresenta a participação de cada Unidade da Federação no aporte de custeio destinado à Região Sul. As informações observadas na representação gráfica ratificam a participação de cada um dos estados na produção de trigo na Região Sul, ou seja, a dominância do Paraná (42,98%) e do Rio Grande do Sul (54,17%). Observa-se, também, contínua tendência de diminuição no aporte de custeio, desde o ano de 2014, conforme Gráfico 19.

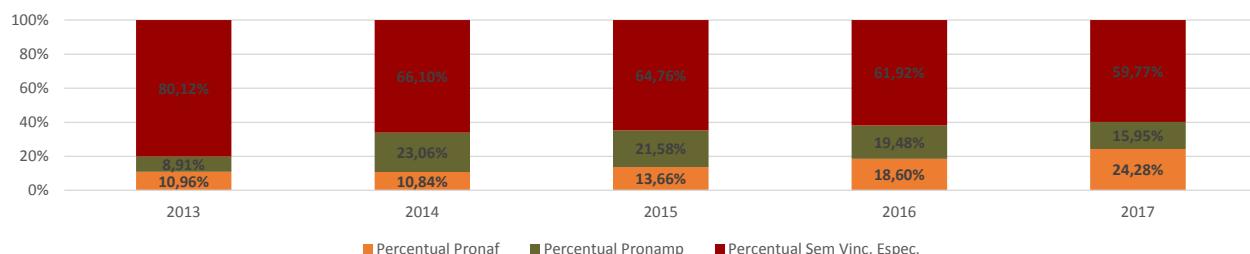


6.8. A CULTURA DE AVEIA, CANOLA E CEVADA

Na safra passada a produção dessas culturas fez parte da opção do produtor no plantio de inverno. No Gráfico 20, observa-se o uso do Pronaf com maior inten-

sidade nessa safra, com um crescimento no aporte via esse programa, de 66,33%. Considerando as informações obtidas pela Conab, percebe-se tendência de incremento da produção nessas culturas.

Gráfico 44 – Aveia, canola e cevada – Tipo de Financiamento – Participação por programa janeiro a maio de 2013 a 2017

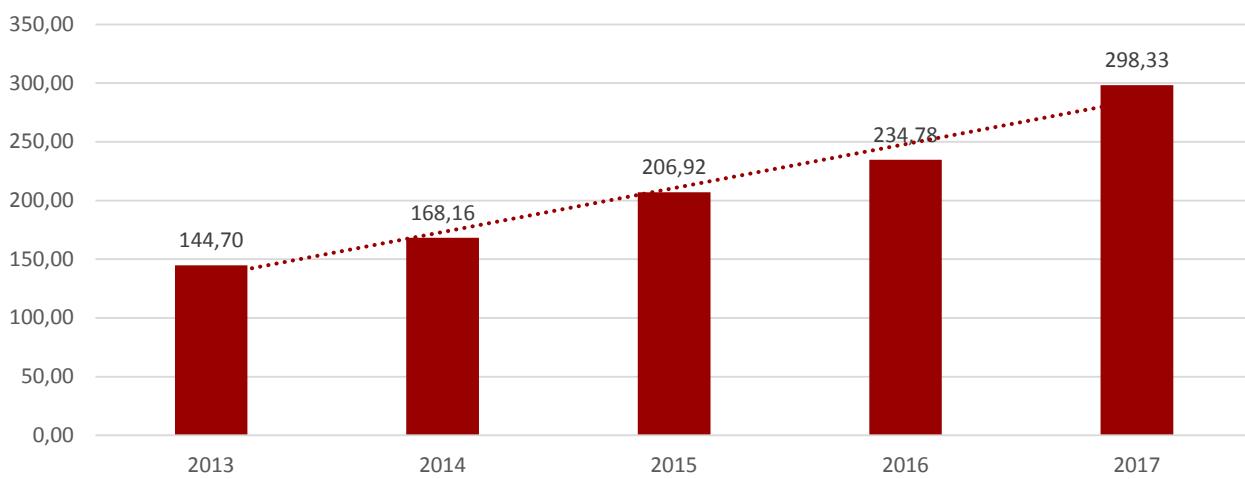


Fonte: Bacen.

A Região Sul concentra 99% dos créditos utilizados para o custeio dos produtos de inverno tratados nesse espaço. O Gráfico 21 nos oferece informações de ten-

dência com características de evolução desde 2013, visto que neste ano o crédito já é maior que nas safras anteriores.

Gráfico 45 – Aveia, canola e cevada - Financiamento todos programas – janeiro a maio de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.



7. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE JUNHO DE 2017

A distribuição espacial das chuvas durante junho deste ano ficou com os maiores volumes concentrados na Região Sul, norte da Região Norte e na faixa leste do Nordeste, dentro das suas características climatológicas para o período (Figura 1).

No norte da Região Norte, os totais de chuva ficaram entre 120 e 300 mm, dentro dos limites da faixa normal. No leste do Nordeste (incluindo parte do semiárido), os acumulados variaram entre 70 e 350 mm, ultrapassando a média do mês em diversas localidades, o que causou danos materiais em áreas urbanas e rurais. Com os acumulados entre 100 e 200 mm, as chuvas de junho na Região Sul foram menos intensas que em maio, porém se mantiveram dentro da faixa normal, ou mesmo acima, em algumas localidades, principalmente em Santa Catarina e no Paraná.

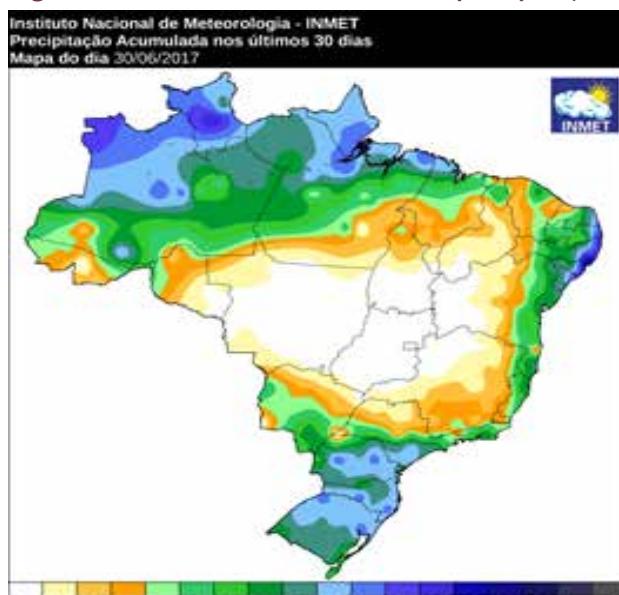
De forma geral, o volume de chuvas foi favorável a algumas culturas, como o milho segunda safra na fase de desenvolvimento em algumas localidades do centro-sul e do Nordeste; porém, o excesso de precipitação na Região Sul em maio e na primeira quinzena de junho causaram atraso no plantio do trigo.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meterologista do Inmet-Brasília

Com a chegada do inverno em junho aumentou a frequência de ondas de frio e, consequentemente, potencializou o risco de geadas. Nesse mês, as geadas atingiram algumas localidades na Região Sul e em São Paulo e Minas Gerais, com número de dias de re-

gistro do fenômeno variando entre 1 e 4, dependendo da localidade. Ondas de frio, com ocorrência de temperaturas abaixo de zero grau, também ocorreram durante a primeira semana de julho em grande parte do Centro-Sul do Brasil.

Figura 1 – Acumulado de 30 dias de precipitação pluviométrica em junho de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet.

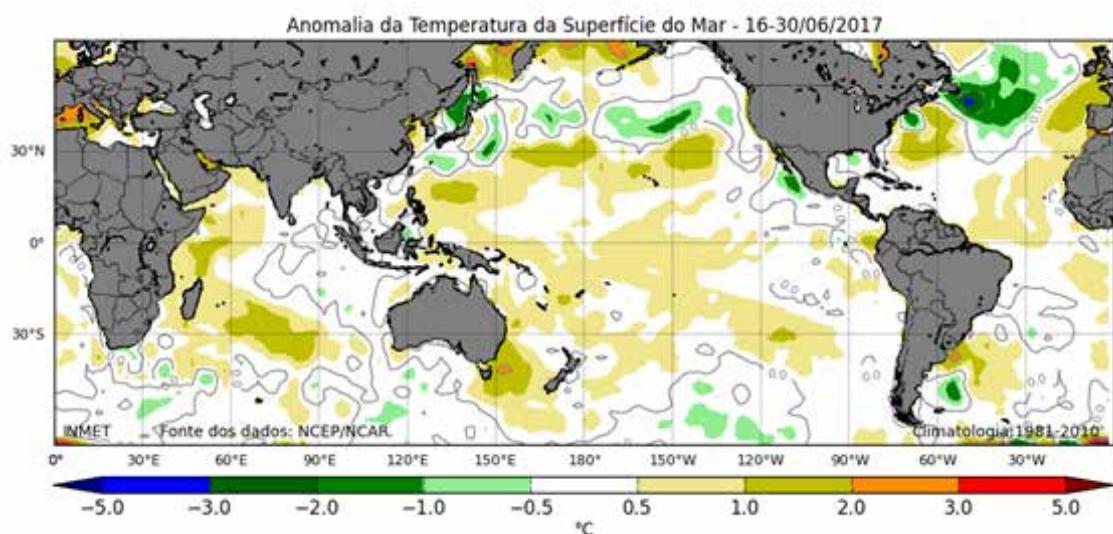
7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da última quinzena de junho (Figura 2) mostra o predomínio de anomalias entre 0,1 e 0,5 °C no Oceano Pacífico equatorial, caracterizando uma condição de normalidade até o momento. Observa-se uma anomalia positiva por volta de 1 °C próxima à costa do Equador, contudo, tal anomalia não carac-

teriza uma potencial formação do fenômeno El Niño.

Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, as anomalias positivas próximas ao litoral norte do Brasil favoreceram o aumento da evaporação na superfície do mar e o transporte de umidade em direção à costa são fatores que favoreceram a precipitação no norte do país.

Figura 2 – Mapa de anomalias da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no período de 16 a 30 de junho/2017

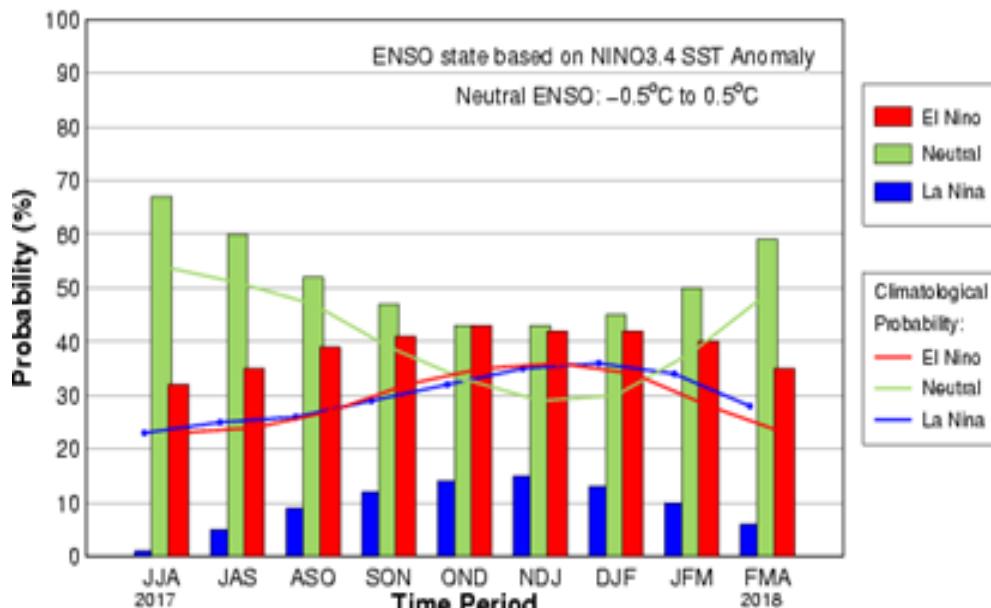


Fonte: Inmet.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) mantém a maior probabilidade de ocorrência de um

novo episódio de El Niño em meados do segundo semestre de 2017, que possivelmente será, caso ocorra, na categoria fraco e poderá se estender até o início de 2018 (Gráfico 46).

Gráfico 46 – Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña
Mid-Jun IRI/CPC Model-Based Probabilistic ENSO Forecast



Fonte: IRI.

7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA E TEMPERATURA PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO-AGOSTO-SETEMBRO/2017

Segundo os modelos de previsão climática, as probabilidades indicam que na Região Sul as chuvas devem ficar dentro da faixa normal ou abaixo no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná, na faixa normal ou acima. Para a temperatura, a maior probabilidade é que fique dentro da faixa normal ou abaixo na maior parte da região.

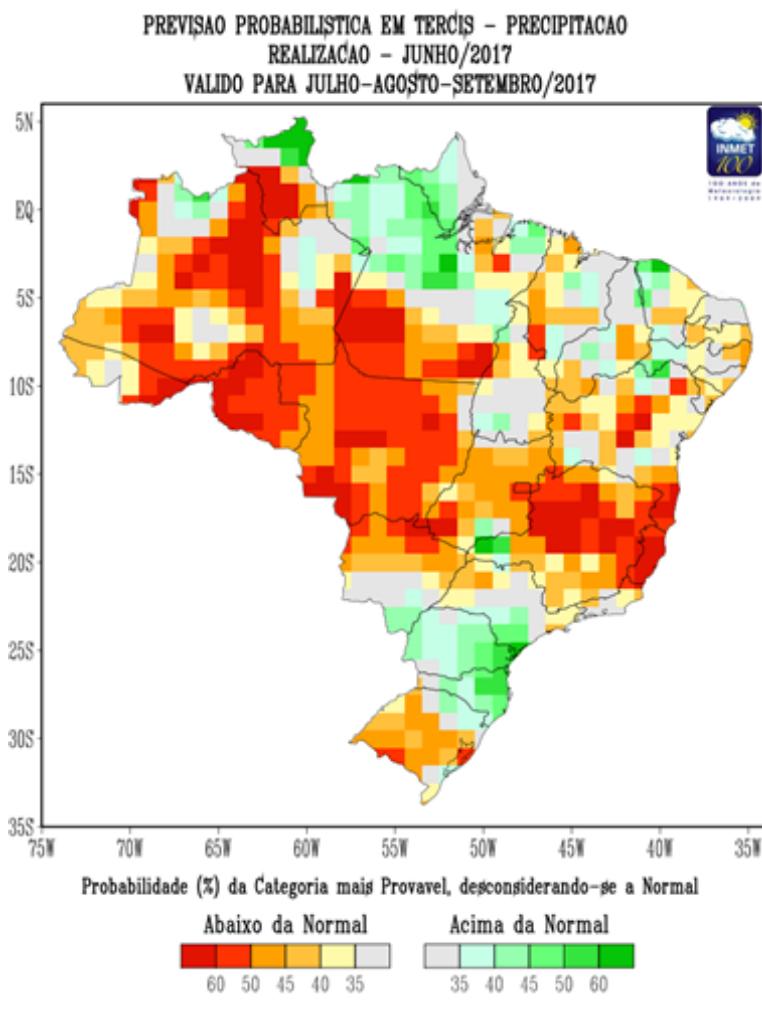
Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste prevalecem as áreas com a característica típica do período, que é de baixa precipitação, principalmente em julho e agosto.

Na Região Nordeste, a previsão climática indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre, principalmente nas regiões do semiárido, com probabilidade de chuvas na faixa normal ou abaixo na faixa leste e normal ou acima na faixa norte do litoral da região (Figura 3).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 – Previsão probabilística de precipitação e temperatura média do modelo estatístico do Inmet para o trimestre junho-julho-agosto/2017.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (SAFRA 2016/17) E DE INVERNO (SAFRA 2017) - JUNHO/2017

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos, exemplos: precipitação acumulada, desvios da precipitação com relação às médias históricas (anomalia), o déficit e/ou o excesso hídrico e a umidade disponível no solo; e/ou, os espectrais: índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que retratam as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, onde a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;

Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, ou, geadas e baixas temperaturas;

Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, ou, geadas e baixas tempe-

raturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesor-regiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - JUNHO/2017

Na região central do país houve poucas chuvas durante junho, o que favoreceu a maturação e a colheita das lavouras de algodão e de milho segunda safra. Já na Região Sul, no sudoeste do Mato Grosso do Sul e no sul/sudoeste de São Paulo, ocorreram volumes significativos de precipitação no primeiro decêndio do mês (Figura 4), o que pode ter causado danos pontuais à qualidade do milho em maturação e colheita e prejudicado a implantação/início do desenvolvimento de algumas lavouras de inverno.

No entanto, essa condição contribuiu para a manutenção do armazenamento hídrico no solo ao longo de todo o mês (Figura 5), favorecendo as lavouras de trigo em estádios mais adiantados de desenvolvimento e de milho segunda safra ainda em frutificação. Além disso, a partir do segundo decêndio, a diminuição do volume de chuvas favoreceu o avanço da colheita do milho e a recuperação de parte das lavouras de inverno afetadas pelo excesso de chuvas, assim como, possibilitou uma aceleração do plantio do trigo.

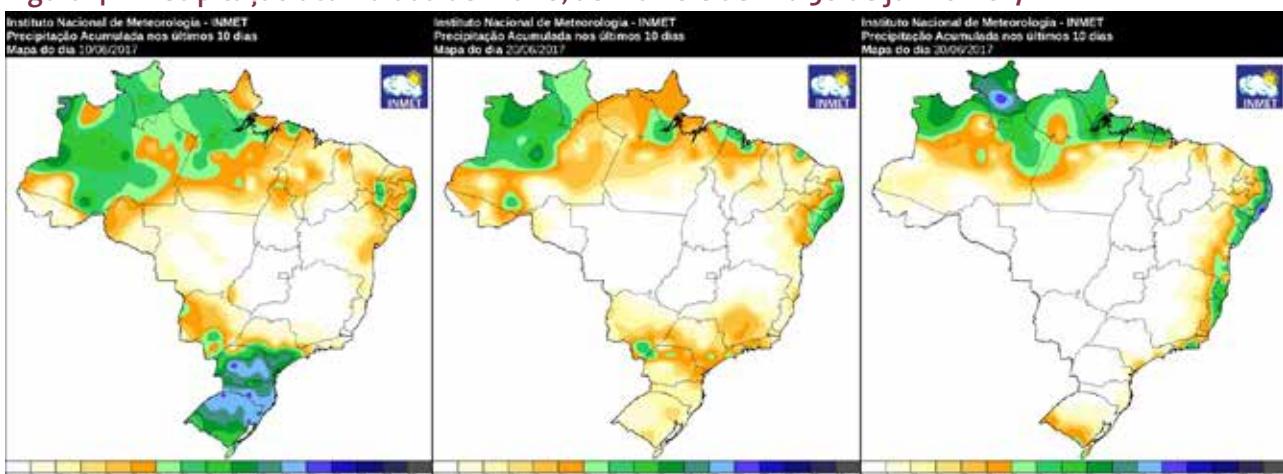
O mapa da média diária do armazenamento hídrico no solo (Figura 6) mostra índices elevados na Região Sul, o que, a despeito dos danos causados pelo excesso

de chuvas, tem favorecido o desenvolvimento das lavouras no geral. Na região central do país, onde os índices de umidade estiveram mais baixos, pode ter havido alguma restrição pontual a lavouras de milho segunda safra plantadas mais tarde, que ainda se encontravam em frutificação.

Como é normal para essa época do ano, as médias diárias da temperatura mínima estiveram mais baixas na Região Sul, em parte de São Paulo e no sul de Minas Gerais (Figura 7), onde foram registradas ocorrências de geadas de diferentes intensidades (Figura 8). No entanto, até o momento, não foram relatados danos às lavouras, que se encontravam, na grande maioria, em fases menos suscetíveis.

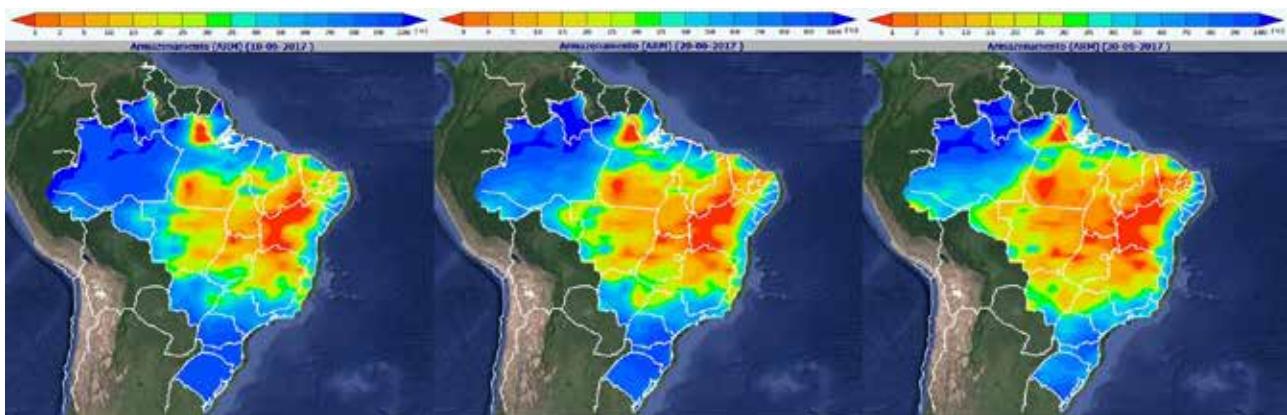
Em relação ao Nordeste, as precipitações ficaram próximas ou acima da média histórica na maior parte da região (Figura 9), beneficiando o desenvolvimento do milho cultivado no Agreste de Pernambuco, Sergipe, Alagoas e na maior parte do nordeste da Bahia. No entanto, onde ainda há lavouras em desenvolvimento no Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, pode ter havido restrições em razão do baixo armazenamento hídrico no solo.

Figura 4 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 30 de junho/2017



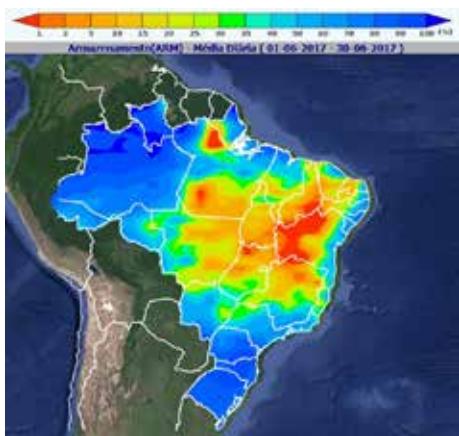
Fonte: Inmet.

Figura 5 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 30 de junho/2017



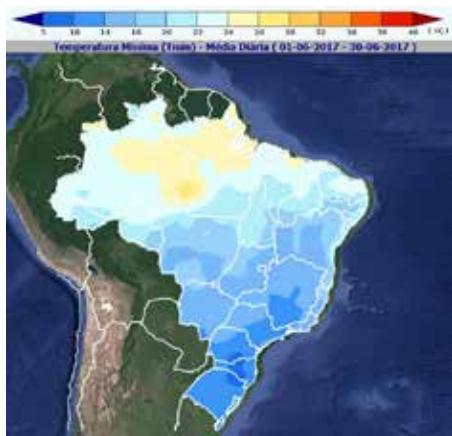
Fonte: Inmet /Sisdagro

Figura 6 – Média diária do armazenamento hídrico no período de 1º a 30 de junho/2017



Fonte: Inmet /Sisdagro.

Figura 7 – Média diária da temperatura mínima no período de 1º a 30 de junho/2017



Fonte: Inmet /Sisdagro.

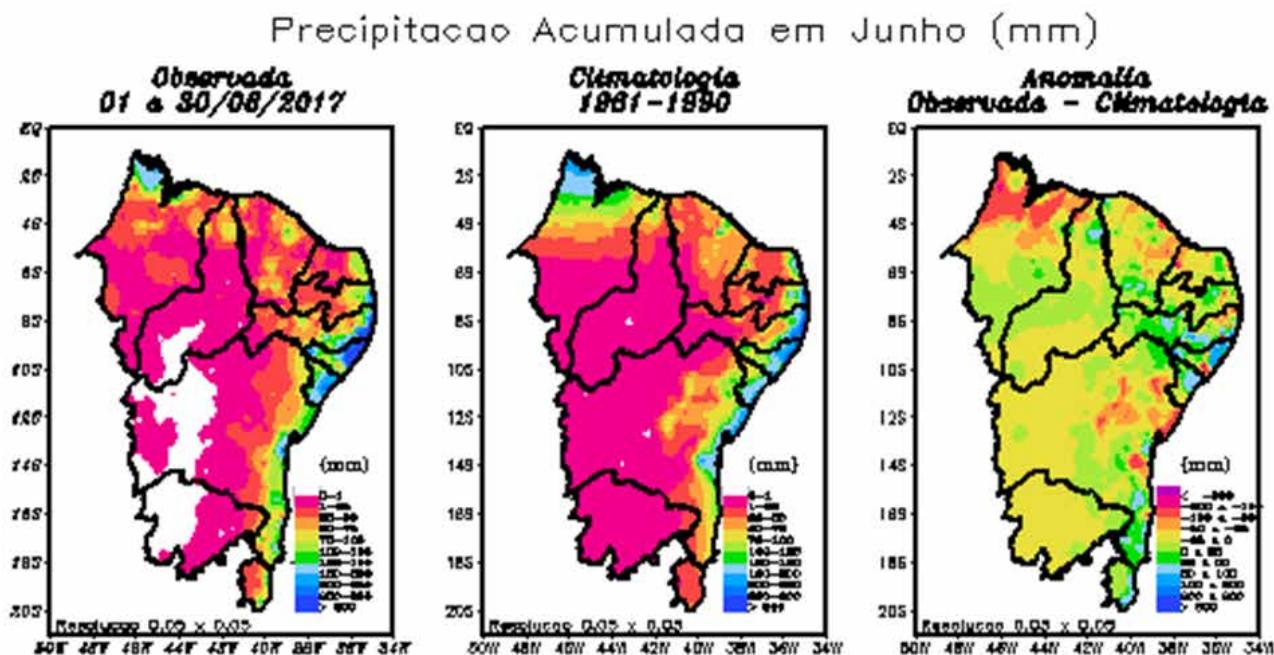
Figura 8 – Ocorrências de geadas registradas em junho/2017



Fonte: Inmet.



Figura 9 – Precipitação observada, climatologia e anomalia da precipitação da Região Nordeste, em junho/2017



Fonte: Inpe/CPTEC.

8.1. MONITORAMENTO ESPECTRAL - JUNHO/2017

8.2.1. MATO GROSSO

Os mapas de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Mato Grosso (Figura 10) mostram um certo equilíbrio entre a quantidade de áreas com anomalias positivas (em verde) e negativas (em laranja). No nordeste do estado, no entanto, há uma predominância de anomalias positivas em razão da colheita do milho segunda safra estar atrasada em relação ao ciclo anterior. Nesse mesmo período, no ano passado, havia uma maior quanti-

dade de lavouras em maturação/colheita, estádio em que os valores do IV são baixos. Já na safra atual, por ainda estarem entrando em maturação, o IV é mais elevado. Já os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 11) mostram que, embora atualmente a média ponderada do IV da safra atual esteja próxima da média histórica, ela esteve significativamente acima durante os períodos críticos de desenvolvimento das lavouras, desde a floração (o6 de abril) ao enchimento dos grãos (o1 de junho).

Figura 10 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

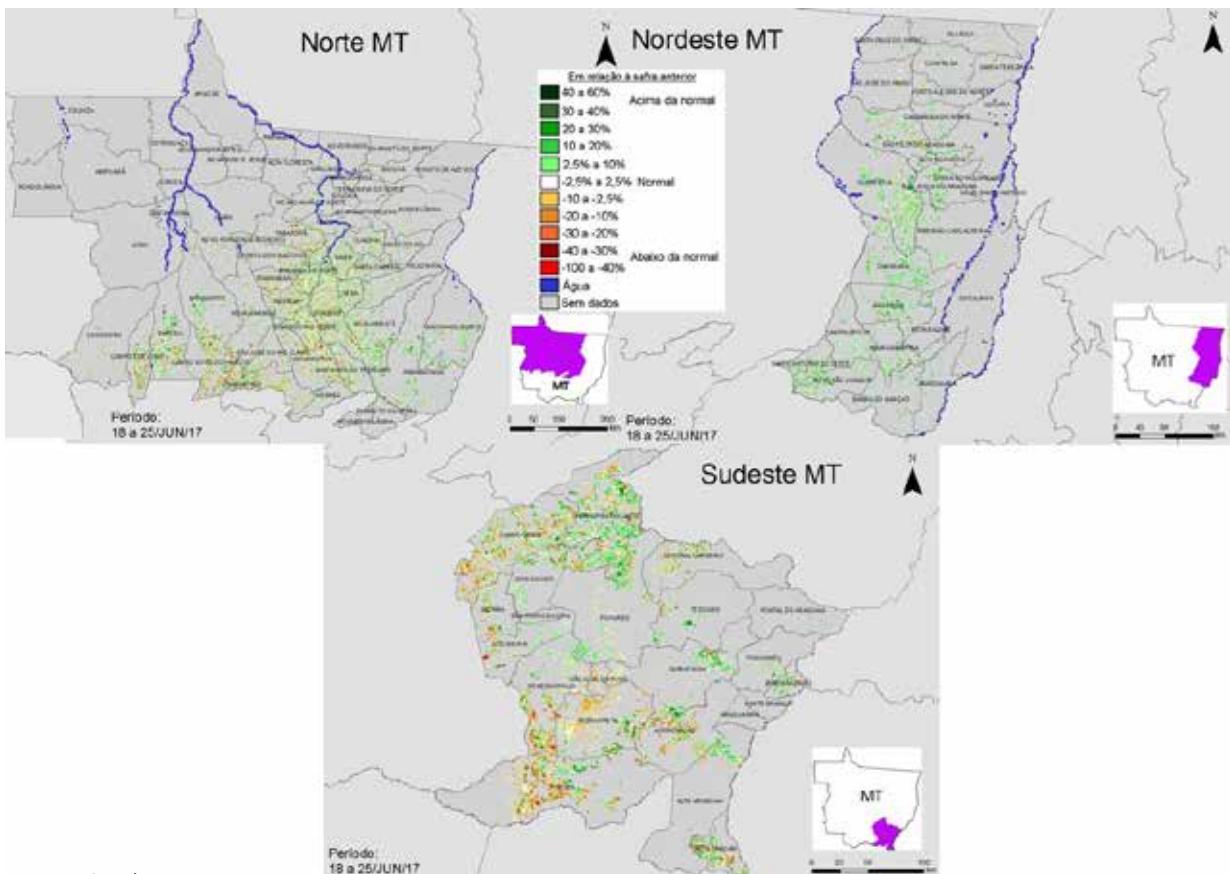
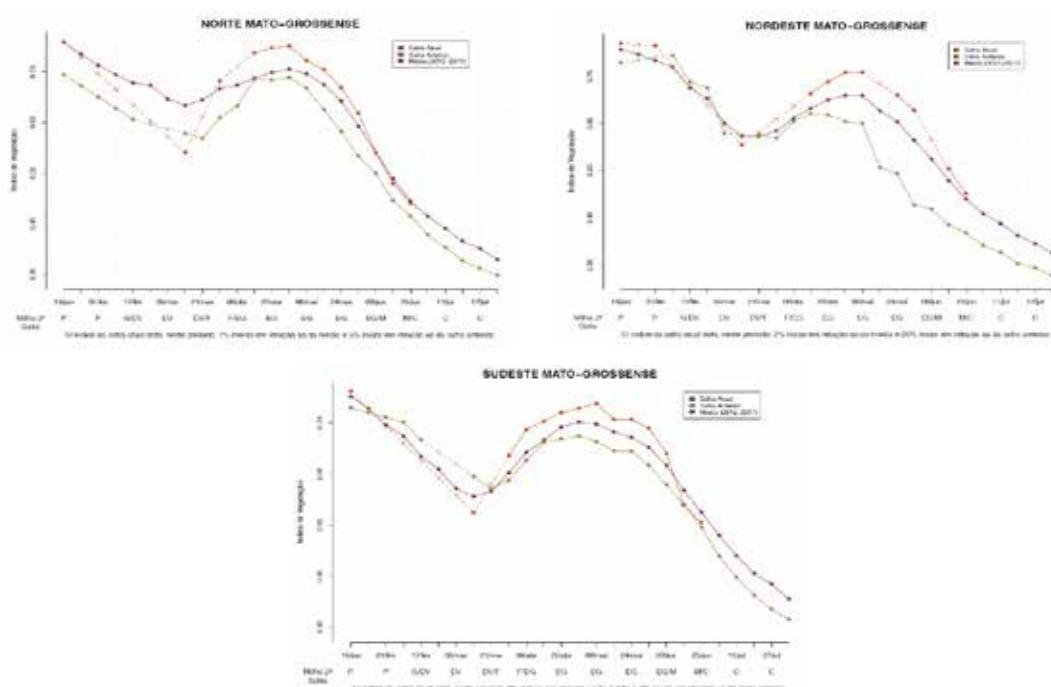


Figura 11 – Gráficos de evolução temporal do IV

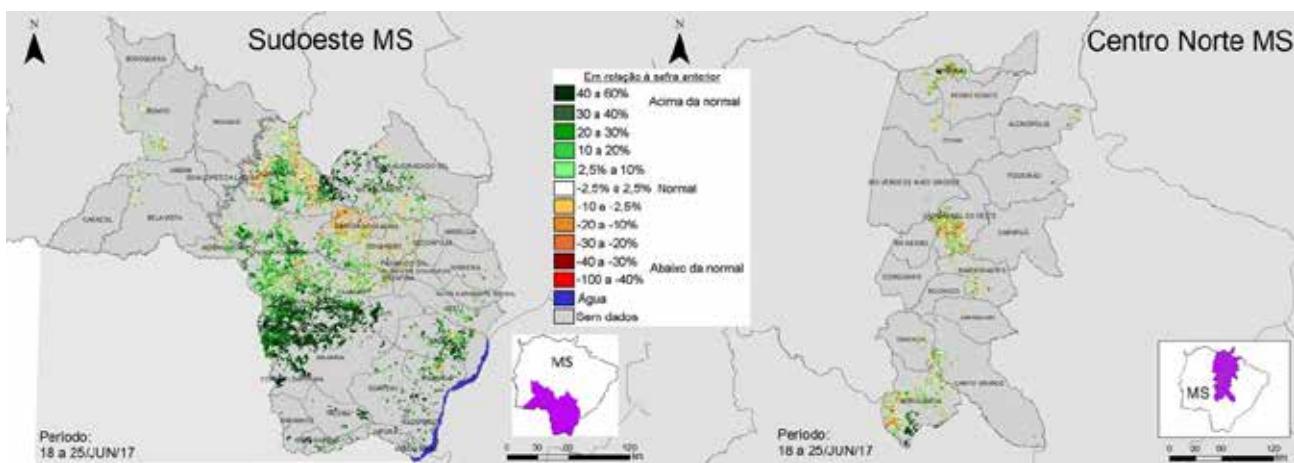


8.2.2. MATO GROSSO DO SUL

Nos mapas de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Mato Grosso do Sul (Figura 12), desconsiderando-se as áreas com anomalias positivas mais intensas, que correspondem àquelas onde não havia dados na safra passada, observa-se um certo equilíbrio entre a quantidade de áreas com anomalias positivas (em verde) e negativas (em laranja). Essas anomalias decorrem

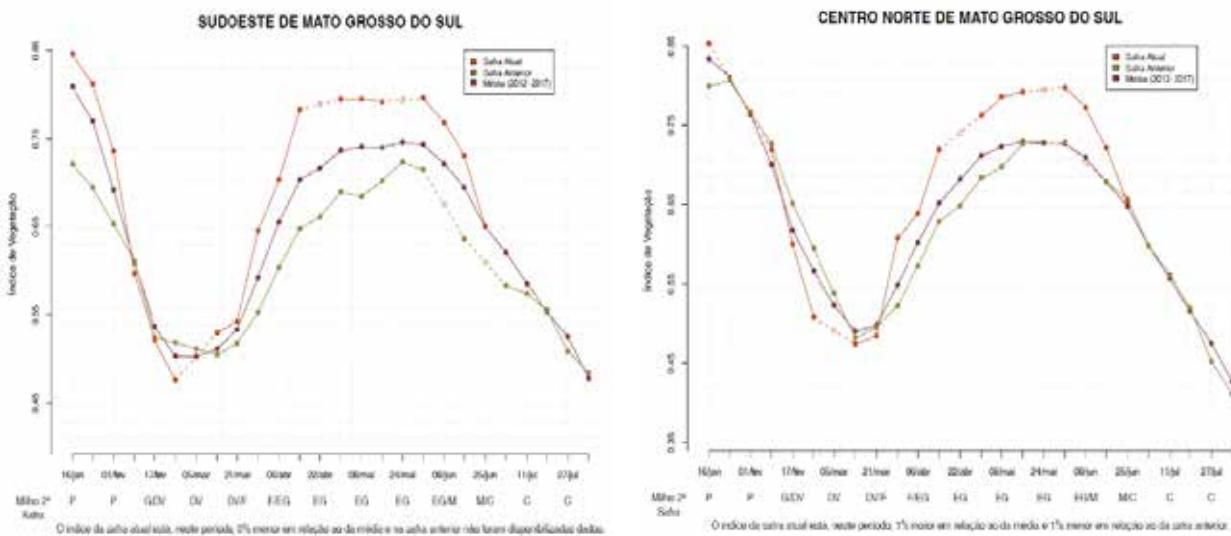
das diferenças no calendário de plantio do milho segunda safra e, principalmente, da melhor condição de desenvolvimento da safra atual ao longo de praticamente todo o ciclo. Os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 13) mostram que, embora atualmente a média ponderada do IV da safra atual esteja próxima da média histórica, ela se manteve acima desde quando a maior parte das lavouras ainda estava em estádios vegetativos.

Figura 12 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Figura 13 – Gráficos de evolução temporal do IV

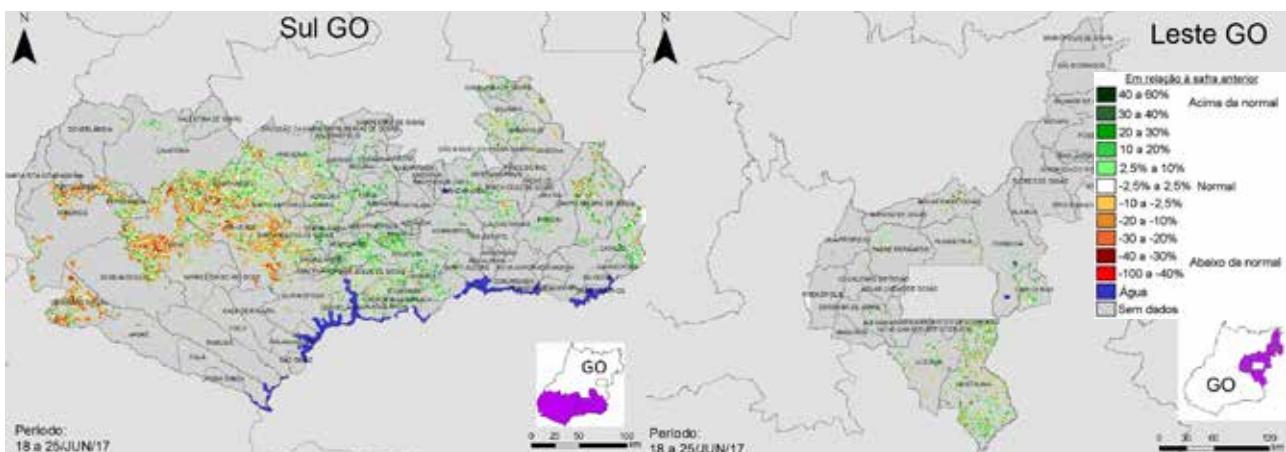


Fonte: Projeto Glam.

8.2.3. Goiás

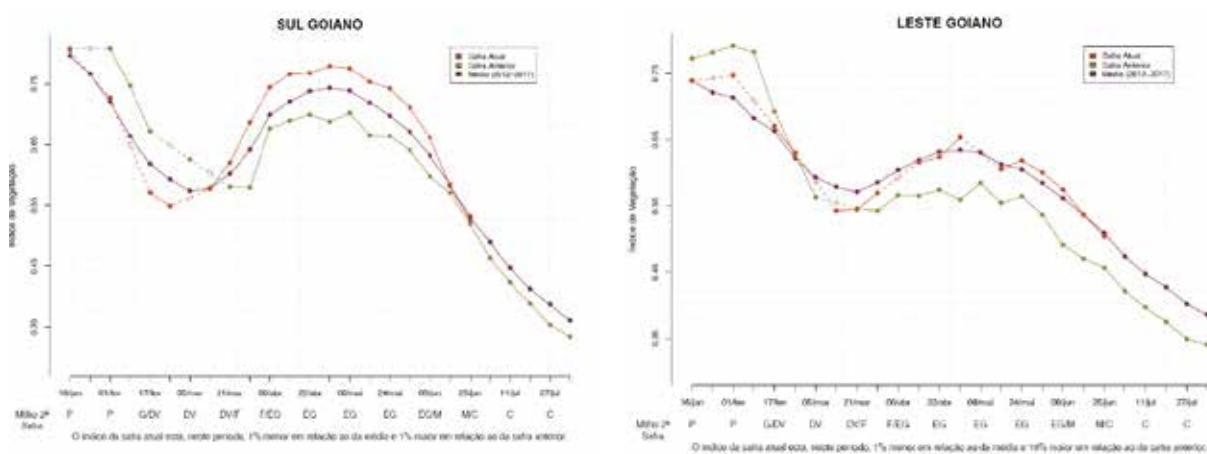
Os mapas de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas em Goiás (Figura 14) mostram um certo equilíbrio entre a quantidade de áreas com anomalias positivas (em verde) e negativas (em laranja). No entanto, há uma concentração de áreas com anomalias negativas na porção oeste do sul goiano, em razão das diferenças no calendário de plantio do milho segunda safra. Nessa região, o plantio dessa safra ocorreu mais cedo que no ciclo anterior por causa da colheita antecipada da soja. Por isso, há uma maior quantidade de áreas em maturação fisiológica/colheita, enquanto na safra passada essas áreas ainda estavam em estádios

Figura 14 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

Figura 15 – Gráficos de evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.

reprodutivos menos adiantados, com maior IV.

Já os gráficos de evolução temporal do IV (Figura 15) mostram a antecipação do plantio da safra atual de milho segunda safra, e uma condição de desenvolvimento superior à safra anterior e à média histórica durante todo o ciclo, no sul goiano. No leste do estado, a condição de desenvolvimento da safra atual teve algumas oscilações em abril/maio em razão da falta de chuvas, mas permaneceu próxima da média histórica e acima da safra anterior, que foi fortemente prejudicada por estiagens.

8.2.4. PARANÁ

Nos mapas de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada nas mesorregiões monitoradas do Paraná (Figura 16) observa-se uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde), mesmo desconsiderando-se as áreas com anomalias positivas mais intensas - que correspondem àquelas onde não haviam dados na safra passada.

Nas mesorregiões Oeste e Sudoeste a maior parte das lavouras de milho segunda safra teve excelentes condições hídricas e térmicas desde o plantio, apesar de ter sido semeada com atraso. Nos mapas, as poucas áreas com anomalias negativas podem ser explicadas pela forte incidência de doenças de final de ciclo, que se intensificou nas lavouras de milho segunda safra devido às chuvas excessivas de maio. Também podem indicar áreas já colhidas de feijão segunda safra ou milho silagem. Nos gráficos de evolução temporal do IV (Figura 17), nota-se que nessas mesorregiões as lavouras do ciclo atual estão com IV superior à safra passada desde o início de abril. Na safra anterior houve estresse hídrico nessas regiões em abril, afetando a evolução do IV e culminando com a queda brusca em meados de junho devido à geada. A curva de ascendência do IV nessa safra ocorreu de 2 a 3 semanas após o período de 2016 devido ao atraso no plantio. Mesmo assim, já se observa uma redução da média ponderada do índice desde meados de junho devido à maturação/colheita de parte das lavouras.

Nas mesorregiões Norte Central e Centro Ocidental as anomalias positivas do IV refletem o

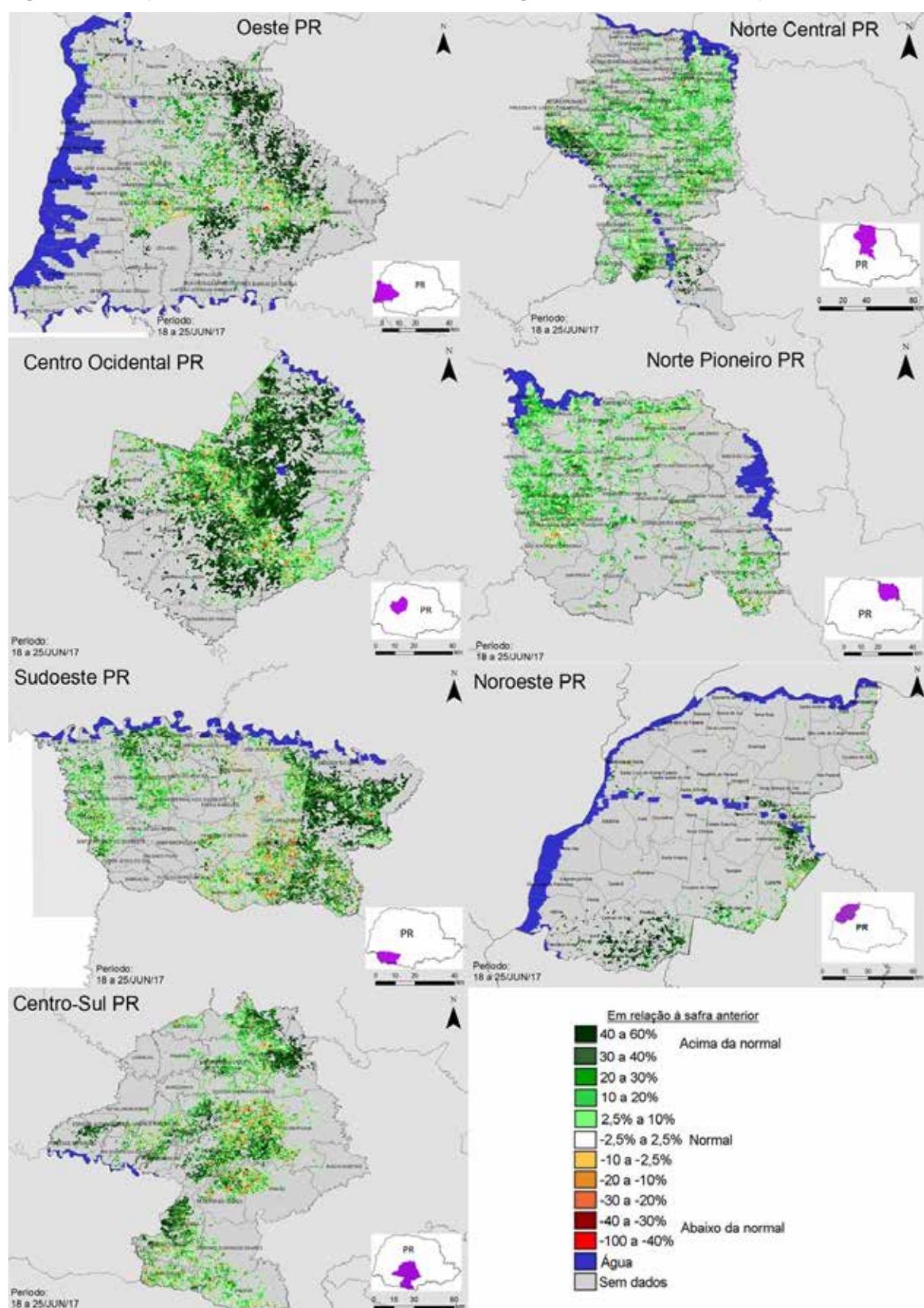
resultado das ótimas condições climáticas que ocorreram desde o plantio. Diferentemente das regiões oeste e sudoeste, o plantio não teve atraso substancial quando comparado à safra passada, à considerar a ascendência da linha vermelha nos gráficos de evolução do IV no mesmo período da safra passada. A curva nessa safra seguiu superior à safra anterior desde o início de abril devido à estiagem ocorrida em 2016. Em ambas as regiões a redução do IV a partir de meados de junho ocorreu em função da maturação/colheita de parte das lavouras.

A mesorregião Norte Pioneiro, tradicionalmente, semeia milho na metade norte e trigo na metade sul e como a maioria dos pixels observados está na metade norte, conclui-se que as lavouras de milho segunda safra estão em condições superiores às do ano passado. Vale lembrar que a maturação em 2016 foi acelerada devido à geada, que acentuou a queda do IV a partir de junho.

Na mesorregião Noroeste Paranaense, a área de milho segunda safra é pequena, menos de 100 mil hectares. Assim como no restante do estado a evolução do IV das lavouras foi bem melhor que em 2016 devido ao veranico e geada do ano passado.

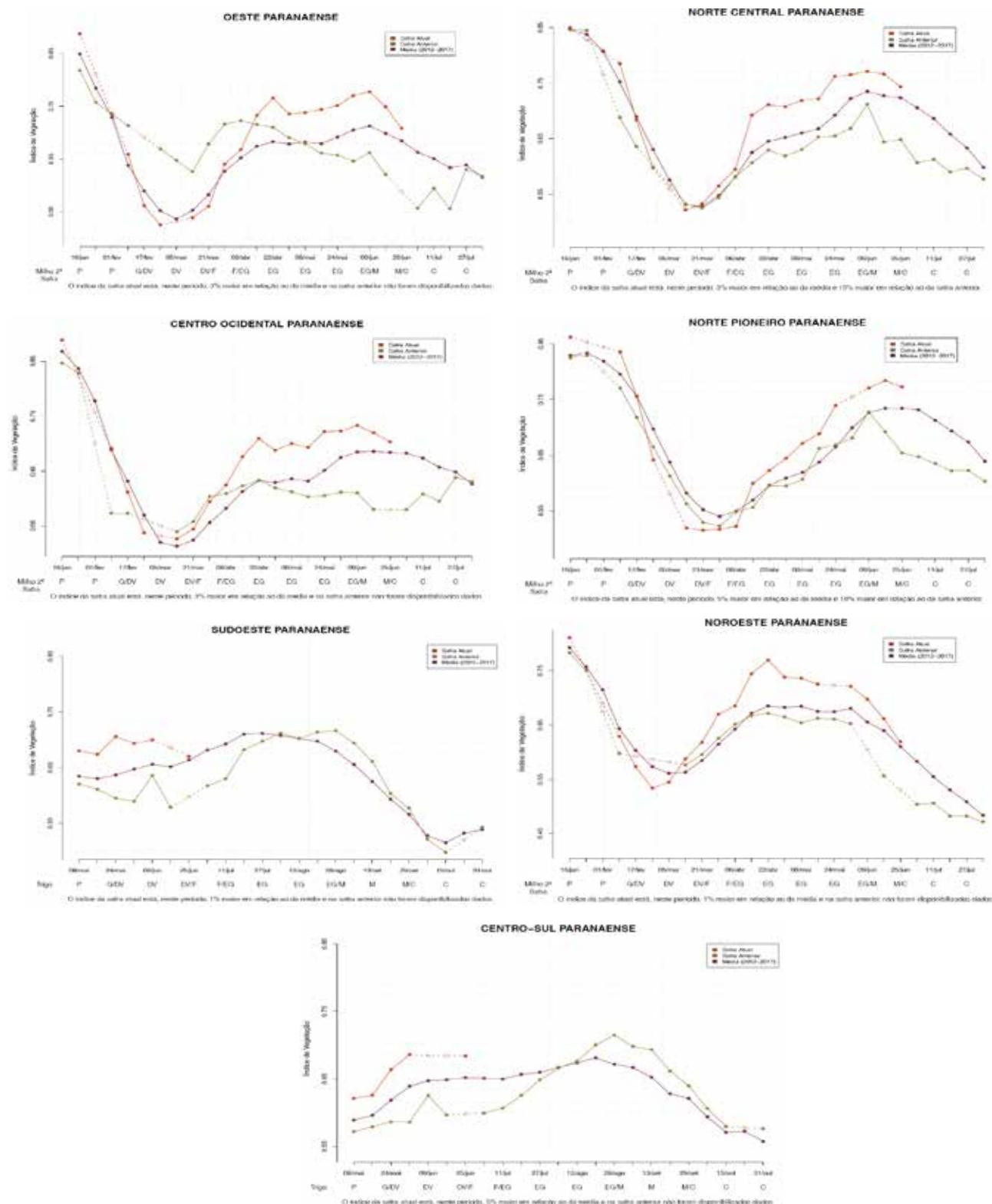
A mesorregião Centro Sul planta tradicionalmente cereais de inverno. O plantio ainda está sendo finalizado. No gráfico de evolução observa-se o crescimento do IV desde o início de abril em um patamar superior à safra passada. Isso se deve ao aumento na área plantada com aveia, que é semeada logo após a colheita da soja.

Figura 16 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

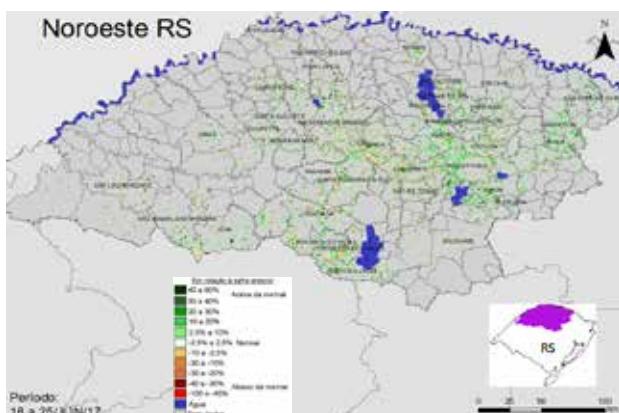
Figura 17 – Gráficos de evolução temporal do IV



8.2.5. RIO GRANDE DO SUL

O mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada no noroeste do Rio Grande do Sul (Figura 18), principal mesorregião produtora do estado, mostra uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde), provavelmente, em razão do atraso no plantio do trigo. No ano passado, devendo à implantação das lavouras estar mais adiantada, havia uma maior quantidade de áreas em processo de plantio ou recém-plantadas, consequentemente, com IV baixo. Enquanto na safra atual, essas áreas ainda apresentam alguma cobertura verde, com alto IV, que se desenvolveu

**Figura 18 – Mapas de anomalia do IV das
lavouras de grãos em relação à safra passada**



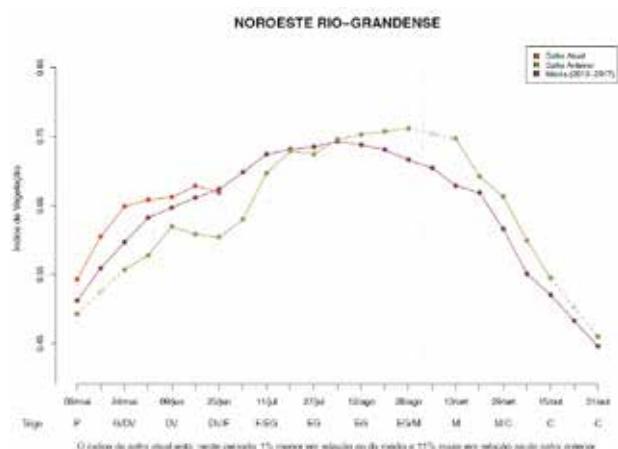
Fonte: Projeto Glam

8.2.6. MARANHÃO

As condições climáticas favoreceram o plantio e o desenvolvimento do milho segunda safra no Maranhão neste ano, diferentemente da safra passada. Essa condição de favorecimento tem sido retratada no monitoramento agrometeorológico, que resultou, inclusive, em um aumento substancial da área plantada. Dessa forma, as anomalias positivas do IV, no mapa da Figura 20, indicam as áreas onde as lavouras estão com uma condição de desenvolvimento superior à safra anterior, ocasionada, principalmente,

logo após a colheita dos cultivos de verão. No gráfico de evolução temporal do IV (Figura 19), observa-se pela linha da safra anterior, que foi recorde no estado, uma redução na média ponderada do IV entre o período de 09 a 25 de junho, seguida de um crescimento em 03 de julho, em razão da intensificação do plantio e do início do desenvolvimento da maioria das áreas dos cultivos de inverno. Nessa safra, devido ao atraso e de um possível escalonamento no plantio, a primeira inflexão na linha de evolução do IV ocorreu oito dias depois, em 17 de junho.

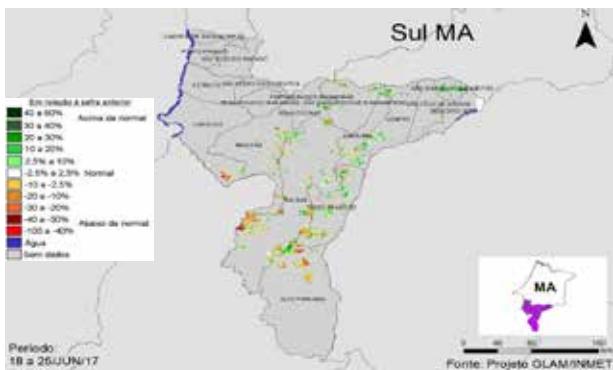
Figura 19 – Gráficos de evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam

pelas condições climáticas favoráveis. As áreas com anomalias negativas são aquelas onde, possivelmente, houve substituição de cultura e diferenças no calendário de plantio. Já o gráfico de evolução do IV (Figura 21) mostra, nos períodos onde não há dados interpolados, uma condição de desenvolvimento da safra atual bem superior à safra passada, durante praticamente todo os estádios fenológicos do milho segunda safra cultivado na região.

Figura 20 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

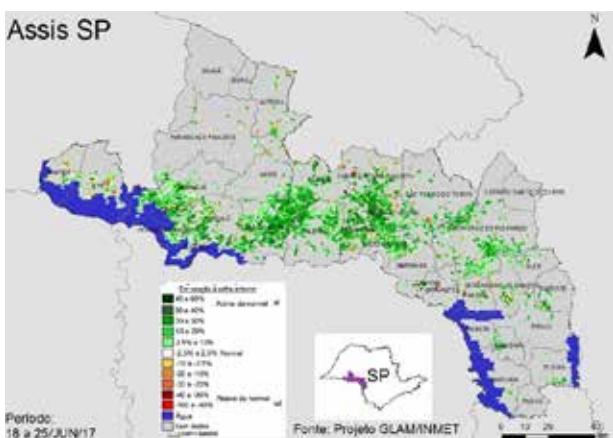


Fonte: Projeto Glam.

8.2.7. SÃO PAULO

O mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada na mesorregião monitorada de São Paulo (Figura 22) mostra uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde). Isso se deve, principalmente, às condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento do milho segunda safra e a possíveis substituições de culturas e

Figura 22 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

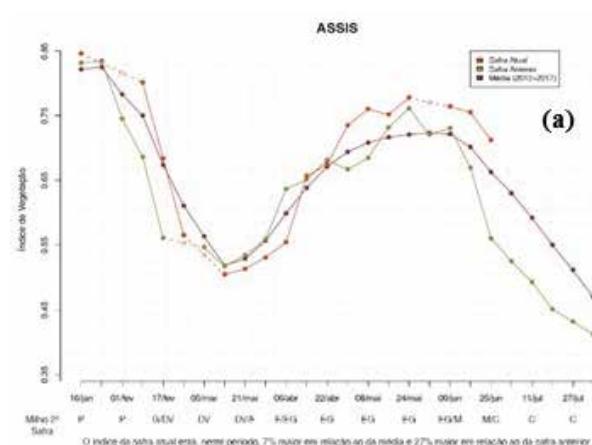
Figura 21 – Gráficos de evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.

diferenças no calendário de plantio. O gráfico de evolução temporal do IV (Figura 23) mostra que embora o plantio do milho tenha sido mais lento do que nos anos anteriores, a média ponderada do IV da safra atual superou a safra passada e a média histórica nos períodos críticos do desenvolvimento.

Figura 23 – Gráficos de evolução temporal do IV

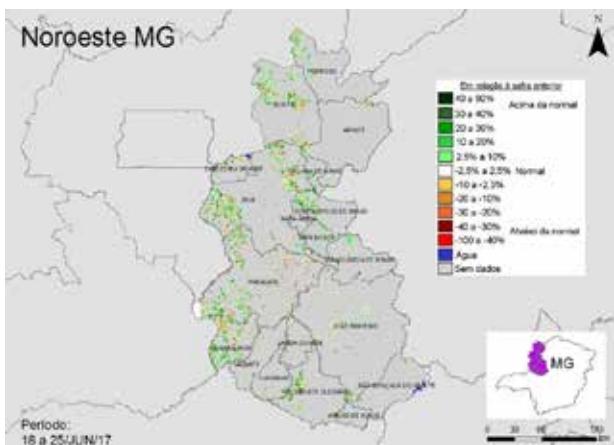


Fonte: Projeto Glam.

8.2.8. MINAS GERAIS

O mapa de anomalia do Índice de Vegetação (IV) das lavouras de grãos em relação à safra passada no noroeste de Minas Gerais (Figura 24) mostra uma predominância de áreas com anomalias positivas (em verde). No gráfico de evolução temporal do IV (Figura 25) observa-se que a condição

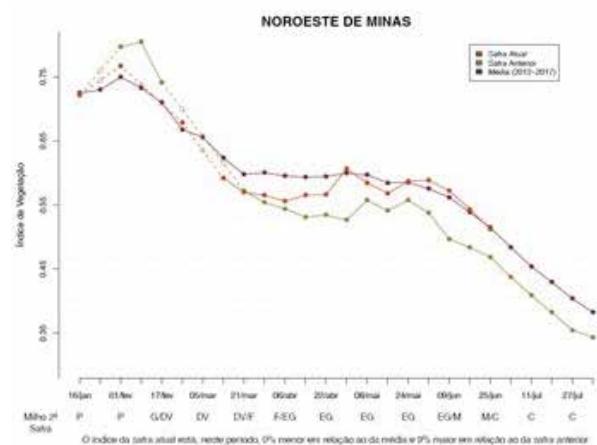
Figura 24 – Mapas de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Fonte: Projeto Glam.

de desenvolvimento da safra atual teve algumas oscilações em abril/maio devido à falta de chuvas, mas permaneceu próxima da média histórica e acima da safra anterior, que foi fortemente prejudicada por estiagens.

Figura 25 – Gráficos de evolução temporal do IV



Fonte: Projeto Glam.



9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

A safra brasileira de algodão está estimada em 939,4 mil hectares, 1,7% menor do que ocorreu no exercício passado. A atual estimativa de área, apesar dos aumentos verificados a cada levantamento, foi influenciada pelo quadro de oferta e demanda interno mais ajustado, descolando da conjuntura externa, que vinha pressionando os preços da pluma por ocasião do plantio. A despeito desses números, o bom desenvolvimento do clima, nos principais estados produtores, deverá possibilitar um incremento na produção de algodão em caroço, estimado atualmente em 15,2%, comparado com à safra passada, atingindo 3.715,2 mil toneladas de algodão em caroço, dos quais, 1.484,7 mil toneladas de pluma.

Para a Região Centro-Oeste permanece a estimativa de plantio de 682,6 mil hectares. Essa região, principal produtora nacional, foi bastante influenciada pelas boas condições climáticas e deve alcançar produtividades 8,8% superiores à safra anterior. Em Mato Grosso, a colheita do algodão já começou, mas ainda é incipiente. Estima-se que uma área inferior a 5% da lavoura esteja colhida. A produtividade também é positiva, com expectativa de rendimento médio de 3.955 kg/ha, ante aos 3.664 kg/ha da safra anterior, que foi afetada pela estiagem. Assim, calcula-se a produção total de algodão em caroço de 2.482,9 mil toneladas, volume 12,8% maior do que as 2.201,3 mil toneladas

da safra 2015/16. A comercialização de algodão da safra 2016/17 está ocorrendo em ritmo lento, estimando-se que cerca de 70% já tenha sido efetivada.

Figura 26 – Lavoura de algodão em Primavera do Leste-MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo do algodão ocorre predominantemente na região dos chapadões, maior área cultivada do estado, e nessa etapa, a cultura se encontra em fase de maturação, tanto para as lavouras implantadas em dezembro de 2016 quanto as semeadas no início de 2017, após a colheita da soja. As expectativas de produtividade indicam que devem ser obtidos em torno de 4.300 kg/ha em média, devido às condições climáticas favoráveis durante o ciclo da cultura, o que deve ser confirmado no decorrer da colheita, que deve iniciar-se nos próximos dias. A área cultivada no estado para essa safra, foi estimada em 28,6 mil hectares, 4,3% inferior à safra passada, mantendo a tendência de redução dos últimos anos. Em contrapartida, para essa safra, os produtores da fibra se encontram um pouco mais otimistas em relação ao mercado, visto que até o momento a comercialização do produto ultrapassou 30% do total.

Em relação aos aspectos fitossanitários, verificou-se que no município de Chapadão do Sul algumas propriedades apresentaram casos de apodrecimento de maçãs no terço inferior devido principalmente à alta umidade e consequente ataques de fungos. No entanto, os prejuízos não foram considerados significativos. Na região de Costa Rica, as atenções foram direcionadas para as lagartas, sendo necessário controle mais intenso nas cultivares que não possuem a tecnologia Bt. Com relação ao bicudo do algodoeiro, nessa safra, devido aos monitoramentos constantes dos produtores, as infestações foram consideradas baixas, quando comparadas aos anos anteriores. Em

relação às pragas e doenças de final de ciclo, não tem sido registradas incidências que possam afetar a produtividade da cultura.

Em Goiás, a colheita se encontra na reta final e tanto a produção quanto os níveis de produtividades obtidos estão retomando, nessa safra, aos patamares históricos devido a melhores condições climáticas. O clima foi favorável durante todo o ciclo da cultura (fase vegetativa e reprodutiva). O ataque de pragas e doenças ocorreram nas áreas de bordadura, principalmente o ataque de bicudo. Os controles foram feitos em tempo hábil, evitando a disseminação da praga, mas encareceram os custos de produção. Na região sudoeste a cultura se encontra predominantemente em fase de maturação, com colheita prevista para se intensificar nos próximos 30 dias.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento indicou forte redução da área (12%), comparado com à safra anterior. Na Bahia, o cultivo do algodão ocupa cerca de 201,6 mil hectares. Estima-se o rendimento de 3.959 kg/ha de algodão em caroço, com o fracionamento médio de 40% de pluma e 60% de caroço. A colheita foi iniciada em maio e deve se estender até julho, com a expectativa de produção em torno de 798,1 mil toneladas de algodão em caroço. Os números da safra atual, apesar de apresentar redução de 14,3% na área cultivada, representa aumento de 29,1% na produção em relação à safra passada. No extremo oeste se estima um cultivo de 190 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irri-



gado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande porte. A produtividade média esperada é de 4.125 kg/ha de algodão em caroço e a colheita foi iniciada em maio e já atingiu 30% da área total. Na região, espera-se a produção de 780 mil toneladas de algodão em caroço, representando aumento de 30% em relação à safra passada. Aguarda-se para o final de julho o encerramento da colheita e a destruição das soqueiras, até agosto.

No centro-sul do estado, estima-se o cultivo de 4,4 mil hectares, entre os cultivos de sequeiro e irrigado com gotejamento, caracterizados por propriedades de médio e pequeno porte. A produtividade média esperada é de 1.500 kg/ha de algodão em caroço. A colheita foi iniciada em maio e já atingiu 75% da área. No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 7,5 mil hectares de cultivo de sequeiro irrigado com pivô central, caracterizado por propriedades de grande e médio porte. A produtividade média esperada é de 1.203 kg/ha de algodão em caroço. A colheita foi iniciada em maio e já alcançou 56% da área.

No Maranhão os cultivos de algodão primeira safra estão concentrados na região sul do estado, possuindo uma área plantada equivalente a 22,5 mil hectares e expectativa de atingir uma produção próxima a 88,5 mil toneladas de algodão em caroço, que representa incremento de 7,3% em relação à safra passada. O plantio foi concluído como programado e a cultura se encontra em estádio de maturação de grãos. O município de Balsas, pela primeira vez, planta algodão de segunda safra, estimada em 3.600 hectares. As lavouras se encontram em pleno estágio de maturação.

No Piauí, após revisão nas áreas de algodão, foi observado um aumento em relação à safra anterior, confirmado pela Associação Piauiense dos Produtores de Algodão – Apipa. Portanto, a área de algodão para essa safra deve atingir 5,6 mil hectares, incremento de 1,8% em relação à safra anterior. A expectativa de produtividade do algodão é de 3.013 kg/ha, sem alteração em relação ao levantamento anterior. Na maior parte do estado a lavoura se encontra em boas condições em estágio inicial de colheita.

No Ceará, o cultivo de algodão, nessa safra, foi realizado em uma área de 0,4 mil hectares, com produção estimada de 0,4 mil toneladas. O algodão se encontra atualmente no estádio fenológico de maturação e colheita, com previsão de término de colheita em julho.

O algodão na Paraíba, em um passado próximo, era uma das atividades rurais de maior expressão econômica. As condições climáticas adversas, baixa produtividade, a forma tradicional de manejo e preços

recebidos que não cobrem os custos de produção, praticamente, tem levado a cotonicultura paraibana à extinção. Na safra passada foram plantados 0,1 mil hectares, cuja produtividade foi drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio 0,4 mil hectares de algodão, com produtividade estimada em 792 kg/ha. O aumento da área do algodão se deve à demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que realizaram contrato de compra junto a produtores, ofertando sementes, garantindo o preço de R\$ 2,50/Kg e frete do produto colhido até a usina de beneficiamento. Até o momento foi plantada 79% da área, cuja maioria da cultura se encontra na fase de frutificação, onde já é contabilizado redução de produtividade em razão do baixo volume de chuvas.

No Região Sudeste, a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada – 21,4%, em virtude da disposição dos produtores em não investirem na lavoura nesse exercício. Em Minas Gerais, os dados relativos à cultura, mantiveram-se inalterados em relação ao levantamento anterior. As colheitas já foram iniciadas, de modo que a área colhida soma, aproximadamente, 40% do total. A qualidade do produto proveniente do sistema irrigado é boa e não apresentou problemas significativos no transcorrer do desenvolvimento. Já o sequeiro, especialmente o situado no norte do estado, a produtividade tem se mantido baixa e a qualidade do produto é considerada ruim. Vale ressaltar que em algumas dessas áreas o controle do bicudo é realizado por cavação manual dos capulhos abortados no campo, o que onera o cultivo, impactando negativamente no custo de produção.

Em São Paulo, ao contrário do que ocorre com os principais produtos, a lavoura de algodão tem apresentado quedas constantes, tanto em área quanto em produção. Com um custo de produção crescente, a destinação de terras para outras atividades de maior retorno tem sido responsável por uma redução maior na participação dessa cultura na produção estadual. Nesta temporada houve a sinalização de forte recuo na área plantada – 35,7%.

No Região Norte, Tocantins é o maior estado produtor de algodão. Nesta safra houve uma de redução de 38,2% na área de plantio em relação à safra 2015/2016 devido, principalmente, ao encerramento da isenção do ICMS para a produção de algodão. Já para a produção, a redução deve ser de apenas 17,5% tendo em vista as condições pluviométricas mais favoráveis nesta safra.

Houve restrição pluviométrica apenas no final de de-



zembro e início de janeiro, atingindo as plantas em seu estágio inicial de desenvolvimento. Mas após este período, as chuvas se regularizaram e as lavouras vem se desenvolvendo normalmente. As condições das la-

vouras são consideradas boas. A colheita ainda está se iniciando no estado e a expectativa, baseado nos indicativos visuais, é de que se alcance elevada produtividade.

Figura 27 – Lavoura de algodão primeira safra em maturação em Gurupi-TO



Fonte: Conab.

Figura 28 – Lavoura de algodão em maturação em Dianópolis-TO



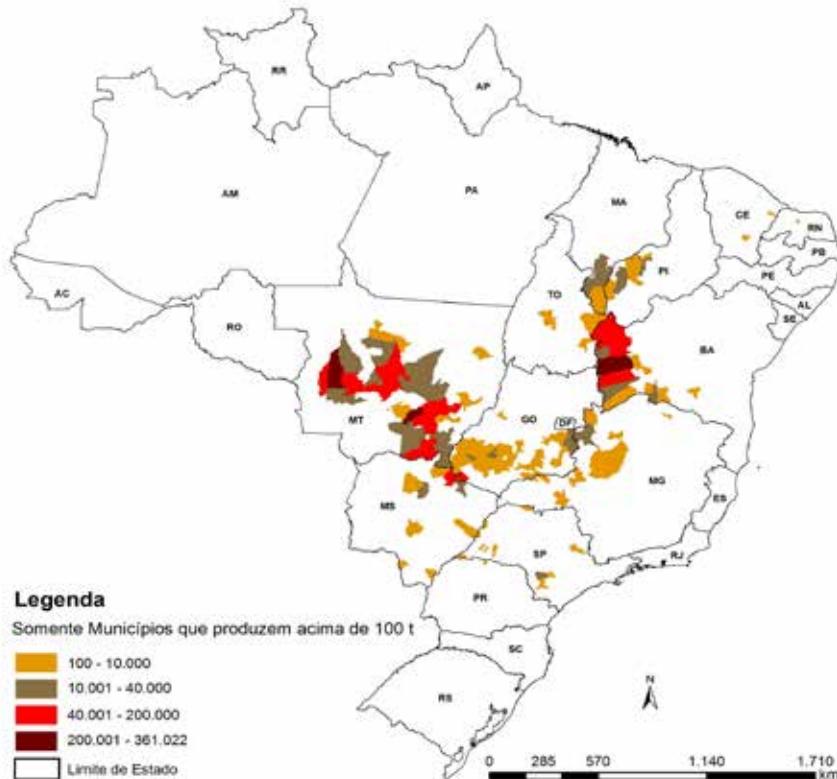
Fonte: Conab.

Em Roraima está confirmada o cultivo em uma área de 2,5 mil hectares. A produtividade média esperada é de 4.200 kg/ha (280 @/ha). O rendimento médio do algodão em pluma é de 38%. A pluma será exportada

e o caroço deverá ser processado para ração no próprio estado, porém, ressalta-se que não há agroindústria para este fim aqui no estado.

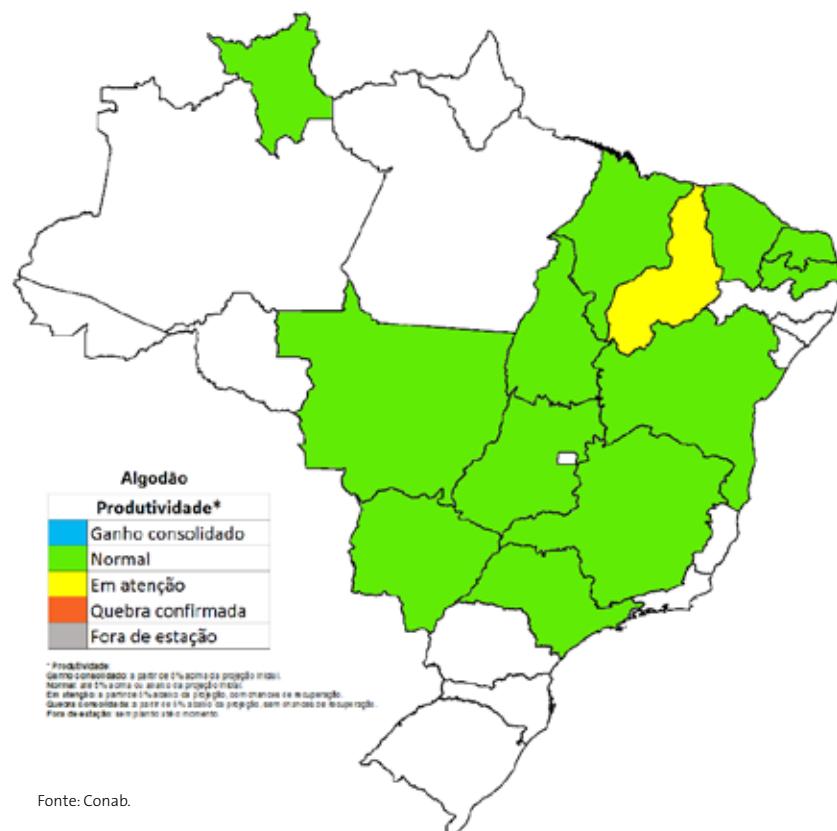


Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 30 – Mapa da estimativa de produtividade- Algodão



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Noroeste de Minas		PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C	C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Leste Goiano - 1ª Safra		PP/P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas

Favorável

Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.887	39,5	21,7	28,4	30,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	2.703	3.924	45,2	709,0	905,5	27,7
MA	20,9	22,5	7,6	3.949	3.933	(0,4)	82,5	88,5	7,3
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.013	148,6	6,7	16,9	152,2
CE	0,3	0,4	19,5	534	1.080	102,2	0,2	0,4	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.461	3,7	1,3	1,3	-
PB	0,1	0,4	300,0	414	792	91,3	-	0,3	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	2.629	3.959	50,6	618,3	798,1	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	3.653	3.973	8,8	2.412,7	2.712,2	12,4
MT	600,8	627,8	4,5	3.664	3.955	7,9	2.201,3	2.482,9	12,8
MS	29,9	28,6	(4,3)	4.090	4.300	5,1	122,3	123,0	0,6
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.056	35,2	89,1	106,3	19,3
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	3.400	3.696	8,7	80,9	69,1	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	3.420	3.750	9,6	67,0	60,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	3.305	3.377	2,2	13,9	9,1	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	2.706	3.923	45,0	730,7	933,9	27,8
CENTRO-SUL	685,1	701,3	2,4	3.643	3.966	8,9	2.495,6	2.781,3	11,4
BRASIL	955,2	939,4	(1,7)	3.378	3.955	17,1	3.226,3	3.715,2	15,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

58 Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 4 - Safra 2016/17, n.10 - Décimo levantamento, julho 2017



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.526	36,9	8,7	11,2	28,7
RR	-	2,5	-	-	1.596	-	-	4,0	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.081	1.569	45,2	283,6	362,2	27,7
MA	20,9	22,5	7,6	1.580	1.573	(0,4)	33,0	35,4	7,3
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.205	148,5	2,7	6,7	148,1
CE	0,3	0,4	19,5	187	378	102,1	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.695	3,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,4	300,0	145	277	91,0	-	0,1	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.052	1.584	50,6	247,3	319,3	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	1.460	1.587	8,7	963,9	1.083,7	12,4
MT	600,8	627,8	4,5	1.466	1.582	7,9	880,5	993,2	12,8
MS	29,9	28,6	(4,3)	1.616	1.699	5,1	48,3	48,6	0,6
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.598	35,2	35,1	41,9	19,4
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	1.357	1.476	8,8	32,3	27,6	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	1.368	1.500	9,6	26,8	24,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	1.305	1.334	2,2	5,5	3,6	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.082	1.568	44,9	292,3	373,4	27,7
CENTRO-SUL	685,1	701,3	2,4	1.455	1.585	8,9	996,9	1.111,3	11,5
BRASIL	955,2	939,4	(1,7)	1.350	1.580	17,1	1.289,2	1.484,7	15,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.361	41,2	13,0	17,2	32,3
RR	-	2,5	-	-	2.604	-	-	6,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
NORDESTE	262,3	230,8	(12,0)	1.622	2.354	45,2	425,4	543,3	27,7
MA	20,9	22,5	7,6	2.369	2.360	(0,4)	49,5	53,1	7,3
PI	5,5	5,6	1,8	727	1.808	148,7	4,0	10,2	155,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	702	102,3	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.766	3,8	0,8	0,8	-
PB	0,1	0,4	300,0	269	515	91,4	-	0,2	-
BA	235,2	201,6	(14,3)	1.577	2.375	50,6	371,0	478,8	29,1
CENTRO-OESTE	660,4	682,6	3,4	2.194	2.386	8,8	1.448,8	1.628,5	12,4
MT	600,8	627,8	4,5	2.198	2.373	8,0	1.320,8	1.489,7	12,8
MS	29,9	28,6	(4,3)	2.474	2.602	5,2	74,0	74,4	0,5
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.458	35,2	54,0	64,4	19,3
SUDESTE	23,8	18,7	(21,4)	2.043	2.220	8,7	48,6	41,5	(14,6)
MG	19,6	16,0	(18,3)	2.052	2.250	9,6	40,2	36,0	(10,4)
SP	4,2	2,7	(35,7)	2.000	2.043	2,2	8,4	5,5	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,1	(11,8)	1.623	2.355	45,1	438,4	560,5	27,9
CENTRO-SUL	685,1	701,3	2,4	2.187	2.381	8,9	1.498,7	1.670,0	11,4
BRASIL	955,2	939,4	(1,7)	2.028	2.375	17,1	1.937,1	2.230,5	15,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017..



9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 27 de junho de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 22,93 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 24,57 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 7,1% na produção. Comparando-se à estimativa para a safra 2017/18 com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,30 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 15,35%

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab, a intenção de plantio para a safra 2016/17 é de 1.484,7 mil toneladas, esse valor é 15,2% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda em cerca de 1,7% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 939,4 mil hectares, um aumento significativo na produtividade, em cerca de 17%, deverá compensar as perdas de área. O clima favorável nas principais regiões produtoras foi o principal responsável por esse aumento na produção.

Embora o mercado esteja no início da entrada da nova safra, os vendedores seguem firmes nas suas pedidas,

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,31 milhões de toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 24,73 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,38 milhão de toneladas de algodão. Assim, os estoques mundiais de algodão deverão terminar essa safra no menor patamar dos últimos seis anos.

sendo provável que eles continuem assim até que a colheita se intensifique. Do lado comprador, tudo segue como nos últimos meses, as pequenas e médias empresas com baixa atividade no mercado, enquanto as de grande porte utilizam os seus próprios estoques esperando o recuo dos preços com a entrada da colheita. A expectativa do mercado é que os preços internos recuem a partir do final de julho, com a entrada significativa do algodão da nova safra. O desenvolvimento da lavoura continua bom, com os tratos culturais sendo feitos dentro da normalidade.

Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (¹)	2017 (²)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.740,9
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.484,70
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.111,3
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	373,4
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	55,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.330,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	700,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	630,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	410,9
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,7

Legenda: (¹) preliminar (²) estimativa.

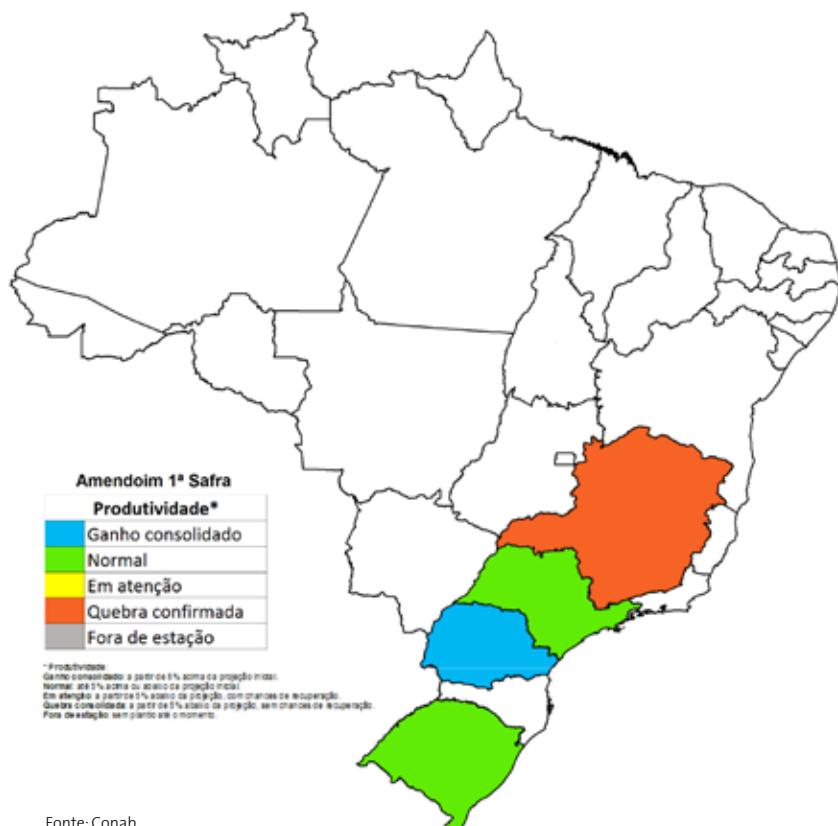
Fonte: Conab / Secex / SRF-MF / Sinditextil-Abit / Anea / Cooperativas / Icac.



9.1.2. AMENDOIM

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 31 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	113,3	7,8	3.543	3.713	4,8	372,4	420,7	13,0
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	103,1	110,7	7,4	3.538	3.715	5,0	364,8	411,3	12,7
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	118,7	7,6	3.524	3.701	5,0	388,8	439,3	13,0
BRASIL	110,3	118,7	7,6	3.524	3.701	5,0	388,8	439,3	13,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

A produção de amendoim segunda safra é estimada em 27,9 mil toneladas, cultivada em uma área de 11 mil hectares, com produtividade média de 2.534 kg/ha.

Em São Paulo o amendoim se encontra praticamente todo colhido. Apresenta redução de 3,9% na área plantada. Os produtores da região norte e noroeste do estado, na hora do plantio, tiveram certa restrição ao incremento da área devido ao grande risco de ausência de chuvas no período do seu desenvolvimento. Quanto à produtividade, esta apresenta redução de 1% em relação à última safra. A segunda safra, também chamada de safra da seca, tem menor produção do que a primeira safra, por não encontrar condições climáticas tão ideais que o cultivo de amendoim requer.

Em Tocantins, nessa safra, a estimativa da área plantada é de 0,3 mil hectares. A queda na área plantada foi de 57,1% em relação à safra anterior, influenciada pela substituição da cultura de amendoim pela soja, que é considerada como de melhor retorno ao capital investido. A cultura já foi toda colhida e comercializada. Quanto à produtividade foi constatado aumento significativo de 175,9%, atingindo 4.800 kg/ha em relação à safra passada devido às melhores condições climáticas e à utilização de sementes de melhor qualidade. Em relação à produção, apesar da redução da área de cultivo, é esperado aumento de 16,7% comparado à última safra em razão

da boa produtividade nessa safra.

No Ceará, o amendoim é semeado em regiões que são tipicamente mais úmidas, localizadas no Cariri cearense e na Serra da Ibiapaba. O cultivo desse grão no estado é realizado em propriedades familiares, em localidades onde muitos moradores, por tradição, plantam essa leguminosa. Grande parte da semente utilizada pelos produtores é crioula e, em menor escala, uma cultivar desenvolvida pela Embrapa. A BR-1, do grupo Valência, está sendo semeada na região por apresentar boa produtividade nas condições ambientais locais. O preparo do solo das lavouras dessa cultura é mecanizado em grande parte das áreas, porém, ainda se encontra áreas onde é realizado de forma manual, com o instrumento agrícola denominado “matraca”. Alguns agricultores plantam em consórcio com outras culturas anuais. Estima-se que a área semeada de amendoim segunda safra, no estado, foi de 0,3 mil hectares e já se encontram totalmente colhidas. A produtividade foi de 1.173 kg/ha e a estimativa de produção é de 0,4 mil toneladas.

A Paraíba, que em outras safras já chegou a mais de mil hectares cultivados com amendoim, tem para essa safra uma sinalização de plantio de 0,4 mil hectares e uma estimativa de produtividade de 796 kg/ha. Na área em que já foi plantada, a cultura vem se apresentando em boas condições, predominando o estádio de frutificação.



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
AL	Agreste Alagoano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M	C	
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M	C	
	Marília						P	DV	F	FR	M	C	
	Assis						P	DV	F	FR	M	C	

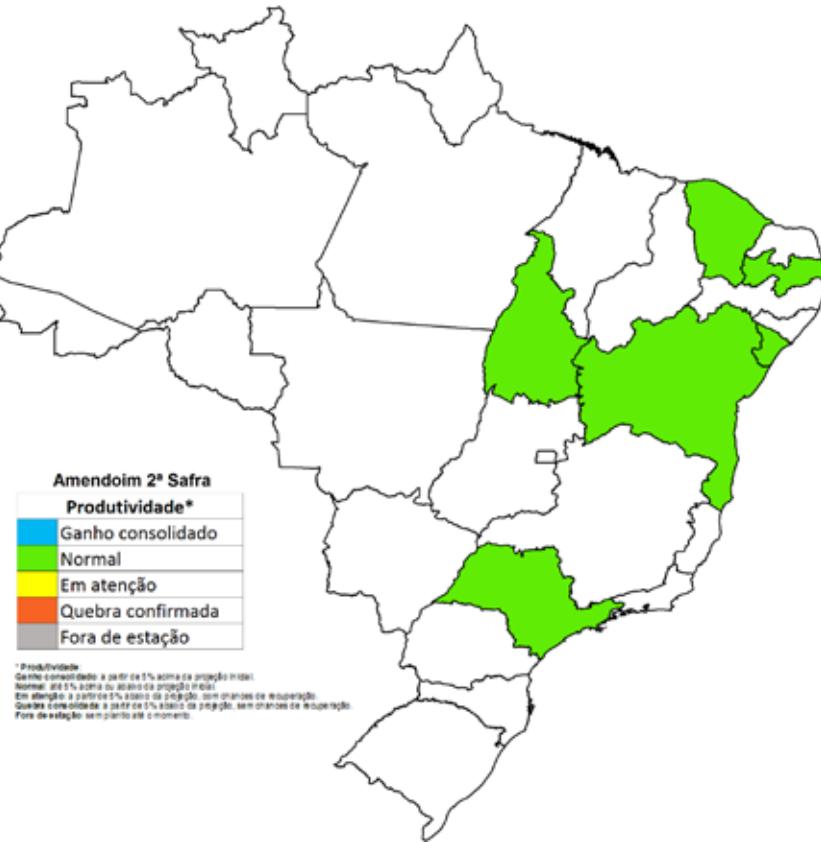
Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

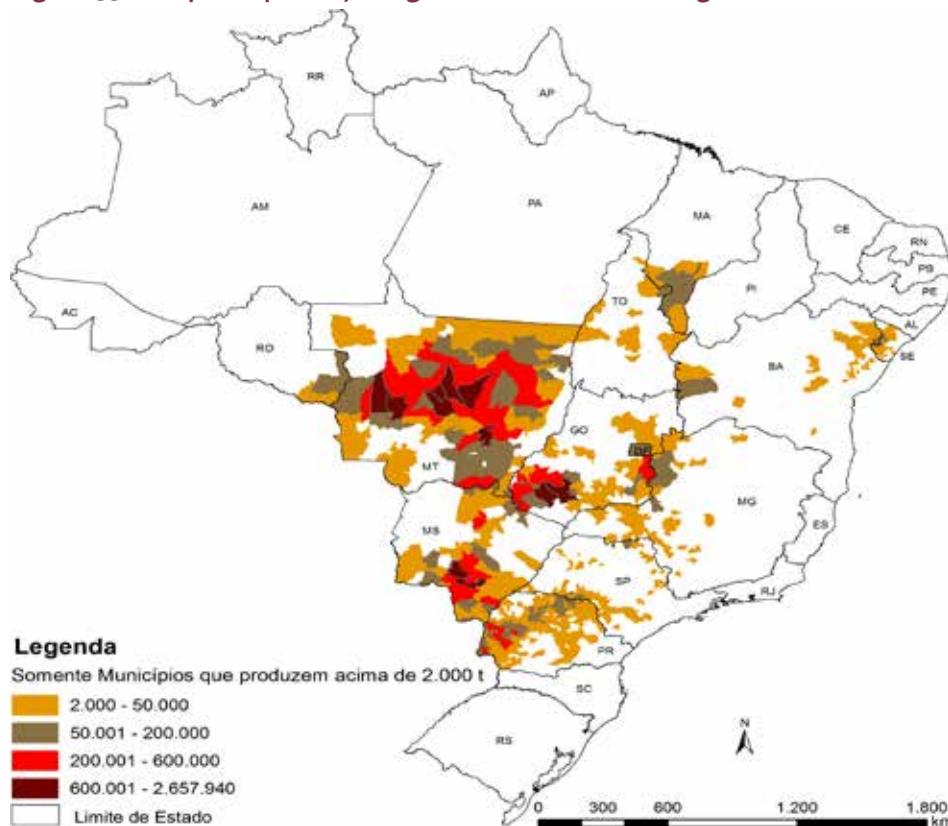
Figura 32 – Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.



Figura 33 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.169	18,2	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	(16,3)	368	1.173	218,8	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(12,8)	433	796	83,8	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
SUDESTE	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.465	(1,0)	12,7	12,1	(4,7)
SP	5,1	4,9	(3,9)	2.490	2.465	(1,0)	12,7	12,1	(4,7)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.472	31,7	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	5,2	7,4	42,3	2.469	3.051	23,6	12,8	22,6	76,6
BRASIL	9,3	11,0	18,3	1.873	2.534	35,3	17,3	27,9	61,3

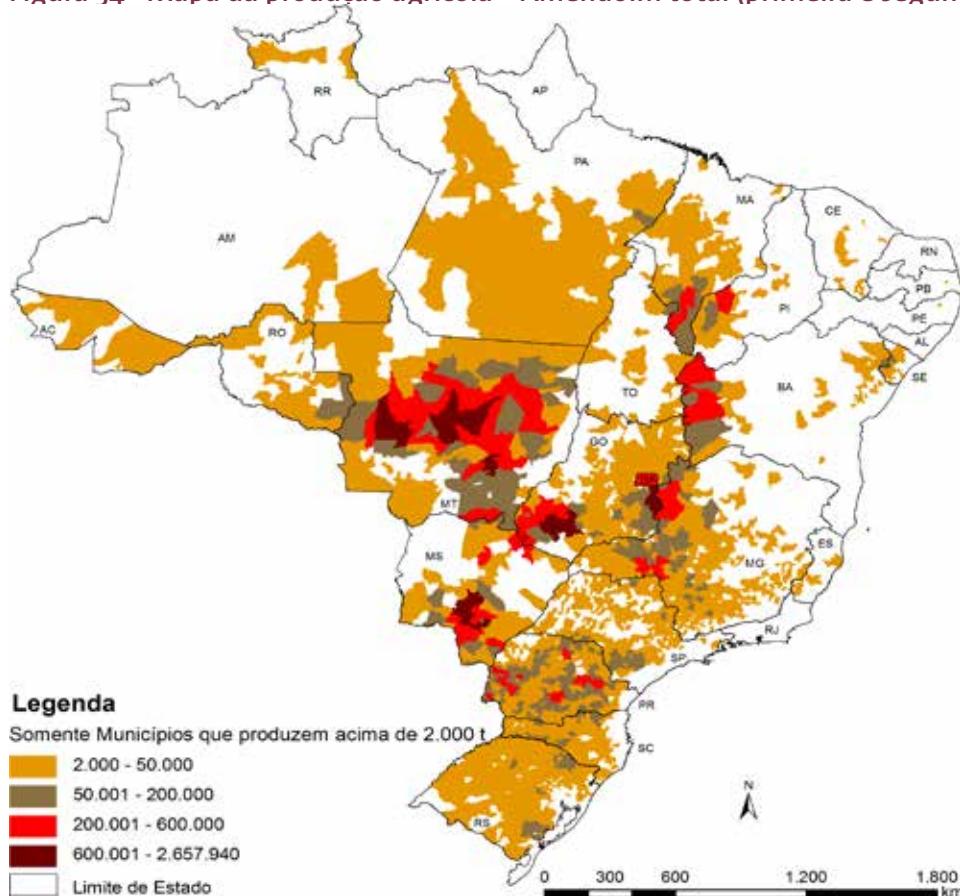
Fonte: Conab

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 34 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	4.800	175,9	1,2	1,4	16,7
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.169	18,2	3,3	3,9	18,2
CE	0,3	0,3	-	368	1.173	218,8	0,1	0,4	300,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	796	83,8	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	2,5	2.400,0	1.403	4.200	199,4	0,1	10,5	10.400,0
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MS	-	2,5	-	-	-	-	-	10,5	-
SUDESTE	110,2	118,2	7,3	3.494	3.661	4,8	385,1	432,8	12,4
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.615	(4,9)	7,6	9,4	23,7
SP	108,2	115,6	6,8	3.489	3.662	5,0	377,5	423,4	12,2
SUL	5,2	5,4	3,8	3.149	3.447	9,5	16,4	18,6	13,4
PR	1,8	2,0	11,1	2.674	3.406	27,4	4,8	6,8	41,7
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.472	31,7	4,5	5,3	17,8
CENTRO-SUL	115,5	126,1	9,2	3.477	3.663	5,3	401,6	461,9	15,0
BRASIL	119,6	129,7	8,4	3.396	3.602	6,1	406,1	467,2	15,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.3. ARROZ

O décimo levantamento de arroz indica redução de 1,5% na área plantada em relação à safra passada, influenciada principalmente pela diminuição de áreas de plantio em sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em áreas irrigadas, o que ajuda a explicar a estimativa de aumento de produtividade em 18%. A produção deve chegar a 12.318,2 mil toneladas, aumento de 16,2% em relação à safra passada.

A Região Sul, onde está concentrada a maior parte da produção do país, deve ter 1,9% de incremento de área em relação à safra passada. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro.

No Rio Grande do Sul, a colheita da safra 2016/17 foi finalizada, dadas às condições favoráveis dos últimos dias, totalizando 8.728,6 mil toneladas em uma área de 1.100,7 mil hectares e produtividade de 7.930 kg/ha. O aumento de produtividade desse levantamento em relação ao anterior se deve, principalmente, à não confirmação das possíveis perdas que poderiam ocorrer pelo excesso de chuvas no período final da colheita na região da fronteira oeste. Áreas em que houve alagamentos e inundações foram possíveis de ser colhidas, evitando perdas mais severas.

Em Santa Catarina, com o término da colheita principal de arroz, um levantamento de campo detalhado foi realizado pelos informantes e se ajustou os dados referentes à safra de arroz 2016/17. Assim, as informações de produtividade média das lavouras passou para 7.638 kg/ha, representando um aumento de 7% em relação à safra passada, resultando na produção de 73,5 mil toneladas a mais de arroz nessa safra. As altas produtividades, assim como a excelente qualidade dos grãos colhidos, devem-se principalmente ao clima favorável e à baixa incidência de pragas e doenças ao longo de toda a safra. Na região norte do estado, onde a prática do cultivo da soca ou rebrota é comum, as chuvas excessivas prejudicaram a colheita e produtividade em alguns locais, entretanto, esse fator não teve influência na produtividade média do estado.

A Região Norte é a segunda maior produtora nacional de arroz e, mesmo com redução de 1,3% na área plantada, a expectativa é de aumento de produção em 6,1% em relação à safra passada.

Em Tocantins há o plantio em sequeiro e irrigado, com uma produção estadual estimada em 676,1 mil toneladas. A safra de sequeiro é tradicionalmente realizada por agricultores familiares, para o consumo próprio, e pela agricultura empresarial, para a abertura de área para o cultivo de soja. Nessa safra observa-se

redução de 23,5% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para esse segmento é influenciada, em parte, pela diminuição de abertura de áreas para cultivo de soja e também pelo maior emprego de tecnologia por alguns produtores, que conseguem um retorno econômico maior com a soja no primeiro ano de cultivo. O arroz em sequeiro já teve toda sua área cultivada colhida. Com o clima mais regular, nessa temporada, a expectativa é de uma produtividade média de 34,9% maior que na safra anterior. Com relação ao plantio irrigado houve incremento de 8% na área cultivada e aumento de 2,3% na produtividade, com isso, há um crescimento de produção em 10,5% ante à última safra. A colheita do arroz irrigado terminou em maio. Foi relatado que a alteração da tributação estadual na comercialização de arroz em Tocantins tem desestimulado a comercialização para outras Unidades da Federação, o que justifica a retração do nível de comercialização em relação à safra anterior.

No Pará, o cultivo de arroz ocupa a área de 68,7 mil hectares. A colheita está avançada e concluída em aproximadamente 97% da área plantada, restando poucas áreas a colher na porção norte da mesorregião do sudeste paraense. A estimativa de rendimento é de 2.694 kg/ha e a produção esperada é de 185,1 mil toneladas. Os números da safra atual mostram redução de 5,8% na área cultivada em razão do abandono de algumas áreas por falta de chuvas, e aumento de 0,8% na produção devido ao ganho de produtividade de 6,9% em relação à safra passada. O ganho de rendimento se justifica, em parte, pelas boas condições de chuva em que se deu o desenvolvimento da cultura. Os campos de arroz de sequeiro estão distribuídos por todo o estado em plantio convencional. Já os campos de arroz irrigado se concentram na Mesorregião do Marajó, nos municípios de Cachoeira do Arari e Salvaterra.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 11,6%, enquanto a área sob cultivo irrigado é 158,1% maior em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, a área estimada cultivada com arroz é de 160,2 mil hectares. As áreas de arroz de sequeiro estão reduzindo, enquanto as áreas de cultivo irrigado estão sob expansão. A colheita de arroz de sequeiro, nos 149,3 mil hectares semeados, está quase toda colhida. Apesar da menor área destinada ao arroz de sequeiro, espera-se que na safra 2016/17 a produção seja de 488,8 mil toneladas, volume 13,5% maior que na última safra. Tal variação positiva se deve ao de-



semepnho produtivo do cultivo de arroz mato-grossense, beneficiado pelas boas condições climáticas. Assim, a produtividade média deverá ser de 3.274 kg/ha, rendimento de 14,4% superior à safra anterior. Já as lavouras de arroz irrigado são plantadas somente na segunda safra, em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A área cultivada sob pivôs no estado, na safra 2016/17, é de 10,9 mil hectares, ante aos 2 mil hectares da safra anterior. O rendimento médio na atual safra é de 3.815 kg/ha, com a colheita na fase final. Dessa maneira, estima-se produção de 41,6 mil toneladas de arroz irrigado em Mato Grosso. Na safra 2016/17 não houve a necessidade de uso dos pivôs, tendo em vista a regularidade das precipitações pluviométricas.

Em Goiás, a maior parte do arroz produzido é plantado sob condições de irrigação, por meio do sistema de inundação. A área plantada sob esse sistema é estimada em 14,9 mil hectares e a produção em 93,9 mil toneladas, realizada em calendário escalonado, com plantio e colheita ocorrendo em diferentes períodos ao longo do ano. Dessa forma, as ofertas desse produto no mercado não são concentradas em um determinado período. Nessa safra, o arroz irrigado apresenta produtividade de 6.300 kg/ha. Já o cultivo de arroz, de sequeiro ou de terras altas, encontra-se sob forte declínio, sendo cultivado em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. O programa Lavoura Comunitária, executado pelo governo estadual, doa sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares, dessa forma, a maior parte do arroz de sequeiro é realizado através desse programa. No entanto, nesse último levantamento, constatamos que não houve distribuição de insumos por parte do governo estadual e, dessa forma, impactando a área, sendo 74,2% menor do que na última safra e a produtividade alcançando 2.300 kg/ha, 41% menor do que na safra passada, de arroz em sequeiro. A produção total do estado é de 109,3 mil toneladas e, embora insuficiente para atender a demanda interna, é destinada ao mercado goiano, ao Distrito Federal e algumas regiões do Nordeste do Brasil.

Na Região Nordeste, tanto as áreas de sequeiro quanto de arroz irrigado apresentam redução, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. Nesse levantamento, a estimativa aponta para redução na área cultivada em 19,2% e, apesar dessa diminuição, a produção deverá ser 10% maior quando comparada ao exercício anterior.

O Maranhão deverá apresentar redução de 22% na área plantada em relação à safra 2015/16. Essa retração é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, mas as áreas

irrigadas também devem sofrer redução em relação à última safra. A produção deve chegar a 253,3 mil toneladas, queda de 5,6% em relação à safra passada, e só não foi menor devido ao aumento de produtividade, 21% maior em relação à safra passada. A área plantada com arroz irrigado equivale 1,4 mil hectares, 1% do total das lavouras de arroz no estado e responsável por 3% da produção, provocada pelo alto rendimento de 5.020 kg/ha. Em relação ao arroz em sequeiro houve redução de 22% na área cultivada e 5,8% na produção em relação à safra passada. A produtividade, por sua vez, não seguiu o mesmo caminho, aumentando 20,7% devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior.

O Piauí deve chegar à produção de 106,2 mil toneladas de arroz, cerca de 77,9% maior em relação à safra passada, que foi severamente castigada pelo regime climático. O arroz irrigado deve ocupar 5,2 mil hectares de área e a produtividade esperada é de 4.453 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.384 kg/ha em uma área de 60 mil hectares. As lavouras de sequeiro se desenvolveram satisfatoriamente e já foram totalmente colhidas.

Sergipe se destaca pelas elevadas produtividades médias e como um dos estados que mais produzem arroz do Nordeste. O cultivo está concentrado no Território do Baixo São Francisco sergipano, representando mais de 60% de toda a produção estadual. A época de plantio da cultura de arroz é muito fragmentada, realizada entre janeiro e setembro em virtude da falta de estrutura nos perímetros irrigados, que não possuem condição para irrigação de todos os lotes ao mesmo tempo. Esses perímetros irrigados concentram a quase totalidade dos cultivos e, assim, a regularidade ou a falta de chuvas dificilmente influenciará decisivamente na produtividade final do grão. O governo estadual tem distribuído sementes de boa qualidade e, aliado ao manejo adequado das lavouras, contribui para a alta produtividade. O plantio, previsto para iniciar em maio, teve início em junho por conta do atraso na entrega das sementes e se encontra com aproximadamente 4% da área prevista plantada, com as demais a serem plantadas ao longo do ano, especialmente entre julho e setembro. O preço pago pelos cerealistas tem atraído maiores investimentos à produção. Apesar da expectativa positiva, a área deve ser reduzida de 5,1 mil hectares, da safra passada, para 4,7 mil hectares, nessa safra, em virtude do avanço do mar sobre o rio São Francisco, causando a salinização de algumas áreas. Espera-se que a produção de arroz no estado seja de 34,1 mil toneladas, com a excelente produtividade média de 7.255 kg/ha.

Em Alagoas, a área total plantada deverá ser de 2,8 mil

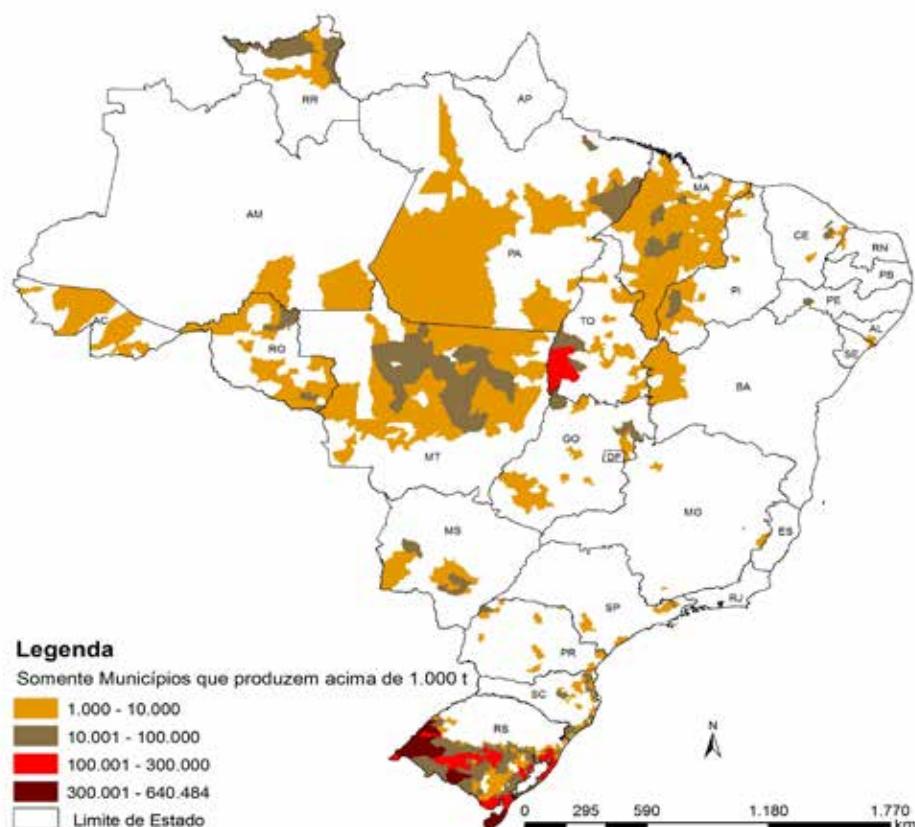


hectares e a estimativa de produtividade é de 6.250 kg/ha, aumento de 9,3% em relação à safra anterior. Trata-se de uma cultura que embora o clima não influencie tanto, por ser irrigado, o clima está favorável, pois havendo chuva em excesso também prejudica a lavoura, principalmente na época da floração e colheita. A produção total é comercializada na própria região, entre Alagoas e Sergipe. Atualmente a cultura passa por uma análise mais apurada dos técnicos da Codevasf que, com o apoio do governo estadual, através da distribuição de sementes selecionadas e assistência técnica da Emater, tenta alavancar a produção do Baixo São Francisco.

Na Bahia, o cultivo de arroz ocupou a área de 8,1 mil hectares em sequeiro, concentrados no extremo-oeste do estado. Espera-se a produtividade de 900 kg/ha. A colheita está finalizada e a estimativa de produção é de 7,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 3,8% na área cultivada e 82,5% na produção em relação à safra passada.

Na Região Sudeste, a cultura de arroz já foi totalmente colhida. A produção esperada é de 54,6 mil toneladas em uma área plantada de 16,1 mil hectares, 6,4% inferior ao se comparar com a safra passada.

Figura 35 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 36 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Fonte: Conab.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC**	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
RS**	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	139,4	(9,9)	2.432	2.507	3,1	376,5	349,5	(7,2)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.300	(3,9)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,5	(3,3)	918	956	4,1	1,4	1,4	-
PA	68,0	63,6	(6,5)	2.413	2.555	5,9	164,1	162,5	(1,0)
TO	35,7	27,3	(23,5)	1.509	2.036	34,9	53,9	55,6	3,2
NORDESTE	266,2	213,3	(19,9)	1.141	1.622	42,1	303,6	345,8	13,9
MA	179,7	140,2	(22,0)	1.456	1.757	20,7	261,6	246,3	(5,8)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	2.027	212,8	3,0	8,3	176,7
PB	0,8	0,9	15,1	197	1.008	411,7	0,2	0,9	350,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	156,0	(11,6)	3.014	3.232	7,2	532,0	504,2	(5,2)
MT	150,5	149,3	(0,8)	2.861	3.274	14,4	430,6	488,8	13,5
GO	26,0	6,7	(74,2)	3.900	2.300	(41,0)	101,4	15,4	(84,8)
SUDESTE	3,3	7,1	115,2	2.221	2.099	(5,5)	7,3	14,9	104,1
MG	1,0	4,7	370,0	800	1.573	96,6	0,8	7,4	825,0
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.467	(0,5)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	2,0	25,0	3.027	3.082	1,8	4,8	6,2	29,2
SUL	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
PR	6,9	5,3	(23,2)	1.920	2.032	5,8	13,2	10,8	(18,2)
NORTE/NORDESTE	421,0	352,7	(16,2)	1.615	1.972	22,1	680,1	695,3	2,2
CENTRO-SUL	186,7	168,4	(9,8)	2.960	3.147	6,3	552,5	529,9	(4,1)
BRASIL	607,7	521,1	(14,3)	2.028	2.351	15,9	1.232,6	1.225,2	(0,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	122,3	10,6	5.799	5.972	3,0	641,3	730,4	13,9
RR	8,6	12,3	43,6	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
PA	4,9	5,1	4,1	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	104,9	8,0	5.781	5.915	2,3	561,3	620,5	10,5
NORDESTE	17,1	15,5	(9,4)	5.260	5.616	6,8	90,1	87,1	(3,3)
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.453	5,7	24,9	23,2	(6,8)
CE	-	0,2	-	-	5.800	-	-	1,2	-
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(8,1)	5.720	6.250	9,3	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.255	-	37,0	34,1	(7,8)
CENTRO-OESTE	16,0	41,3	158,1	4.753	5.532	16,4	76,0	228,5	200,7
MT	2,0	10,9	445,0	4.000	3.815	(4,6)	8,0	41,6	420,0
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	14,9	-	-	6.300	-	-	93,9	-
SUDESTE	13,9	9,0	(35,3)	3.399	4.401	29,5	47,3	39,6	(16,3)
MG	5,5	1,3	(76,4)	2.580	5.855	126,9	14,2	7,6	(46,5)
SP	8,4	7,7	(8,3)	3.935	4.156	5,6	33,1	32,0	(3,3)
SUL	1.242,7	1.267,9	2,0	6.853	7.893	15,2	8.515,7	10.006,9	17,5
PR	19,3	19,8	2,7	5.533	7.704	39,2	106,8	152,5	42,8
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	127,7	137,8	7,9	5.727	5.932	3,6	731,4	817,5	11,8
CENTRO-SUL	1.272,6	1.318,2	3,6	6.788	7.795	14,8	8.639,0	10.275,0	18,9
BRASIL	1.400,3	1.456,0	4,0	6.692	7.618	13,9	9.370,4	11.092,5	18,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16 (a)	Safra 16/17 (b)	VAR % (b/a)	Safra 15/16 (c)	Safra 16/17 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 15/16 (e)	Safra 16/17 (f)	VAR % (f/e)
NORTE	265,4	261,7	(1,4)	3.835	4.127	7,6	1.017,8	1.079,9	6,1
RR	8,6	12,3	43,0	7.023	7.100	1,1	60,4	87,3	44,5
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.956	(13,6)	145,8	120,0	(17,7)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.300	(3,9)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,5	-	918	956	4,1	1,4	1,4	-
PA	72,9	68,7	(5,8)	2.520	2.694	6,9	183,7	185,1	0,8
TO	132,8	132,2	(0,5)	4.633	5.114	10,4	615,2	676,1	9,9
NORDESTE	283,3	228,8	(19,2)	1.389	1.892	36,2	393,7	432,9	10,0
MA	181,5	141,6	(22,0)	1.478	1.789	21,0	268,3	253,3	(5,6)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.629	115,8	59,7	106,2	77,9
CE	4,7	4,3	(8,5)	648	2.202	239,9	3,0	9,5	216,7
RN	1,0	1,0	-	2.931	3.309	12,9	2,9	3,3	13,8
PB	0,8	0,9	12,5	197	1.008	411,7	0,2	0,9	350,0
PE	0,3	0,2	(33,3)	4.500	4.000	(11,1)	1,4	0,8	(42,9)
AL	3,0	2,8	(6,7)	5.720	6.250	9,3	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	4,7	(7,8)	7.255	7.255	-	37,0	34,1	(7,8)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	197,3	2,5	3.159	3.713	17,6	608,0	732,7	20,5
MT	152,5	160,2	5,0	2.876	3.311	15,1	438,6	530,4	20,9
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	21,6	(16,9)	3.900	5.059	29,7	101,4	109,3	7,8
SUDESTE	17,2	16,1	(6,4)	3.173	3.386	6,7	54,6	54,5	(0,2)
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.501	8,4	15,0	15,0	-
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.467	(0,5)	0,5	0,2	(60,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,7	(3,0)	3.790	3.935	3,8	37,9	38,2	0,8
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.868	15,3	8.528,9	10.017,7	17,5
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.506	42,0	120,0	163,3	36,1
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.638	7,0	1.052,3	1.125,8	7,0
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.930	16,0	7.356,6	8.728,6	18,6
NORTE/NORDESTE	548,7	490,5	(10,6)	2.572	3.084	19,9	1.411,5	1.512,8	7,2
CENTRO-SUL	1.459,3	1.486,6	1,9	6.299	7.268	15,4	9.191,5	10.804,9	17,6
BRASIL	2.008,0	1.977,1	(1,5)	5.280	6.230	18,0	10.603,0	12.317,7	16,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

Em maio, o Brasil exportou 77,2 mil toneladas de arroz base casca e importou 110,5 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$ 548,60 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em abril, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 51,9 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 378,49 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo, Minas Gerais e Maranhão. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação e exportação de mil toneladas, pois se identifica uma recuperação da produção interna e um arrefecimento do real.

Acerca do consumo, este foi consolidado em torno de 11,4 milhões de toneladas para a safra 2015/16 em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo levemente superior em virtude da amena recuperação econômica. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 16,2% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 12,3 milhões toneladas. Essa expansão da produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 1.249 mil toneladas para a safra 2016/17.



Tabela 15 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17 (**)	430,8	12.318,2	1.000,0	13.749,0	11.500,0	1.000,0	1.249,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A área semeada com do feijão primeira safra (safra 2016/17) foi de 1.110 mil hectares, 13,4% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para essa cultura está em 1.249 kg/ha, na média nacional, 18,2% acima da obtida na última temporada. Com esses resultados de área e

produtividade, a produção nacional foi de 1.386,6 mil toneladas, representando acréscimo de 34,1% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura. As boas condições favoreceram a cultura.

Feijão-comum cores

Houve incremento de 16,5% na área semeada com o feijão-comum cores. Para o exercício 2016/17 a área foi de 477,5 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento da produtividade em 11% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.619 kg/ha para 1.796 kg/ha. A produção apresentou acréscimo de 29,2%, atingindo 857,4 mil toneladas.

No Paraná o produto já estava colhido desde março e atualmente está com a comercialização avançada, quase concluída. Os preços pagos ao produtor, de R\$ 2,00 a 2,50 por quilo, foram bem abaixo do esperado, pois houve muita oferta do grão. A qualidade, no geral, foi boa, haja vista que o tempo mais seco na colheita favoreceu a qualidade do produto. O incremento da área plantada/colhida se reverteu em aumento de produtividade, a qual ficou em 1.812 kg/ha, ou seja, 13% superior em relação à safra passada.

No Espírito Santo a produção de feijão-comum cores foi de 1,7 mil toneladas para a safra 2016/17, inferior em 52,8% em relação à safra 2015/16 devido à redução na área plantada em 38% e redução na produtividade em 23,6%. Tal redução é decorrente da escassez de chuvas, o que prejudicou o plantio.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro de 2017, cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão-comum cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

No Bahia o cultivo de verão do feijão-comum cores ocupou a área de 57 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os plantios irrigados foram realizados em sucessão à lavoura de soja, e obteve-se um rendimento de 999 kg/ha. A colheita foi finalizada e a produção foi de 56,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 68,8% na produção em relação à safra passada. No entanto, cerca de 50% das áreas cultivadas sofrem com restrição hídrica, havendo microrregiões com médias produtivas de 120 kg/ha.

Na Região Centro-Oeste se observou incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%) em relação ao exercício passado, impulsionado pelo clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.



No Distrito Federal a área semeada na primeira safra de feijão total foi a mesma cultivada na safra anterior, 12.110 hectares. A produtividade média registrou 1.875 kg/ha, superior em 27,6% à obtida na safra passada, que foi severamente atacada pelas condições climáticas (falta de chuvas) e ataques da mosca-branca.

Os atuais índices de produtividade de feijão-comum cores resultaram em uma produção de 20.708 toneladas, superior em 27,8% à obtida na safra 2015/16. A colheita foi finalizada, sendo considerado o produto de boa qualidade. Os negócios que ocorreram ficaram entre R\$ 180,00/200,00 a saca de 60 quilos. A área segregada com feijão primeira safra em cores e preto corresponde a 90% e 10% respectivamente. Nessa pri-

meira safra não se verificou o plantio de feijão-caupi.

Em Mato Grosso o fechamento da cultura de feijão-comum cores primeira safra 2016/17 foi positiva. A produtividade registrada foi de 1.998 kg/ha, ante aos 1.872 kg/ha da safra passada, aumento de 6,7%. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, incremento de 131,6% em relação aos 1,9 mil hectares cultivados no período 2015/16. O aumento da área dedicada à cultura foi devido aos bons preços pagos pelo produto na época do plantio, gerando grandes expectativas por parte dos produtores rurais. A partir disso, registrou-se produção de 8.8 mil toneladas, volume 144,4% superior às 3,6 mil toneladas da safra passada.

Feijão-comum preto

No Brasil houve queda de 3,5% na área plantada de feijão-preto, alcançando 174,2 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, obteve-se aumento na produtividade de 14,1%, saindo de 1.601 kg/ha para 1.826 kg/ha, e a produção foi 318,2 mil toneladas, aumento de 10,1% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, seguiu a mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão-comum cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. A produção alcançou 307,8 mil toneladas, ou seja, cerca de 8,8% de aumento e cerca de 95% da oferta do feijão-preto no país.

Feijão-caupi

Durante a primeira safra o feijão-caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A área e a produtividade total de feijão-caupi cresceram 18,1% e 118,8%, respectivamente, em face das condições climáticas mais favoráveis nessa safra. O quadro climático apresentou-se favorável e a produção foi superior em 158,3%, alcançando 211 mil toneladas.

Na Região Norte/Nordeste, principal região produtora de feijão-caupi, o plantio da safra 2016/17 iniciou-se em novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão-caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A produção foi de 195,9 mil toneladas numa área de 437,6 mil hectares.

Na Bahia, o cultivo de verão do feijão-caupi ocupou a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro

No Paraná a área total cultivada foi de 112 mil hectares e o produto está praticamente todo comercializado. A produtividade foi de 1.929 kg/ha. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso.

A área cultivada na Região Sudeste apresentou incremento de 111,4% da área plantada com a leguminosa para o exercício 2016/17. No Rio de Janeiro a cultura é basicamente plantada por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. As lavouras estão colhidas e o preço médio do produto colhido está em torno de R\$ 2,58 por quilo.

foram realizados em novembro e dezembro, e os irrigados no final de fevereiro. O rendimento observado foi de 504 kg/ha (8,4 sc/ha) e uma produção de 85,6 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e aumento de 160,2% na produção em relação à safra passada.

No Maranhão a área total semeada foi de 36,4 mil hectares, com produtividade média igual a 570 kg/ha e uma produção de 20,7 mil toneladas. Em relação à safra 2015/16, o aumento de produtividade atinge 21,8%, refletindo em 50% no incremento da produção, impulsionados pelas boas condições meteorológicas da safra corrente. Em relação ao levantamento passado, a área permanece inalterada, porém com o avanço da colheita observou-se um leve aumento da produtividade e consequentemente da produção, ambas atingindo o percentual de 0,9%. Nesse estado o grão está sendo comercializado em torno de R\$ 2,00 o quilo na região de Balsas e em média de R\$ 4,00 a R\$ 5,00 o quilo na região de Chapadinha.



Em Mato Grosso o balanço da safra 2016/17 foi favorável para a cultura. A área plantada teve aumento de 60% devido às expectativas de preços elevados da variedade do feijão, saltando de 4 mil hectares, no período 2015/16, para 6,4 mil hectares no atual. A produ-

tividade registrou bons números, com rendimento médio de 1.200 kg/ha, desempenho 66,7% superior aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior, a qual registrou baixos índices pluviométricos, que afetaram significativamente o rendimento da lavoura.

Figura 37 – Lavoura de feijão-caupi em estágio de maturação em Luís Eduardo Magalhães-BA



Fonte: Conab.

Figura 38 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

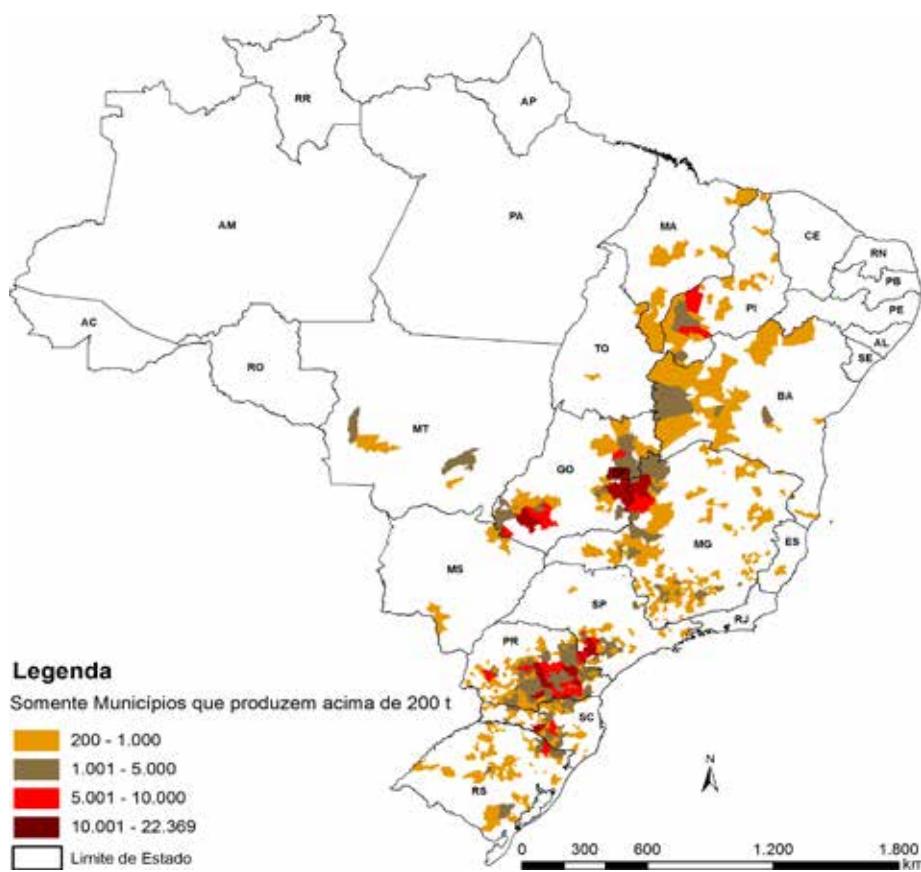


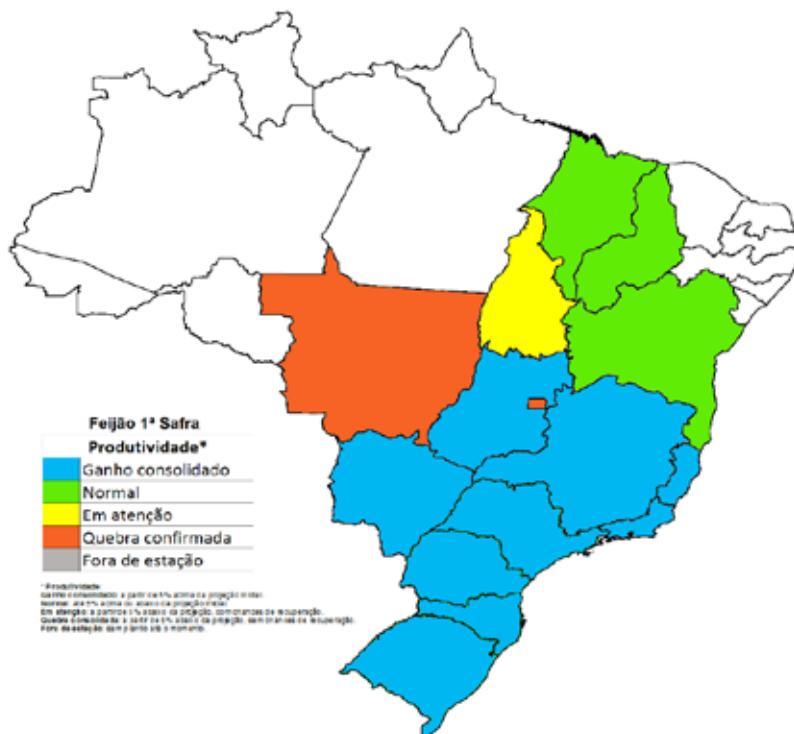
Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	649	(9,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	490,2	13,9	255	510	100,0	109,8	250,2	127,9
MA	29,5	36,4	23,4	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	189,2	226,9	19,9	352	628	78,4	66,6	142,6	114,1
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	247,3	22,2	1.561	1.651	5,7	315,8	408,2	29,3
MG	146,6	161,0	9,8	1.306	1.213	(7,2)	191,4	195,2	2,0
ES	4,9	4,6	(6,1)	1.239	1.160	(6,3)	6,1	5,3	(13,1)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	270,9	287,2	6,0	1.680	1.907	13,5	455,0	547,6	20,4
PR	181,4	194,1	7,0	1.575	1.880	19,3	285,7	364,8	27,7
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	495,0	13,8	260	512	96,7	113,1	253,3	124,0
CENTRO-SUL	543,8	616,0	13,3	1.694	1.843	8,8	921,2	1.135,3	23,2
BRASIL	978,6	1.111,0	13,5	1.057	1.250	18,3	1.034,3	1.388,6	34,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Figura 39 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C		C				
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	P	DV	F	FR	M	C						
	Assis	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Itapetininga	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Oeste Paranaense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	927	(4,6)	4,3	8,7	102,3
MG	1,6	6,9	330,6	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	1.200	(3,1)	2,5	2,2	(12,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	163,7	(6,4)	1.618	1.880	16,2	283,0	307,8	8,8
PR	125,3	112,0	(10,6)	1.563	1.929	23,5	195,8	216,0	10,3
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.829	14,2	289,1	318,7	10,2
BRASIL	180,5	174,2	(3,5)	1.601	1.829	14,2	289,1	318,7	10,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(56,5)	1.252	1.080	(13,7)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
BA	50,3	57,0	13,3	670	999	49,1	33,7	56,9	68,8
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	223,7	13,4	1.576	1.753	11,2	311,0	392,2	26,1
MG	144,4	139,8	(3,2)	1.316	1.302	(1,1)	190,0	182,0	(4,2)
ES	2,9	2,8	(3,5)	1.239	1.135	(8,4)	3,6	3,2	(11,1)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.552	8,7	117,4	207,0	76,3
SUL	96,0	123,5	28,6	1.792	1.941	8,3	172,0	239,8	39,4
PR	56,1	82,1	46,3	1.603	1.812	13,0	89,9	148,8	65,5
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	1.000	46,9	34,8	57,3	64,7
CENTRO-SUL	358,7	421,1	17,4	1.752	1.904	8,6	628,7	801,6	27,5
BRASIL	409,9	478,5	16,7	1.619	1.795	10,9	663,5	858,9	29,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	18,2	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	433,2	14,0	200	446	122,7	76,1	193,2	153,9
MA	29,5	36,4	23,3	468	570	21,8	13,8	20,7	50,0
PI	211,5	226,9	7,3	139	383	175,5	29,4	86,9	195,6
BA	138,9	169,9	22,3	237	504	112,7	32,9	85,6	160,2
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
MG	0,6	14,3	2.280,0	900	520	(42,2)	0,5	7,4	1.380,0
NORTE/NORDESTE	383,6	437,6	14,1	204	448	119,4	78,3	195,9	150,2
CENTRO-SUL	4,6	20,7	350,0	743	730	(1,8)	3,4	15,1	344,1
BRASIL	388,2	458,3	18,1	210	461	118,8	81,7	211,0	158,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, esse volume da região é quase 77% da produção total, mesmo ocupando apenas 48% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra foi de 1.402,3

mil hectares, o que configura um incremento de 6,9% em relação à safra passada. Estima-se uma produtividade de 27,2% maior em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 885 kg/ha e a produção deve ser 1.241 mil toneladas.

Feijão-comum cores

O feijão cores permanece como na primeira safra, sendo o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 615 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 24% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (5,3%) e produtividade (17,7%).

No Paraná a colheita avança no estado, estando aproximadamente 96% da área colhida. Com relação à safra anterior, houve acréscimo de 18,8% na área plantada, estando em 155,4 mil hectares. Esse aumento ocorreu porque o preço da leguminosa estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição da soja segunda safra. Inicialmente o clima foi favorável à cultura, mas o feijão foi muito prejudicado com a chuva no período da colheita. Com isso, o produto da segunda safra está com uma qualidade ruim, o que faz com que os preços se mantivessem abaixo do esperado. A produtividade média registrada no estado é de 1.557 kg/ha, ou seja, 9,7% abaixo do informado na avaliação anterior em razão do excesso de chuvas ocorridas no período da colheita.

Em Santa Catarina, as lavouras do feijão-comum cores já foram colhidas, e o resultado também ficou abaixo do desejado, apesar de superior à classe preto. As ins-

tabilidade climáticas afetaram o final da colheita e reduziram a produtividade e qualidade dos grãos. Algumas lavouras apresentaram perdas significativas, enquanto outras, apesar de em menor número, deixaram de ser colhidas pela qualidade inviável do produto, o qual geraria mais custo do que receita quando da sua colheita. Assim, a produtividade final deve ficar próxima dos 1.700 kg/ha. Os preços variam de acordo com a qualidade do produto, partindo de R\$ 130,00 a R\$ 170,00 a saca. Muitas empresas estão sem informação de preços, avaliando quase que individualmente o produto ofertado para definir o enquadramento deste e sua cotação, haja vista que a qualidade do feijão-comum cores pode mudar significativamente em razão do tempo de armazenagem, principalmente a cor do tegumento, uma das variáveis levadas em conta no momento da formação do preço.

Em Minas Gerais, diante das condições climáticas favoráveis, espera-se um aumento no rendimento de 15,5% em relação à safra anterior, contudo, a área foi ajustada para 110 mil hectares, de forma que a produção esperada é de 161,8 mil toneladas, 8,7% maior em relação à safra passada. Algumas lavouras já foram colhidas e o restante se encontra em ponto de



colheita.

No Espírito Santo a produção esperada é de 5,2 mil toneladas para a safra 2016/17, superior em 73,3% em relação à safra passada (2015/16) devido ao aumento na área plantada em 20,6% e aumento na produtividade em 47%.

Em São Paulo, os produtores de feijão estão com bons investimentos, com presença constante da assistência técnica, visando boas produtividades. A área semeada obteve crescimento de 1,3%, pois os produtores investiram atraídos pelos preços elevados e também pelo fato de ser uma cultura de ciclo curto e comercialização imediata.

Em Mato Grosso a colheita dos 28,4 mil hectares de feijão-comum cores segunda safra está finalizada. A área dedicada ao feijoeiro é 67,3% maior que os 17 mil hectares cultivados na safra passada devido aos bons preços praticados no mercado. Os talhões já colhidos confirmaram o bom rendimento médio da cultura, de 1.831 kg/ha, 110,9% acima dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16, tendo em vista as boas condições climáticas durante o desenvolvimento da lavoura. Portanto, a produção do ciclo 2016/17 de feijão comum cores segunda safra foi de 52 mil toneladas, índice 253,7% maior do que as 14,7 mil toneladas do período anterior. Em Primavera do Leste, a cotação do grão gira na casa dos R\$ 220,00 e R\$ 185,00 a saca de 60 quilos em Sorriso, na segunda quinzena de junho.

No Mato Grosso do Sul, durante o crescimento da cultura, houve problemas para a aplicação de fitossanitários devido ao excesso de chuvas. No estado, a colheita teve início a partir da segunda semana de junho. No entanto, as precipitações frequentes e o excesso de umidade do ar e do solo, causaram a perda da qualidade dos grãos, com coloração mais escura, o que afeta o preço pago aos produtores, o qual é de aproximadamente R\$ 150,00 por saca. Algumas doenças no final

de ciclo como antracnose e mancha ocular surgiram nos estádios finais de desenvolvimento, porém até o momento não interferiram na produtividade a nível estadual. A partir da quarta semana de junho, predominando o tempo seco, a colheita será intensificada. Aproximadamente 10% da área cultivada de 23 mil hectares já foi colhida. A expansão de área de 64,3% em relação à safra anterior ocorreu devido a melhores perspectivas de mercado e aos baixos preços pagos pelo milho, sendo a cultura do feijão uma boa alternativa financeira. A produtividade de aproximadamente 1.650 kg/ha é 65,5% superior à da safra anterior devido ao bom regime de chuvas nessa atual safra e aos problemas de seca do ano passado.

No Distrito Federal, na safra anterior, a área semeada com feijão segunda safra foi de 800 hectares. Para a safra 2016/17 manteve-se a área cultivada na safra 2015/16. A produtividade média obtida de 2.200 kg/ha é superior à registrada na safra passada, resultando uma produção de 1,8 toneladas superior em 12,5% à obtida na safra passada.

Em Rondônia é semeado exclusivamente feijão de segunda safra. O início do seu plantio normalmente se dá com o final do período das chuvas, que ocorre normalmente em fins de março. Nesse estado é semeado o feijão-comum cores, que representa em torno de 95% de sua produção total. Essa variedade é que mais se adapta às condições do estado, pois parte dele é cultivado nas entrelinhas das lavouras de café. É uma variedade que possui porte baixo e de fácil manejo no momento da colheita. Embora os produtores tenham reduzido a área de semeadura em 7,2%, em função da ausência de sementes recebidas pelo estado como incentivo, se estima um aumento de produtividade (12,7%) e de produção (4,5%). Os técnicos em contato com a Emater de Alto Alegre dos Parecis foram informados que compradores de fora do estado estão comprando parte da produção local.

Figura 40 – Lavoura de feijão em frutificação em Porto Velho-PR



Fonte: Conab.

No Ceará o cultivo do feijão-comum cores sofreu uma redução de área em virtude dos seguidos anos de seca. A semente, que outrora era distribuída pelo governo do estado, não é mais há alguns anos. As áreas onde ainda é realizado o plantio são utilizadas sementes próprias ou adquiridas no comércio local. A área cultivada totaliza 2,8 mil hectares, localizadas na parte norte do estado, na serra da Ibiapaba e adjacências, uma região úmida do estado e na chapada do Araripe. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo.

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de 187 mil toneladas numa área de 130,1 mil hectares.

No Paraná a cultura apresenta área total de 85,3 mil hectares, o que representa 16,8% de incremento com relação à safra anterior, visto que a produtividade média é de 1.572 kg/ha, ou seja, 8,8% inferior ao valor apresentado no levantamento anterior. Essa redução se justifica pelo excesso de chuvas na maturação e colheita, o que fez a qualidade e produtividade reduzir. O aumento da área plantada se deve ao preço da leguminosa que estava atrativo na época do plantio e também devido à proibição da soja segunda safra. Atualmente 96% da área plantada já se encontra colhida.

No Rio Grande do Sul a colheita da cultura do feijão segunda safra alcançou 85% da área plantada. Porém, a área que não foi colhida foi seriamente impactada pelo excesso de chuva ocorrido no final de maio e início de junho, o que acarretou problemas como germinação de grãos na vagem, debulha de grãos e início do processo de apodrecimento e desenvolvimento de fungos. Com isso, a produtividade média foi revisada para baixo, ficando em 1.220 kg/ha, redução de 12,5% em relação ao levantamento anterior e mais de 23,2% em relação à safra anterior. Com as dificuldades verificadas na colheita de segunda safra, a cotação do feijão subiu quase 5% em junho, chegando a R\$ 126,36.

Em Santa Catarina, as lavouras se encontram colhidas e o resultado da safra frustrou alguns produtores em decorrência das más condições climáticas ocorridas nos últimos meses. No final de abril muitas regiões foram atingidas por geadas, as quais comprometeram parte das lavouras ainda em estádios mais atrasados, como floração e formação de grãos, haja vista que es-

Na Paraíba, nas últimas cinco safras, a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas. Na safra passada foram plantados 24 mil hectares, que pelo baixo índice pluviométrico teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra o plantio foi na ordem de 28,5 mil hectares, um acréscimo de 18,8%, com produtividade estimada em torno de 534 kg/ha. Até o momento foram semeados 81% da cultura, que sofre pela deficiência hídrica e já aponta para redução de produtividade, existindo municípios que já apresentam perda total.

sas foram semeadas mais tarde em razão do atraso na implantação das culturas antecessoras. Entre o final de maio e início de junho, precipitações excessivas e longos períodos nublados afetaram todas as regiões produtoras, reduzindo a qualidade das lavouras e dos grãos colhidos. Em alguns locais foram relatadas perdas totais das lavouras, haja vista que o grão já havia se deteriorado ou brotado, resultado do excesso de umidade. Dessa forma, a produtividade atual deve alcançar valores próximos de 1.343 kg/ha, pois parte da área já havia sido colhida antes dos eventos climáticos. O grão de melhor qualidade está sendo cotado entre R\$ 120,00 a R\$ 130,00 a saca, visto que a grande maioria dos produtores já comercializaram seu produto.

Na Região Sudeste, em Minas Gerais, dentre o total da área de feijão de segunda safra 5% se refere a feijão-comum preto, o qual está concentrado nas regiões: Zona da Mata, Central e Rio Doce, onde as colheitas estão em fase de finalização, com relato de boa qualidade dos grãos. A área semeada foi de 5,8 mil hectares, um aumento de 190% e a estimativa para a produtividade é de 916 kg/ha e a produção esperada é de 5,3 mil toneladas, um aumento de 253%.

Na Paraíba a cultura do feijão-preto é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Embora tenha ocorrido redução da área cultivada em 37,2%, estima-se uma produtividade de 379 kg/ha, 238,4% maior do que a safra anterior.

No Rio de Janeiro as áreas tiveram um crescimento em torno de 16% em relação à safra anterior. As lavouras se encontram em fase de frutificação (20%) e maturação (80%).



Feijão-caupi

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi segunda safra está na reta final no estado. A área plantada da cultura para o ciclo 2016/17 é de aproximadamente 189,8 mil hectares, ante aos 169 mil hectares da safra anterior. Esse aumento de 12,3% na área se deve principalmente à boa expectativa de mercado. A estimativa de rendimento para a safra atual é de 1.079 kg/ha, apesar das chuvas excessivas. O rendimento é 42,7% maior que os 756 kg/ha da safra 2015/16. Com

isso, espera-se uma produção de 204,8 mil toneladas do grão, ante aos 127,8 mil toneladas da safra passada. O preço médio é cerca de R\$ 65,00 a saca de 60 quilos em Sorriso e R\$ 80,00 em Primavera do Leste, maiores municípios produtores do grão. Quanto à comercialização estadual do produto, essa é incipiente, com as poucas negociações realizadas, em sua maioria, no mercado futuro, com destino à exportação.

Figura 41 – Feijão-caupi colhido em Querência-MT



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, colheu-se uma área irrigária de 70 ha na qual foi produzido 81 mil quilos. De modo geral, não se planta o feijão-caupi na segunda safra devido aos problemas climáticos que permanecem como desmotivador na região. A qualidade dos grãos é boa, entretanto, no Triângulo Mineiro há ocorrência de mofo branco. O aparecimento da doença foi favorecido pela alta umidade do ar, temperaturas amenas, e pela falta de manejo adequado. O nível de dano ainda não é passível de ser calculado, contudo, espera-se que as perdas sejam pouco relevantes, já que as condições climáticas contribuíram para o melhor vigor da cultura e a doença apareceu no final do ciclo.

Em Tocantins, a área cultivada com feijão na segunda

safra teve incremento de 126,7% (13,4 mil hectares), se comparada à safra passada. Esse fato se deu devido às boas expectativas futuras em relação aos preços e ao mercado nordestino. Para essa safra é esperada que a produção total de feijão seja 101,9% maior em relação à safra passada em razão do incremento da área de cultivo. Houve o plantio de feijão-comum cores em algumas áreas dotadas de pivô central. Para algumas regiões a colheita já está em andamento e em casos excepcionais já se encerraram, porém, grande parte do feijão cultivado na porção sudoeste do estado são subirrigadas, cultivadas nos tabuleiros de arroz e, por isso, apresentam um plantio mais tardio e representam um grande percentual da cultura ainda em desenvolvimento vegetativo, 45,2%.



Figura 42 – Área preparada para o plantio do feijão cores em Ribeira do Pombal-BA



Fonte: Conab.

Em Pernambuco, em junho, as chuvas ficaram acima da média esperada para a maior parte todo estado. Na região do Sertão, apesar das chuvas terem ficado acima da média histórica, se deram de forma mal distribuída e tardia quanto ao estádio de maior necessidade hídrica da cultura, portanto, não foi capaz de reverter a perda já estimada para a produção do feijão na região, a qual oscila em torno de 60% a 70%. Por outro lado, na região Agreste, as precipitações pluviométricas ficaram acima da média na maior parte da sua extensão territorial, principalmente nas regiões produtoras, onde se deram de forma bem distribuída, o que contribuiu para, praticamente, a finalização do plantio, bem como, vêm proporcionando condições normais para o desenvolvimento da cultura e deve resultar numa safra melhor do que à do ano anterior.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras, a cultura do feijão macaçar (caupi) foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo, a área plantada chegava a 170 mil hectares. Na safra passada foram plantados

61,1 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra são estimados o plantio de 65,6 mil hectares, com produtividade estimada em 317 kg/ha. A cultura está principalmente nas fases de frutificação e maturação, com registros de redução de produtividade na maioria dos municípios, existindo localidades onde a cultura não chegou a produzir.

No Maranhão a área total plantada é de 51,4 mil hectares, com produtividade média igual a 699 kg/ha, com uma produção de 35,9 mil toneladas, representando acréscimo em relação à safra passada, 30,4% na produtividade e 40,8% na produção. O plantio foi finalizado no estado e a maior parte das lavouras permanecem em estádios de maturação (51%), enquanto 14% ainda estão em fase de germinação, 4% em desenvolvimento vegetativo, 13% em enchimento de grãos, 16% em frutificação e a colheita contempla apenas 2%.



Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra

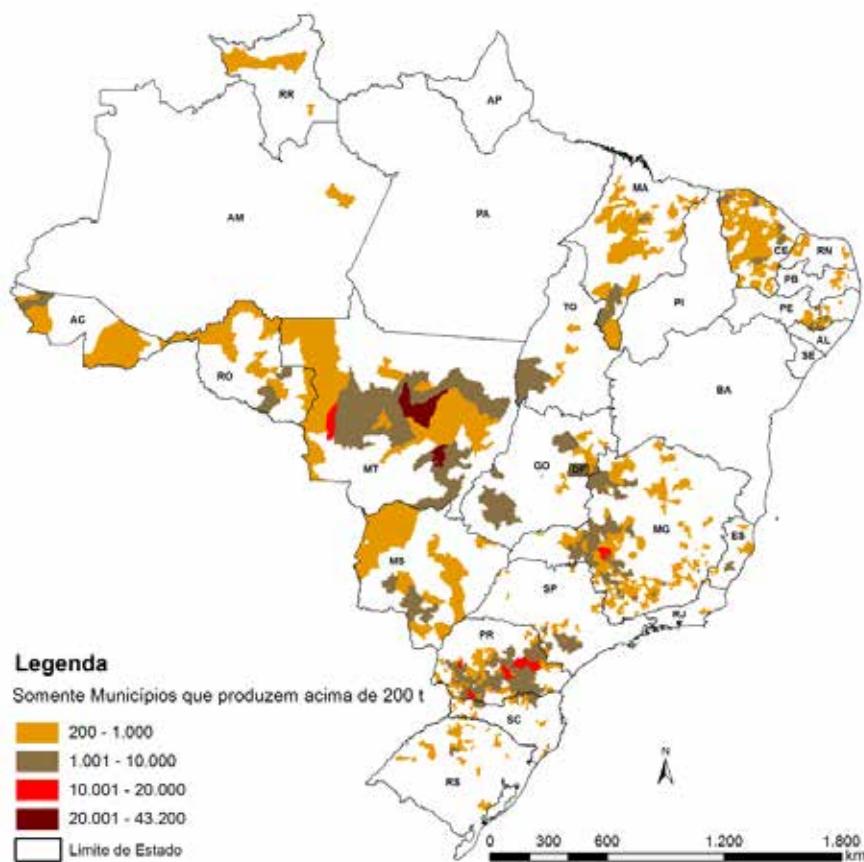
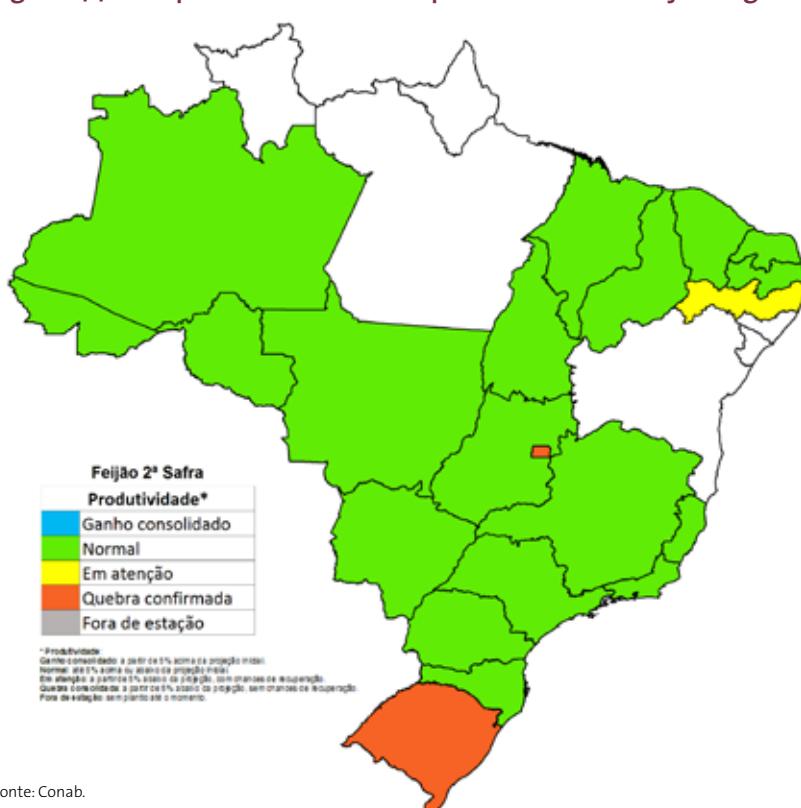


Figura 44 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense			P	DV	F	FR	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Norte Cearense	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sertões Cearenses	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C						
MT	Norte Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Nordeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sudeste Mato	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
GO	Noroeste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Norte Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Leste Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Sul Goiano	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
MG	Noroeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Mineira	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Vale do Rio Doce	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
ES	Zona da Mata	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
	Central Espírito-Santense	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C							
SP	Campinas	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Assis	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
	Itapetininga	P/G	DV/F	FR	M/C	C							
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
RS	Sul Catarinense	P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P	P/G	DV/F	FR	M/C	C						

Legenda:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média Restrição - Excesso de Chuvas Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	54,9	23,6	853	882	3,3	37,9	48,4	27,7
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	10,5	23,8	126,7	1.009	897	(11,1)	10,6	21,4	101,9
NORDESTE	650,0	668,5	2,8	177	348	96,4	115,2	232,8	102,1
MA	47,6	51,4	8,0	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	4,9	63,3	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	371,1	402,7	8,5	155	334	116,1	57,4	134,7	134,7
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	95,2	9,7	143	383	167,0	12,4	36,4	193,5
PE	111,6	78,5	(29,7)	107	83	(22,4)	11,9	6,5	(45,4)
CENTRO-OESTE	230,4	261,1	13,3	879	1.264	43,8	202,6	330,1	62,9
MT	186,0	218,2	17,3	766	1.177	53,6	142,5	256,8	80,2
MS	14,0	23,0	64,3	997	1.650	65,5	14,0	38,0	171,4
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	138,7	(1,5)	1.316	1.468	11,5	185,4	203,6	9,8
MG	118,8	115,9	(2,4)	1.265	1.443	14,1	150,3	167,2	11,2
ES	5,7	6,1	7,0	870	1.042	19,8	5,0	6,4	28,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	15,5	1,3	1.907	1.857	(2,6)	29,2	28,8	(1,4)
SUL	245,6	278,3	13,3	1.513	1.529	1,1	371,5	425,4	14,5
PR	203,8	240,7	18,1	1.476	1.562	5,9	300,8	376,0	25,0
SC	17,4	18,3	5,2	1.841	1.417	(23,0)	32,0	25,9	(19,1)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	694,4	723,4	4,2	221	389	76,3	153,1	281,2	83,7
CENTRO-SUL	616,8	678,1	9,9	1.231	1.414	14,9	759,5	959,1	26,3
BRASIL	1.311,2	1.401,5	6,9	696	885	27,2	912,6	1.240,3	35,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
PB	1,7	1,1	(37,2)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	9,8	84,9	828	948	14,5	4,4	9,3	111,4
MG	2,0	5,8	190,0	740	916	23,8	1,5	5,3	253,3
ES	2,3	2,8	21,7	870	988	13,6	2,0	2,8	40,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	119,1	7,4	1.547	1.487	(3,9)	171,5	177,1	3,3
PR	73,0	85,3	16,8	1.486	1.572	5,8	108,5	134,1	23,6
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.343	(25,4)	24,3	19,5	(19,8)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.220	(23,2)	38,7	23,5	(39,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
CENTRO-SUL	116,3	129,0	10,9	1.514	1.447	(4,5)	176,1	186,6	6,0
BRASIL	118,0	130,1	10,3	1.494	1.438	(3,8)	176,3	187,0	6,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	31,2	(18,8)	881	921	4,4	33,9	28,6	(15,6)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	11,5	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
TO	4,5	2,1	(53,3)	1.457	1.398	(4,0)	6,6	2,9	(56,1)
NORDESTE	34,7	34,9	0,6	193	499	159,0	6,6	17,4	163,6
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	689	82,8	1,7	1,9	11,8
PB	24,0	28,5	18,8	177	534	201,7	4,2	15,2	261,9
PE	6,1	3,6	(41,0)	116	77	(33,6)	0,7	0,3	(57,1)
CENTRO-OESTE	61,3	71,2	16,2	1.216	1.755	44,3	74,6	125,1	67,7
MT	17,0	28,4	67,3	868	1.831	111,1	14,7	52,0	253,7
MS	14,0	23,0	64,3	997	1.650	65,5	14,0	38,0	171,4
GO	29,5	19,0	(35,6)	1.500	1.750	16,7	44,3	33,3	(24,8)
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	128,8	(4,9)	1.335	1.508	12,9	181,0	194,2	7,3
MG	116,8	110,0	(5,8)	1.274	1.471	15,5	148,8	161,8	8,7
ES	3,4	3,3	(3,0)	870	1.088	25,1	3,0	3,6	20,0
SP	15,3	15,5	1,3	1.907	1.857	(2,6)	29,2	28,8	(1,4)
SUL	134,7	159,2	18,2	1.485	1.560	5,1	200,0	248,5	24,3
PR	130,8	155,4	18,8	1.470	1.557	5,9	192,3	242,0	25,8
SC	3,9	3,8	(2,6)	1.982	1.700	(14,2)	7,7	6,5	(15,6)
NORTE/NORDESTE	73,1	66,1	(9,6)	554	698	25,9	40,5	46,0	13,6
CENTRO-SUL	331,5	359,2	8,4	1.374	1.580	15,0	455,6	567,8	24,6
BRASIL	404,6	425,3	5,1	1.226	1.443	17,7	496,1	613,8	23,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	23,7	295,0	673	831	23,4	4,0	19,7	392,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	21,7	261,6	673	849	26,2	4,0	18,4	360,0
NORDESTE	613,6	632,5	3,1	177	340	92,4	108,4	215,0	98,3
MA	47,6	51,4	7,9	536	699	30,4	25,5	35,9	40,8
PI	3,0	4,9	64,5	545	958	75,8	1,6	4,7	193,8
CE	366,5	399,9	9,1	152	332	118,4	55,7	132,8	138,4
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	65,6	7,4	131	317	142,0	8,0	20,8	160,0
PE	105,5	74,9	(29,0)	106	83	(21,7)	11,2	6,2	(44,6)
CENTRO-OESTE	169,0	189,8	12,3	756	1.079	42,7	127,8	204,8	60,3
MT	169,0	189,8	12,3	756	1.079	42,7	127,8	204,8	60,3
SUDESTE	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
MG	-	0,1	-	-	1.013	-	-	0,1	-
NORTE/NORDESTE	619,6	656,2	5,9	181	358	97,1	112,4	234,7	108,8
CENTRO-SUL	169,0	189,9	12,4	756	1.079	42,7	127,8	204,9	60,3
BRASIL	788,6	846,1	7,3	305	520	70,6	240,2	439,6	83,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das

Feijão-comum cores

Na Bahia espera-se que sejam cultivados cerca de 208,2 mil hectares, com a produção de 135,3 mil toneladas. A média produtiva da região é de 650 kg/ha. O plantio da safra está em andamento, estima-se que cerca de 90% das lavouras já estejam plantadas. O motivo para o atraso dos plantios é devido à irregularidade e atraso das chuvas. É possível encontrar plantas em estágio inicial de florescimento e áreas sendo preparadas para o plantio. As lavouras estão apresentando ótimo desenvolvimento. Os cultivos mais produtivos estão nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas. Nelas, o cultivo é mecanizado e há grande utilização de fertilizantes e defensivos, e representam cerca de 30% da área cultivada com o feijão de inverno. As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola e pouco uso de fertilizantes e defensivos. Nessas áreas ocorre o emprego da mão de obra familiar e o plantio consorciado com milho. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 70% da área cultivada com o feijão de inverno.

Figura 45 – Área preparada para o plantio do feijão-comum cores em Ribeira do Pombal-BA



Fonte: Conab.

No Pará o cultivo de feijão-comum cores ocupa a área de 6,1 mil hectares. Os plantios são de sequeiro e em sistema convencional, com rendimento esperado de 638 kg/ha para uma produção de 3,9 mil toneladas. Os números da safra atual representam redução de 22,78% na área cultivada e queda de 23,5% na produção em relação à safra passada. Algumas áreas de feijão-comum cores estão sendo substituídas por feijão macaçar (caupi). A Mesorregião do Sudoeste Paraense responde pelo cultivo de 3.545 hectares,

safras anteriores. Apontando aumento de área de cultivo em 11%, produtividade de 1.210 kg/ha e produção de 735,1 mil toneladas, incremento de 29,7% e 17%, respectivamente, em relação à safra passada.

bal e Alagoinhas. Nelas, o cultivo é mecanizado e há grande utilização de fertilizantes e defensivos, e representam cerca de 30% da área cultivada com o feijão de inverno. As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola e pouco uso de fertilizantes e defensivos. Nessas áreas ocorre o emprego da mão de obra familiar e o plantio consorciado com milho. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 70% da área cultivada com o feijão de inverno.

Figura 46 - Lavoura de feijão consorciado com milho, prestes a florescer, em Euclides da Cunha-BA



Fonte: Conab.

correspondendo a 58,1% da área cultivada no estado. Os demais cultivos estão distribuídos nas Mesorregiões do Baixo Amazonas, Sudeste Paraense e Metropolitana de Belém, principalmente nos municípios de Castanhal e Bujaru.

O Paraná tem área plantada de 4,3 mil hectares. Em relação à safra passada, houve redução de 4,4% devido à pouca expressão da cultura no estado. O plantio está 100% concluído e a produ-



tividade estimada é de 1.034 kg/ha.

Em São Paulo essa leguminosa entra como alternativa de plantio em áreas favoráveis a irrigação e, tendo sua produção voltada para manter os preços mais estáveis, sem grandes oscilações em razão da entressafra e, ter também um produto de boa aceitação, uma vez que se não houver boa umidade, o feijão perde qualidade. Os preços nas últimas semanas apresentaram grandes variações e o produto foi comercializado entre R\$185,00 a 280,00 a saca de 60 quilos, feijão extra Rubi. O plantio de inverno é realizado praticamente todo sob irrigação, nos seus diferentes métodos, quer seja em plantio com boa altitude ou em várzea. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, excelentes produtividades das lavouras, menor risco, a entrada do produto no mercado em épocas não tradicionais, além de permitir a produção de sementes de melhor qualidade. Sinaliza com redução de - 10,9% na área plantada.

No Distrito Federal o cultivo do feijão-comum cores é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. As áreas mais expressivas com feijão terceira safra no Distrito Federal estão localizadas na região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60% da produção regional. A área plantada foi mantida em comparação à cultivada na safra 2015/16. A produtividade média está estimada em 2.902 kg/ha, o que poderá resultar numa produção próxima a 9 mil toneladas. As lavouras conduzidas sob pivô não foram afetadas severamente, em que pese os baixos níveis pluviométricos. Na safra anterior uma grande quantidade de pivôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. O plantio está finalizado, e as lavouras se encontram em bons estádios de enchimento de vagens, com colheita prevista para julho, agosto e setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo "cores", que agrupa valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão-caupi e comum preto correspondendo a 10% e 6% res-

pectivamente.

Em Mato Grosso o plantio do feijão terceira safra está ocorrendo. Inicialmente se projeta a manutenção de área de 41,5 mil hectares, registrados na safra 2015/16. Contudo, a semeadura da oleaginosa sob pivô pode aumentar, caso o preço do grão se valorize nas próximas semanas. Em termos de produtividade, espera-se um rendimento superior a 2.050 kg/ha, registrados no ciclo anterior, quando sofreu com o clima adverso à cultura.

Muitos produtores em Goiás anteciparam o plantio da terceira safra, antevendo a problemática da falta de água e também diante de uma expectativa futura de preços melhores na comercialização. Algumas áreas do leste goiano já estão na fase de florescimento e enchimento de grãos, enquanto no município de Luziânia ainda não foram cultivadas todas as áreas em razão da limitação de água nas barragens. Em Cristalina foram realizados estudos hidrológicos nas bacias principais e a demanda de água é cada vez maior devido à implantação de outras culturas como batata, cebola, alho, hortaliças e fruticultura. No sudoeste goiano o clima está favorável para a cultura, as temperaturas mais amenas contribuem para que a população da mosca-branca não atinja níveis elevados.

Em Minas Gerais as chuvas de maio e junho propiciaram melhores condições para o plantio do feijão terceira safra por deixar o solo com boa umidade. Contudo, essa mesma ocorrência favoreceu o ambiente de desenvolvimento do mofo branco, o qual tem sido relatado na segunda safra de algumas regiões do estado. O plantio está começando e deve se intensificar em julho. Apesar das boas expectativas de mercado, a área destinada à cultura do feijão apresenta um decréscimo de 2,2% em relação a intenção apresentada no levantamento anterior. Isso se deve ao atraso da colheita do milho segunda em alguns municípios e da indisponibilidade de água nos reservatórios que abastecem os pivôs. Do total de feijão relatado, 99,7% se trata de feijão-comum cores e 0,3% de feijão-preto. Não há relato de feijão-caupi na terceira safra.

Em Tocantins, para o feijão-comum cores houve incremento de 125% de área cultivada nessa sa-



fra. A área e a produção serão menores do que o feijão-caupi e preto em razão do maior investimento exigido pela cultura, cultivados na sua maioria sob pivô central.

Feijão-caupi

Na Bahia, espera-se que sejam cultivados cerca de 11,6 mil hectares, com a produção de 5,9 mil toneladas. A média produtiva da região é de 511 kg/ha. Apesar da área ser pouco representativa, o feijão-caupi apresenta importante fonte alimentar na mesorregião do nordeste, sendo cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializados em mercados locais. O feijão-caupi se destaca pela sua maior resistência ao deficit hídrico, quando comparado ao feijão-comum cores. Devido ao atraso das chuvas, os plantios atingem cerca de 90% da área cultivada.

No Pará o cultivo do feijão-caupi ocupa a área de

27,2 mil hectares. Os plantios são basicamente de sequeiro e estão sendo efetuados, devendo se estenderem até 10 de julho, sendo que aproximadamente 30% da área já foi plantada. Espera-se rendimento de 862 kg/ha (14,4 sc/ha) para uma expectativa de produção em torno de 23,4 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 8,8% na área cultivada e aumento de 25,13% na produção em relação à safra passada. Alguns municípios, como Ulianópolis, localizado na porção norte da Mesorregião Sudeste, que não cultivavam feijão estão com intenção de plantio para o ano corrente. O incremento na produção estimada fica por conta da expectativa de melhores condições climáticas em relação à safra passada.

Figura 47 – Feijão caupi (macaçar) em Bragança-PA



Fonte: Conab.



Figura 48 – Feijão caupi (macaçar) em Tracuateua-PA

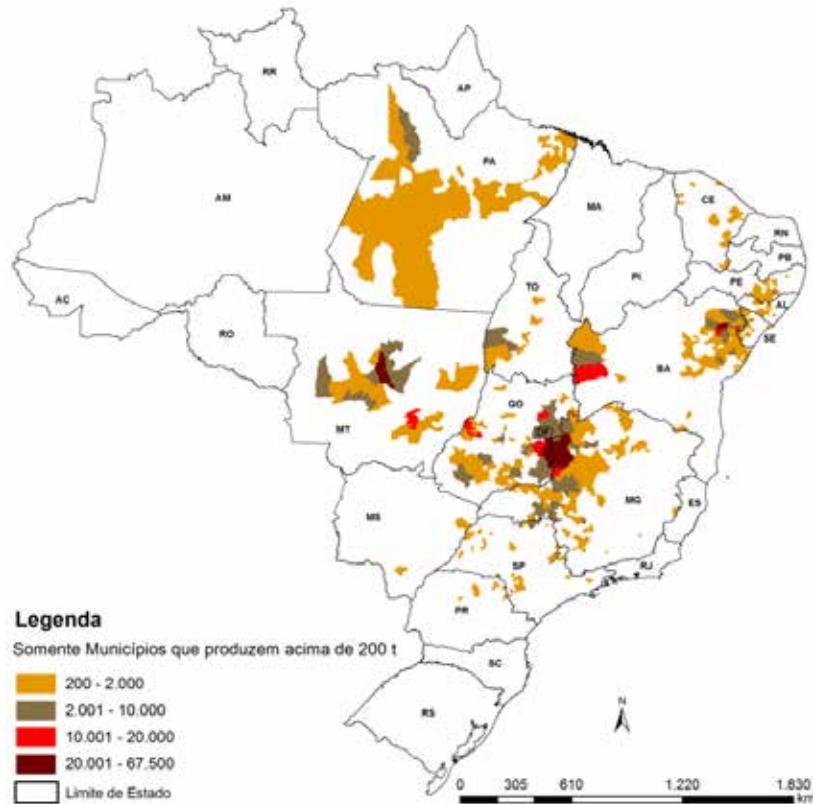


Fonte: Conab.

Em Tocantins, para o caupi, existe uma leve apreensão quanto à possibilidade de restrição de água nos reservatórios, visto que a cultura em questão também necessita de água de irri-

gação e acaba competindo com outras culturas como melancia e a própria soja subirrigada, para semente.

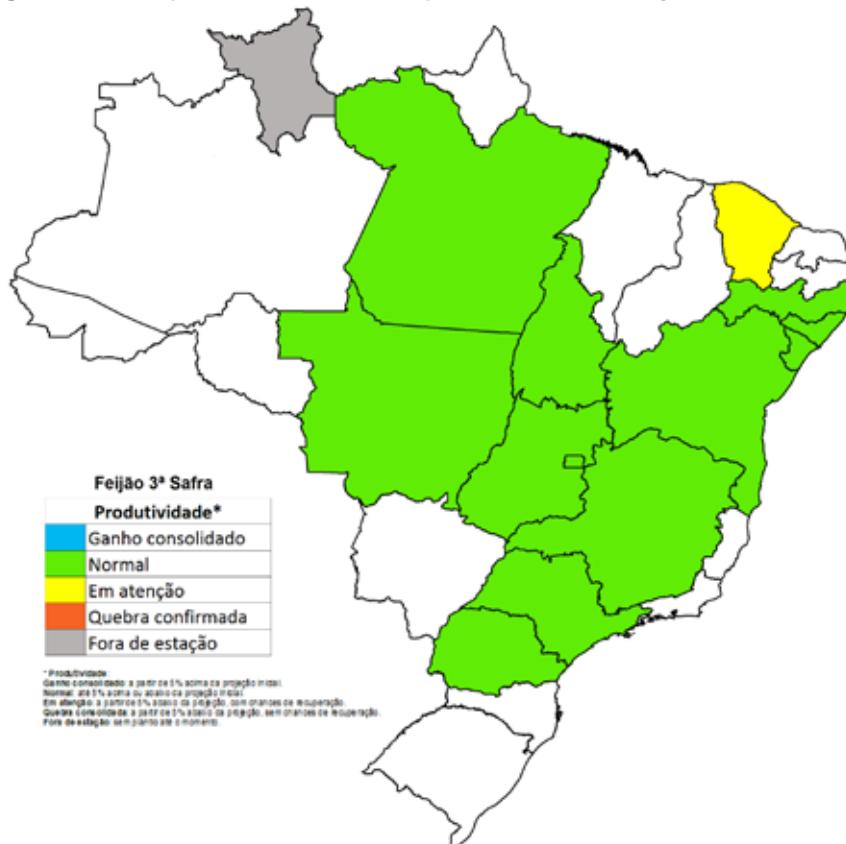
Figura 49 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 50 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra



Fonte: Conab.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	52,5	23,2	841	1.214	44,2	35,9	63,7	77,4
PA	32,9	33,3	1,2	723	821	13,5	23,8	27,3	14,7
TO	7,0	16,8	140,0	1.440	2.072	44,0	10,1	34,8	244,6
NORDESTE	332,7	381,3	14,6	341	607	78,2	113,4	231,6	104,2
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	85,5	108,3	26,7	370	497	34,5	31,6	53,8	70,3
AL	30,3	40,1	32,3	271	676	149,6	8,2	27,1	230,5
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	199,5	219,8	10,2	355	643	80,9	70,9	141,3	99,3
CENTRO-OESTE	85,8	89,6	4,4	2.403	2.517	4,8	206,2	225,5	9,4
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	3,1	3,1	-	1.839	2.902	57,8	5,7	9,0	57,9
SUDESTE	82,1	80,0	(2,6)	2.545	2.624	3,1	209,0	209,9	0,4
MG	69,1	68,4	(1,0)	2.580	2.663	3,2	178,3	182,1	2,1
SP	13,0	11,6	(10,8)	2.361	2.393	1,4	30,7	27,8	(9,4)
SUL	4,5	4,3	(4,4)	460	1.034	124,8	2,1	4,4	109,5
PR	4,5	4,3	(4,4)	460	1.034	124,8	2,1	4,4	109,5
NORTE/NORDESTE	375,3	433,8	15,6	398	681	71,2	149,3	295,3	97,8
CENTRO-SUL	172,4	173,9	0,9	2.420	2.529	4,5	417,3	439,8	5,4
BRASIL	547,7	607,7	11,0	1.034	1.210	17,0	566,6	735,1	29,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	7,9	(9,2)	901	988	9,7	7,1	7,8	9,9
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	0,8	1,8	125,0	2.468	2.176	(11,8)	2,0	3,9	95,0
NORDESTE	287,2	331,6	15,5	296	626	111,7	98,1	207,8	111,8
PE	62,3	80,5	29,2	386	524	35,8	24,0	42,2	75,8
AL	23,3	29,8	27,9	236	700	196,6	5,5	20,9	280,0
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	188,9	208,2	10,2	354	650	83,6	66,9	135,3	102,2
CENTRO-OESTE	85,3	89,1	4,5	2.306	2.519	9,3	205,5	224,4	9,2
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	45,0	9,2	2.800	2.872	2,6	115,4	129,2	12,0
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.056	58,9	5,0	7,9	58,0
SUDESTE	82,1	79,8	(2,8)	2.619	2.628	0,4	209,0	209,8	0,4
MG	69,1	68,2	(1,3)	2.580	2.668	3,4	178,3	182,0	2,1
SP	13,0	11,6	(10,9)	2.361	2.393	1,4	30,7	27,8	(9,4)
SUL	4,5	4,3	(4,4)	481	1.034	114,8	2,1	4,4	109,5
PR	4,5	4,3	(4,4)	460	1.034	124,8	2,1	4,4	109,5
NORTE/NORDESTE	295,9	339,5	14,7	310	635	104,8	105,2	215,6	104,9
CENTRO-SUL	171,9	173,2	0,8	2.405	2.532	5,3	416,6	438,6	5,3
BRASIL	467,8	512,7	9,6	1.018	1.276	25,4	521,8	654,2	25,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	9,4	10,8	14,9	386	524	35,8	3,6	5,7	58,3
PE	9,4	10,8	15,4	386	524	35,8	3,6	5,7	58,3
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
SUDESTE	-	0,2	-	-	910	-	-	0,2	-
MG	-	0,2	-	-	910	-	-	0,2	-
NORTE/NORD-ESTE	9,4	10,8	14,9	386	524	35,8	3,6	5,7	58,3
CENTRO-SUL	0,2	0,4	100,0	2.000	1.955	(2,3)	0,4	0,8	100,0
BRASIL	9,6	11,2	16,7	420	575	37,1	4,0	6,5	62,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	44,6	31,6	847	1.254	47,9	28,8	55,9	94,1
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	27,2	8,8	746	862	15,5	18,7	23,4	25,1
TO	6,2	15,0	141,9	1.307	2.060	57,6	8,1	30,9	281,5
NORDESTE	36,1	38,9	7,8	322	467	45,2	11,6	18,1	56,0
CE	4,7	-	(100,0)	211	-	(100,0)	1,0	-	(100,0)
PE	13,8	17,0	23,2	284	353	24,3	3,9	6,0	53,8
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	10,6	11,6	9,4	377	511	35,5	4,0	5,9	47,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	83,5	19,3	576	887	53,9	40,4	74,0	83,2
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	83,8	19,2	578	889	53,8	40,7	74,5	83,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

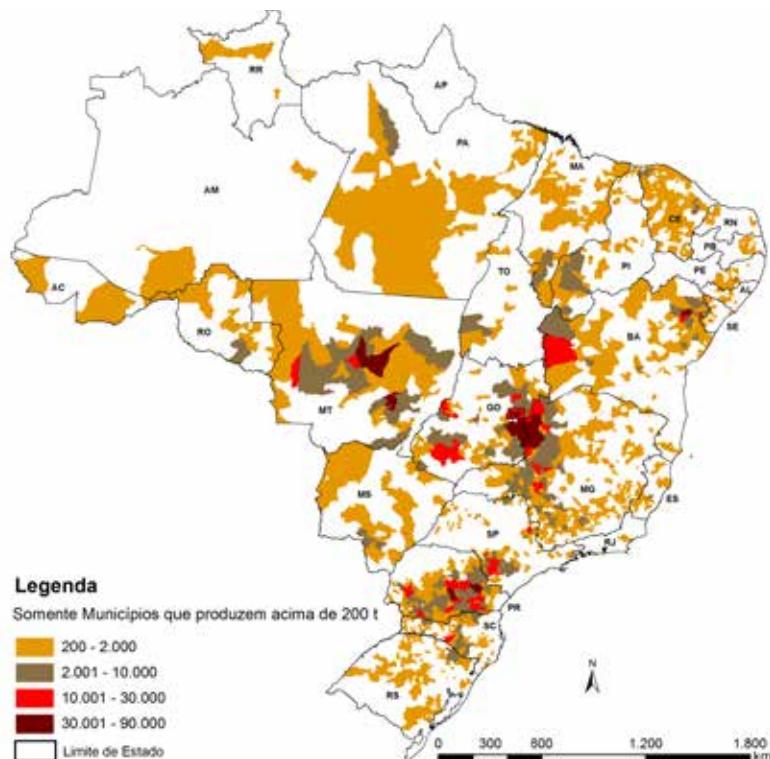


9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se que a área total de feijão terá 3.120 mil hectares cultivados, incremento de 10% em relação à safra passada, sendo 1.416 mil hectares com feijão-comum cores, 315,5 mil hectares com feijão-comum pre-

to e 1.388,2 mil hectares com feijão-caupi. A produção nacional de feijão deverá ficar em 3.363 mil toneladas e deverá ser 33,8% maior que a última temporada.

Figura 51 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	112,2	22,5	841	1.027	22,1	77,1	115,2	49,4
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	593	(0,3)	4,6	4,5	(2,2)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	32,9	33,3	1,2	723	821	13,5	23,8	27,3	14,7
TO	22,1	45,4	105,4	1.084	1.306	20,4	24,0	59,3	147,1
NORDESTE	1.412,9	1.540,0	9,0	240	464	93,7	338,4	714,6	111,2
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	231,8	8,1	145	395	173,1	31,0	91,6	195,5
CE	375,8	402,7	7,2	155	334	115,1	58,4	134,7	130,7
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	86,8	95,2	9,7	143	383	167,0	12,4	36,4	193,5
PE	197,1	186,8	(5,2)	221	323	46,4	43,5	60,3	38,6
AL	30,3	40,1	32,3	271	676	149,6	8,2	27,1	230,5
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	388,7	446,7	14,9	354	635	79,6	137,5	283,8	106,4
CENTRO-OESTE	386,8	432,2	11,7	1.445	1.701	17,7	558,8	735,0	31,5
MT	233,4	270,5	15,9	1.003	1.333	32,9	234,0	360,5	54,1
MS	14,6	23,8	63,0	1.030	1.655	60,7	15,0	39,4	162,7
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.105	33,1	25,4	33,9	33,5
SUDESTE	425,2	466,0	9,6	1.670	1.763	5,6	710,1	821,7	15,7
MG	334,5	345,3	3,2	1.555	1.577	1,4	520,0	544,6	4,7
ES	10,6	10,7	0,9	1.041	1.093	5,0	11,0	11,7	6,4
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	108,2	38,2	2.264	2.435	7,6	177,3	263,5	48,6
SUL	521,0	569,8	9,4	1.590	1.716	7,9	828,5	977,5	18,0
PR	389,7	439,1	12,7	1.510	1.697	12,4	588,5	745,3	26,6
SC	63,4	69,6	9,8	1.862	1.964	5,5	118,0	136,7	15,8
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.563	(13,0)	122,0	95,5	(21,7)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.652,2	9,8	276	502	81,9	415,5	829,8	99,7
CENTRO-SUL	1.333,0	1.468,0	10,1	1.574	1.726	9,7	2.097,4	2.534,2	20,8
BRASIL	2.837,5	3.120,2	10,0	886	1.078	21,7	2.512,9	3.364,0	33,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11,1	11,9	7,2	344	511	48,4	3,8	6,1	60,5
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	379	238,4	0,2	0,4	100,0
PE	9,4	10,8	14,9	386	524	35,8	3,6	5,7	58,3
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
SUDESTE	9,7	19,3	99,0	893	937	5,0	8,7	18,1	108,0
MG	3,6	12,9	258,3	664	874	31,6	2,4	11,3	370,8
ES	4,3	4,6	7,0	1.042	1.071	2,8	4,5	4,9	8,9
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	282,8	(1,0)	1.590	1.715	7,8	454,5	484,9	6,7
PR	198,3	197,3	(0,5)	1.534	1.775	15,7	304,3	350,1	15,1
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	1.839	4,3	52,2	63,3	21,3
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.399	(17,4)	98,0	71,5	(27,0)
NORTE/NORDESTE	11,1	11,9	7,2	344	511	48,4	3,8	6,1	60,5
CENTRO-SUL	297,0	303,6	2,2	1.567	1.667	6,3	465,5	506,0	8,7
BRASIL	308,1	315,5	2,4	1.523	1.623	6,6	469,3	512,1	9,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	39,5	(17,7)	877	936	6,7	42,1	36,9	(12,4)
RO	20,8	19,3	(7,2)	856	965	12,7	17,8	18,6	4,5
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	580	(2,5)	4,6	3,2	(30,4)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	944	11,6	1,1	1,3	18,2
PA	7,9	6,1	(22,8)	651	638	(2,0)	5,1	3,9	(23,5)
TO	6,2	4,3	(30,6)	1.558	1.694	8,8	9,7	7,3	(24,7)
NORDESTE	372,2	423,5	13,8	372	666	79,0	138,5	282,2	103,8
CE	4,6	2,8	(39,1)	377	689	82,8	1,7	1,9	11,8
PB	24,0	28,5	18,8	177	534	201,7	4,2	15,2	261,9
PE	68,4	84,1	23,0	362	505	39,5	24,8	42,5	71,4
AL	23,3	29,8	27,9	236	700	196,6	5,5	20,9	280,0
SE	12,7	13,1	3,1	135	714	428,9	1,7	9,4	452,9
BA	239,2	265,2	10,9	420	725	72,4	100,6	192,3	91,2
CENTRO-OESTE	212,0	234,2	10,5	2.008	2.216	10,4	425,6	519,1	22,0
MT	60,4	74,3	23,0	1.712	1.993	16,4	103,4	148,1	43,2
MS	14,6	23,8	63,0	1.030	1.655	60,7	15,0	39,4	162,7
GO	122,7	121,8	(0,7)	2.318	2.473	6,7	284,4	301,2	5,9
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.127	33,4	22,8	30,4	33,3
SUDESTE	414,9	432,3	4,2	1.689	1.841	9,0	701,0	796,1	13,6
MG	330,3	318,0	(3,7)	1.566	1.653	5,6	517,1	525,8	1,7
ES	6,3	6,1	(3,2)	1.040	1.110	6,7	6,6	6,8	3,0
SP	78,3	108,2	38,2	2.264	2.435	7,6	177,3	263,5	48,6
SUL	235,2	287,0	22,0	1.591	1.717	7,9	374,2	492,7	31,7
PR	191,4	241,8	26,3	1.485	1.634	10,0	284,3	395,2	39,0
SC	33,8	35,2	4,1	1.948	2.087	7,1	65,9	73,5	11,5
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	420,2	463,0	10,2	430	689	60,3	180,6	319,1	76,7
CENTRO-SUL	862,1	953,5	10,6	1.741	1.896	8,9	1.500,8	1.807,9	20,5
BRASIL	1.282,3	1.416,5	10,5	1.311	1.501	14,5	1.681,4	2.127,0	26,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	72,7	66,7	801	1.077	34,4	35,0	78,3	123,7
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	27,2	8,8	746	862	15,5	18,7	23,4	25,1
TO	15,9	41,1	158,5	900	1.265	40,6	14,3	52,0	263,6
NORDESTE	1.029,6	1.104,6	7,3	191	386	102,7	196,1	426,5	117,5
MA	77,1	87,8	13,9	510	646	26,6	39,3	56,7	44,3
PI	214,5	231,8	8,1	145	395	173,1	31,0	91,6	195,5
CE	371,2	399,9	7,7	153	332	117,4	56,7	132,8	134,2
RN	29,9	35,8	19,7	213	408	91,5	6,4	14,6	128,1
PB	61,1	65,6	7,4	131	317	142,0	8,0	20,8	160,0
PE	119,3	91,9	(23,0)	127	133	5,0	15,1	12,2	(19,2)
AL	7,0	10,3	47,1	386	605	56,7	2,7	6,2	129,6
BA	149,5	181,5	21,4	247	504	104,3	36,9	91,6	148,2
CENTRO-OESTE	173,3	196,5	13,4	756	1.084	43,4	130,9	213,0	62,7
MT	173,0	196,2	13,4	755	1.083	43,4	130,6	212,5	62,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,4	2.300,0	900	523	(41,8)	0,5	7,5	1.400,0
MG	0,6	14,4	2.300,0	900	523	(41,8)	0,5	7,5	1.400,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.177,3	9,7	215	429	99,1	231,1	504,8	118,4
CENTRO-SUL	173,9	210,9	21,3	756	1.045	38,3	131,4	220,5	67,8
BRASIL	1.247,1	1.388,2	11,3	291	522	79,7	362,5	725,3	100,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

Feijão-comum cores

Os preços que vinham em expressiva alta, provocada, em parte, pelas incertezas climáticas no Sul do país e em Minas Gerais, começaram a recuar a partir de meados de junho, mas mantendo uma boa rentabilidade aos produtores.

A mercadoria extra e especial, que estava bastante escassa, aumentou gradativamente, porém, muitos lotes apresentam elevado grau de umidade e grãos manchados, o que acaba prejudicando as negociações. O predomínio da oferta continua sendo, na maior parte, do Paraná e Minas Gerais, e o restante de Goiás, Mato Grosso e São Paulo.

No Sul do país, em maio e junho, verificou-se chuvas intensas e baixas temperaturas, prejudicando o potencial produtivo das plantas e a qualidade do produto. Com isso, devido ao elevado teor de umidade, boa

parte do feijão teve que passar por secadores, sendo prejudicado na sua qualidade e preço (grãos enrugados, menores etc.).

Segundo a Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná (Deral) 95% da produção oriunda da primeira safra, e 70% da segunda safra já foram comercializadas pelos produtores. Cerca de 96% da área cultivada na segunda safra foram colhidos e a safra se encerra neste início de julho.

A estimativa de uma boa produção, na terceira e última safra desta temporada 2016/17, deve manter as cotações em torno dos atuais valores praticados no mercado, e as oscilações vão depender, exclusivamente, da necessidade de compras e da disposição de vendas por parte dos produtores.

Feijão-comum preto

O produto segue valorizado em razão, basicamente, da desvalorização do real frente à moeda americana. Segundo agentes de mercado não existe expectativa de uma forte elevação dos atuais preços praticados no mercado devido à boa quantidade de mercadoria disponível e também porque o Brasil começou a receber ofertas da safra argentina.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, respectivamente, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocados pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se

por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,35 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção de 3.363,4 mil toneladas, o que representa uma variação positiva de 33,8% em relação à fracassada safra de 2015/16. Assim, partindo-se do estoque inicial de 186 mil toneladas, o mesmo consumo registrado anteriormente, ou seja, 3.350 mil toneladas, as importações em 150 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas resultará em um estoque de passagem da ordem de 229,4 mil toneladas, o que corresponde a aproximadamente a um 1 mês de consumo.

Tabela 32 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.363,4	150,0	3.699,4	3.350,0	120,0	229,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.5. GIRASSOL

A colheita da lavoura do girassol atinge 20% da área semeada até o fechamento de junho. A maior parte dos trabalhos serão concentrados em julho, quando finaliza a colheita. Em relação à área dedicada à cultura, registrou-se aumento de 24,2% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil. Até o momento, não há relatos de ocorrência de pragas e doenças fora de controle que

possa comprometer a produtividade. Assim, espera-se rendimento médio de 1.574 kg/ha, ante aos 1.390 kg/ha do período 2015/16. A produção é estimada em 50,1 mil toneladas, volume 40,6% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Em relação à comercialização, estima-se que 80% da produção da oleaginosa já esteja negociada pelo preço médio de R\$ 43,00 a saca de 60 quilos.

Figura 52 – Lavoura de girassol em floração em Campo Novo do Parecis-MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, todas as áreas foram mapeadas e estão na fase de maturação. Os capítulos tiveram boa formação e a granação foi favorecida pelo bom regime de chuvas no período reprodutivo. A cultura é muito sensível a doenças principalmente ao mofo branco, porém o fato dos produtores utilizarem sementes híbridas, além de bom acompanhamento técnico, estão favorecendo um bom resultado neste ano. A previsão de colheita é para o dia 10 de julho na maioria das regiões do estado. Todas as áreas levantadas são destinadas à indústria de óleo de girassol, portanto,

vinculadas a contratos firmados com uma indústria de óleo, sediada em Goiás.

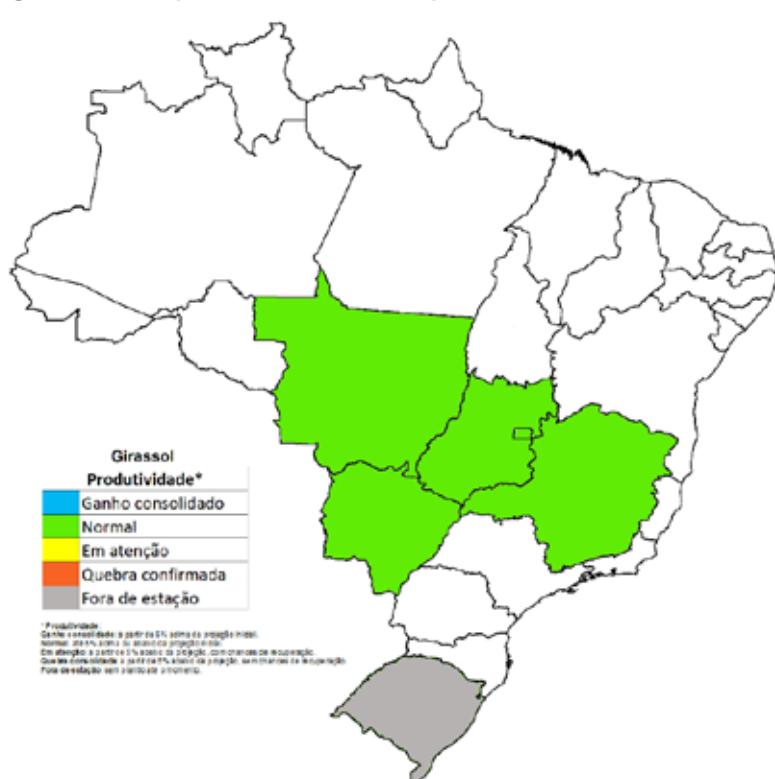
Em Minas Gerais não houve mudanças nas estimativas em relação ao levantamento passado. As lavouras estão em boas condições e sem relatos de pragas, a maior parte da cultura se encontra em ponto de colheita, a qual, segundo informantes, se iniciará nos próximos 15 dias. A produção estimada é de 13 mil toneladas, que já está destinada a empresa Caramuru.



Figura 53 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Figura 54 – Mapa da estimativa de produtividade - Girassol



Fonte: Conab.



Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	49,7	20,6	1.261	1.493	18,4	52,0	74,3	42,9
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.574	13,2	35,6	50,1	40,7
MS	1,3	0,7	(46,1)	1.236	1.500	21,4	1,6	1,1	(31,3)
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.302	30,2	14,0	21,6	54,3
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
MG	7,0	9,3	32,9	952	1.400	47,1	6,7	13,0	94,0
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.486	21,5	63,1	92,7	46,9
BRASIL	51,5	62,3	21,0	1.224	1.486	21,5	63,1	92,7	46,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 é de recuo de área plantada, alcançando 29,3 mil hectares, que representa decréscimo de 7,9% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada, deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada. A produção é semelhante à safra anterior, estimada em 15,2 mil toneladas.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nessa safra 4 mil hectares são de plantas remanescentes da safra passada e 17,1 mil hectares são de plantio novo. A colheita já iniciou e estima-se que sejam produzidas 10,4 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo de 0,5% na área cultivada e redução de 18,8% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas. A maior parte das áreas de mamona está na fase de frutificação, maturação e colheita mas, devido ao cultivo simultâneo com variedades diferentes, com períodos de plantios variados ou remanescentes de safras anteriores, é possível observar em campo, em uma mesma área de cultivo, plantas em estágios variados de desenvolvimento. O período de colheita já teve início na mesorregião centro-norte. Devido à oferta reduzida do produto, na safra 2016/17, o preço da mamona vem sofrendo aumento na região. O valor médio pago ao produtor na saca de 60 quilos, de 5 a 9 de junho, foi de R\$ 168,00, enquanto que na última semana de 19 a 23 junho atingiu R\$ 170,00. Devido aos baixos índices pluviométricos, a safra de grãos da região centro-norte apresenta perdas significativas nas culturas de fei-

jão, milho e sorgo em relação à safra normal. Apenas a cultura da mamona deverá apresentar resultados significativos de produção, apesar da diminuição em relação à safra anterior.

Na safra 2016/17 foram identificadas lavouras comerciais de mamona híbrida em Mato Grosso, localizadas nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. Assim, a estimativa de área total dos municípios é de 1,7 mil hectares. Em relação à produtividade, estima-se rendimento em torno de 1.300 kg/ha, com produção total esperada de 2 mil toneladas. O plantio foi realizado em março, estando as lavouras em fase de frutificação e maturação, com previsão de colheita em julho. A produção esperada já está comercializada à indústria química, por meio de contratos futuros firmados a um preço mínimo de R\$ 2,00 o quilo.

No Ceará, as áreas de plantio da mamona reduziram em relação à safra 2015/16 para a atual devido à diminuição do incentivo da Petrobras através do programa de Biodiesel. Foram estimados 5,2 mil hectares, redução de 37,4% nessa safra. O destino final da produção normalmente é a indústria de biodiesel localizada em Quixadá, porém os agricultores ainda não tomaram decisão em relação à comercialização.

Em Pernambuco a falta de rentabilidade e a paralisação do programa do biodiesel, que fomentava o cultivo da referida lavoura, inviabilizou o seu plantio no estado. Além disso, a mamona apresenta riscos de intoxicação aos rebanhos, principal fonte de renda de boa parte dos agricultores.



Figura 55 – Mapa da produção agrícola-Mamona



Figura 56 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona

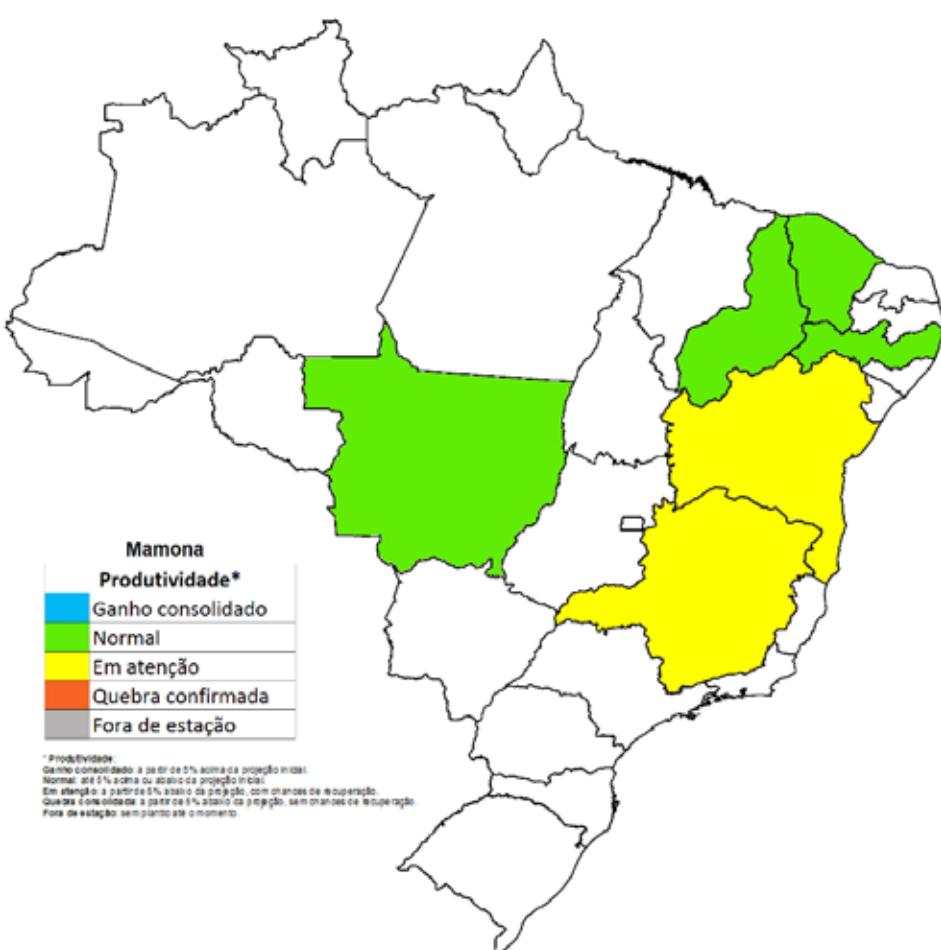


Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	27,4	(13,0)	461	470	2,0	14,5	12,9	(11,0)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	5,2	(37,4)	122	434	255,7	1,0	2,3	130,0
PE	1,6	0,9	(43,8)	244	113	(53,7)	0,4	0,1	(75,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	494	(19,0)	12,8	10,4	(18,8)
CENTRO-OESTE	-	1,7	-	-	1.300	-	-	2,2	-
MT	-	1,7	-	-	1.300	-	-	2,2	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	443	(51,3)	0,3	0,1	(66,7)
NORTE/NORDESTE	31,5	27,4	(13,0)	461	470	2,0	14,5	12,9	(11,0)
CENTRO-SUL	0,3	1,9	533,3	909	1.210	33,1	0,3	2,3	666,7
BRASIL	31,8	29,3	(7,9)	465	518	11,4	14,8	15,2	2,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

A área estimada nesse levantamento, apresentou incremento nacional de 3,2% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6% a área de plantio.

Na Região Sul ocorreu incremento na área de 6,1% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul, a colheita de milho se encontra encerrada nas regiões noroeste, norte e nordeste, restando apenas cerca de 11% da área do estado, nas regiões de Soledade (4%), Pelotas (25%), Canguçu (50%) e Bagé (70%). A colheita nessas últimas áreas foi um pouco prejudicada em razão das chuvas, mas a tendência é de conclusão nos próximos dias. A produtividade média do estado foi revisada para 7.500 kg/ha, atingindo uma produção de 6.036,8 mil toneladas em 804,9 mil hectares. Esses resultados confirmam uma das maiores safras do estado, impulsionada pela maior produtividade média verificada desde que a série foi iniciada.

Em Santa Catarina, a colheita do milho praticamente foi encerrada. Poucas lavouras devem ser colhidas ainda em julho e o produto obtido deve ser direcionado ao consumo da propriedade ou no mercado formal. Apesar das fortes chuvas ocorridas entre o final de maio e início de junho, a qualidade do produto não sofreu alteração, haja vista que a ampla maioria das lavouras já havia sido colhida naquela época. O produto ainda por colher já estava em ciclo avançado de maturação, havendo poucas perdas em quantidade e qualidade. Dessa maneira, a produtividade na safra atual deve se fixar ao redor de 8.152 kg/ha. A comercialização segue em ritmo lento, resultado da estabiliza-

ção dos preços nos últimos meses, cotados ao redor de R\$ 22,50 a saca. Os produtores têm mantido seu produto em depósito para negociação futura, comercializando apenas o necessário para pagamento de dívidas ou investimentos na propriedade.

No Paraná, a colheita dos 500,2 mil hectares plantados nessa safra já está concluída. A produtividade obtida foi de 9.243 kg/ha, representando um aumento de 16,2% em relação à safra anterior. Esse ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais transgênicos de alta performance. A qualidade do produto está sendo considerada como muito boa, mas a comercialização está bastante lenta, com 60% da safra comercializada.

Na Região Sudeste a cultura experimentou forte incremento na área plantada de 5,1% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra foi reavaliada para 909,4 mil hectares, acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido às boas cotações do produto ao longo da última temporada. Obteve-se uma produtividade média de 6.374 kg/ha, superior em 4,5% à safra passada devido ao clima favorável. Dessa forma, espera-se uma produção de 5.796,5 mil toneladas, 13,5% superior à safra 2015/16.

No Rio de Janeiro o milho deverá registrar um crescimento na produção em torno de 21,2% em relação à safra anterior em razão da expectativa futura de mercado. As lavouras estão praticamente colhidas e o preço médio do produto colhido está girando em torno de R\$ 0,60 o quilo.



Na Região Centro-Oeste, a área de milho primeira safra foi estimada em 350 mil hectares, 9,3% superior aos registrados na safra passada. Em Goiás, algumas áreas ainda estão sendo colhidas, apresentando excelentes rendimentos que variam de 7,5 a 11 mil kg/ha. Nenhum registro de ataques de pragas e doenças com danos econômicos. Nessa reta final da colheita o grande problema para os produtores é a armazenagem. Parte da produção do milho verão foi destinada às granjas da região (alimentação de aves e suínos) e o restante acondicionada em silos-bolsa. A lenta comercialização da soja e milho abre pouco espaço de armazenagem.

Em Mato Grosso, a colheita está finalizada. Em termos de produtividade, as boas condições climáticas permitiram rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período anterior. O cultivo atingiu 33,4 mil hectares, número 7,3% superior aos 31,1 mil hectares registrados na safra passada. Assim, calcula-se produção de aproximadamente 256,4 mil toneladas do cereal, volume 28,6% superior às 199,4 mil toneladas da safra 2015/16. Além do consumo doméstico das fazendas de confinamento bovino, parte da produção foi destinada ao mercado disponível local, cujos preços remuneraram bem o produtor.

Em Mato Grosso do Sul, o milho de primeira safra se encontra com a colheita encerrada, na área de 28 mil hectares, superior em 75% à safra passada, e uma produtividade média de 8.880 kg/ha, índice alcançado em razão da regularidade das chuvas durante quase todo o ciclo da cultura, quando somente em novembro ocorreram precipitações abaixo da média. Quanto à comercialização, esta ocorreu basicamente no mercado local, tendo como destinação as granjas avícolas e de suínos.

No Distrito Federal a área semeada com milho na primeira safra 2016/17 foi de 28,6 mil hectares. A colheita que já finalizou, registrando produtividade média de 7.800 kg/ha. O veranico registrado em janeiro não afetou as lavouras, haja vista que elas se encontravam, em sua maioria, em elevado estádio de maturação. Segundo informações obtidas, a produção esperada não atingiu o potencial máximo esperado, de 9.000 a 10.000 kg/ha. Assim, dado às situações climáticas em todo o ciclo da lavoura, a produção foi incrementada em 19,8%, comparada com a safra passada, chegando a 223,1 mil toneladas. A safra 2015/16 foi afetada por conta do longo período de estiagem que ocorreu na região. As perdas chegaram a 80% na produção naquela safra.

Na Região Nordeste, o levantamento apontou para manutenção na área semeada em relação ao ano passado. Na Bahia, o cultivo do milho primeira safra

ocupou nessa temporada a área de 381,8 mil hectares, com uma produção estimada de 1.473,7 mil toneladas. Os números de área da safra atual representam aumento de 2,8%, com um aumento de 19,8% na produção de grãos. No extremo oeste, estima-se o cultivo de 237 mil hectares, entre os cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita das lavouras de sequeiro foi iniciada durante maio, cobrindo 90% da área cultivada. Estima-se na região que a produtividade tenha atingido 6.000 kg/ha e uma produção de 1.422 mil toneladas.

No Maranhão, os grandes e médios produtores anteciparam a preparação da área que seria cultivada, no intuito de otimização de tempo, o que justifica o encerramento da colheita em praticamente todas as lavouras no sul do estado. No cômputo geral das lavouras, 6% da safra se encontra na fase de enchimento e 46% em maturação, enquanto se colheu aproximadamente 48%. A produtividade média se encontra em torno de 4.210 kg/ha e a produção total está estimada em 1.232,7 mil toneladas. Obteve-se alteração positiva, quando comparada com a área da safra anterior (9,1%) e produção (70,9%), acarretada pelo excelente incremento de produtividade (56,7%) em razão das condições meteorológicas favoráveis nessa safra.

No Piauí, como consequência do retorno das áreas para a soja, a área do milho primeira safra atingiu 418,2 mil hectares, apresentando redução de 11,2% em relação à safra passada. No período do levantamento, as fases da cultura se distribuíram da seguinte forma: 20% em maturação e 80% já colhido. A incidência de pragas no milho tem sido baixa, não apresentando dificuldade no controle. A produtividade esperada do milho primeira safra, incluindo agricultura empresarial e familiar, é algo em torno de 2.900 kg/ha, gerando um aumento de 94,6% em relação ao obtido na safra anterior, explicado pelas ótimas condições climáticas ocorridas durante o plantio.

No Ceará o milho é a principal cultura de sequeiro, possuindo a maior área estimada de plantio. Em todo o estado se cultiva o grão e a estimativa é de 508,1 mil hectares. As sementes distribuídas pelo governo estadual, através da Ematerce, são das cultivares BRS 2022 e BR 205, ambas híbridas duplas e de ciclo precoce, apresentando bons níveis de produtividade e de tolerância ao acamamento e ao quebramento, sendo recomendadas para agricultura de baixo investimento. Em algumas regiões há o plantio de milho crioulo e variedades. O preparo do solo da lavoura é em sua grande maioria mecanizado e o plantio é realizado com trator e semeadora (implemento), com "matracas" (em covas) ou outro método manual. As áreas semeadas se encontram nos estádios de frutificação (12%) e maturação (32%), uma vez que a colheita já atingiu 56% da área.



Na Paraíba, devido às precárias condições climáticas nas cinco últimas safras, com drásticos prejuízos na produtividade, a cultura do milho vem reduzindo a área plantada. Na safra passada foram semeados 84,6 mil hectares que, pela insuficiência de chuvas, teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra é estimado a semeadura de 94,5 mil hectares de milho, com produtividade estimada em 545 kg/ha. Da toda a área semeada na área do sertão, em torno de 30 mil hectares contabilizam perdas na ordem de 85% em razão da drástica escassez de chuvas. As demais áreas apresentam cultura no estágio de maturação, também com perdas de produtividade em índices menores pelos motivos já explicitados, embora estejam sujeitas à elevação dos prejuízos caso não ocorram melhorias nos índices pluviométricos.

Em Pernambuco, na região do sertão, só houve condições propícias para o plantio do milho a partir da última semana de março, ou seja, tardeamente, e este foi acometido por chuvas insuficientes e mal distribuídas no decorrer do seu desenvolvimento, o que comprometeu quase toda a produção, visto que a cultura do milho exige uma condição hídrica melhor quando comparado com a cultura do feijão cultivado na região. Embora em junho as chuvas tenham ficado acima da média histórica, a grande parte da produção já

estava comprometida e deve ter uma quebra de 90%. Na região agreste o plantio do milho foi concretizado e, em princípio, apresenta condições normais de desenvolvimento, a qual se encontra nos estádios de germinação a florescimento.

Na Região Norte o levantamento apontou para uma redução na área plantada de 5,6% em relação ao ano passado, contrariando a expectativa de uma maior redução no início do plantio.

No Pará o cultivo do milho primeira safra ocupa a área de 176,6 mil hectares. O plantio nessa safra começou no final de outubro e início de novembro e finalizou na primeira semana de março, o que demonstra uma janela de plantio bem longa. Espera-se o rendimento de 3.080 kg/ha. A colheita está em curso, com algo em torno de 65% já colhida, com a expectativa de produção em torno de 543,9 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual dão conta de aumento de 4,1% na área cultivada em comparação com à safra anterior. O aumento da área cultivada foi motivado, principalmente, pelo preço atrativo do produto, devido à queda de produção nacional na safra passada e manutenção da demanda. A colheita tem avançado lentamente devido à falta de espaço para armazenagem, uma vez que os silos estão ocupados com a soja.

Figura 57 – Milho primeira safra pronto para a colheita em Dom Eliseu-PA



Fonte: Conab.



Figura 58 – Milho primeira safra pronto para a colheita em Ulianópolis-PA



Fonte: Conab.

Em Tocantins, a área cultivada com milho na primeira safra foi 36% menor quando comparada à safra passada devido às anormalidades climáticas, onde após diversos replantios da soja, os produtores acabaram plantando milho nas áreas inicialmente destinadas à oleaginosa. Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nessa safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando uma colheita antecipada e, consequentemente, com a possibilidade de melhores preços. A colheita já foi finalizada. A produtividade média das lavouras cresceu 38,4% nessa safra, reflexo significativo das melhores condições climáticas.

Em Rondônia alguns produtores iniciaram as suas plantações com sementes selecionadas adquiridas em casas de lavouras e sementes que foram guardadas da safra anterior. É uma cultura típica realizada em pequenas propriedades. Esse milho é para uso exclusivo para alimentar os animais nas propriedades e alguns o vendem em feiras locais como milho verde para consumo humano. A semeadura da safra 2016/17 está toda concluída. Muitas pequenas propriedades fazem a dobra no próprio pé para a sua secagem natural e o colhem na medida de suas necessidades

nas propriedades.

Em Amazonas há um aumento das áreas semeadas e da produtividade, chegando a 9,1 mil hectares e 2.550 kg/ha, respectivamente. A cultura de milho é o grande expoente de Apuí na área de grãos. A grande maioria das sementes são compradas na Cerealista Aliança, mas alguns também possuem semente própria e há relato de um que compra direto de Rondônia. Em Apuí, o setor econômico que se destaca é a pecuária, garantindo um bom mercado para a produção de milho. Além do considerável mercado consumidor, outro fator que permitiu à produção de milho continuar relevante foi o processo de mecanização, com a utilização de tratores, grades, plantadeiras, colhedoras, adubação, etc. Apesar disso, é uníssono em todos os envolvidos na cadeia a necessidade de um secador de milho. Muitos produtores deixam de plantar nas duas safras, optando por fazê-lo apenas no verão, quando o milho é colhido já seco.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.529,3 mil hectares, contra 5.356,6 mil observado no exercício anterior. A produção atinge o montante de 30.397,3 mil toneladas, representando incremento de 18% em relação à safra passada.



Figura 59 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

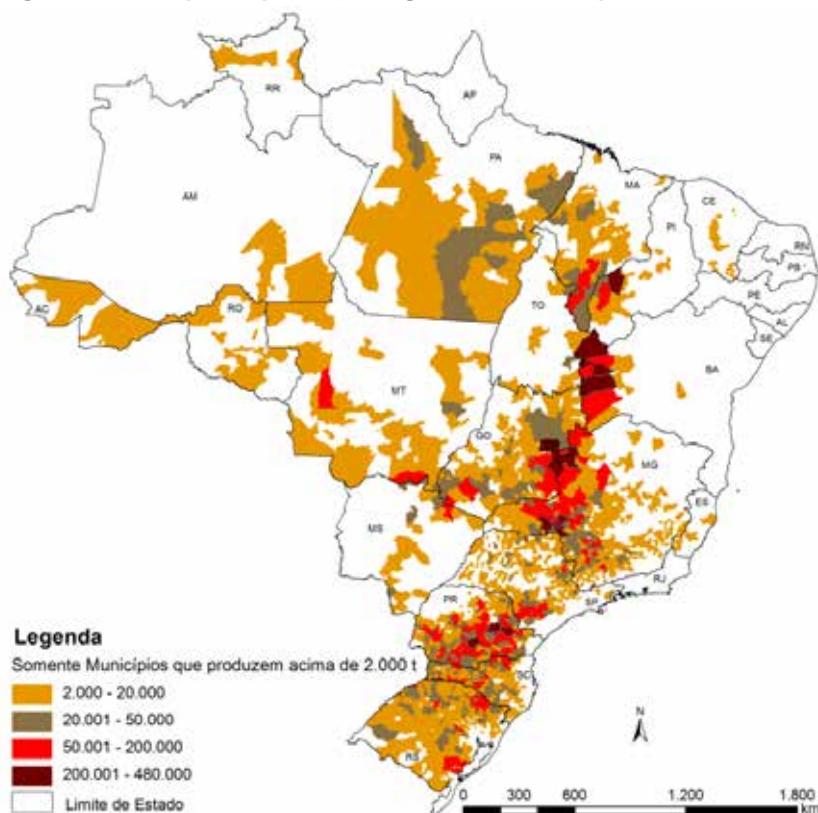
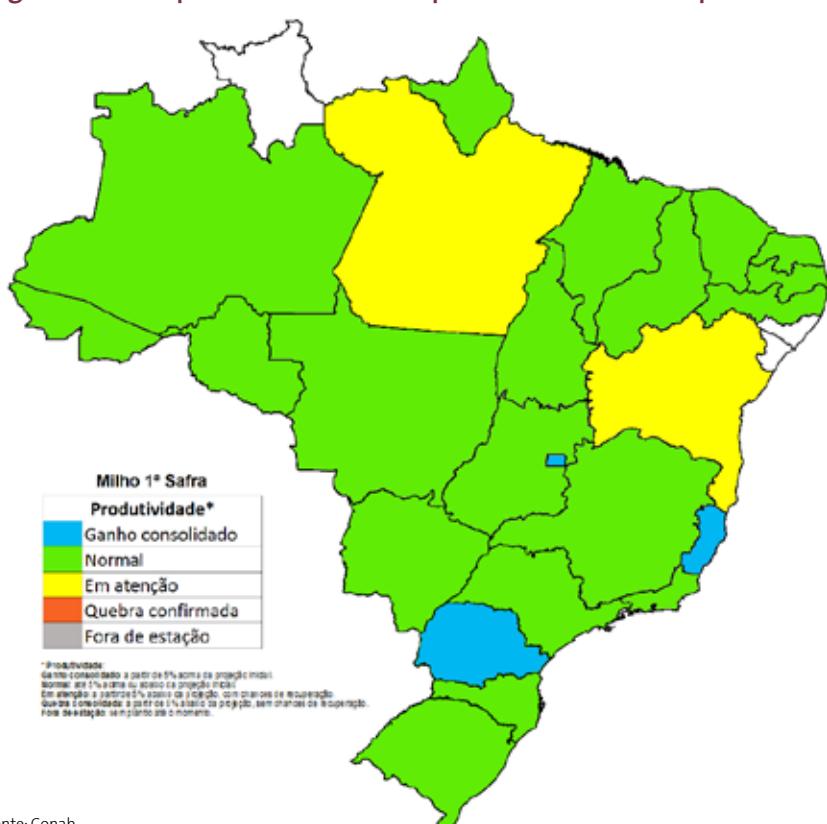


Figura 60 – Mapa da estimativa de produtividade milho primeira safra



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
PI	Norte Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Potiguar						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Paraibano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PE	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Agreste Pernambucano						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
MT	Sudeste Mato-grossense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
GO	Centro Goiano	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
DF	Distrito Federal	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C								
MG	Noroeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Metropolitana de Belo Horizonte	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Oeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sul/Sudoeste de Minas	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campo das Vertentes	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Zona da Mata	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SP	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Bauru	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Campinas	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		C					
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	308,6	(5,6)	3.142	3.166	0,8	1.027,3	977,0	(4,9)
RO	38,6	40,2	4,1	2.657	2.661	0,2	102,6	107,0	4,3
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	169,6	176,6	4,1	3.334	3.080	(7,6)	565,4	543,9	(3,8)
TO	72,0	46,1	(36,0)	3.436	4.754	38,4	247,4	219,2	(11,4)
NORDESTE	1.865,2	1.865,4	-	1.537	2.421	57,5	2.866,9	4.516,4	57,5
MA	268,4	292,8	9,1	2.687	4.210	56,7	721,2	1.232,7	70,9
PI	471,0	418,2	(11,2)	1.490	2.900	94,6	701,8	1.212,8	72,8
CE	460,2	508,1	10,4	356	970	172,5	163,8	492,9	200,9
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	94,5	11,7	237	545	130,0	20,1	51,5	156,2
PE	184,6	140,8	(23,7)	120	255	112,5	22,2	35,9	61,7
BA	371,4	381,8	2,8	3.312	3.860	16,5	1.230,1	1.473,7	19,8
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.023	5,1	2.445,9	2.808,1	14,8
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.880	(1,3)	144,0	248,6	72,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.299,7	5,1	6.079	6.287	3,4	7.519,9	8.171,5	8,7
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.374	4,5	5.108,1	5.796,5	13,5
ES	13,6	13,2	(3,0)	2.910	2.826	(2,9)	39,6	37,3	(5,8)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	374,4	(2,5)	6.164	6.227	1,0	2.367,0	2.331,4	(1,5)
SUL	1.607,1	1.705,4	6,1	7.403	8.164	10,3	11.898,1	13.923,3	17,0
PR	414,1	500,2	20,8	7.953	9.243	16,2	3.293,3	4.623,3	40,4
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.500	4,7	5.892,7	6.036,8	2,4
NORTE/NORDESTE	2.192,2	2.174,0	(0,8)	1.776	2.527	42,2	3.894,2	5.493,4	41,1
CENTRO-SUL	3.164,4	3.355,1	6,0	6.909	7.422	7,4	21.863,9	24.902,9	13,9
BRASIL	5.356,6	5.529,1	3,2	4.809	5.498	14,3	25.758,1	30.396,3	18,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.504 mil hectares, representando um incremento de 11,2% em relação ao plantio passado.

Em Mato Grosso, a colheita do milho segunda safra tem avançado com rapidez. Até o final de junho, estima-se que cerca de 30% dos 4.455 mil hectares semeados estejam colhidos. Há relatos pontuais de milho

com avaria nas regiões médio-norte e oeste, em decorrência de chuvas em maio, contudo, nada que comprometa a produtividade da cultura, cuja estimativa para a atual safra é de 5.962 kg/ha, número 49,1% superior aos 3.999 kg/ha colhidos na safra 2015/16. Desse maneira, espera-se produção recorde de 26.560,7 mil toneladas do milho na safra 2016/17, volume 76,2% superior às 15.072,2 mil toneladas registradas no período anterior.

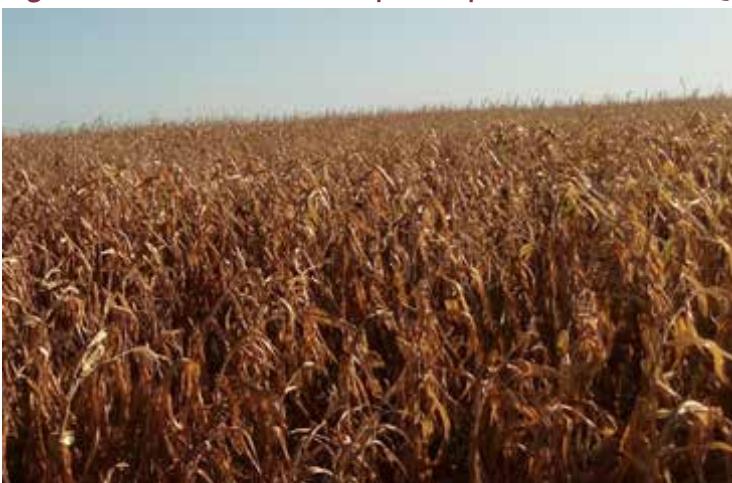


Figura 61 – Lavoura de milho pronta para a colheita em Querência-MT



Fonte: Conab.

Figura 62 – Lavoura de milho pronta para a colheita em Querência-MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade estimada para a cultura é de aproximadamente 5.300 kg/ha em uma área plantada de 1.749,9 mil hectares. Essa alta produtividade decorre das condições climáticas ideais desde o início do plantio da cultura até a presente data, contrastando com a seca severa ocorrida no ano passado. Essa produtividade, atrelada ao aumento de área plantada, condicionará uma produção recorde para essa safra de aproximadamente 9.274,5 mil toneladas, valor 51,4% maior que a safra anterior. A cultura está no início da colheita, com aproximadamente 5% da área total. Apesar de muitas lavouras estarem já em maturidade fisiológica, em meados de junho os grãos ainda estavam com uma alta umidade devido às chuvas ocorridas em todas as regiões produtoras, além da baixa insolação e redução da temperatura. Nas primeiras áreas colhidas a umidade nos grãos ultrapassou os 25%, aumentando os custos com a secagem dos grãos e em muitas situações inviabilizando a colheita. A partir do último decêndio de junho não houve mais precipitações no estado, favorecendo a secagem dos grãos e do solo, quando então as operações de colheita voltaram a se intensificar.

Com a baixa comercialização observada na soja, atrelada à possibilidade de safra recorde de milho, há uma preocupação generalizada com relação ao armazenamento do cereal. Somente a produção de milho é similar à capacidade de armazenamento estática do estado e, neste contexto, o silo-bolsa surge como alternativa ao armazenamento temporário do produto.

Em Goiás, as lavouras se encontram na fase de maturação. Na região leste, as chuvas foram escassas principalmente na fase de florescimento e enchimento de grãos enquanto na região sul do estado as chuvas e o armazenamento de água no solo foram suficientes para a recuperação das lavouras em relação ao ano anterior. Na região leste, os produtores que plantaram dentro da janela estão acionando o seguro agrícola, pois foram surpreendidos pela falta de chuvas na fase reprodutiva. Já os produtores que realizaram o plantio pouco após o dia 10 de fevereiro foram beneficiados com chuvas mais volumosas na fase reprodutiva.

No Distrito Federal o tempo mais seco tem possibilitado o rápido avanço da colheita do milho da segunda



safra, que já atinge a casa dos 15% e, como não há previsão de chuva para as próximas semanas, as condições se mantêm favoráveis aos trabalhos de final de ciclo. Além de beneficiar a colheita, o padrão meteorológico também possibilita uma melhora na qualidade dos grãos colhidos.

A área semeada ficou semelhante à cultivada na safra passada, 38,4 mil hectares, com produtividade média estimada de 8.500 kg/ha, levemente inferior ao estimado no oitavo levantamento ocasionado, sobretudo, pelo aparecimento de pragas. Alguns produtores têm se queixado de níveis mais baixos de produtividade por conta do ataque de cigarrinha, que frustrou as expectativas iniciais. O volume da produção, por sua vez, impulsionado pelo representativo aumento de produtividade comparativamente ao ano passado, propiciará uma oferta de 326,4 mil toneladas, o que é 254% superior à obtida na safra 2015/16. Cabe ressaltar que a safra anterior também foi severamente afetada pelas condições climáticas (falta de chuvas), ocasionando perdas na ordem de 90% na produção local.

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A área de 2.391,8 mil hectares já apresenta colheita avançada em algumas regiões. Em relação ao ano anterior, esse número representa um acréscimo de 8,8%, reflexo da proibição do plantio da soja segunda safra no estado e ao desestímulo, na época, com o plantio do trigo. As lavouras iniciaram em boas condições, mas a ocorrência de chuvas e a falta de luminosidade ideal em maio prejudicaram a sua qualidade, que deverá refletir em aumento na quantidade de grãos ardidos e diminuição do peso. A produtividade está estimada em 5.711 kg/ha, representando aumento de 12,2% em relação à safra passada. Deve-se ressaltar que na safra passada houve perdas devido à estiagem e geadas.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, apresentou forte incremento na área plantada. No Maranhão o plantio ocorre nas regiões sul e sudoeste, conhecidas como “região de Balsas” e “região Tocantina”. Atualmente tem-se apenas 3% na fase de enchimento de grãos e 96% na de maturação de grãos, enquanto a colheita ocorreu em 1% das lavouras. A área cultivada equivale a 198,9

mil hectares, mostrando aumento em relação à safra passada de aproximadamente 131,5%. A produtividade média se encontra em torno de 3.600 kg/ha e a produção total está estimada em 716 mil toneladas, o que significa uma produção quase cinco vezes maior em relação à safra anterior (153,2 mil toneladas). Esse acréscimo na produção de milho é motivado pelo aumento das áreas de cultivo, bem como das melhores condições do clima durante as fases iniciais da lavoura. O aporte de água disponível no solo não está sendo suficiente para o pleno desenvolvimento da cultura na maioria das áreas de plantio.

No Piauí, a expectativa é de um aumento de 128,8% na área plantada, totalizando 49,2 mil hectares, com um incremento previsto na produtividade de 100%, estimada em 3.511 kg/ha. A lavoura de milho segue nas seguintes fases: 40% em frutificação, 50% em maturação e 10% colhido. A previsão é que até o final de julho tenha finalizado a colheita no estado.

Na Bahia, espera-se que sejam cultivados cerca de 265,1 mil hectares, com uma produção estimada de 488,8 mil toneladas. A média de produtividade da região é de 1.844 kg/ha. O plantio das lavouras já foi finalizado, porém os estandes estão bastante heterogêneos, sendo possível encontrar lavouras recém-germinadas como também em estágios de frutificação. Os cultivos mais produtivos, com o emprego da mecanização agrícola, concentram-se nas microrregiões de Ribeira do Pombal e Alagoinhas. Essas áreas com maior utilização de tecnologia (mecanização, fertilizantes e defensivos) representam cerca de 45% do total cultivado com o milho de inverno, e os produtores atingem produtividades de até 150 sc/ha. No município de Rio Real foi observada a expansão das lavouras de milho em áreas anteriormente ocupadas com a citricultura. As microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana são caracterizadas pelo cultivo em áreas menores, com pouca mecanização agrícola, utilizada essencialmente para o preparo do solo. Essas áreas são caracterizadas pelo emprego da mão de obra familiar, pelo plantio consorciado com feijão e pela pouca utilização de fertilizantes e defensivos. O cultivo nessas microrregiões ocupa cerca de 55% da área cultivada com milho de inverno, e os produtores atingem rendimentos de até 30 sc/ha.



Figura 63 – Lavoura de milho em desenvolvimento vegetativo em Paripiranga-BA



Fonte: Conab.

Figura 64 – Lavoura de milho em fase de frutificação em Rio Real-BA



Fonte: Conab.

Em Alagoas a área total com milho é de 37,2 mil hectares e com perspectiva de produtividade média de 815 kg/ha. A baixa produtividade ocor-

re porque não há investimento com adubação e tratos culturais.

Figura 65 – Milho em desenvolvimento vegetativo em Igaci-AL



Fonte: Conab.

Figura 66 – Milho em frutificação em Sete Quedas-MS



Fonte: Conab.



Em Sergipe, na região do sertão, a semeadura foi concluída e a distribuição de chuvas ocorreu de forma satisfatória para o estabelecimento da cultura, que se encontra em pleno estágio de desenvolvimento vegetativo. De modo geral, as lavouras nessa região apresentam condições boas de desenvolvimento, apesar dos relatos de ataque de algumas lagartas como a do cartucho. O menor investimento em híbridos resistentes a lagartas aumenta a necessidade de utilização de agroquímicos para essa especificidade. Contudo, a inadimplência provocada pela perda dos últimos anos na produção tem dificultado o financiamento rural.

Já nos municípios de Monte Alegre e Poço Redondo a semeadura foi finalizada, incentivada pelas chuvas ocorridas no final de maio e início de junho. Destacamos que a região é considerada a bacia leiteira de Sergipe e a maior parte do milho plantado é destinada a consumo animal via grãos ou através de forragem, a depender das condições meteorológicas. As condições pluviométricas têm sido consideradas abaixo da média nessa localidade, mas melhor do que em relação à última safra.

Nas regiões de Nossa Senhora das Dores e Ribeirópolis, em decorrência das baixas produtividades ocorrida nas duas últimas safras, a maioria dos pequenos e médios produtores optaram por reduzir os investimentos em sementes híbridas simples ou duplos e que apresentam maior potencial produtivo, passando a utilizar variedades menos exigentes em tecnologia. Os municípios de Poço Verde, Simão Dias, Frei Paulo e Carira,

principal região produtora e onde o nível de tecnologia empregado é maior, nota-se que as expectativas de produção permanecem otimistas, mantendo-se em diversas áreas os investimentos necessários para obtenção de altas produtividades.

A área plantada no estado é estimada em 179,5 mil hectares, área superior em 1,4% à última safra. A produtividade média a ser alcançada no estado é de 3.951 kg/ha, quantidade muito superior ao encontrado na última safra. Já a produção esperada é de 709,2 mil toneladas, volume significativamente superior à última safra, por conta da escassez de chuvas em 2016.

A Região Norte apresenta forte incremento na área plantada de 63,4%, nessa safra. A estimativa é que sejam cultivados 402,3 mil hectares. As boas condições climáticas revelam uma produtividade média de 4.249 kg/ha na região, com produção estimada em 1.709,2 mil toneladas.

Em Rondônia a cultura deveria ter sua semeadura iniciada em janeiro. Essa lavoura é plantada no final da colheita e na mesma área da soja. Como as chuvas tiveram um atraso e começaram em meados de outubro, fez com que essas lavouras também iniciassem seu desenvolvimento mais tarde. Estima-se que essa lavoura é ocupada em torno de 50 a 55% da área de soja. Após colhido a soja, alguns produtores também aproveitam a área disponível para o cultivo de milheto, girassol, sorgo e Brachiaria ruziziensis. Alguns ainda deixam as áreas agricultáveis em pousio.

Figura 67 – Lavoura de milho segunda safra em Cerejeiras-RO



Fonte: Conab.

Figura 68 – Milho segunda safra pronto para a colheita em Cerejeiras-RO



Fonte: Conab.

Em Tocantins, o milho segunda safra teve o crescimento expressivo de 61,7% na área plantada em relação à safra passada. No momento a colheita avança lentamente em algumas regiões

do estado. Estima-se um aumento de 133,7% no volume produzido, caso se confirme a produtividade média esperada no atual momento de 4.427 kg/ha.

Figura 69 – Milho segunda safra pronto para a colheita em Caseara-TO



Fonte: Conab.

No Pará o cultivo do milho segunda safra ocupa área de 83,2 mil hectares. Espera-se o rendimento de 3.398 kg/ha e uma produção de 282,7 mil toneladas. O plantio foi efetuado por ocasião da colheita da soja, de fevereiro a abril, e está concentrado nas Mesorregiões do Baixo Amazonas e

porção sul do Sudeste Paraense. A cultura se encontra em fase de desenvolvimento vegetativo/reprodutivo e enchimento de grãos/maturação, sob condição regular de chuva. O preço médio atual do milho, que vem caindo com a colheita do produto, está em torno de R\$ 25,00 a saca.



Figura 70 – Milho segunda safra pronto para a colheita em Paragominas-PAL



Fonte: Conab.

Em Roraima a produção de milho está confirmada nos 7,6 mil hectares. Isso porque os produtores se animaram com a alta dos preços no ano passado e também, pelo fato de que utilizaram terras de lavrado adubadas, que já possuíam três anos com produção de soja, baixando o custo para investir na cultura do milho. Ressalte-se que

o milho, em Roraima, não entra após a soja, em vista do período de chuvas muito curto, devendo o produtor escolher entre a soja e o milho, portanto, os produtores de milho empresarial também plantam soja em áreas distintas e na mesma janela de plantio.

Figura 71 – Milho segunda safra em Roraima.



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra incremento de 2,4% em relação ao ocorrido na safra passada. Em Minas Gerais, apesar das condições climáticas favoráveis, a produtividade média do milho safrinha sofreu redução em relação ao levantamento anterior, passando de 5.265 kg/ha, para 5.133 kg/ha no atual. Tal perda se deve aos ataques de cigarrinha às lavouras, especialmente na região do Triângulo Mineiro, onde o nível de dano em alguns mu-

nicípios chegou a 15%, por falta de controle adequado da praga. No sul de Minas as expectativas são boas, podendo superar as previsões iniciais. Vale ressaltar que nessa região a ocorrência de ventos fortes causaram acamamento em algumas lavouras, contudo, não foram suficientes para causar danos significativos. Na região noroeste há relatos da presença de mosca-branca, mas ainda não se fala em perdas por causa dessa praga. Nas demais regiões a situação permanece



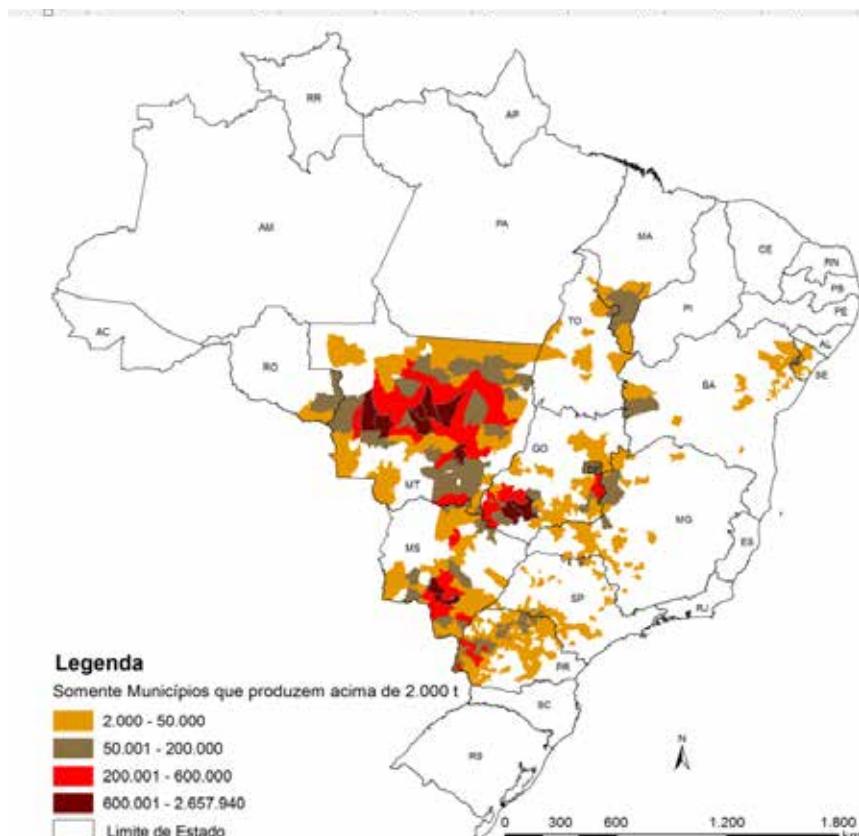
a mesma. A cultura se encontra em fase de maturação, visto que uma pequena parte já foi colhida.

Em São Paulo, os produtores optaram pelo plantio do milho segunda safra em detrimento dos plantios de trigo e feijão, particularmente o da terceira safra na região norte/noroeste do estado. As altas produtividades observadas decorrem basicamente das excelentes condições climáticas e da intensificação no cuidado com os tratos culturais, presença da assistência técnica e do acompanhamento das cooperativas locais, que procuram dar o suporte necessário para a obtenção de melhores rendimentos. Nesse exercício, a área plantada apresentou incremento

de 2,6% em relação ao ano anterior, e as boas condições climáticas previstas para as diversas fases da lavoura dão suporte à crença de safra recorde neste ano, atingindo 2.319,5 mil toneladas, com um incremento de 58,7% em relação à safra 2015/16.

A posição consolidada da área de milho, reunindo a primeira e segunda safras no exercício 2016/17, deverá atingir 17.391,3 mil hectares, representando um incremento de 9,2% se comparado com o plantio passado. A persistirem as boas condições climáticas nas principais regiões do país, é razoável admitir uma produção recorde, atingindo 96.026,2 mil toneladas, com um incremento percentual de 44,3% em relação à safra passada.

Figura 72 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MA	Sul Maranhense - MA					P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						PP	P/G	G/ DV/F	DV/F	F/FR
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG					P	DV	F/FR	FR	M/C	C		
SP	Assis - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/	M/C	C	
	Itapetininga - SP					P	DV	F/FR	FR	FR/	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/	M/C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/	M/C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	402,3	63,4	3.816	4.249	11,3	939,5	1.709,2	81,9
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	119,5	156,9	31,3	4.613	4.439	(3,8)	551,3	696,5	26,3
PA	26,5	83,2	214,0	3.072	3.398	10,6	81,4	282,7	247,3
TO	95,6	154,6	61,7	3.063	4.427	44,5	292,8	684,4	133,7
NORDESTE	560,0	729,9	30,3	1.015	2.901	185,6	568,7	2.117,0	272,3
MA	85,9	198,9	131,5	1.784	3.600	101,8	153,2	716,0	367,4
PI	21,5	49,2	128,8	1.756	3.511	99,9	37,8	172,7	356,9
AL	28,3	37,2	31,4	674	815	20,9	19,1	30,3	58,6
SE	177,0	179,5	1,4	795	3.951	397,0	140,7	709,2	404,1
BA	247,3	265,1	7,2	881	1.844	109,3	217,9	488,8	124,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.504,0	11,2	3.824	5.847	52,9	25.798,5	43.877,1	70,1
MT	3.769,0	4.455,0	18,2	3.999	5.962	49,1	15.072,2	26.560,7	76,2
MS	1.665,0	1.749,9	5,1	3.679	5.300	44,1	6.125,5	9.274,5	51,4
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.120	73,0	4.508,6	7.715,5	71,1
DF	38,4	38,4	-	2.400	8.500	254,2	92,2	326,4	254,0
SUDESTE	814,3	834,0	2,4	2.793	5.115	83,1	2.274,5	4.265,9	87,6
MG	371,0	379,2	2,2	2.191	5.133	134,3	812,9	1.946,4	139,4
SP	443,3	454,8	2,6	3.297	5.100	54,7	1.461,6	2.319,5	58,7
SUL	2.198,3	2.391,8	8,8	5.091	5.711	12,2	11.191,5	13.659,6	22,1
PR	2.198,3	2.391,8	8,8	5.091	5.711	12,2	11.191,5	13.659,6	22,1
NORTE/NORDESTE	806,2	1.132,2	40,4	1.871	3.380	80,7	1.508,2	3.826,4	153,7
CENTRO-SUL	9.759,7	10.729,8	9,9	4.023	5.760	43,2	39.264,5	61.802,5	57,4
BRASIL	10.565,9	11.862,0	12,3	3.859	5.533	43,4	40.772,7	65.628,9	61,0

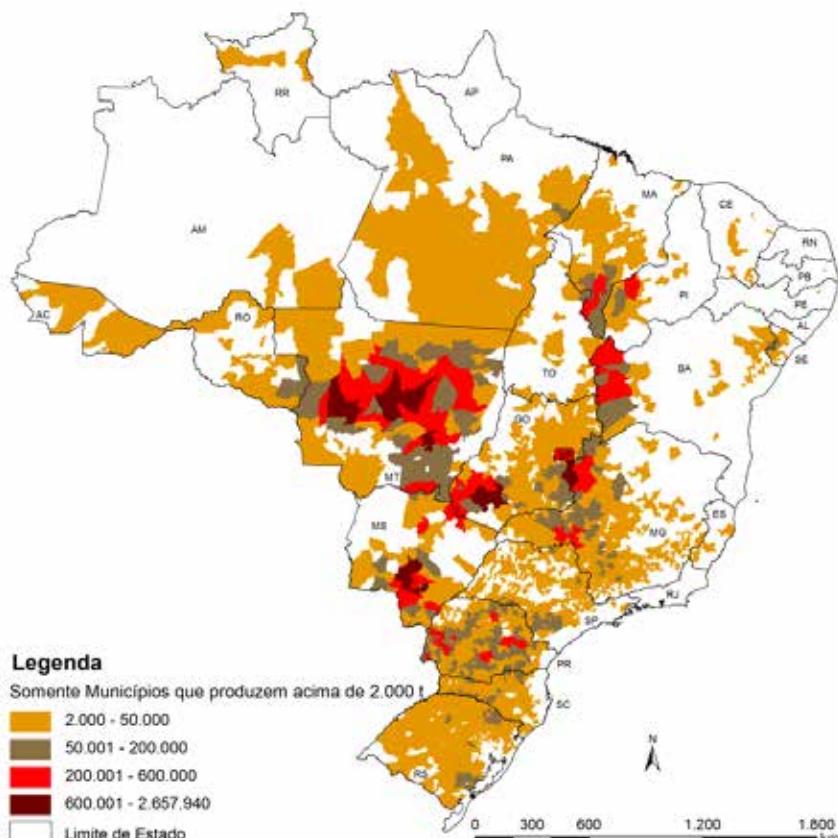
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 73 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	710,9	24,0	3.431	3.779	10,1	1.966,8	2.686,2	36,6
RR	4,6	7,6	65,2	3.036	6.000	97,6	14,0	45,6	225,7
RO	158,1	197,1	24,7	4.135	4.076	(1,4)	653,8	803,5	22,9
AC	39,6	34,9	(11,9)	2.442	2.350	(3,8)	96,7	82,0	(15,2)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	259,8	32,5	3.299	3.182	(3,5)	646,9	826,6	27,8
TO	167,6	200,7	19,7	3.223	4.502	39,7	540,2	903,6	67,3
NORDESTE	2.425,2	2.595,3	7,0	1.417	2.556	80,4	3.435,4	6.633,5	93,1
MA	354,3	491,7	38,8	2.468	3.963	60,6	874,4	1.948,7	122,9
PI	492,5	467,4	(5,1)	1.502	2.964	97,4	739,5	1.385,5	87,4
CE	460,2	508,1	10,4	356	970	172,5	163,8	492,9	200,9
RN	25,0	29,2	16,8	309	580	87,7	7,7	16,9	119,5
PB	84,6	94,5	11,7	237	545	130,0	20,1	51,5	156,2
PE	184,6	140,8	(23,7)	120	255	112,5	22,2	35,9	61,7
AL	28,3	37,2	31,4	674	815	20,9	19,1	30,3	58,6
SE	177,0	179,5	1,4	795	3.951	397,0	140,7	709,2	404,1
BA	618,7	646,9	4,6	2.340	3.034	29,6	1.447,9	1.962,6	35,5
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.854,0	11,1	3.996	5.944	48,7	28.244,4	46.685,2	65,3
MT	3.800,1	4.488,4	18,1	4.019	5.975	48,7	15.271,6	26.817,1	75,6
MS	1.681,0	1.777,9	5,8	3.730	5.356	43,6	6.269,5	9.523,1	51,9
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.441	52,4	6.430,5	9.795,5	52,3
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.201	96,0	272,8	549,5	101,4
SUDESTE	2.051,3	2.133,7	4,0	4.775	5.829	22,1	9.794,3	12.437,4	27,0
MG	1.208,4	1.288,6	6,6	4.900	6.009	22,6	5.921,0	7.742,9	30,8
ES	13,6	13,2	(2,9)	2.910	2.826	(2,9)	39,6	37,3	(5,8)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	829,2	0,2	4.628	5.609	21,2	3.828,5	4.650,9	21,5
SUL	3.805,4	4.097,2	7,7	6.068	6.732	11,0	23.089,7	27.582,9	19,5
PR	2.612,4	2.892,0	10,7	5.545	6.322	14,0	14.484,9	18.282,9	26,2
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.152	11,2	2.712,1	3.263,2	20,3
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.500	4,7	5.892,7	6.036,8	2,4
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.306,2	10,3	1.802	2.819	56,5	5.402,2	9.319,7	72,5
CENTRO-SUL	12.924,1	14.084,9	9,0	4.730	6.156	30,2	61.128,4	86.705,5	41,8
BRASIL	15.922,5	17.391,1	9,2	4.178	5.522	32,1	66.530,6	96.025,2	44,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 38 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	96.026,2	500,0	104.525,2	56.100,0	28.000,0	20.425,2

Fonte: Conab.



O avanço da colheita do milho segunda safra comprova a expectativa dos produtores em relação às condições das lavouras durante o desenvolvimento da cultura.

Muitos produtores do Mato Grosso chegaram a registrar produtividades médias nas primeiras colheitas, que variaram de 120 a 150 sacas de 60 Kg/ha. Evidentemente que a média final tende a cair, porém, ainda deverá se manter em níveis históricos.

Assim, a produção foi reajustada para 96,03 milhões de toneladas, preocupando o setor produtivo em relação ao nível esperado de estoque de passagem, que continuará sendo recorde.

Em Mato Grosso, a comercialização, que até então estava travada, começou a dar sinais de melhora, muito incentivada pelos leilões governamentais de PEP e Pepro, realizados pela Conab durante junho.

Mesmo assim, os preços domésticos, devido à expectativa de ampla oferta do grão, continuam com viés baixista, chegando a valores abaixo de R\$ 12,00 a saca de 60 quilos no médio norte em Mato Grosso e, já abaixo do mínimo, em Mato Grosso do Sul e Goiás.

Por isso, no final de junho, foi autorizada a realização de novos leilões de Pep e Pepro, incluindo Goiás e Mato Grosso do Sul.

No lado do consumo interno, as exportações de aves e suínos do semestre, em volume, ficou pouco abaixo do que foi embarcado no mesmo período de 2016 e com expectativa de não haver grandes alterações até o fim do ano, indicando que os produtores de carnes não estão buscando aumentar o plantel e, por essa razão,

o consumo deve permanecer dentro do estimado, de 56,1 milhões de toneladas.

A paridade de exportação teve uma significativa queda em relação ao mês anterior, atingindo valor abaixo de R\$ 27,00 a saca de 60 quilos, fato que ajuda a depreciar o preço interno e desestimula novos negócios.

Contudo, as exportações deste mês fecharam em 563,2 mil toneladas e os line ups para julho já chegaram a 2,8 milhões de toneladas, com perspectiva de superar 4 milhões de toneladas.

Com a retomada do ritmo exportador e o alto volume de milho disponível, haverá necessidade de os produtores realizarem novos negócios, inclusive pela falta de capacidade estática de armazenagem disponível para atendimento de todo o excedente de produção.

Imagina-se que os produtores devam aproveitar os picos de alta de Chicago e do dólar para realizar os negócios junto às tradings e, com isso, possibilitar um embarque estimado de 28 milhões de toneladas de grão até final de janeiro de 2018.

As cotações em Chicago continuam abaixo de US\$ 4,00/bu (US\$157,47/t) e, julho é fundamental, pois a definição da safra de milho dos Estados Unidos se dá, normalmente, neste mês, portanto, será um mês de grande volatilidade especulativa do milho na bolsa, podendo abrir algumas oportunidades para o milho nacional.

Apesar disso, o contexto do milho é de estoques finais acima de 20,4 milhões de toneladas, o que deve continuar exercendo uma pressão de baixa sobre as cotações domésticas.



9.1.8. Soja

O décimo levantamento consolida a performance recorde da safra brasileira de soja, apresentando um crescimento na área plantada de 1,9%, comparado com o observado na safra anterior, e uma produção de 113,9 milhões de toneladas. O excelente desenvolvimento da oleaginosa foi respaldado pelo comportamento do clima em praticamente todas as regiões do país.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, a área semeada deverá apresentar incremento de 1,8% em relação ao exercício passado. Em Mato Grosso, o balanço geral da safra 2016/17 foi bastante favorável. As condições climáticas contribuíram para o aumento de 14,9% na produtividade da soja, que saltou de 2.848 kg/ha no ciclo 2015/16, para 3.273 kg/ha no atual. Além do bom rendimento no campo, a área destinada à cultura registrou incremento de 2%, saindo de 9.140 mil hectares, na safra passada, para 9.322,8 mil hectares na atual. Assim, maior área e maior produtividade da oleaginosa propiciaram a produção de 30.513,5 mil toneladas de soja na safra 2016/17, volume 17,2% superior às 26.030,7 mil toneladas produzidas na safra 2015/16.

Em Mato Grosso do Sul a lavoura já foi toda colhida e até o momento aproximadamente 59% da safra foi comercializada, contrastando com o mesmo período do ano passado, quando mais de 80% da safra 2015/16 já tinha sido vendida. Vale ressaltar que em junho de 2016 o preço médio da saca estava em R\$ 83,00, enquanto na atual é de apenas R\$ 56,00 no disponível. No estado os produtores comercializam parte da produção de forma antecipada para custear a produção e a outra é estocada para venda no mercado disponível. Para aqueles que comercializaram o produto ainda no ano de 2016, quando o preço da oleaginosa estava mais alto, obtiveram uma maior rentabilidade. Foram ofertadas muitas opções de contrato no final do ano passado, com preços acima de R\$ 70,00 para o produtor, porém foram feitas poucas operações nessa faixa de preço.

No Distrito Federal a área semeada com soja para a safra 2016/17 foi de 70 mil hectares, a mesma cultivada na safra 2015/16. A produtividade é de 3.450 kg/ha, o que poderá resultar em uma produção de 241,5 mil toneladas. As lavouras se encontram totalmente colhidas, beneficiadas pelas boas situações climáticas. Apesar das irregularidades climáticas (chuvas em dezembro e veranico e janeiro), o que prejudicou a potencialidade das cultivares, ainda se pode considerar uma safra melhor que anos anteriores. Tradicionalmente o Distrito Federal é um grande produtor de sementes de soja dado, sobretudo, à regularidade climática. O

produto abastece parcela expressiva de produtores da Região Centro-Sul e oeste baiano. As sementes da soja cultivada no Distrito Federal são consideradas de excelente qualidade e servem de matriz para outros estados.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução da área plantada em relação ao ocorrido no ano anterior, atingindo 11.459,6 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. Foram boas as produtividades alcançadas devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras.

No Paraná a área plantada com a oleaginosa, totalizando 5.249,6 mil hectares, encontra-se totalmente colhida, apresentando rendimentos de 3.721 kg/ha. As condições climáticas e o uso de tecnologias são os responsáveis por esta excelente produtividade. Apesar da safra recorde, com produção total 16% acima da safra passada, a comercialização está muito lenta, uma vez que os produtores estão postergando a venda, aguardando melhores preços. Até o momento foi comercializado somente 44% da produção total. Como consequência, o atraso na comercialização mantém os armazéns cheios, ocupando boa parte da capacidade estatística estadual.

No Rio Grande do Sul a área colhida de soja alcançou, no último mês, 99% da área, restando apenas algumas áreas nas regiões de Bagé e Cachoeira do Sul. A produção, produtividade e área foram mantidas iguais ao levantamento anterior, o que configura a melhor safra do estado, com produtividade média de 3.360 kg/ha e produção total de 18.713,9 mil toneladas. Os baixos preços de mercado têm travado a comercialização, tendo sido negociado até o momento aproximadamente 40% da produção. Os produtores têm comercializado o estritamente necessário para o saldamento das dívidas com vencimento a curto prazo, aguardando cotações melhores do produto na entressafra.

Em Santa Catarina, a soja se encontra praticamente colhida, com exceção de pequenas áreas no oeste do estado, onde os produtores que decidiram investir na safrinha estão encerrando a colheita. Nessas áreas, devido ao clima instável entre o final de maio e início de junho, além das baixas temperaturas de abril, as lavouras apresentaram resultado inferior ao desejado, havendo perdas localizadas em qualidade e produtividade decorrente das precipitações excessivas. Contudo, o fechamento da colheita em outras regiões mostrou resultado positivo, resultando no aumento da produtividade média em relação ao obtido na



safra passada e no levantamento anterior em aproximadamente 7,2 e 0,3%, respectivamente, atingindo valores aproximados a 3.580 kg/ha. Da mesma forma para o milho, a comercialização segue lenta devido aos preços estáveis dos últimos meses.

Na Região Sudeste, alterou-se ao longo da temporada a expectativa de redução da área plantada com a oleaginosa, para um crescimento de 1,1% em relação ao ocorrido no exercício anterior, decorrente, basicamente, de ajustes realizados na área plantada em Minas Gerais. Nesse estado a área foi estimada em 1.456,1 mil hectares, representando uma redução de 0,9% em comparação com a safra passada. Foi obtida uma produtividade média de 3.466 kg/ha, superior em 7,6% à safra anterior. Em São Paulo, a safra apresentou forte incremento na área plantada em relação à safra passada (4,4%), obtendo também resultados importantes nas produtividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura.

Na Região Nordeste ocorreu incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país de 7,6%. Na Bahia o cultivo da soja nessa safra ocupou a área de 1.580,3 mil hectares, entre os cultivos de sequeiro e irrigado. A colheita está finalizada e estima-se uma produtividade de 3.242 kg/ha e uma produção de 5.123,3 mil toneladas de grãos.

No Maranhão houve alteração positiva de 4,5% na área plantada dessa safra em relação à safra anterior, com a produtividade estimada em 3.040 kg/ha, com produção total de 2.498 mil toneladas. A colheita nas regiões de Balsas e Tocantina está praticamente finalizada, visto que no contexto estadual 96% das lavouras de soja já foram colhidas. No restante observa-se plantios apenas no estádio de maturação de grãos (4%).

No Piauí, a cultura da soja se encontra totalmente colhida, apresentando uma produção de boa qualidade. Nas regiões de Uruçuí, Ribeiro Gonçalves e Baixa

Grande do Ribeiro a cultura atingiu a produtividade esperada pelos produtores locais. Já na região de Bom Jesus, Currais e Palmeira do Piauí, a expectativa de produtividade não foi atingida devido a problemas com variedades, clima e pragas, que afetaram a produtividade média das lavouras. Com isso, a produtividade média para o estado foi reduzida, ficando em 2.952 kg/ha, representando mesmo assim, uma excelente produtividade. A área atual de soja é de 693,8 mil hectares.

Na Região Norte ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país, 13,4%.

Em Tocantins a cultura teve sua colheita encerrada, registrando uma produtividade 51,4% superior à constatada na safra passada. As lavouras se desenvolveram bem e na maior parte das regiões a produtividade se manteve dentro da média esperada. Foi observado uma redução em relação à produtividade esperada para algumas regiões produtoras em razão do fato das variedades mais precoces terem sofrido com o veranico, entre final de dezembro e início de janeiro, quando essas lavouras se encontravam em plena fase de formação e enchimento de grãos. No final do ciclo foi registrado aumento significativo na população e ataques de mosca-branca em diversas regiões, ocasionando uma perda branda na produção. Alguns produtores relataram certa dificuldade de combate à praga. Para algumas regiões também foram registradas ocorrência de ferrugem no final do ciclo, fato que acabou por reduzir a produtividade esperada nessas áreas. Para essa safra, a estimativa é de incremento de 2,3% da área cultivada com soja destinada à semente no estado. Vale lembrar que a área de soja que foi cultivada no ano passado havia sofrido redução em relação a 2015 devido ao baixo volume hídrico dos reservatórios naquela ocasião. Para este ano há um projeto para monitorar e fiscalizar o uso da água na irrigação dos tabuleiros cultivados. As lavouras já iniciaram o período de floração (26,7%) e é esperado um incremento de 9,9% no volume produzido.

Figura 74 – Área subirrigada com soja segunda safra em floração em Lagoa da Confusão-TO



Fonte: Conab.



Figura 75 – Área subirrigada com soja segunda safra em floração e canal de irrigação em Lagoa da Confusão-TO



Fonte: Conab.

No Pará o cultivo da soja ocupa a área de 500,1 mil hectares. O plantio nessa safra começou no final de outubro, na porção sul da Mesorregião do Sudeste Paraense, e foi finalizado na primeira semana de março, na porção norte da referida região. A colheita da soja já foi praticamente concluída, restando menos de 2% a ser colhido. O rendimento esperado é de 3.191 kg/ha e a pro-

dução de 1.595,8 mil toneladas. Houve um avanço na comercialização da soja, principalmente devido à recente valorização do dólar e da proximidade do prazo final para cumprimento dos compromissos assumidos pelos produtores, dia 30 de junho, onde 80% da safra já foi negociada. Vale ressaltar que o preço médio atual da soja no estado está em R\$ 58,00 a saca.

Figura 76 – Área subirrigada com soja segunda safra em floração em Lagoa da Confusão-TO e em destaque o canal de irrigação



Fonte: Conab.

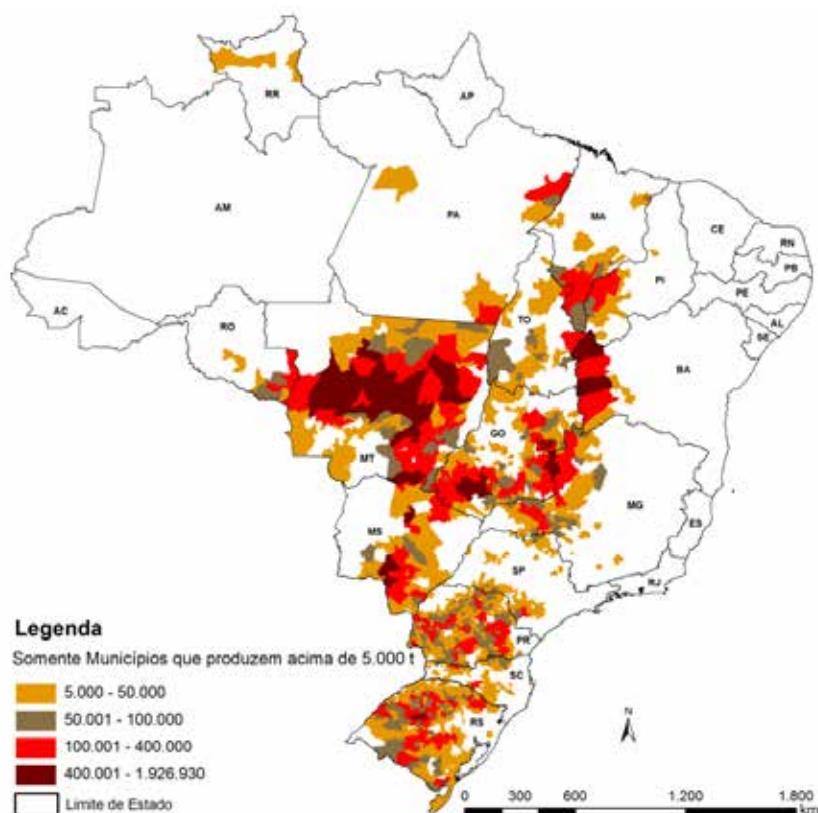


Figura 77 – Área de soja colhida em Dom Eliseu-PA



Fonte: Conab.

Figura 78 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 79 – Área de soja recém colhida em Ulianópolis-PA



Fonte: Conab.

Em Rondônia essa cultura está totalmente colhida. A maior parte dessa lavoura está concentrada na região sul do estado. São grandes áreas e com todas as tecnologias utilizadas. Na região norte central do estado também já são encontradas algumas lavouras. O estado possui grandes áreas com pastagens degradadas e parte dessas áreas poderão ser convertidas em lavouras de grãos, principalmente soja. Estima-se que somente 20% das lavouras são efetuadas com recursos próprios. O restante das lavouras recebe recursos através de agentes financeiros e empresas financiadoras de insumos. A soja é quase toda direcionada para exportação ao mercado europeu e asiático. As lavouras cultivadas tiveram resultados na qualidade do produto como bom 80% e regular 20%. O produto regular é resultado da falta das chuvas no início do desenvolvimento. O

preço praticado hoje está em torno de R\$ 59,00 a saca 60 quilos.

Em Roraima, do total de 30 mil hectares estimados para esta safra, 50% já está no estágio de florescimento. As condições da lavoura são boas e as chuvas estão dentro do esperado. Os produtores conseguiram antecipar o plantio em função das precipitações ocorridas em março, atingindo cerca de 119 mm. Mas os dias de estiagem em abril gerou cautela no setor. A expectativa do setor para produtividade, ainda está em torno dos 3.300 kg/ha. O estado deve cultivar nesta safra a soja transgênica em cerca de 3% da área total. Essa soja será esmagada aqui mesmo no estado e fornecida em ração para peixe. Portanto ainda será predominante a soja convencional.

Figura 80 – Soja em estágio vegetativo em Roraima



Fonte: Conab.



Figura 81 – Soja em estágio vegetativo em Roraima



Fonte: Conab.

Figura 82 – Soja em estágio de florescimento em Roraima



Fonte: Conab.

Figura 83 – Soja em estágio de florescimento em Roraima



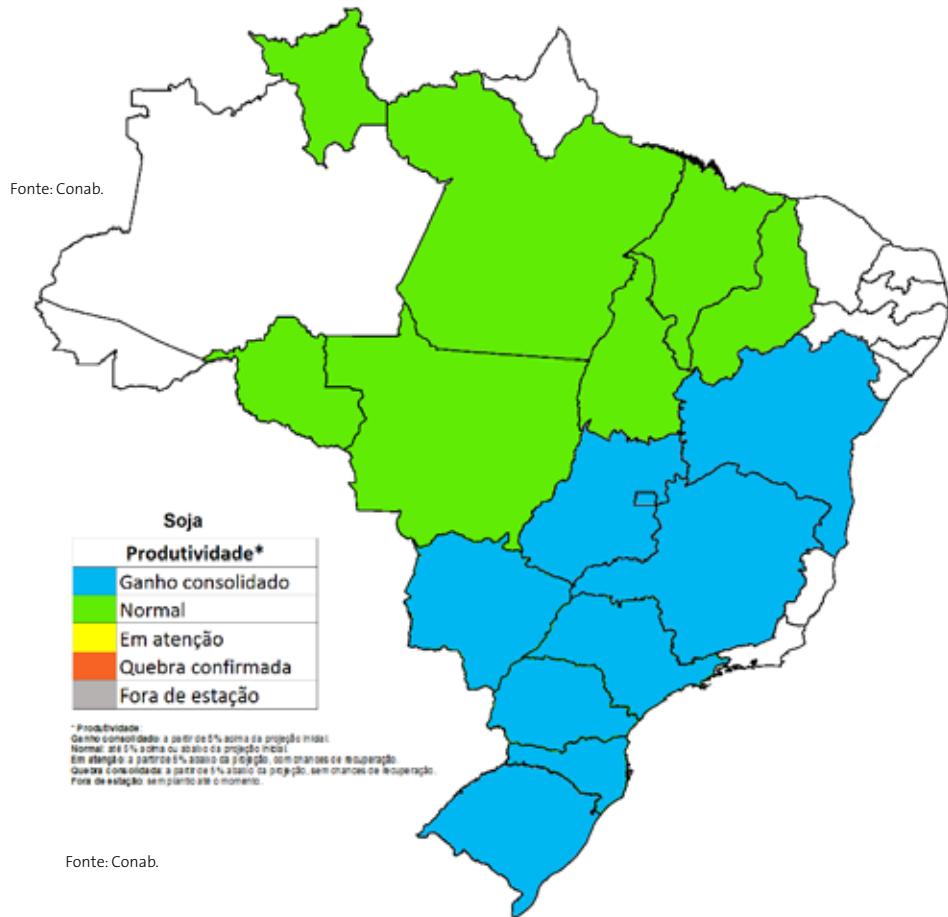
Fonte: Conab.



O desempenho observado nas diversas regiões produtoras nessa temporada indica uma contínua tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,9% em relação à

safra passada, totalizando 33.888,7 mil hectares, com uma expectativa de produção de 113.930,2 mil toneladas.

Figura 84 – Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Occidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/ FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.788,3	13,4	2.423	3.044	25,7	3.818,9	5.444,0	42,6
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.300	-	79,2	99,0	25,0
RO	252,6	296,0	17,2	3.028	3.132	3,4	765,0	927,1	21,2
PA	428,9	500,1	16,6	3.003	3.191	6,3	1.288,0	1.595,8	23,9
TO	870,8	962,2	10,5	1.937	2.933	51,4	1.686,7	2.822,1	67,3
NORDESTE	2.878,2	3.095,8	7,6	1.774	3.123	76,0	5.107,1	9.669,4	89,3
MA	786,3	821,7	4,5	1.590	3.040	91,2	1.250,2	2.498,0	99,8
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	2.952	158,3	645,8	2.048,1	217,1
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.242	54,2	3.211,1	5.123,3	59,5
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.301	12,6	43.752,6	50.149,9	14,6
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.400	14,1	7.241,4	8.575,8	18,4
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.450	4,5	231,0	241,5	4,5
SUDESTE	2.326,9	2.351,4	1,1	3.255	3.456	6,2	7.574,9	8.126,6	7,3
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.466	7,6	4.731,1	5.046,8	6,7
SP	857,6	895,3	4,4	3.316	3.440	3,7	2.843,8	3.079,8	8,3
SUL	11.545,4	11.459,6	(0,7)	3.047	3.538	16,1	35.181,1	40.540,3	15,2
PR	5.451,3	5.249,6	(3,7)	3.090	3.721	20,4	16.844,5	19.533,8	16,0
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.580	7,2	2.135,2	2.292,6	7,4
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.360	13,1	16.201,4	18.713,9	15,5
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.884,1	9,6	2.004	3.094	54,4	8.926,0	15.113,4	69,3
CENTRO-SUL	28.797,4	29.004,6	0,7	3.004	3.407	13,4	86.508,6	98.816,8	14,2
BRASIL	33.251,9	33.888,7	1,9	2.870	3.362	17,1	95.434,6	113.930,2	19,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Oferta e demanda mundial

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou, no dia 09 de junho de 2017, o qua-

dro com estimativa de produção mundial para a safra 2017/18.

a) Produção mundial

Os principais produtores de soja são os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina, que, juntos, são responsáveis por 82% da produção mundial.

a produção chegará a aproximadamente 117 milhões de toneladas, o mesmo valor da safra 2016/17.

Não houve mudanças no quadro de produção mundial em relação ao divulgado em maio de 2017.

Em que pese a estimativa de 09 de junho para a produção dos Estados Unidos, divulgada pelo Usda para a safra 2017/18 de soja em grãos, que é de 115,8 milhões de toneladas, com redução de 1,2% em relação à safra em vigor, em 30 de setembro de 2017, esse departamento estimou que a provável área plantada para a safra 2017/18 americana será de 36,22 milhões de hectares, ou seja, caso esta área se confirme e a produtividade estimada permaneça em 3.230 kg/ha,

Para o Brasil, a produção estimada pelo Usda, para a safra 2017/18, provavelmente fique em torno de 107 milhões de toneladas, valor bastante crível para a próxima safra, pois a área brasileira possivelmente terá um incremento de 2%, contudo, a produtividade talvez venha a ser menor que à safra 2016/17, portanto, a estimativa de redução de produção ficará em aproximadamente 6,14%.

Não houve alteração de produção estimada para a Argentina. Para a China, o Usda estimou um pequeno aumento de produção mundial de aproximadamente 7%.



Com isso, a produção total mundial de soja em grãos é estimada em 344,67 milhões de toneladas.

Tabela 40 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra			Variação a/b		Variação a/b	
	2016/17	2017/18	2017/18				
	(a)	(b)	(c)	Abs.	%	Abs.	%
Estados Unidos	117,21	115,80	115,80	-1,41	-1,20	0,00	0,00
Brasil	114,00	107,00	107,00	-7,00	-6,14	0,00	0,00
Argentina	57,80	57,00	57,00	-0,80	-1,38	0,00	0,00
China	12,90	13,80	13,80	0,90	6,98	0,00	0,00
Outros	49,40	51,07	51,07	1,67	3,37	0,00	-0,01
Total	351,31	344,68	344,67	-6,64	-1,89	0,00	0,00

Fonte: Usda/junho 2016

Nota: Estados Unidos, Brasil e Argentina são responsáveis por 81,18% da produção mundial.

b) Importação mundial

Para as importações mundiais de soja, o Usda estima um aumento de 4,5% nas importações de soja da Chi-

na, passando de 89 milhões de toneladas para 93 milhões de toneladas.

Tabela 41 - Importação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra			Variação a/b		Variação a/b	
	2016/17	2017/18	2017/18				
	(a)	(b)	(c)	Abs.	%	Abs.	%
China	89,00	93,00	93,00	4,00	4,49	0,00	0,00
União Europeia	14,60	15,00	15,00	0,40	2,74	0,00	0,00
Mexico	4,20	4,30	4,30	0,10	2,38	0,00	0,00
Japão	3,20	3,30	3,30	0,10	3,13	0,00	0,00
outros	29,60	32,16	32,01	2,41	8,14	-0,15	-0,47
Total	140,60	147,76	147,61	7,01	4,99	-0,15	-0,10

Nota: A China e a União Européia são responsáveis por 73,08% das importações mundiais.

A China é responsável por 63% das importações mundiais, sendo importante salientar que este aumento das importações chinesas ficam um pouco aquém do

percentual que vinha sendo observado nos últimos anos, portanto, há grandes chances de que a China venha a aumentar estas exportações.

c) Exportações mundiais

Segundo as estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o Brasil continua a ser, na safra 2017/18, o maior exportador de soja em grãos do mundo, com aproximadamente 42,5% de tudo que é exportado mundialmente, todavia, para a próxima safra, tais exportações poderão chegar em apenas 63,5 milhões de toneladas.

Para as exportações brasileiras de soja, para a safra 2017/18, o valor estimado pelo Usda é o mesmo estimado pela Conab para a safra atual, e apesar de maior que da safra 2016/17, estimada pelo Usda em 63,5 milhões de toneladas, ainda é um número bastante conservador.

Para os Estados Unidos, o Usda estima um aumento

de exportação na casa dos 5%, passando de 55,79 milhões de tonelada em 2016/17 para 58,51 milhões de toneladas em 2017/18. Porém, provavelmente esse valor da safra 2016/17 deve ser alterado nas próximas divulgações do Usda, pois a soma do valor exportado e vendas em exportações (exportações futuras) já ultrapassam os 59 milhões de toneladas e caso não haja nenhum cancelamento futuro, as exportações devem ser muito superiores ao estimado.

Para a safra 2017/18 americana, apesar do aumento absoluto de apenas 1,6 milhão de toneladas, esse aumento percentual fica dentro da média praticada nos últimos anos por esse país, porém, existe uma grande possibilidade de que, caso a safra seja maior que a estimada, esse valor seja maior ao estimado.



Tabela 42 - Exportação mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra			Variação a/b		Variação a/b	
	2016/17	2017/18	2017/18				
	(a)	(b)	(c)	Abs.	%	Abs.	%
Brasil	62,40	63,50	63,50	1,10	1,76	0,00	0,00
Estados Unidos	55,79	58,51	58,51	2,72	4,88	0,00	0,00
Argentina	8,50	9,00	8,50	0,50	0,00	-0,50	-5,56
Canada	4,40	5,80	5,80	1,40	31,82	0,00	0,00
outros	13,51	12,75	12,75	-0,76	-5,66	0,00	0,00
Total	144,61	149,56	149,06	4,96	3,08	-0,50	-0,33

Fonte: Usda/junho 2016

d) Esmagamento mundial

Os chineses continuam a ser os maiores esmagadores de soja do mundo, seguidos pelos Estados Unidos, Argentina e Brasil que, juntos, são responsáveis por 77% do esmagamento mundial.

A China deve aumentar seu esmagamento, na safra 2017/18, em 5,8%, e assim como as importações, esse valor estimado é um pouco abaixo da média dos últimos anos.

Por esse motivo há a possibilidade que, tanto os esmagamentos quanto as importações chinesas, venham a aumentar para a safra 2017/18.

Para os Estados Unidos, o Usda prevê um aumento de apenas 2,09% nos esmagamentos para a safra 2017/18, e assim como as exportações, esse valor fica dentro da média dos últimos anos, mas com grandes possibilidades de aumento, pois esses valores são bastante conservadores.

Para a Argentina e o Brasil, aquele departamento americano prevê um pequeno aumento nos esmagamentos de 1,11% e 1,20%, respectivamente.

Tabela 43 - Esmagamento mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra			Variação a/b		Variação a/b	
	2016/17	2017/18	2017/18				
	(a)	(b)	(c)	Abs.	%	Abs.	%
China	86,50	91,50	91,50	5,00	5,78	0,00	0,00
Estados Unidos	51,98	53,07	53,07	1,09	2,09	0,00	0,00
Argentina	45,00	45,50	45,50	0,50	1,11	0,00	0,00
Brasil	41,50	42,00	42,00	0,50	1,20	0,00	0,00
outros	65,59	69,46	69,46	3,87	5,90	0,00	0,00
Total	290,57	301,53	301,53	10,96	3,77	0,00	0,00

Fonte: Usda/junho 2016

Nota: China, Estados Unidos e Brasil são responsáveis por 76,96% dos esmagamentos mundiais..

e) Estoque de passagem mundial

O principal valor a ser observado nos estoques de passagem é o dos Estados Unidos. Com uma produção de 115,8 milhões de toneladas, um esmagamento de 53,07 milhões de toneladas e exportações de 58,51 milhões de toneladas, os estoques de passagem americano, que já eram recordes para a safra 2016/17, para a próxima safra deverão ser ainda maiores, portanto, a relação estoque e consumo americano é o maior dos últimos 11 anos.

Porém existem várias perspectivas de que esse valor possa mudar nos próximos meses, quais são:

1- Com o aumento da área estimada para a safra

2017/2018 e caso a produtividade permaneça em 3.320 kg/ha a produção pode chegar aos 117 milhões de toneladas, um valor muito superior ao estimado atualmente de 115,8 milhões de toneladas, o que pode aumentar os estoques de passagem atuais para a safra plantada atualmente.

2- As exportações da safra 2016/17 devem sofrer um aumento nas próximas divulgações e, com isso, alterar para menos os estoques de passagem da safra colhida (2016/17) e da atual plantada (2017/18).

3- Aumento nas exportações e esmagamento da safra 2017/18, pois a atual estimativa desses valores



ainda não levou em conta o “apetite” do maior importador de soja do mundo, a China, que juntamente

com os preços em baixa deve vir com uma importação maior que a estimada.

Tabela 44 - Estoque mundial final de soja em milhões de toneladas

País/Safra	Safra			Variação a/b		Variação a/b	
	2016/17	2017/18	2017/18				
	(a)	(b)	(c)	Abs.	%	Abs.	%
Argentina	32,75	30,85	32,45	-0,30	-0,92	1,60	5,19
Brasil	25,00	21,40	23,05	-1,95	-7,80	1,65	7,71
China	17,56	17,41	17,41	-0,15	-0,85	0,00	0,00
Estados Unidos	12,26	13,08	13,48	1,22	9,98	0,41	3,12
outros	4,62	5,05	4,80	0,18	3,89	-0,24	-4,78
Total	93,21	88,81	92,22	-0,99	-1,06	3,42	3,85

Fonte: Usda/junho 2016

Nota: China, Estados Unidos e Brasil são responsáveis por 76,96% dos esmagamentos mundiais..

Preços internacionais

Os preços de soja em grãos no mercado internacional continuam sua trajetória de queda e, em junho, foi cotado ao menor preço do ano de 2017, por isso, ficam as perguntas: até onde os preços internacionais devem cair e existe alguma indicação do mercado que inverte essa posição?

Os preços estão em baixa devido à grande oferta de soja em grãos mundial e para safra 2017/18 o Usda estima que a produção de soja dos Estados Unidos, o maior produtor de soja do mundo, possa chegar a 115,8 milhões de toneladas, para o Brasil e a Argentina, segundo e terceiro maiores produtores de soja mundiais, a produção estimada é de 107 milhões de toneladas e 57 milhões de toneladas, respectivamente.

Apesar do aumento de consumo estimado nos Estados Unidos, Brasil, Argentina e China, responsáveis por aproximadamente 77% do consumo mundial, os estoques de passagem mundiais estão estimados em 92 milhões de toneladas. Esse valor representa aproximadamente 27% de toda a produção estimada para a safra 2017/18 no mundo, estimada em 344,67 milhões de toneladas.

Para entender o excesso de oferta mundial, basta lembrar que na safra 2013/2014, os estoques de passagem americano eram de 2,5 milhões de toneladas e na safra 2017/18 passou para 17,41 milhões de toneladas, ou seja, em 4 anos houve um aumento percentual de quase 700% nos estoques finais dos Estados Unidos. Por esse motivo, os preços “spot” da Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), que em 2012 eram cotados em média de US\$ 14,65/bu (chegando a ser cotado a US\$ 17,70/bu em setembro de 2012), vem baixando gradativamente desde então.

Em 2015, com os estoques de passagem americano da safra 2013/14 passando de 2,50 milhões de toneladas para 5,19 milhões de toneladas, os preços CBOT

começaram a ser cotados a um valor menor que US\$ 9,00/bu, chegando em março de 2016 ao valor de US\$ 8,50/bu.

Depois de várias especulações climáticas de um provável problema na safra 2016/17 (que acabou não ocorrendo), os preços internacionais deram uma grande alavancada, chegando a ser cotado a US\$ 11,78/bu.

Porém, diante da confirmação de uma estimativa recorde de safra americana estimada em mais de 117,21 milhões de toneladas, os preços internacionais no segundo semestres de 2016 tiveram uma pequena desvalorização, e só não foi pior devido à demanda aquecida pelas importações de soja em grãos da China estimularem as exportações americanas.

Em 2017, apesar de uma pequena redução de estimativa de produção americana passando de 117,21 na safra 2016/17 para 115,8 milhões de toneladas para a safra 2017/18, o consumo e as exportações não foram suficientemente grandes para diminuir os estoques finais deste país. E por esse motivo, os estoques de passagem estão estimados em mais de 17,41 milhões de toneladas e caso se confirme que a safra 2017/18 americana seja de 117 milhões de toneladas na próxima divulgação, os estoques de passagem podem aumentar.

E apesar de todas as tentativas de especulação em cima de um provável problema climático na safra atual dos Estados Unidos, os preços “spot” que até o final de maio de 2017 estavam encontrando suporte no valor de US\$ 9,40/bu e em junho chegou a US\$ 9,04/bu, fechando o mês em US\$ 9,42/bu, baseado nas projeções meteorológicas trazendo um padrão mais quente e mais seco que a média para julho. Então vamos à primeira pergunta, até onde os preços internacionais podem cair?



Hoje, não existe nenhum fundamento de mercado que impeçam os preços na Bolsa de Valores de Chicago de continuarem a cair, por isso, os preços podem chegar a serem cotados a menos que US\$ 9,00/bu, como ocorrido no final de 2015 e início de 2016, atingindo o valor de US\$ 8,50/bu em março de 2016.

O que pode mudar essa conjuntura?

Primeiramente, o clima. Ainda é muito cedo para prever se a safra americana de 2017/18 chegará ao valor de 115 ou 117 milhões de toneladas. Mesmo com um aumento de área prevista para a safra atual, a produtividade média para a safra 2017/18 é estimada em 3.230 kg/ha, valor muito inferior aos 3.500 kg/ha estimados na safra anterior. Por isso, dificilmente a safra plantada atualmente seja tão volumosa quanto foi a safra 2016/17, pois o clima na época de plantio americano em 2016 foi bastante favorável para uma melhor produtividade.

Isso se traduz em números. A estimativa das condições da safra 2017/18 divulgadas em 26 de junho de 2017 foi estimada que a safra atua estava em 66% de condições boas e excelentes e em 2016/17 eram de 72%, ou seja, a safra atual deve ter uma produtividade menor.

Todavia, a maior parte da safra americana ainda está em fase de crescimento vegetativo, com apenas 9% em florescimento, por isso, o clima ainda pode afetar a produtividade norte-americana caso ocorra algum problema climático nos meses de florescimento, enchimento de grão e colheita, ou seja, julho, agosto e setembro.

Além do motivo climático, outro motivo que pode afetar os preços são as exportações americanas. Até o dia 22 de junho de 2017 as exportações acumuladas, na

safra 2016/17, estavam em 52,6 milhões de toneladas e as vendas para exportações (exportações futuras) em 6,75 milhões de toneladas, por isso, até setembro de 2017, data do término da comercialização da safra 2016/17 e início da safra 2017/18, estima-se que as exportações americanas cheguem a 59,35 milhões de toneladas, ou seja, esse valor é 3,56 milhões de toneladas maior que o estimado para a safra 2016/17 pelo Usda de 55,79 milhões de toneladas. Assim, é bem provável que esse departamento aumente as estimativas de exportações para os Estados Unidos nas próximas divulgações de estimativa de oferta e demanda mundial. Caso isso ocorra, bem provavelmente os estoques de passagem dos Estados Unidos devam baixar, e assim, afetar os preços internacionais positivamente.

Mercado nacional

Segundo a Conab, no seu nono levantamento de safras, a produção nacional de soja em grãos para a safra 2016/17 será de 113,93 milhões de toneladas.

A Secex estimou que as exportações de soja de maio de 2017 fecharam em 9,19 milhões de toneladas. Assim, a soma das exportações no primeiro semestre de 2017 é de quase 44 milhões de toneladas, esse valor é superior em mais de 5,4 milhões de toneladas ao mesmo período de 2016.

Para o segundo semestre de 2017, as exportações têm que ser superiores em quase 6 milhões de toneladas no segundo semestres de 2016 para que as exportações cheguem aos 63 milhões de toneladas estimados para a safra atual, para que isso aconteça, as exportações de julho, agosto e setembro terão que ser próximas às exportações de 2015.

Tabela 45 - Exportações brasileira de soja em grãos

País/Safra	Safra		
	2015	2016	2017
	Quantidade (t)	Quantidade (t)	Quantidade (t)
JAN	85.336	394.432	911.827
FEV	868.659	2.036.818	3.509.447
MAR	5.592.087	8.374.549	8.979.127
ABR	6.550.977	10.085.881	10.432.129
MAI	9.341.009	9.915.099	10.959.858
JUN	9.810.092	7.761.036	9.197.000
1º sem.	32.248.160	38.567.816	43.989.389
JUL	8.440.388	5.787.203	
AGO	5.161.857	3.816.071	
SET	3.705.391	1.443.402	
OUT	2.594.061	998.192	
NOV	1.442.940	316.094	
DEZ	731.440	653.098	
2º sem.	22.076.078	13.014.059	
Total	54.324.238	51.581.875	63.000.000

Fonte: Conab



Não houve nenhuma mudança nos valores de consumo total em julho da safra brasileira com relação ao estimado anteriormente e, finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 5,42

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 641,8 mil hectares e produtividade de 2.914 kg/ha, com produção de 1,87 milhão de toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

Em Goiás o sorgo se encontra em sua maior parte na fase de maturação (região leste e sudoeste do estado), com poucas áreas já colhidas. Devido ao bom regime de chuvas na região, todo o ciclo da cultura foi beneficiado, não há registros significativos de ataques de pragas e/ou doenças que possam vir a comprometer o bom desenvolvimento da cultura e afetar sua produtividade. As poucas áreas já foram colhidas e indicam um excelente rendimento, com expectativa de que o rendimento final seja superior à média histórica do estado.

Em Minas Gerais a cultura tem sido implantada no período de safrinha, para aproveitamento do solo, normalmente em sequência à colheita da soja precoce. O sorgo apresentou aumento de área de 12,8% em comparação com a safra passada. Alguns dos motivos para esse aumento foram: o fechamento da janela para o plantio do milho safrinha, o aumento nos preços dos tratos animais, melhor adaptabilidade ao clima quente em algumas regiões e o menor custo de produção. Semelhante ao que aconteceu com o milho safrinha, o sorgo apresentou aumento acentuado de produtividade e produção em relação à safra anterior, de 70,9% e 92,7%, respectivamente. Em contrapartida, na região norte do estado houve redução de área e rendimento em relação à safra passada. Os fatores que acarretaram a redução de área foi a escassez de mão de obra para a colheita e debulha do produto assim como à substituição do sorgo granífero pelo forrageiro. Nessa região o sorgo já foi colhido. Nas demais regiões as lavouras se encontram em fase de enchiamento e, na maior parte, maturação de grãos.

Na Bahia o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5 mil hectares e com a colheita finalizada estima-se a pro-

dução de 105,2 mil toneladas, o maior valor dos últimos dez anos. Apesar disso, esse valor equivale a um pouco mais de um mês e dez dias de consumo interno, por isso, ainda dentro da normalidade, apesar de também ser o maior percentual de estoque consumo dos últimos 11 anos.

dução de 105,2 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 11,4% na área cultivada e aumento de 18,3% na produção de grãos em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional, com rotação de cultura com o algodão, milho e soja.

Em Mato Grosso as condições da lavoura de sorgo são consideradas boas, as chuvas têm contribuído para o bom desenvolvimento da gramínea. A predominância do estádio da cultura encontra-se em frutificação. A estimativa para a safra 2016/17 é de 37,6 mil hectares, decréscimo de 23,3% em relação aos 49 mil hectares semeados na safra passada. Tal recuo no espaço dedicado ao sorgo deve-se, em grande parte, à concorrência por espaço com o milho, que nessa safra registrou incremento significativo de área. A produtividade esperada é de 2.312 kg/ha, aumento de 20,7% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior. Assim, a produção está estimada em 86,9 mil toneladas, ante aos 93,8 mil da safra anterior.

Em Tocantins verificou-se um crescimento do cultivo do grão de 29,5% ante à safra passada. Além do ganho na área ocupada, a cultura apresenta um ganho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado e espera-se uma produtividade de 13,2% maior em relação à safra passada. A colheita está se iniciando apenas para os produtores que não optaram pela cultura do milho segunda safra, e o percentual colhido, até o momento, é de 9,9% da área total.

Em São Paulo o sorgo sinaliza com redução de 16,9% na área e crescimento de 5,7% na produtividade devido às boas condições climáticas. O estado pode vir a consumir mais sorgo na composição das rações de aves, suínos, bovinos, entre outros, liberando o excedente do milho produzido internamente para ser vendido para o mercado externo. Em relação ao mercado, o plantio de sorgo em sucessão às culturas de verão, tem contribuído para a oferta sustentável de



alimentos de boa qualidade para a nutrição animal e de baixo custo, tanto para pecuaristas como para o segmento de rações.

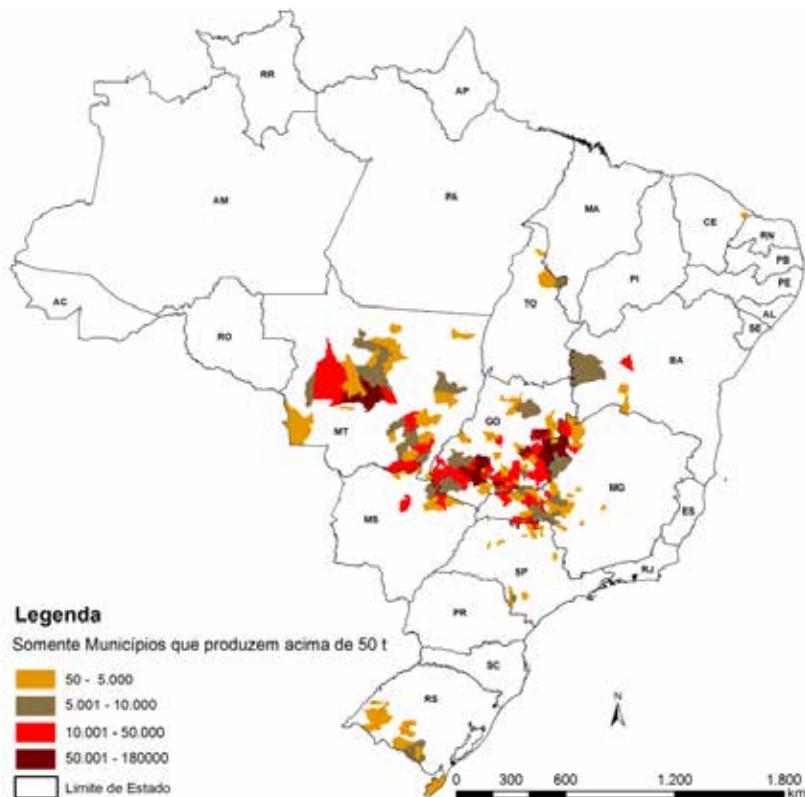
No Piauí a área semeada de sorgo no estado está estimada em 11,4 mil hectares, representando um aumento de 307,3% em relação à safra passada, já a produtividade prevista é de 2.350 kg/ha. Atualmente 100% da área da cultura se encontra em fase de maturação, a previsão é de que a colheita tenha início e encerramento em julho.

Em Mato Grosso do Sul a produção desse grão vem sofrendo redução acentuada nos últimos anos, visto que os 7,3 mil hectares cultivados nessa safra apresentam uma queda de 23,2% em relação à safra passada. Quanto à produtividade, a expectativa é que sejam colhidos 3.500 kg/ha, o que representa um incremento de 3,2% sobre a safra anterior em decorrência de melhores condições climáticas durante o ciclo da cultura na safra atual. Esse grão, cultivado apenas no norte/nordeste do Mato Grosso do Sul, segue como alternativa ao milho segunda safra, principalmente após

atingir o período ideal de plantio desse grão, por ser uma cultura mais resistente às intempéries. O produto normalmente é de fácil comercialização e, imediatamente após a colheita, são escoados para os centros consumidores não permanecendo armazenados no estado. Os preços são orientados pelo mercado de milho e via de regra segue na proporção de 80% desse grão.

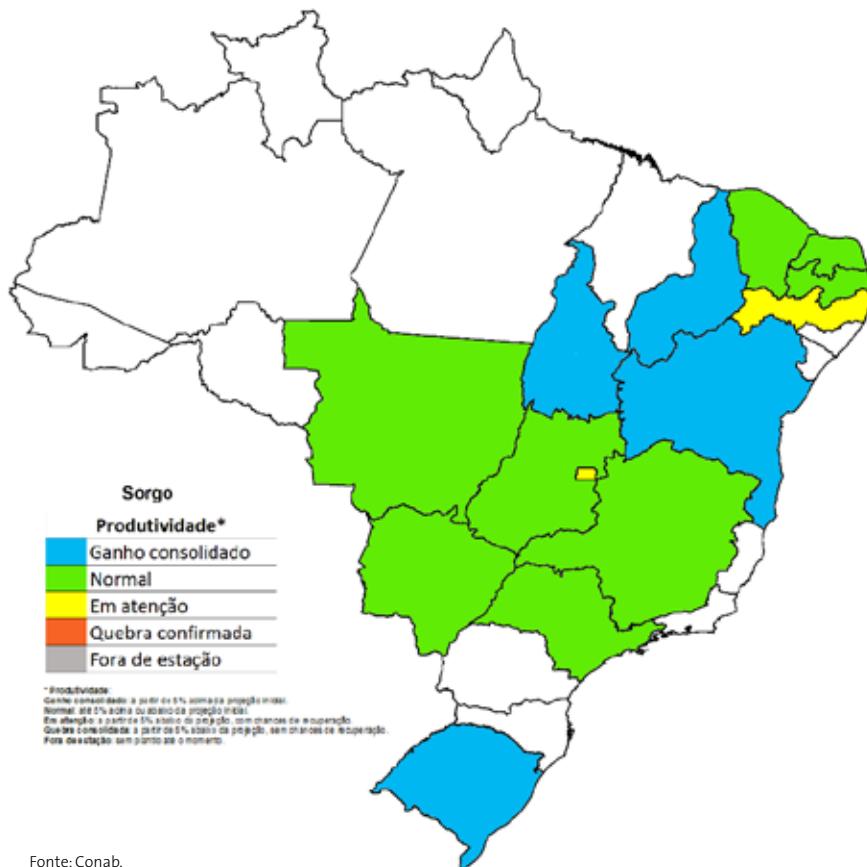
Na Paraíba o produtor tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito à exploração do sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem e feno, para o consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 0,3 mil hectares de sorgo granífero, destinado à formação de sementes. Essa cultura teve o plantio encerrado nessa safra, com uma área de 1,3 mil hectares e produtividade estimada em 1.600 kg/ha. Toda cultura está na fase de maturação, apresentando condições regulares. Do total plantado, 70% foi realizado por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado.

Figura 85 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 86 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Fonte: Conab.

Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (P)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 46 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	29,5	17,5	1.687	1.909	13,2	42,3	56,3	33,1
TO	25,1	29,5	17,5	1.687	1.909	13,2	42,3	56,3	33,1
NORDESTE	97,1	118,3	21,8	942	1.166	23,8	91,4	137,9	50,9
PI	2,8	11,4	307,3	45	2.350	5.122,2	0,1	26,8	26.700,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	1,3	225,0	1.224	1.344	9,8	0,5	1,7	240,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.600	100,0	0,2	2,1	950,0
PE	4,5	5,1	13,3	167	155	(7,2)	0,8	0,8	-
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.068	6,2	88,9	105,2	18,3
CENTRO-OESTE	262,8	280,0	6,5	1.836	3.364	83,2	482,6	941,9	95,2
MT	49,0	37,6	(23,3)	1.915	2.312	20,7	93,8	86,9	(7,4)
MS	9,5	7,3	(23,2)	3.390	3.500	3,2	32,2	25,6	(20,5)
GO	201,0	230,1	14,5	1.700	3.500	105,9	341,7	805,4	135,7
DF	3,3	5,0	51,5	4.500	4.800	6,7	14,9	24,0	61,1
SUDESTE	185,0	205,0	10,8	2.102	3.448	64,1	388,8	706,9	81,8
MG	172,6	194,7	12,8	2.018	3.448	70,9	348,3	671,3	92,7
SP	12,4	10,3	(16,9)	3.266	3.452	5,7	40,5	35,6	(12,1)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	147,8	20,9	1.095	1.314	20,0	133,7	194,2	45,3
CENTRO-SUL	456,8	494,0	8,1	1.965	3.392	72,6	897,8	1.675,8	86,7
BRASIL	579,0	641,8	10,8	1.782	2.914	63,5	1.031,5	1.870,0	81,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

9.2 CULTURAS DE INVERNO

A produção nacional da safra de culturas de inverno deve alcançar 237.215,6 mil toneladas. A intenção total de semeadura pelos produtores ainda não está completamente definida, havendo pouca procura por sementes e/ou linhas de crédito para o custeio. Ainda assim, a área para essa safra apresenta aumento de

3,9% em relação à safra passada. No Rio Grande do Sul, de maneira geral, as lavouras se encontram em fase de implantação, tendo evoluído consideravelmente a partir do início do segundo decêndio de junho, quando cessou o período de grande intensidade pluviométrica.

9.2.1. AVEIA

No Rio Grande do Sul, boa parte das lavouras haviam sido implantadas antes do início do período chuvoso. No entanto, a semeadura foi paralisada, retornando somente após a melhora das condições climáticas. O excesso de chuvas e falta de luminosidade prejudicaram o adequado estabelecimento da cultura, com plantas apresentando dificuldades de crescimento. A estimativa de área plantada é de 248,2 mil hectares, 13,7% superior ao ano passado.

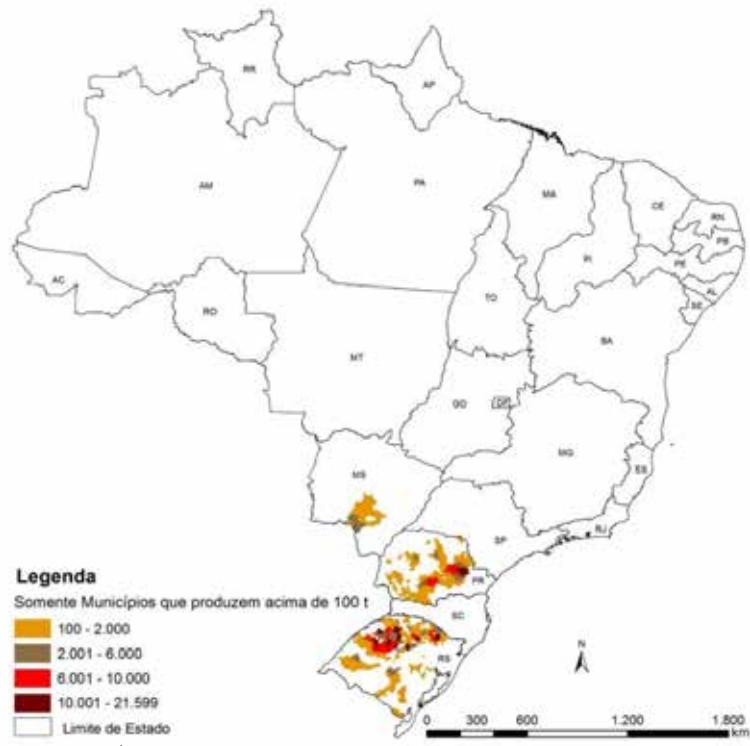
No Paraná, o plantio já atinge 88% da área estimada, 68,8 mil hectares. O aumento de 18,2% na área, em relação ao ano anterior, deve-se ao desestímulo dos produtores com a cultura do trigo. O clima favorável tem beneficiado as lavouras, cuja produtividade esperada

é de 2.320 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul, a produtividade estimada de aveia teve aumento de 6,7% em comparação com a safra anterior, refletindo as boas condições climáticas da atual safra. Há muita variabilidade nos estádios de desenvolvimento das lavouras devido às diferentes épocas de plantio e à instabilidade climática das regiões produtoras. Como o cereal não figura dentre as grandes culturas, o mercado está estagnado, apresentando uma baixa liquidez e pouca demanda. A maioria das lavouras plantadas são destinadas à cobertura do solo, pois o cereal tem pouco mercado no estado e a produção é enviada para o interior de São Paulo e para fabricação de ração.



Figura 87 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 11 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RS	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense				P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	19,0	26,7	1.500	1.600	6,7	22,5	30,4	35,1
MS	15,0	19,0	26,7	1.500	1.600	6,7	22,5	30,4	35,1
SUL	276,5	317,0	14,6	2.912	2.539	(12,8)	805,3	804,9	-
PR	58,2	68,8	18,2	2.508	2.320	(7,5)	146,0	159,6	9,3
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	2.600	(13,9)	659,3	645,3	(2,1)
CENTRO-SUL	291,5	336,0	15,3	2.840	2.486	(12,5)	827,8	835,3	0,9
BRASIL	291,5	336,0	15,3	2.840	2.486	(12,5)	827,8	835,3	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.2.2. CANOLA

No Rio Grande do Sul, boa parte da área foi semeada em maio, porém, devido às intensas chuvas e à baixa incidência de radiação solar logo no início do cultivo, alguns produtores deixaram de investir na cultura. Há muitos relatos de lavouras com problemas de estabelecimento da cultura, além de produtores que as abandonaram, pois, o atraso no período de semeadura, poderá resultar no atraso da colheita e, consequentemente, da semeadura da soja, que é mais atraente financeiramente. Mesmo assim, a estimativa é de

uma área 5,1% superior à verificada no ano passado.

No Paraná o plantio dos 4 mil hectares já está finalizado. Quando comparado à safra anterior, houve redução de área de 36,4%, atribuída à expectativa futura de mercado. Espera-se uma produtividade média de 1.669 kg/ha, 12,8% superior à safra anterior, porém, cabe destacar que na safra passada várias floradas da canola foram danificadas pela geada. As lavouras se encontram, em sua maioria, nas fases de desenvolvimento vegetativo e floração, e suas condições são consideradas boas.

Figura 88 – Mapa da produção agrícola – Canola

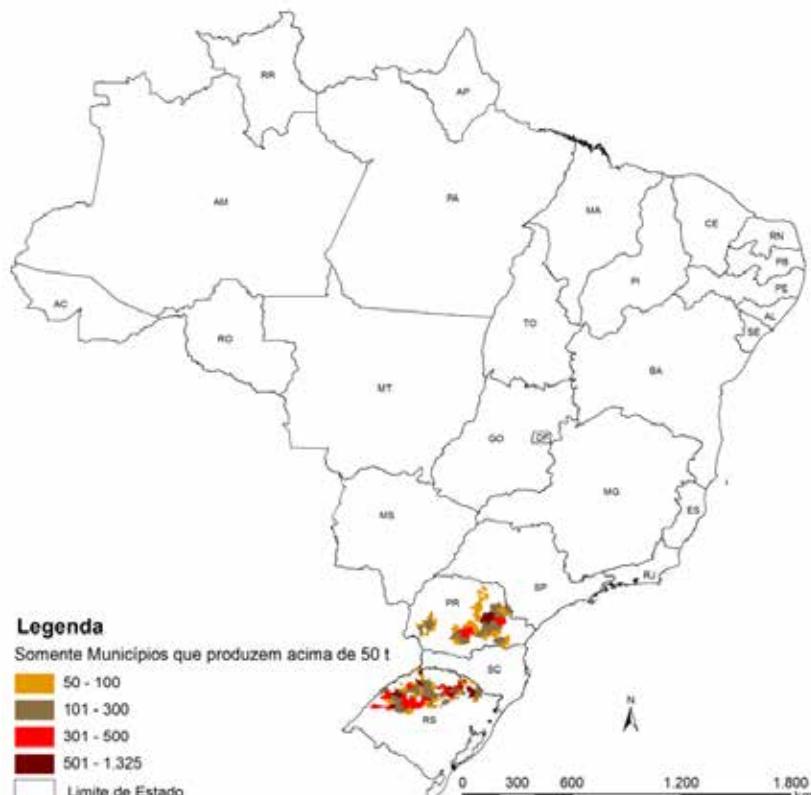


Tabela 48 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	47,3	(0,4)	1.514	1.569	3,6	71,9	74,2	3,2
PR	6,3	4,0	(36,4)	1.479	1.669	12,8	9,3	6,7	(28,0)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	1.558	2,5	62,6	67,5	7,8
CENTRO-SUL	47,5	47,3	(0,4)	1.514	1.569	3,6	71,9	74,2	3,2
BRASIL	47,5	47,3	(0,4)	1.514	1.569	3,6	71,9	74,2	3,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.2.3. CENTEIO

No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. A previsão de área é de 1,5 mil hectares,

visto que 44% já está semeado. A expectativa é de incremento de 50% na área plantada quando comparada à safra anterior, pois houve falta de sementes no ano passado.

Figura 89 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 49 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.767	(32,0)	6,5	5,3	(18,5)
PR	1,0	1,5	50,0	2.402	2.018	(16,0)	2,4	3,0	25,0
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.500	(44,4)	4,1	2,3	(43,9)
CENTRO-SUL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.767	(32,0)	6,5	5,3	(18,5)
BRASIL	2,5	3,0	20,0	2.600	1.767	(32,0)	6,5	5,3	(18,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.2.4. CEVADA

No Rio Grande do Sul, com cerca de 90% da área semeadas, a estimativa é de aumento de 10% em relação à área da safra anterior. Entre os motivos do aumento, o estímulo da indústria cervejeira continua sendo atrativo para o produtor, assegurando bom preço de comercialização.

No Paraná, o plantio do cereal é tipicamente realizado com fomento das maltarias, que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. O plantio está 67% efetivado e a previsão da área é de 50,9 mil hectares, ou seja, 19,8% superior em relação à safra anterior. Esse

aumento ocorre devido aos baixos preços do trigo, fomento das maltarias e pelo ótimo desempenho da cultura na safra passada. As lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina, a cevada é cultivada para atender demandas contratuais com as cervejarias. A área plantada deverá ser de 1,2 mil hectares, 7,7% menor que o observado na safra passada, localizada em municípios do Oeste, fomentados por Cooperativa local. A área se encontra preparada para plantio, o qual deve ocorrer quando as condições climáticas permitirem.

Figura 90 - Mapa da produção agrícola - Cevada

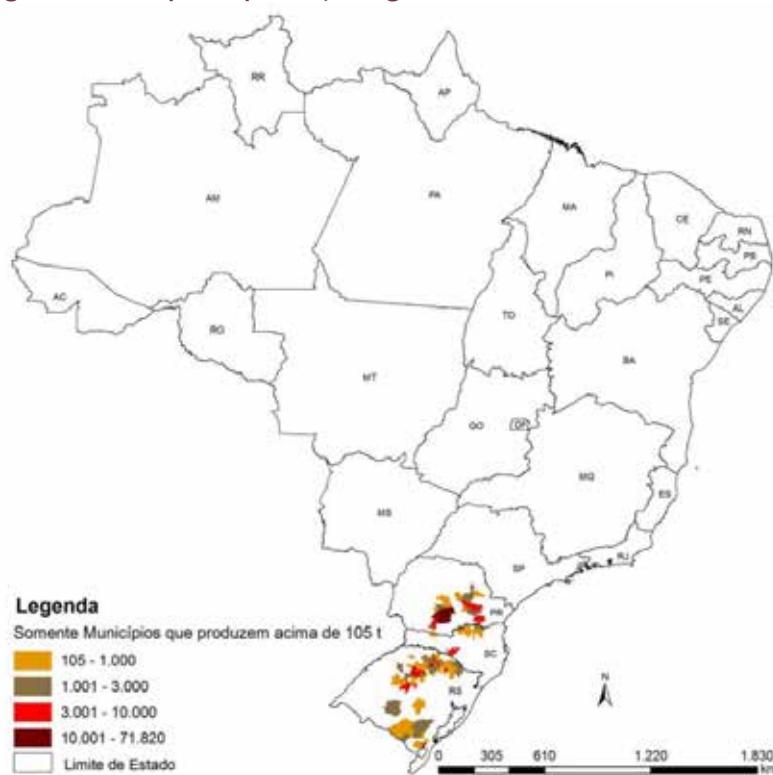


Tabela 50 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.229	(17,6)	374,8	352,3	(6,0)
PR	42,5	50,9	19,8	4.682	3.824	(18,3)	199,0	194,6	(2,2)
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	3.175	(33,9)	6,2	3,8	(38,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.700	(17,5)	169,6	153,9	(9,3)
CENTRO-SUL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.229	(17,6)	374,8	352,3	(6,0)
BRASIL	95,6	109,1	14,1	3.921	3.229	(17,6)	374,8	352,3	(6,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.



9.2.5. TRIGO

No Paraná, o plantio já ultrapassa 90% da área de 977,8 mil hectares prevista para o cultivo, 10% menor quando comparada à safra anterior. Essa redução ocorreu devido aos baixos preços vigentes do cereal. O início da safra já foi mais chuvoso que o habitual e as áreas semeadas mais cedo, que atualmente estão em floração, foram as que mais sofreram com incidência de doenças, haja visto que os produtores não conseguiram realizar os tratos fitossanitários necessários preventivamente. Existem relatos de Mancha Foliar, Gibberella, Brusone e Ódio, as quais foram controladas com uso de fungicidas. A maioria das lavouras estão boas e a estimativa de produtividade é de 2.991 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, a semeadura alcançou aproximadamente 60% da área total e tem evoluído rapidamente, com algumas regiões já apresentando 80% da área semeada. A tendência é de redução de cerca de 10% na área cultivada. Inicialmente, em algumas regiões, a expectativa era que a redução pudesse ser ainda maior, muito em razão das dificuldades climáticas no início da época de semeadura. Posteriormente, com a melhora dessas condições e a adequada evolução da semeadura, alguns produtores que inicialmente não cultivaram o cereal ou o fariam em área menor, sentiram-se mais motivados, evitando uma redução maior. Em algumas regiões, porém, essa redução pode chegar a 30%, principalmente naquelas em que há prevalência de grandes produtores. Em regiões com presença maior de pequenos e médios produtores a tendência é de menor redução ou mesmo a manutenção da área, já que esses produtores têm a necessidade de manter alguma fonte de renda no inverno e, mesmo que a produtividade seja baixa e apenas cubra o custo de produção, haverá benefícios à cultura seguinte, nesse caso a soja. Além disso, produtores familiares têm a possibilidade de acesso ao bônus da PGPAF, o que se torna atrativo caso haja redução do preço no momento da colheita.

Em Santa Catarina a semeadura do trigo teve início em meados de junho, ocorrendo de acordo com as condições climáticas no decorrer do período, marcadas por chuvas e dias nublados, o que, de certa forma, frustrou um pouco a intenção de muitos agricultores em implantar a cultura mais cedo a fim de que a colheita dessa não interferisse no plantio da safra de verão, como a soja. Assim, até o encerramento do levantamento em torno de 24% da área havia sido semeada. A ampla maioria das lavouras já implantadas se encontram em fase de germinação/emergência (70%). As condições delas são consideradas boas, pois as últimas chuvas ocorreram em volumes adequados, ao contrário das ocorridas no início de junho, quan-

do altos volumes precipitaram por um longo período. Apesar dos ótimos resultados em termos de produtividade e qualidade do produto obtidos na safra passada, os produtores não obtiveram o mesmo em relação à rentabilidade, já que o preço ficou aquém do esperado, o que resultou em menor intenção de plantio da cultura na safra atual. Até o momento, se estima uma redução em torno de 5,3% em relação ao observado na safra passada, o que deve gerar uma área de aproximadamente 55 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área prevista para o plantio de trigo deverá ser de 84,7 mil hectares, redução de 0,5% em relação à safra passada. Parte da área que inicialmente seria destinada à produção de trigo foi remanejada para o milho ou deixada em pousio. O rendimento do trigo irrigado está condizente com a tecnologia empregada e as condições pluviométricas propiciaram redução de custo de irrigação na região. Entretanto, o sequeiro apresenta redução devido à presença de Brusone, conforme previsto no levantamento anterior. No Triângulo Mineiro a cultura se encontra em ponto de maturação, devendo ser colhida nas semanas que se seguem. Já na região sul do estado a maior parte da cultura se encontra em fase de elongação dos colmos. De modo geral, a cultura se desenvolve bem, como resposta ao clima que está favorável, e a produtividade média esperada é de 2.780 kg/ha.

Em São Paulo, o trigo apresenta estimativa de redução na área plantada em relação à safra anterior, fato que se deve basicamente aos preços praticados à nível de produtor. Na safra anterior foram obtidas excelentes produtividades e, naquele momento, o produtor não conseguiu comercializar seu trigo em preços melhores. Sendo assim, nessa safra, alguns produtores optaram pelo milho segunda safra. Os produtores também informam que o trigo tem alto custo de produção, pois são lavouras mais suscetíveis às doenças e que demandam mais tratamentos fitossanitários. A área sinaliza redução de 6%, devendo ser de 72,2 mil hectares.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras se encontram, principalmente, no estágio final de perfilhamento e início de alongamento. O clima está favorável ao crescimento e desenvolvimento da cultura, pois as precipitações estão frequentes em todos os municípios produtores do estado. Em algumas lavouras há problemas de clorose foliar em decorrência da lixiviação de bases e perdas de nitrogênio devido às frequentes chuvas durante o outono. Com o início do inverno e a tendência de estiagem para as próximas semanas, os produtores iniciarão aplicações preventivas, tanto para doenças quanto para pragas, as quais não apre-



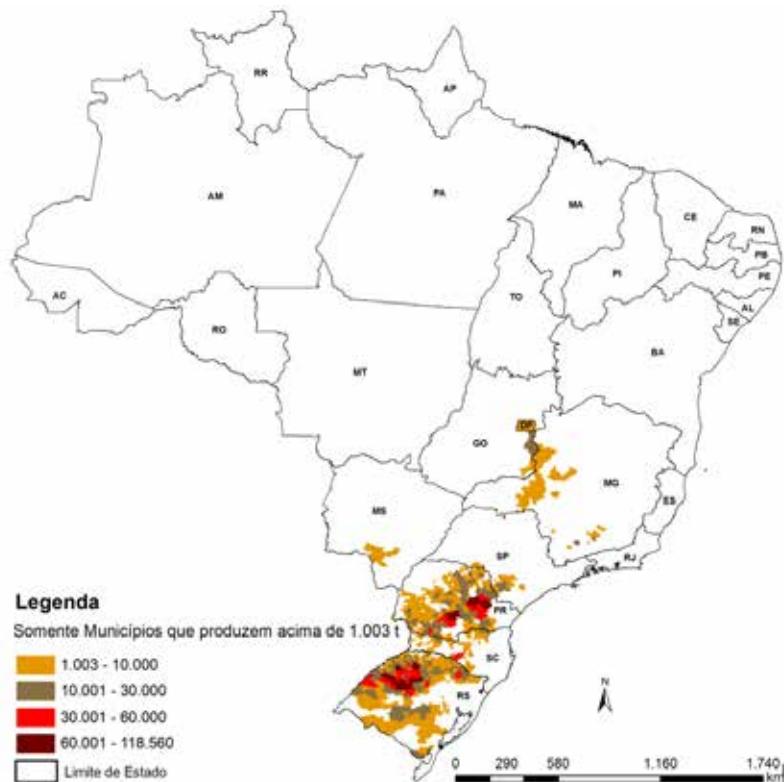
sentaram problemas significativos.

No Distrito Federal, a área cultivada com trigo será de 0,8 mil hectares, com produtividade média estimada em 6.000 kg/ha configurando, portanto, uma produção estimada de 4,8 mil toneladas. Os produtores estavam otimistas em relação ao crescimento de área, porém, no período de semeadura, quando as culturas concorrentes como feijão e milho apresentaram cotações recordes no mercado, associadas à falta de umidade para implantação das lavouras, o trigo de sequeiro sofreu drástica redução de área. No trigo irrigado, muitos produtores desistiram de plantar pela falta de água para irrigação, destinando os recursos escassos para culturas mais rentáveis, como milho para semente. A colheita está prevista para meados

de julho. O triticultor da região central do Brasil tem como vantagem o trigo do Cerrado, que é o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado também favorece também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

Na Bahia o cultivo de inverno do trigo foi iniciado em meados de maio em manejo irrigado. A expectativa de plantio é de 5 mil hectares, esperando-se o rendimento de 6.000 kg/ha (100 sc/ha) e a produção de 30 mil toneladas. A colheita deverá ocorrer em agosto. Os plantios se concentram na região extremo-oeste do estado em manejo irrigado com pivô central realizado em sistema de plantio direto e convencional.

Figura 91 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 51 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	31,8	(3,3)	3.657	3.503	(4,2)	120,3	111,4	(7,4)
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	2.400	3,1	41,4	48,0	15,9
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	156,9	(2,6)	2.852	2.943	3,2	459,4	461,7	0,5
MG	84,3	84,7	0,5	2.599	2.780	7,0	219,1	235,5	7,5
SP	76,8	72,2	(6,0)	3.129	3.133	0,1	240,3	226,2	(5,9)
SUL	1.921,4	1.732,0	(9,9)	3.190	2.872	(10,0)	6.129,1	4.975,0	(18,8)
PR	1.086,4	977,8	(10,0)	3.140	2.991	(4,7)	3.411,3	2.924,6	(14,3)
SC	58,1	55,0	(5,3)	3.800	2.957	(22,2)	220,8	162,6	(26,4)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	2.700	(16,0)	2.497,0	1.887,8	(24,4)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	1.920,7	(9,2)	3.171	2.889	(8,9)	6.708,8	5.548,1	(17,3)
BRASIL	2.118,4	1.925,7	(9,1)	3.175	2.897	(8,8)	6.726,8	5.578,1	(17,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.

Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
SP	Itapetininga				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



9.2.5.1. OFERTA E DEMANDA

Considerando que o término da safra 2016/17 ocorrerá ao final de julho, em que pese a finalização do levantamento do volume total produzido, o fechamento do quadro de oferta e demanda nacional de trigo para esta safra ainda depende de dados mais atualizados em algumas variáveis, tais como as quantidades importadas, exportadas e consumidas internamente, uma vez que tais números interferem diretamente no volume do estoque de passagem para a safra vindoura.

Diante dos números divulgados acerca das importações realizadas até junho, os mais atualizados até a presente data, mantém-se a estimativa de um volume de importação na ordem de 6,92 milhões de toneladas, totalizando um suprimento nacional de 14,46 milhões de toneladas na safra 2016/17. Assim, estima-se uma moagem industrial de 11 milhões de toneladas e um estoque de passagem para a safra 2017/18 na ordem de 2,44 milhões de toneladas.

Para a safra 2017/18, cujo plantio se encontra em fase

final no Paraná, líder na produção nacional, e restando pouco mais de 1/4 da área esperada no Rio Grande do Sul, a expectativa é de que sejam produzidas 5,58 milhões de toneladas em todo o país, o que representa uma redução de 17,1% em relação à safra atual. Com estoques iniciais estimados em 2,44 milhões de toneladas, será necessário importar 7 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Por outro lado, espera-se que o país exporte o equivalente a 800 mil toneladas de trigo, valor próximo ao estimado para a safra 2016/17.

Projetando um cenário de recuperação econômica, espera-se uma moagem industrial na ordem de 11,4 milhões de toneladas ao longo da safra 2017/18. Com isso, a previsão é que o consumo interno gire em torno de 11,69 milhões de toneladas, impulsionado pela ampla oferta de trigo no Brasil e no resto do mundo.

Tabela 52 - Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - Em mil toneladas - Período: Agosto-julho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES(1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽¹⁾	809,3	6.726,8	6.920,0	14.456,1	700,0	11.000,0	317,7	11.317,7	2.438,4
2017/18 ⁽²⁾	2.438,4	5.578,1	7.000,0	15.016,5	800,0	11.400,0	288,9	11.688,9	2.527,6

Legenda: (1) Estimativa (2) Previsão.

Fonte: Conab.

9.2.6. TRITICALE

No Paraná, da área estimada de 8,4 mil hectares a ser plantada nessa safra, 67% já se encontra concluída. Quando comparada à safra anterior, haverá redução de área de 13,1%, devido, além da pequena expressão econômica do cereal, à pouca disponibilidade de sementes.

Em São Paulo os grãos de triticale são utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana. Todavia, devido

ao baixo interesse na triticultura nacional e consequente queda dos preços do trigo em grão, o triticale passou a ser demandado para ração animal em substituição ao milho devido ao menor custo de produção. Além do uso na ração animal, que varia em face das oscilações do preço do milho, há também a demanda por alimentação humana, onde é misturado ao trigo. A área plantada deverá ser de 7,5 mil hectares.



Figura 92 – Mapa da produção agrícola – Triticale

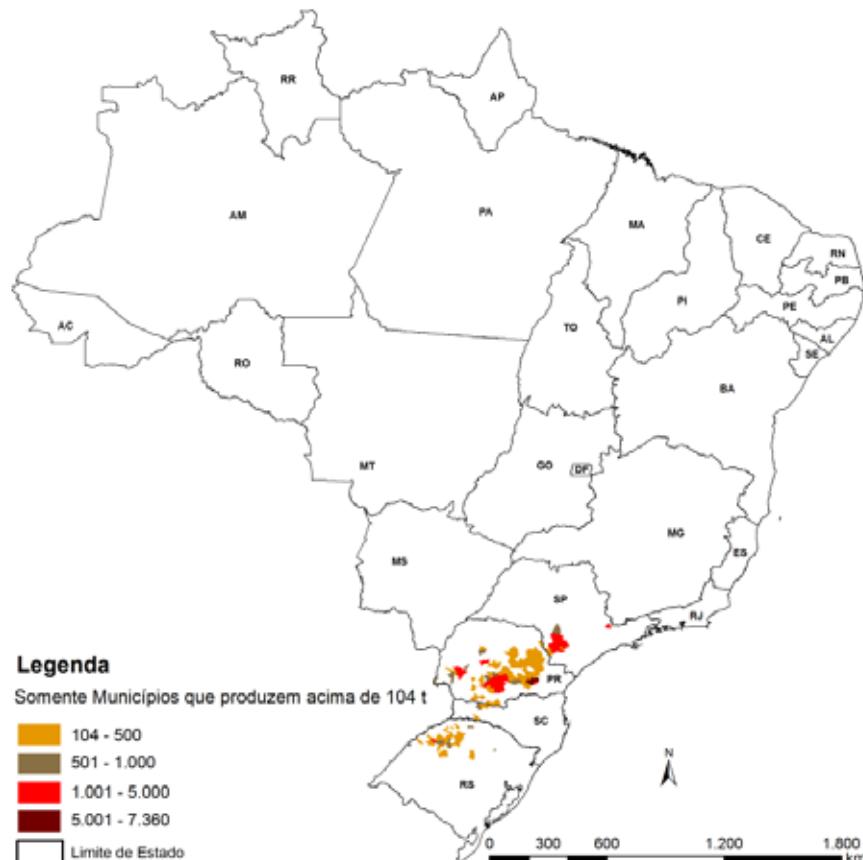


Tabela 53 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.893	1,4	21,4	21,7	1,4
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.889	1,2	21,4	21,7	1,4
SUL	16,0	14,1	(11,9)	2.919	2.553	(12,5)	46,7	36,0	(22,9)
PR	9,7	8,4	(13,1)	3.097	2.857	(7,7)	30,0	24,0	(20,0)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.100	(22,2)	15,4	12,0	(22,1)
CENTRO-SUL	23,5	21,6	(8,1)	2.898	2.671	(7,8)	68,1	57,7	(15,3)
BRASIL	23,5	21,6	(8,1)	2.898	2.671	(7,8)	68,1	57,7	(15,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2017.





10. RECEITA BRUTA

O décimo levantamento de grãos da 2016/17 da Conab e a pesquisa contínua de preços recebidos pelo produtor, também realizado pela Companhia, permitem estimar a receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2016/17. O total estimado para a safra 2016/17, a partir dessas fontes, é de R\$ 167,83 bilhões, valor 12,9% menor do que o estimado para a safra 2015/16.

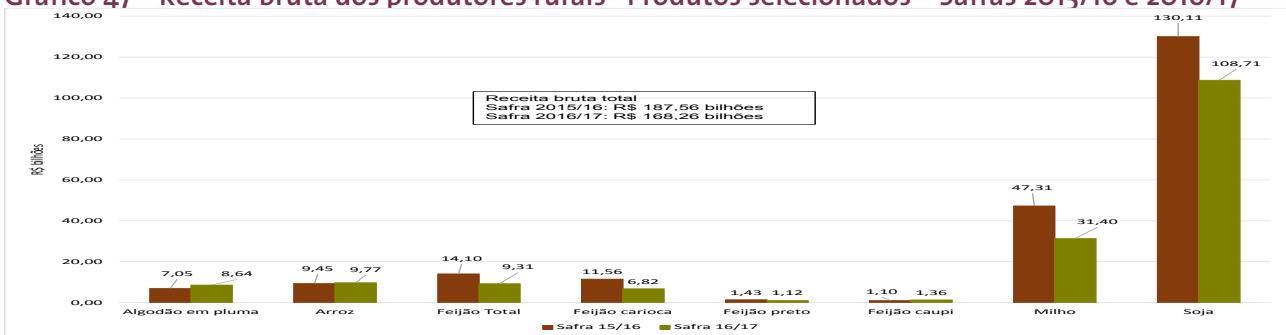
Tabela 54 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	05/2016	05/2017	Variação	05/2016	05/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,48	15,2%	15	81,99	87,29	6,5%	7,05	8,64	22,6%
Arroz	10,60	12,32	16,2%	60	53,45	47,58	-11,0%	9,45	9,77	3,4%
Feijão Total	2,51	3,36	33,8%	60	336,52	165,98	-50,7%	14,10	9,31	-34,0%
Feijão-carioca	1,68	2,13	26,5%	60	412,63	192,48	-53,4%	11,56	6,82	-41,0%
Feijão-preto	0,47	0,51	9,0%	60	183,33	131,63	-28,2%	1,43	1,12	-21,7%
Feijão-caupi	0,36	0,73	100,1%	60	181,85	112,49	-38,1%	1,10	1,36	23,8%
Milho	66,53	96,03	44,3%	60	42,66	19,62	-51,1%	47,31	31,40	-29,4%
Soja	95,43	113,93	19,4%	60	81,80	57,25	-30,0%	130,11	108,71	-16,4%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	195,07	167,83	-12,9%

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa de produção em junho/2017 e preços de junho de 2016 e 2017.

Gráfico 47 – Receita bruta dos produtores rurais– Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

A seguir, serão apresentados os cálculos detalhados do computo da receita bruta para cada um dos produtos supracitados.

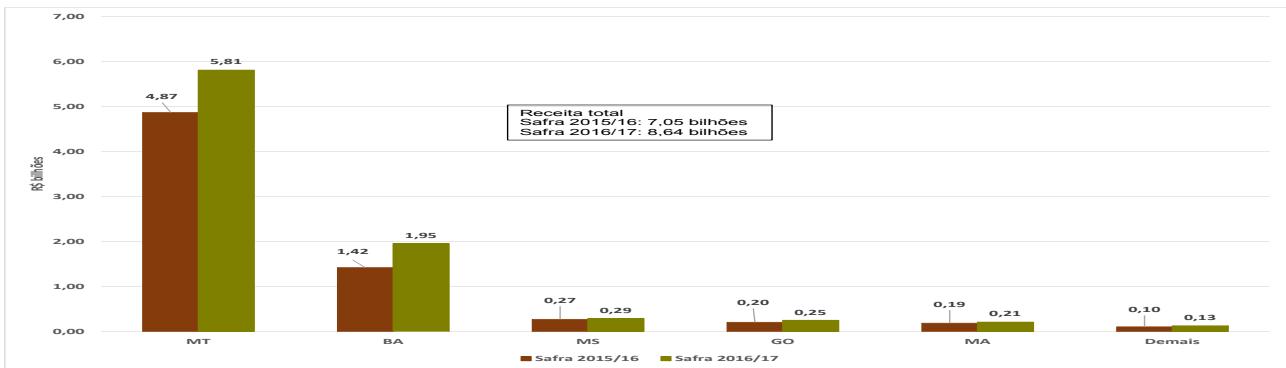
10.1. ALGODÃO

Os maiores estados produtores da fibra são o Mato Grosso e a Bahia, os quais totalizam cerca de 88% da produção nacional. Isso posto, são essas Unidades da Federação que são responsáveis pela maior parcela da receita bruta referente ao algodão. As produções desses estados aumentaram 12,8% e 29,1%, respectivamente. Além disso, os preços médios recebidos pelos produtores dessas unidades da federação apresenta-

ram crescimentos de 5,8% e 6,7%, respectivamente.

Então, culminando os aumentos na produção e nos preços recebidos pelos produtores encontramos a estimativa total de 5,8 bilhões no Mato Grosso e 1,9 bilhão na Bahia, esses valores totais apresentam aumentos de 22,3% e 37,8%, respectivamente, em relação à receita bruta estimada para a safra anterior.

Gráfico 48 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Junho/2016 a Junho/2017



Fonte: Conab.



Para os demais estados produtores também foram encontrados aumentos nas estimativas da receita bruta para os estados da Região Nordeste e da Região Centro-Oeste. Dessa forma, observa-se no cálculo

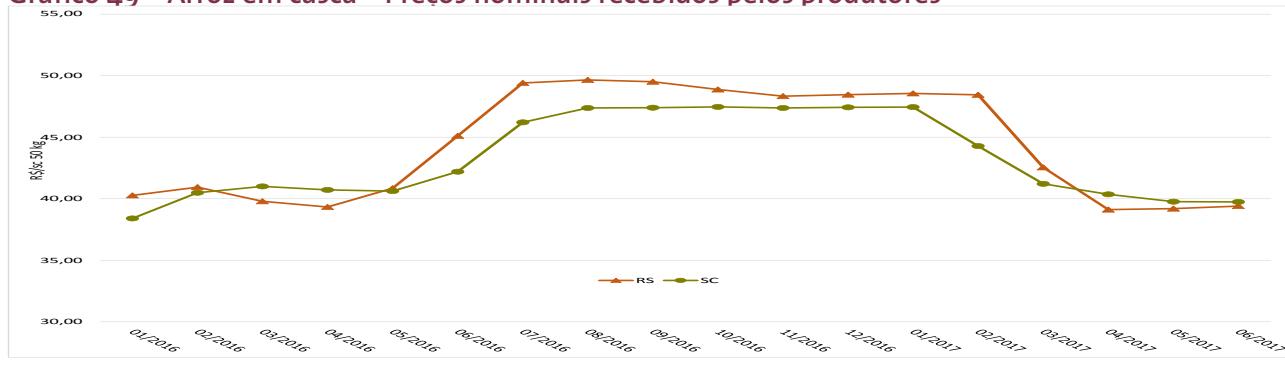
10.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, esse fator indica a grande importância dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta do arroz. Isso posto, a produção nas Unidades da Federação supracitadas, conforme o décimo levantamento

total, para a receita bruta da fibra no Brasil, na safra 2016/17, o valor de 8,64 bilhões de reais, valor superior em 22,6% a aquele observado para a safra anterior.

tamento de grãos para a safra 2016/17 da Conab, indica aumento de 18,6% e 7%, respectivamente. Porém os preços praticados na região sofreram decréscimos de 12,7% e 5,8%, respectivamente.

Gráfico 49 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores



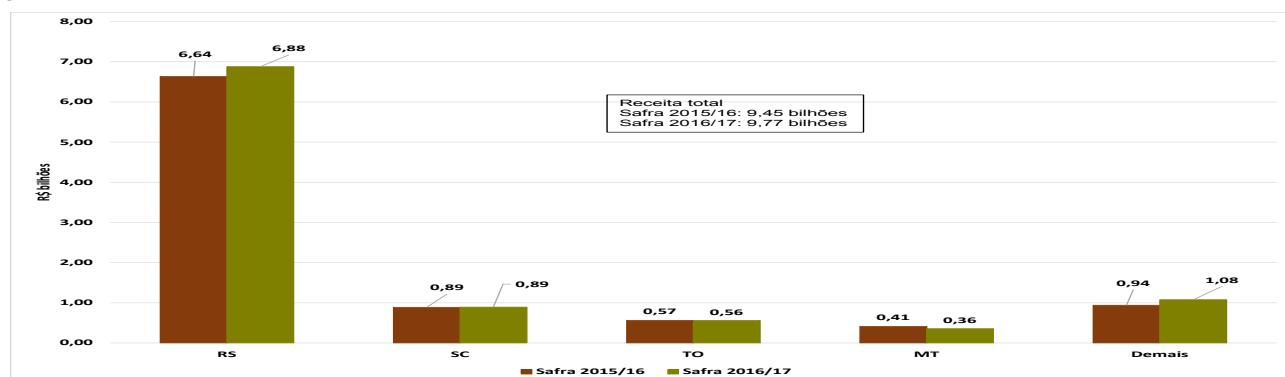
Fonte: Conab.

O cenário de incremento da produção mais impactante do que o decréscimo dos preços praticados culminou em um aumento da receita bruta estimada para a safra atual, com o montante de 6,9 bilhões para o Rio Grande do Sul, frente a 6,6 bilhões da safra anterior; e o montante de 8,9 bilhões estimados para a safra 2016/17 contra 8,8 bilhões da safra imediatamente anterior. Esses valores estimados da receita bruta culminaram em aumentos de 3,6% e 0,8% para o Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, respectivamente.

Nos demais estados produtores do cereal encontra-

mos distintos comportamentos na produção, alguns com diminuição e outros com aumento, de magnitudes distintas, que impactaram a receita bruta total do arroz de diferentes formas. Já em relação aos preços recebidos pelos produtores nas demais Unidades da Federação produtoras, foram observadas tendências de queda. A partir da conjunção desses movimentos na produção e nos preços, observa-se uma estimativa de 9,77 bilhões de reais para a safra 2016/17 frente a 9,45 bilhões da safra 2015/16, apresentando aumento de 3,4%.

Gráfico 50 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2015/16 e 2016/17 de junho/2016 a junho/2017



Fonte: Conab.

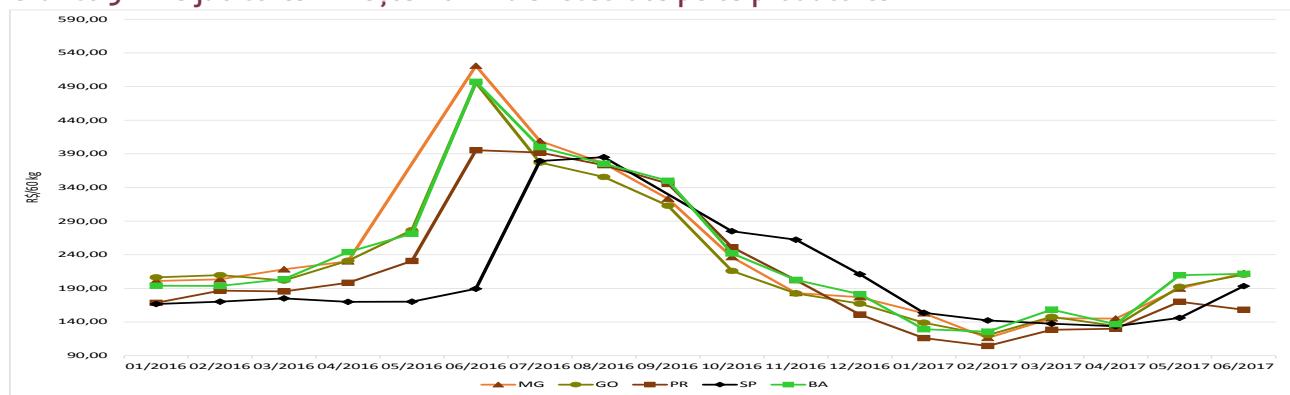
10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO CORES

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Nesse sentido, observamos o término da colheita da segunda safra e o plantio da terceira safra dessa semente. Especialmente para o feijão-carioca, observam-se aumentos nos maiores estados produ-

tore, são eles: Minas Gerais, Paraná e Goiás, na safra 2016/17, especialmente para o Paraná, com aumento na produção de 39%. Todavia, há uma forte tendência de queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de Junho de 2016 e Junho de 2017.

Gráfico 51 – Feijão cores – Preços nominais recebidos pelos produtores

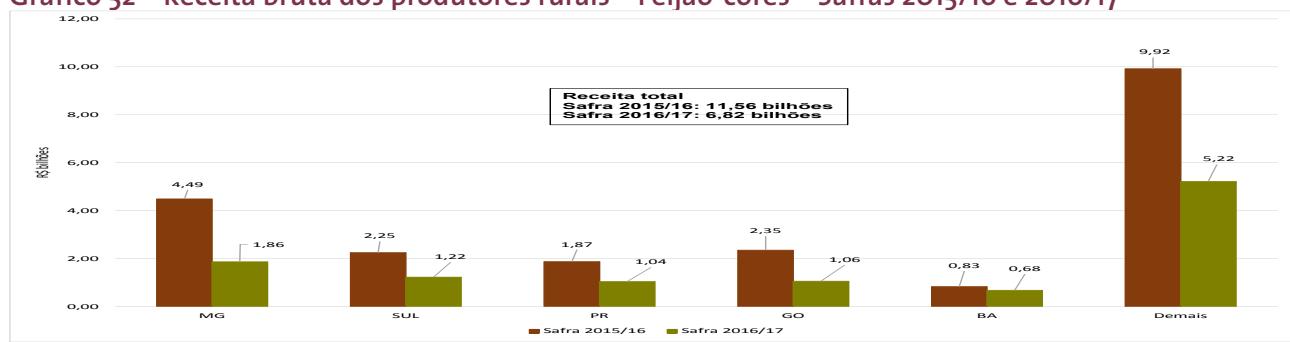


Fonte: Conab.

Essa forte diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 6,8 bilhões para

2016/17, 41% menor do que o observado na safra anterior, de 11,56 bilhões em 2015/16.

Gráfico 52 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-cores – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

10.3.2. FEIJÃO-PRETO

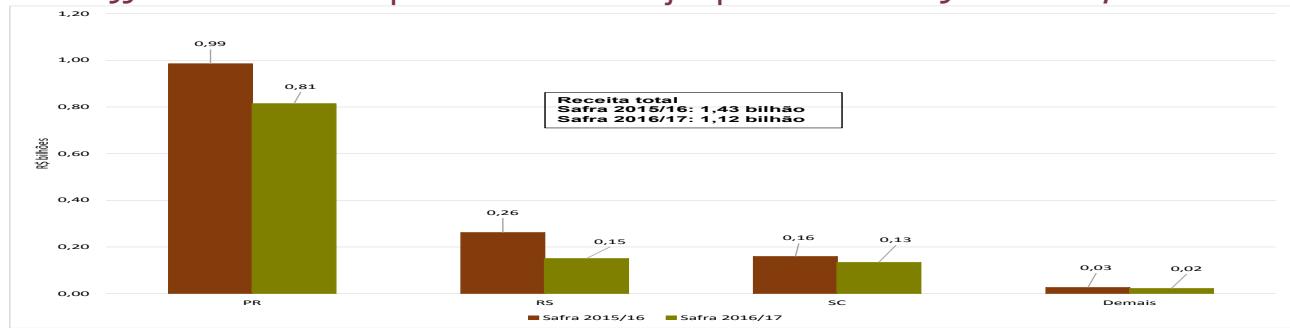
A cultura de feijão-preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão-carioca, ou seja, crescimento na produção da semente, porém acompanhado de queda considerável nos preços recebidos pelo produtor. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 95% da produção do feijão preto. O Paraná apresenta crescimento de 15% na produção, todavia, encontra-se decréscimo de 28,2% nos preços recebidos, situação semelhante ocorre com Santa Ca-

tarina e Rio Grande do Sul que houve decréscimo na produção e nos preços.

A partir desse cenário de crescimento na produção e forte queda nos preços praticados, a estimativa total da receita bruta para o feijão preto, na safra 2016/17, foi de 1,12 bilhão de reais, esse valor é 21,7% menor que o observado na safra 2015/16 de 1,43 bilhão.



Gráfico 53 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-preto – Safras 2015/16 e 2016/17



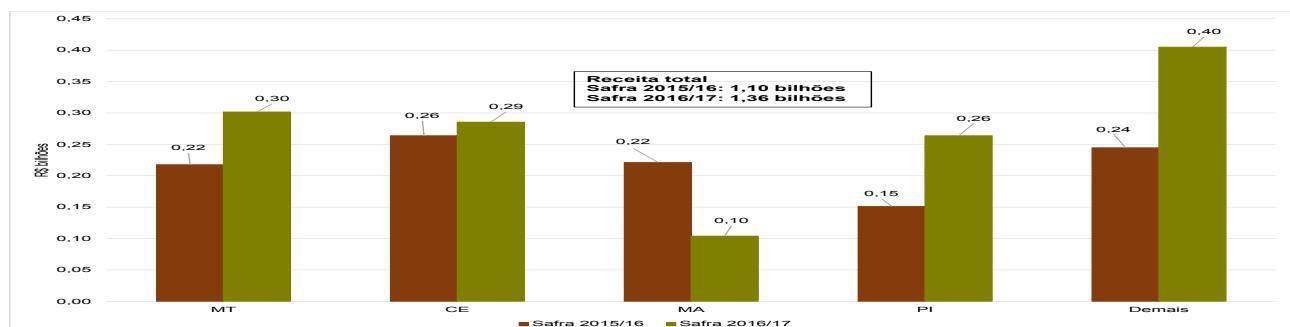
Fonte: Conab.

10.3.3. FEIJÃO-CAUPI

Já para o feijão-caupi encontra-se maior produção na Região Norte - Nordeste do que na Região Centro-Sul. Nesse caso, em diferença ao observado para o feijão-carioca e o feijão-preto, o movimento de expansão da produção frente ao decréscimo dos preços foi superior, pois, no total espera-se a produção dobrada em relação à safra de 2015/16 e o decréscimo nos preços esteve na casa de 38,1%. Dessa forma, os estados com maior parcela na produção no Nordeste, Ceará e Piauí apresentaram crescimento expressivo na produção da semente 134,2% e 195,5%, respectivamente e que-

da nos preços recebidos pelos produtores de 53,8% e 41,8%, respectivamente.

Nesse cenário, com a presença do Mato Grosso, o maior produtor do feijão-caupi, também se observa aumento na produção e decréscimo nos preços, 62,7% e 14,8%, respectivamente. Isso posto, a receita bruta total do feijão-caupi para a safra 2016/17, está estimada em 1,36 bilhão de reais, 23,8% maior que o estimado para a safra 2015/16(1,10 bilhão).



Fonte: Conab.

Gráfico 54 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi – Safras 2015/16

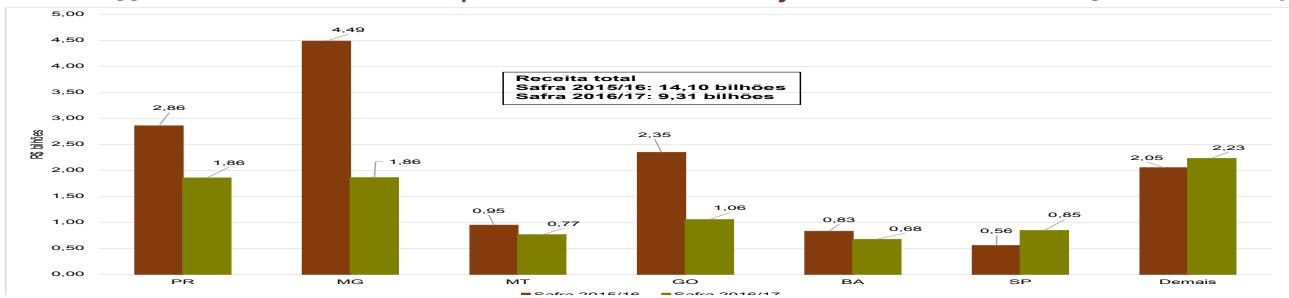
e 2016/17

10.3.4. FEIJÃO TOTAL (CORES, PRETO E CAUPI)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 14,10 bilhões na temporada 2015/16 e R\$ 9,31 bilhões em 2016/17.

Fonte: Conab.

Gráfico 55 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

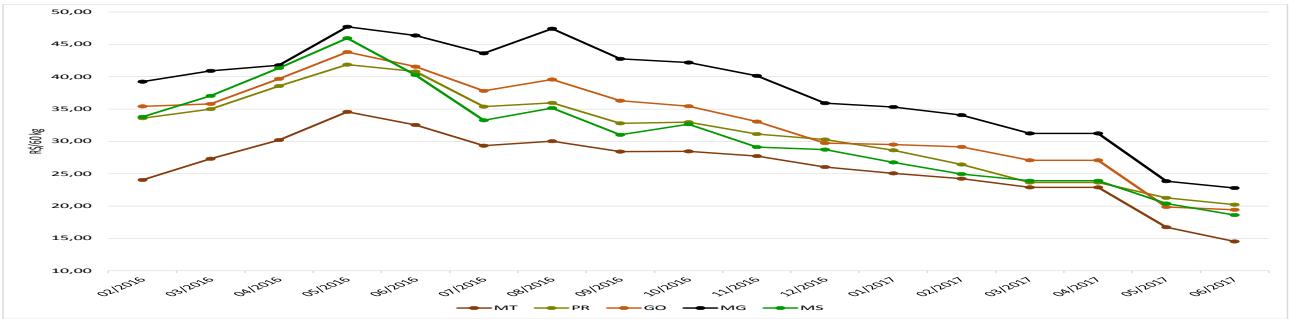
10.4. MILHO

O cereal apresenta duas safras no Brasil e com isso observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todos as unidades da federação. Os dois maiores produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 27,9% e 19,04% da produção

nacional, respectivamente.

Todavia, tanto os preços externos e internos estão sofrendo forte pressão baixista nesse período. Por exemplo, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média, na comparação de Junho de 2016 e Junho de 2017, de 50%.

Gráfico 56 – Receita bruta dos produtores rurais – milho – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

A produção nacional apresentou forte tendência de crescimento na produção, inclusive nos maiores estados produtores, porém a queda observada nos preços praticados foi mais relevante no binômio produção versus preço recebido. Por exemplo, no Mato Grosso, a produção superou a safra anterior em 75,6%, porém, acompanhada de um decréscimo nos preços de 55,4%; de for-

ma semelhante, no estado do Paraná observa-se crescimento de 26,2% na produção do cereal e queda no preço de 50,5%. Nesse cenário, a estimativa da receita bruta total para o milho foi de 31,4 bilhões de reais para a safra 2016/2017, já para a safra de 2015/2016 observa-se a estimativa de 47,3 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 29,4%.

Gráfico 57 – Receita bruta dos produtores rurais – milho – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

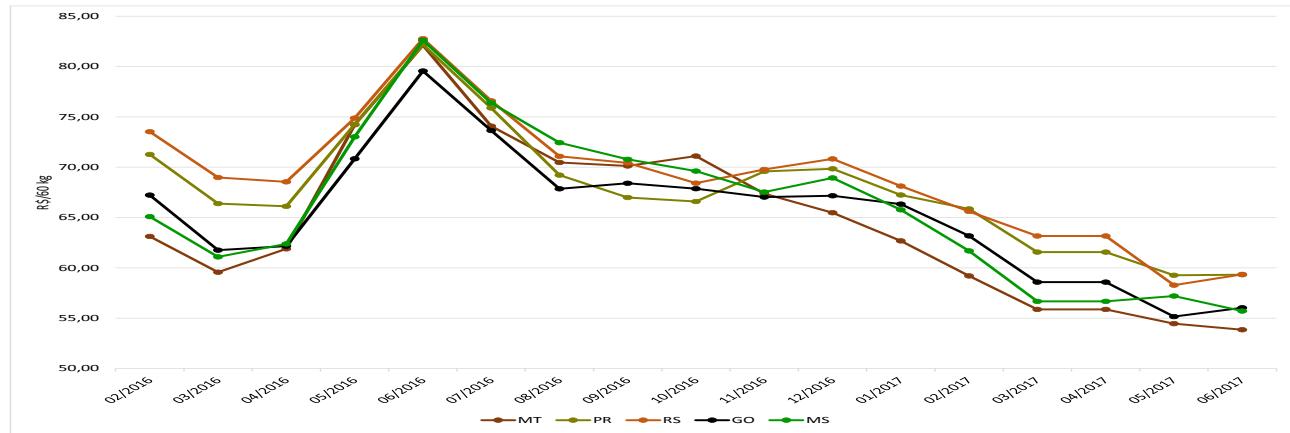


10.5. Soja

O décimo levantamento de grãos da Conab estima a produção da soja para a safra 2016/17 em 113,93 mil toneladas, quando comparada com a safra anterior, 2015/16, a produção experimenta um novo aumento de 19,4% para a produção nacional. Os maiores estados produtores encontram-se nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, com destaque para o Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, que juntos, cor-

respondem a 60% da produção nacional. É relevante, também, apresentar o forte crescimento relativo observado no Maranhão, Tocantins, Piauí e na Bahia, que apresentaram aumento de 99,8%, 68,4%, 217,1% e 59,5, respectivamente, na produção dessa oleaginosa. A região formada por esses estados, denominada Matopiba, vem apresentando de maneira contínua crescimentos expressivos na cultura da soja.

Gráfico 58 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

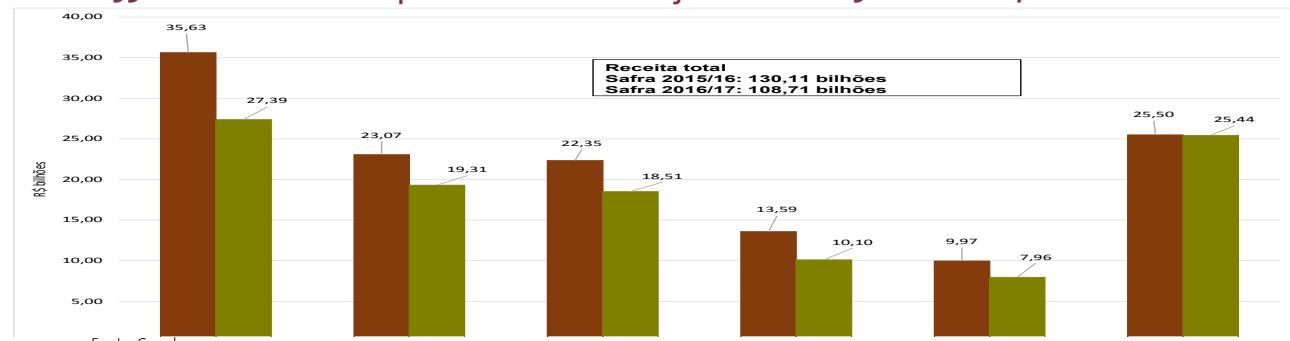
Todavia, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos em todos os 16 estados produtores, com queda média de 28,1% nos preços recebidos pelos produtores. Ou seja, há uma forte tendência de queda nos preços tanto internamente como no mercado externo, conforme apresentado na conjuntura semanal da Conab para soja na semana de 19 de junho de 2017 a 23 de junho de 2017, na qual a variação anual da cotação internacional na bolsa de Chicago é de diminuição em 18,61%. A figura a seguir apresenta o comportamento dos preços internos da soja para o período de 02/2016 a 06/2017.

Portanto, o movimento de forte incremento na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda relativa na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2016/2017. De forma particular, o estado o Mato

Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 27,4 bilhões de reais para a temporada 2016/2017. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 35,6 bilhões, com decréscimo relativo de 23,1%. Todavia, nas unidades da federação que formam o Matopiba, encontra-se aumento na receita bruta estimada para eles. Os valores são 2,65 bilhões de reais no Maranhão, 2,77 bilhões no Tocantins, 2,05 bilhões no Piauí e 5 bilhões na Bahia, com destaque para o Piauí onde a receita bruta cresceu em 142,2%.

Isto posto, com distintos movimentos nas diferentes regiões produtoras a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2016/2017 foi de 108,7 bilhões de reais, frente a estimativa de 130,1 bilhões da safra anterior; um decréscimo de 16,4%, conforme apresentado na figura a seguir.

Gráfico 59 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v.4 - Safra 2016/17, n.10 - Décimo levantamento, julho 2017



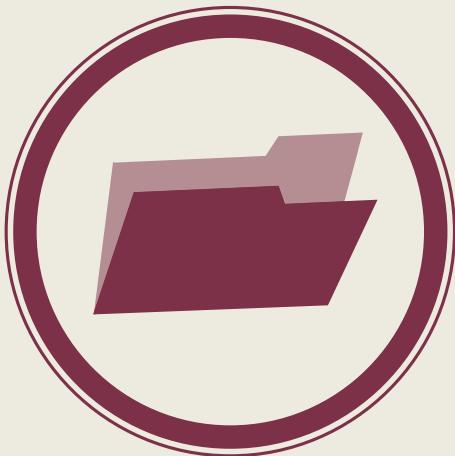
Tabela 55 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.484,7	55,0	1.741,0	700,0	630,0	411,0
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.317,7	1.000,0	13.748,5	11.500,0	1.000,0	1.248,5
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.364,0	150,0	3.700,0	3.350,0	120,0	230,0
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	96.025,2	500,0	104.524,2	56.100,0	28.000,0	20.424,2
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	113.930,2	300,0	115.706,4	47.281,0	63.000,0	5.425,4
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.443,8	1.846,3
	2016/17	1.846,3	33.110,0	1,0	34.957,3	17.000,0	15.900,0	2.057,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	66,1	8.203,8	6.380,0	1.254,2	569,6
	2016/17	569,6	8.385,0	40,0	8.994,6	6.800,0	1.550,0	644,6
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	6.920,0	14.456,1	11.317,7	700,0	2.438,4
	2017	2.438,4	5.578,1	7.000,0	15.016,5	11.688,9	800,0	2.527,6

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em junho 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





11. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 13 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

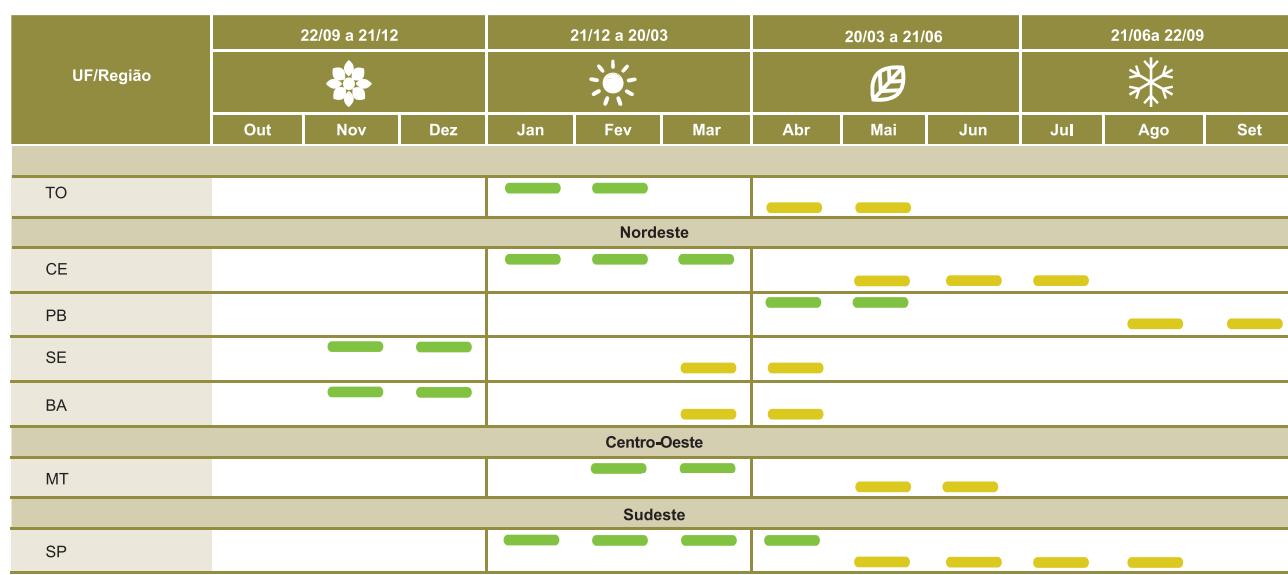
Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	 Out Nov Dez			 Jan Fev Mar			 Abr Mai Jun			 Jul Ago Set		
	Norte											
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

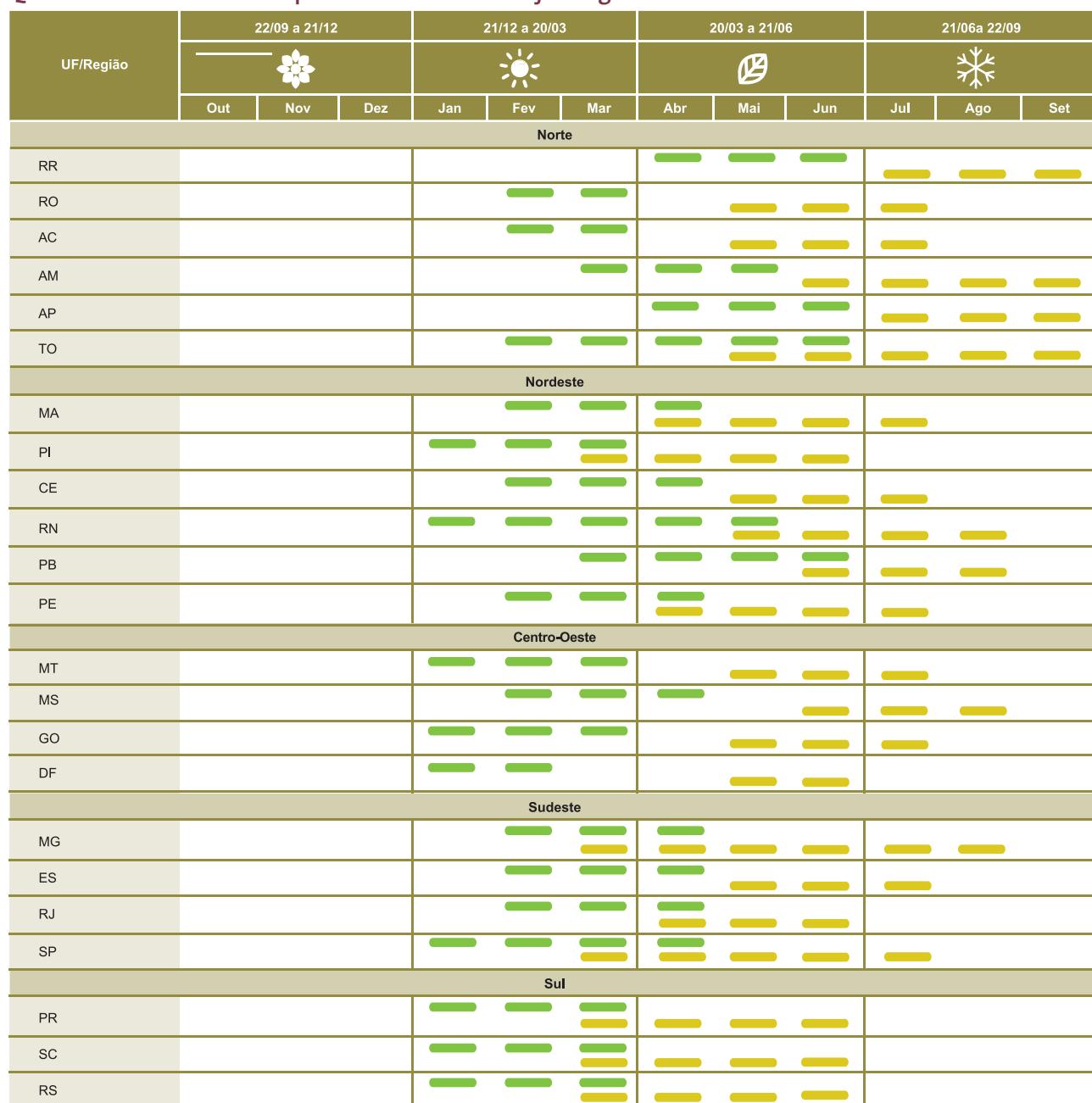


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

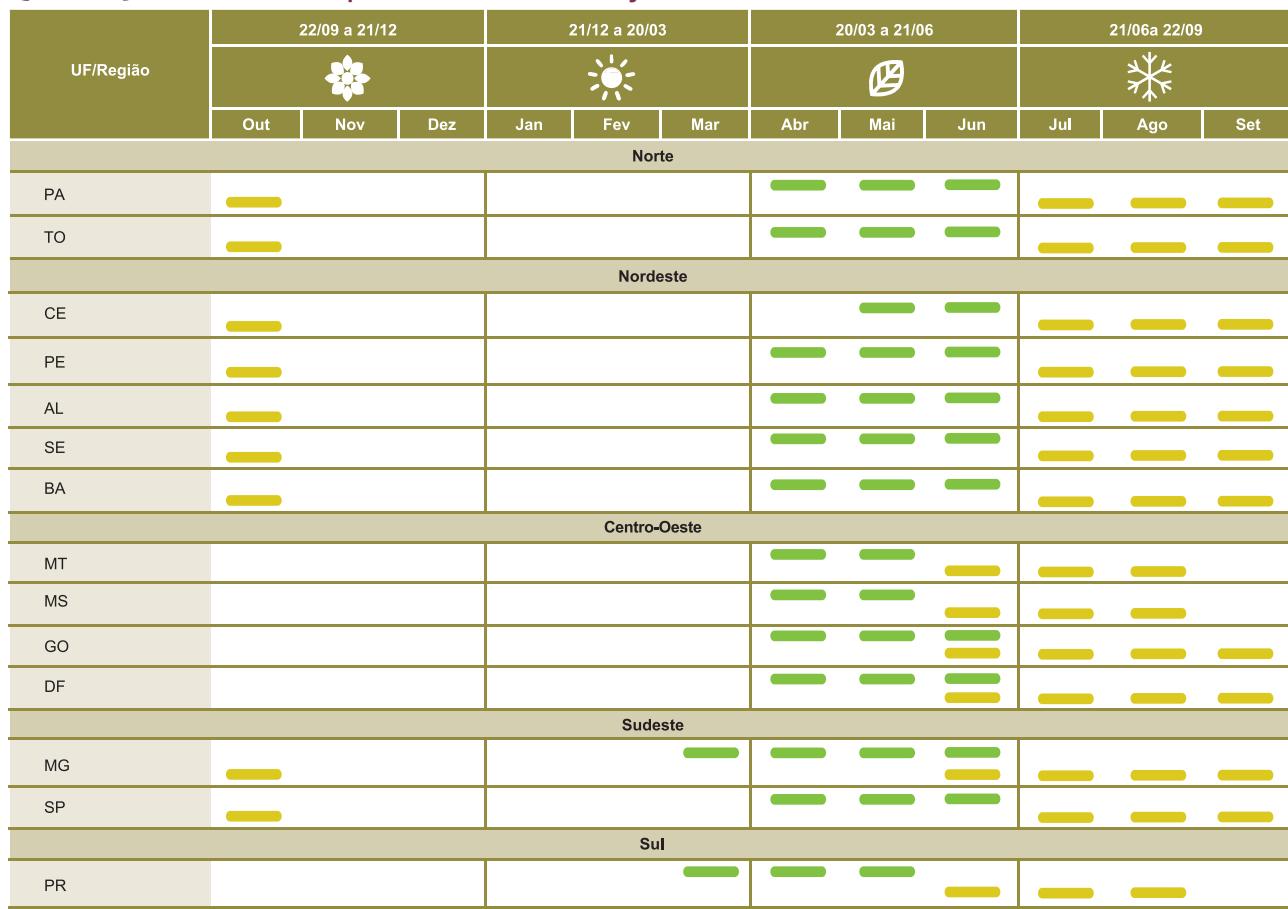


Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



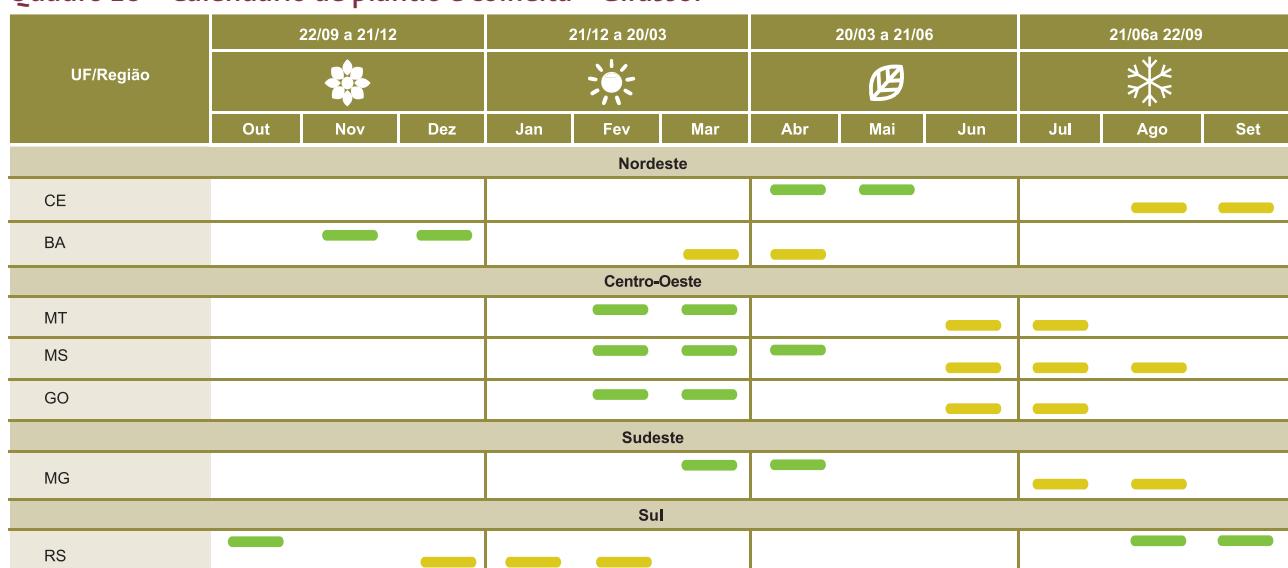
Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

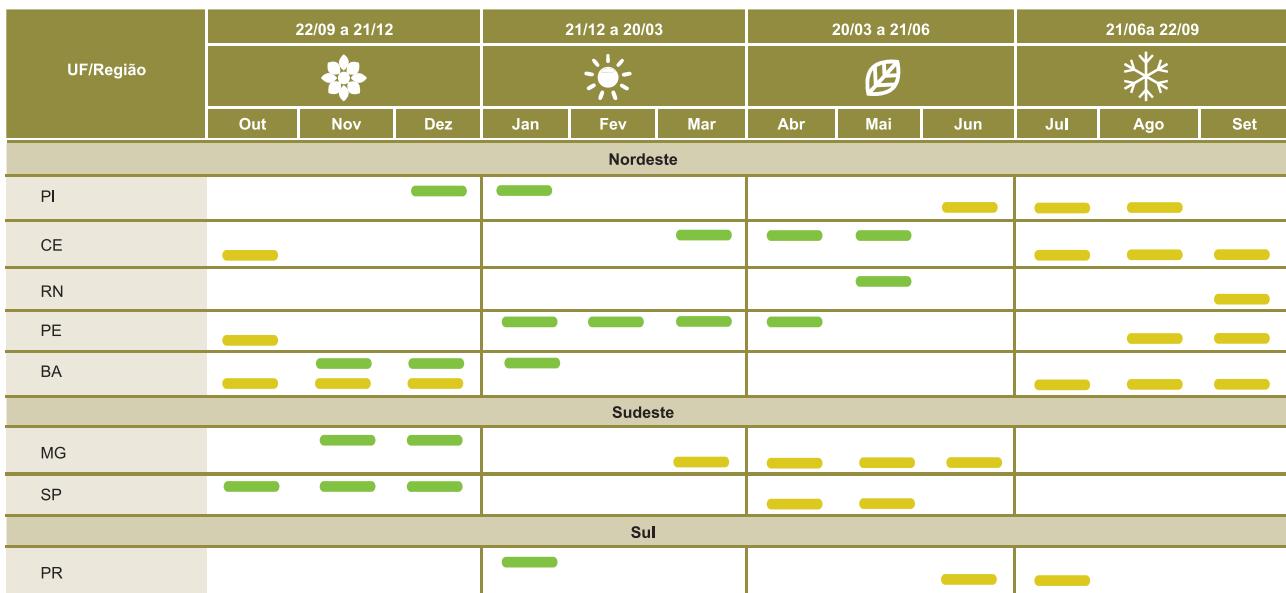


Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Mamona



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra



Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



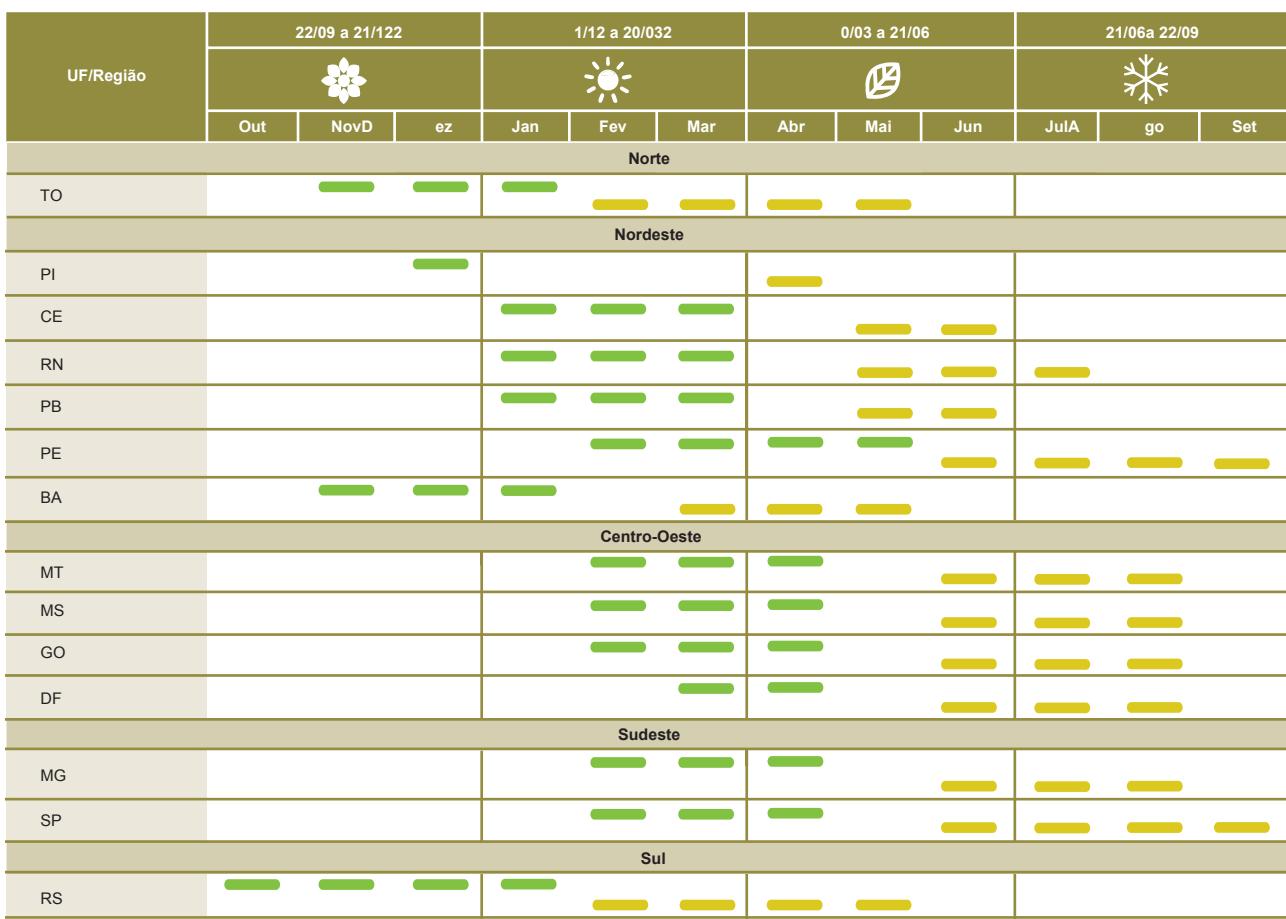
Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab

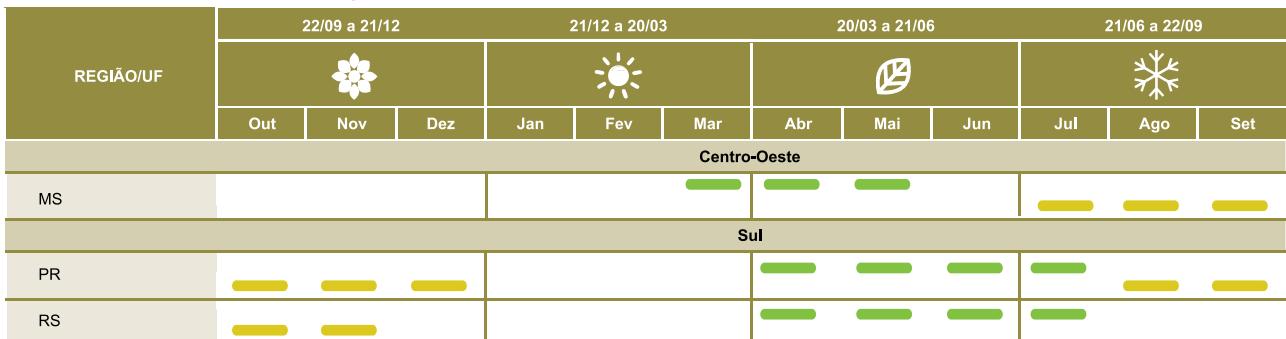
Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Sul													
PR													
RS													

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.



Quadro 30 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							 			 		
GO							  	 				
DF							  			 		
Sudeste												
MG				 			  			 		
SP							 			 		
Sul												
PR	  						  		 		 	
SC	  						  		 		 	
RS	  						  		 			

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.

Quadro 31 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP							  			 		
Sul												
PR	  						  					
SC	  						  		 			
RS	  						  		 			

Legenda:  Plantio  Colheita

Fonte: Conab.





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

